

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduações em Educação
Faculdade de Educação

Alfabetários do século XIX



Letras, palavras e gravuras
em circulações transnacional

Mariana Venafre Pereira de Souza
Orientações: Maria Stephanou

Mariana Venafre Pereira de Souza

*Abecedários do século XIX
Letras, palavras e gravuras
em circulação transnacional*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria Stephanou

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre
2022

Mariana Venafre Pereira de Souza

*Abecedários do século XIX
letras, palavras e gravuras
em circulação transnacional*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria Stephanou

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Venafre Pereira de Souza, Mariana
Abecedários do século XIX: Letras, palavras e
gravuras em circulação transnacional / Mariana
Venafre Pereira de Souza. -- 2022.
329 f.
Orientador: Maria Stephanou.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Abecedário. 2. Circulação transatlântica e
cultural de impressos. 3. História da educação. 4.
História da cultura escrita. 5. História do livro e da
leitura. I. Stephanou, Maria, orient. II. Título.

As João Pedro e à Maitê que
enchem minha vida de

Aconchego

Beleza e

Carinho

Agradecimentos

Eu não trilhei este percurso sozinha e preciso agradecer pessoas que fizeram parte dele.

Agradeço, primeiramente, à minha professora e orientadora Maria Stephanou pelos anos que partilhamos desde a graduação até o doutorado. Foram muitas aprendizagens e cada uma delas deixou uma marca especial. Livros e grifos trocados que encheram minha vida de alegria. Nos momentos difíceis, nunca desistiu de mim e sempre me fez acreditar neste trabalho mesmo quando eu duvidei. Pelo tempo vivido tenho profunda admiração e carinho. Entre os afetos que guardo no coração, de você, não esqueço jamais.

Agradeço à Carolina Monteiro, ao Edison Luiz Saturnino e à Renata Sperrhake por terem aceitado integrarem a banca da tese. As contribuições foram de extrema relevância ao estudo aqui formulado.

Agradeço aos meus queridos colegas de orientação pela companhia e pelas trocas.

Agradeço à CAPES pela concessão parcial da bolsa de doutorado entre o período de 2017 até 2019.

Agradeço à minha família que foi rede de apoio nos momentos em que mais precisei de ajuda. Vocês me cercaram de proteção e cuidado e me sinto feliz por tê-los sempre por perto.

Agradeço ao Jeferson que foi meu porto seguro e me acolheu com todo amor. Agradeço ao João Pedro e à Maitê por compreenderem minha ausência em alguns momentos. Tenho por vocês meu mais sincero e verdadeiro amor.

Agradeço às queridas colegas do Colégio de Aplicação/UFRGS que me incentivaram a concluir esta etapa. A doce companhia de vocês fez diferença nos meus dias.

Agradeço à Daiana, à Fabíola e à Juliana que escutaram meus medos, desabafos e ofertaram palavras de coragem e incentivo.

Resumo

A pesquisa desta tese busca compreender a emergência e circulação de impressos de iniciação que se voltam ao aprendizado da leitura e da escrita, publicados no Brasil e na França no século XIX. O corpus empírico abrange vinte e dois abecedários franceses e em língua portuguesa impressos ou em circulação no Brasil, em Portugal e na França, no século XIX (1836-1890). O objetivo principal é analisar seus dispositivos textuais, tipográficos e editoriais, para inventariar as similitudes, recorrências, especificidades, e apontar indícios acerca do fenômeno da circulação transcultural e transatlântica de modelos editoriais, sobretudo no que concerne às gravuras, bem como as redes de relações implicadas na atuação de editores-livreiros no âmbito comercial e cultural entre Brasil, Portugal e França. Do ponto de vista metodológico, a tese adota o princípio de contrastação na intenção de observar a presença comum de projetos editoriais (estrutura, gravuras, textos, público leitor, temas recorrentes). A tese se assenta nos pressupostos da história do livro e da sociologia de textos com base nos estudos de Roger Chartier, Robert Darnton, Donald Mckenzie, e nos estudos sobre a história dos livros de iniciação de Anne-Marie Chartier, Jean Hébrard, Agustín Escolano Benito, Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot. A respeito da circulação transatlântica e cultural de impressos inspira-se nos estudos de Tania Regina de Luca, Márcia Abreu, Lúcia Granja, Diana Cooper-Richet. A tese parte da premissa de que o abecedário pode ser considerado uma fórmula editorial e, no século XIX, se consolida como um gênero impresso. Para abecedário, esta investigação adota uma designação ampla, que inclui todo o impresso de iniciação à leitura e à escrita em que a posição do alfabeto, nas páginas iniciais, implica que o mesmo representava o primeiro e mais fundamental aprendizado para a leitura. A análise do conjunto de abecedários reunidos pela pesquisa demonstra que o abecedário sofreu algumas mudanças, tanto em seu conteúdo quanto em sua apresentação, decorrente das inovações tecnológicas para a impressão de livros, dos aspectos editoriais implicados nos processos de produção e circulação de impressos, bem como dos esforços envidados para a ampliação da escolarização por meio do ensino elementar (escolas de ensino elementar) ou da educação doméstica. Observa, no entanto, permanências no tempo, como em outros impressos com funções similares. Diversos abecedários, dentre os analisados, se caracterizam por contemplar aprendizados que envolvem o ler, o escrever, o contar, além de textos morais e religiosos que visam à formação do cidadão e do cristão. A pesquisa, ainda, evidencia a circulação de modelos editoriais, sobretudo no caso das gravuras, entre abecedários franceses e abecedários em língua portuguesa. Aponta que *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud* assumem papel preponderante para as transferências culturais entre Brasil, Portugal e França, sinalizando que as trocas culturais, editoriais e comerciais se nutrem mutuamente.

Palavras-chave: Abecedário. Circulação transatlântica e cultural de impressos. História da Educação. História da alfabetização. História do livro e da leitura.

Résumé

Cette thèse vise à comprendre l'émergence et la circulation des imprimés d'initiation à l'enseignement-apprentissage de la lecture et de l'écriture, publiés au Brésil et en France au XIXe siècle. Le corpus empirique comprend vingt-deux abécédaires de langue française et portugaise imprimés ou en circulation au Brésil, en Portugal et en France au XIXe siècle (1836-1890). Le but majeur est d'analyser leurs dispositifs textuels, typographiques et éditoriaux, afin d'identifier des similarités, des récurrences, des spécificités, et de mettre en évidence des indices sur le phénomène de la circulation transculturelle et transatlantique des modèles éditoriaux, surtout en ce qui concerne les gravures, ainsi que les réseaux de relations impliqués dans le travail des éditeurs de livres dans la sphère commerciale et culturelle entre le Brésil, le Portugal et la France. La thèse adopte comme méthodologie le principe du contraste afin d'observer la présence commune des projets éditoriaux (structure, gravures, textes, lectorat, thèmes récurrents). Du point de vue théorique, la thèse se fonde sur l'histoire du livre et de la sociologie des textes à partir des études de Roger Chartier, Robert Darnton, Donald McKenzie, et des études sur l'histoire des livres d'initiation d'Anne-Marie Chartier, Jean Hébrard, Agustín Escolano Benito, Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot. Au sujet de la circulation transatlantique et culturelle des imprimés, nous nous inspirons des études de Tania Regina de Luca, Márcia Abreu, Lúcia Granja, Diana Cooper-Richet. Son point de départ est que l'abécédaire peut être considéré une formule éditoriale et, au XIXe siècle, s'est consolidé comme un genre imprimé. Cette recherche adopte une définition large de l'abécédaire, qui comprend tous les imprimés d'initiation à la lecture et l'écriture dans lequel la position de l'alphabet, dans les pages initiales, implique qu'il a représenté le premier et le plus fondamental apprentissage pour la lecture. L'analyse de l'ensemble des abécédaires recueillis montre que l'abécédaire a subi quelques modifications, tant dans son contenu que dans sa présentation, résultant des innovations technologiques pour l'impression des livres, des aspects éditoriaux impliqués dans les processus de production et circulations des imprimés, ainsi que des efforts consentis pour l'expansion de la scolarisation par l'enseignement élémentaire (écoles primaires) ou l'enseignement à domicile. Nous observons cependant des permanences, comme dans d'autres imprimés ayant des fonctions similaires. Divers abécédaires, parmi ceux analysés, se caractérisent pour comporter d'apprentissages qui impliquent de lire, d'écrire, de raconter, ainsi que de textes moraux et religieux qui visent la formation des citoyens chrétiens. La recherche montre également la circulation des modèles éditoriaux, notamment dans le cas des gravures, entre les abécédaires français et les abécédaires portugais. Dans ce contexte, *Baptiste-Louis Garnier* et *Jean-Pierre Aillaud* jouent un rôle majeur pour les transferts culturels entre le Brésil, le Portugal et la France, signalant que les échanges culturels, éditoriaux et commerciaux se nourrissent mutuellement.

Mots-clés : Abécédaire. Circulation transatlantique et culturelle des imprimés. Histoire de l'éducation. Histoire de l'alphabétisation. Histoire du livre et de la lecture.

Abstract

This research seeks to understand the emergence and circulation of materials, published in Brazil and France in the 19th century, which focus on teaching students how to read and write. Our empirical corpus covers 22 French and Portuguese alphabet books printed or circulated in Brazil, Portugal, and France in the 19th century (1836-1890). Our main objective is to analyze textual, typographic, and editorial devices to inventory their similarities, recurrences, and specificities and to indicate clues on the phenomenon of the transcultural and transatlantic circulation of editorial models (especially regarding their printmade pictures) and the relation networks involved in the work of book sellers and publishers in the commercial and cultural sphere among Brazil, Portugal, and France. From the methodological point of view, this thesis adopts the principle of contrast to assess the common presence of editorial projects (structure, printmaking, texts, reading public, and recurring themes). This research is based on presuppositions from history of the book and sociology of texts, based on Roger Chartier, Robert Darnton, and Donald Mckenzie's studies and on Anne-Marie Chartier, Jean Hébrard, Agustín Escolano Benito, and Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot's studies on the history of initiation books. Regarding the transatlantic and cultural circulation of printed materials, we take inspiration from Tania Regina de Luca, Márcia Abreu, Lúcia Granja, and Diana Cooper-Richet's research. Our thesis assumes that we can consider alphabet books as an editorial formula, consolidated as a printed genre in the 19th century. Regarding alphabet books, this research adopts a broad designation which includes all initiation publications on reading and writing in which the position of the alphabet in their initial pages implies that it represented the first and most fundamental learning for reading. Analysis of the set of alphabet books which this research gathered shows that alphabet books have undergone changes both in their content and presentation due to technological innovations in book printing, editorial aspects of printed material production and circulation processes, and the efforts made to expand schooling via elementary or domestic education. We found, however, forms of temporal permanence, as in other publications serving similar functions. Among the several analyzed alphabet books, many contemplate an education that involves reading, writing, counting, as well as moral and religious texts aimed at forming citizens and Christians. This research also evinces the circulation of editorial models, especially in the case of engravings, between alphabet books in French and Portuguese. It points out that Baptiste-Louis Garnier and Jean-Pierre Aillaud assume a leading role in the cultural transfers among Brazil, Portugal, and France, signaling the mutual nourishment of cultural, editorial, and commercial exchanges.

Keywords: Alphabet book. Transatlantic and cultural circulation of printed materials. History of Education. History of literacy teaching. History of the book and reading.

Lista de Figuras

Figura 1 – Página inicial do acervo digital de abecedários franceses.....	46
Figura 2 – Página da exposição <i>Livres d'enfants d'hier et d'aujourd'hui</i>	49
Figura 3 – Expressões contidas nos abecedários franceses.....	57
Figura 4 – Catálogo da Livraria de B. L. Garnier (n. 23).....	67
Figura 5 – Quadro do conjunto de abecedários.....	90
Figura 6 – Capa Alfabeto Portuguez.....	97
Figura 7 – Marca do editor ou tipográfica.....	99
Figura 8 – Folha de rosto Alfabeto Portuguez.....	99
Figura 9 – Marca de propriedade Alfabeto Portuguez.....	100
Figura 10 – Quadro das letras e gravuras.....	101
Figura 11 – O burro.....	103
Figura 12 – A vaca.....	104
Figura 13 – Capa Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições.....	105
Figura 14 – Extrato de catálogo Methodo facil para aprender a ler em 15 lições.....	107
Figura 15 – Folha de rosto falsa ou anterosto de Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições.....	108
Figura 16 – Folha do corpo do impresso Methodo fácil para aprender a ler.....	110
Figura 17 – Letras e palavras divididas em sílabas.....	111
Figura 18 – Letras e palavras divididas em sílabas.....	111
Figura 19 – Orações e doutrinas.....	112
Figura 20 – Texto: Tamanduá.....	113
Figuras 21 – Capa inicial e a capa posterior.....	115
Figuras 22 – Capa inicial e a capa posterior.....	115
Figura 23 – Letras do alfabeto e gravuras.....	117
Figura 24 – Capa anterior e capa posterior.....	118
Figura 25 – Capa anterior e capa posterior.....	118
Figura 26 – Frontispício “A vista da cidade do Rio de Janeiro”.....	119
Figura 27 – Alfabeto.....	120
Figura 28 – Letras do alfabeto e gravuras.....	121
Figura 29 – “Lição de leitura” e “exercício de soletrar”.....	122

Figura 30 – “Lição de leitura” e “exercício de soletrar”	122
Figura 31 – “Lição de leitura”	123
Figura 32 – “Lição de leitura”	123
Figura 33 – Capa anterior e capa posterior.....	124
Figura 34 – Capa anterior e capa posterior.....	124
Figura 35 – Gravuras.....	126
Figura 36 – Gravuras.....	126
Figura 37 – Alfabetos.....	126
Figura 38 – Alfabetos.....	126
Figura 39 – Alfabetos.....	126
Figura 40 – Mais alfabetos.....	127
Figura 41 – Mais alfabetos.....	127
Figura 42 – Mais alfabetos.....	127
Figuras 43 – Vogais e consoantes e lista de sílabas.....	128
Figura 44 – Letras do alfabeto, gravuras e texto.....	129
Figura 45 – Letras do alfabeto, gravuras e texto.....	129
Figura 46 – Fábulas.....	130
Figura 47 – Fábulas.....	130
Figura 48 – Capa.....	131
Figura 49 – <i>Lettres italiqes</i>	132
Figura 50 – Letras, gravuras e palavras.....	133
Figura 51 – Letras, gravuras e palavras.....	133
Figura 52 – Capa.....	135
Figura 53 – Folha de rosto.....	136
Figura 54 – <i>Lettres allégoriques</i>	137
Figura 55 – <i>Alphabet de divers caracteres</i>	137
Figura 56 – Letras, gravuras e palavras.....	138
Figura 57 – Letra Z e outras gravuras.....	139
Figura 58 – <i>Exercices de lecture</i>	140
Figura 59 – Capa.....	141
Figura 60 – Folha de rosto.....	142
Figura 61 – Folha de rosto complementar.....	143
Figura 62 – Letras, gravuras e palavras.....	144
Figura 63 – Letras, gravuras e palavras.....	144

Figura 64 – Capa.....	146
Figura 65 – Marca tipográfica.....	147
Figura 66 – Gravura de diversos animais retratados na natureza.....	148
Figura 67 – Abc’s.....	149
Figura 68 – Abc’s.....	149
Figura 69 – Ane e letras minúsculas.....	150
Figura 70 – Ane e letras minúsculas.....	150
Figura 71 – Jaguar, íbis.....	151
Figura 72 – Animais relacionados com as letras G, P e Q.....	151
Figura 73 – Animais relacionados com as letras G, P e Q.....	151
Figura 74 – Capa.....	153
Figura 75 – Gravura.....	154
Figura 76 – Vogais, números arábicos e romanos.....	155
Figura 77 – Letra T, palavra (tapir) e texto.....	156
Figura 78 – Capa.....	157
Figura 79 – Gravura sacra.....	158
Figura 80 – Alfabetos.....	159
Figura 81 – Mais alfabetos.....	159
Figura 82 – <i>Syllabes</i>	160
Figura 83 – <i>Devoirs de l’enfant sage</i>	161
Figura 84 – Letras, gravuras e palavras.....	162
Figura 85 – Gravura religiosa.....	163
Figura 86 – Capa.....	163
Figura 87 – O cão de caça.....	164
Figura 88 – Marca de posse.....	165
Figura 89 – Alfabetos.....	166
Figura 90 – Letras I e J.....	167
Figura 91 – <i>Mots de deux syllabes</i>	168
Figura 92 – <i>Mots syllabes italiques</i>	168
Figura 93 – Rezas e gravuras religiosas.....	169
Figura 94 – Gravuras diversas.....	170
Figura 95 – Textos morais.....	171
Figura 96 – Fábulas.....	172
Figura 97 – <i>Le petit Chaperon Rouge</i>	172

Figura 98 – Outros contos.....	173
Figura 99 – <i>Le Héron</i>	174
Figura 100 – Capa.....	175
Figura 101 – Gravura colorida.....	175
Figura 102 – Folha de rosto.....	176
Figura 103 – Letras, frases e gravuras.....	177
Figura 104 – Letras Z e W.....	177
Figura 105 – Gravuras que retratam cenas dos contos instrutivos.....	178
Figura 106 – Capa.....	179
Figura 107 – <i>Lettres ornée</i>	180
Figura 108 – Gravura que retrata crianças e um adulto.....	181
Figura 109 – <i>Mots d'une et deux syllabes</i>	182
Figura 110 – <i>Cris des animaux</i>	183
Figura 111 – Gravura, letra, palavra e texto.....	184
Figura 112 – Cena de um urso.....	185
Figura 113 – Capa.....	186
Figura 114 – <i>Mots de deux syllabes</i>	187
Figura 115 – Letras, gravuras e palavras.....	188
Figura 116 – Gravura religiosa (criança ao lado de um anjo).....	189
Figura 117 – Capa.....	189
Figura 118 – <i>Majuscules illustrées</i>	191
Figura 119 – Gravuras e palavras.....	191
Figura 120 – Letra V e letra U na palavra <i>vautour</i>	192
Figura 121 – <i>Nocturne</i>	192
Figura 122 – <i>Lecture courantes</i>	193
Figura 123 – Assinatura de <i>Piaud</i> na gravura.....	194
Figura 124 – <i>Fable La Cigale et la Fourmi</i>	195
Figura 125 – Capa.....	196
Figura 126 – <i>Les Chats</i>	197
Figura 127 – Letras, palavras e gravuras.....	198
Figura 128 – Sílabas e palavras separadas por hífen.....	199
Figura 129 – Folha com escrita protocolar de <i>CH Pinot</i>	200
Figura 130 – Capa.....	201
Figura 131 – <i>Alphabet lettres majuscules</i> e letras, gravuras e palavras.....	202

Figura 132 – Textos.....	203
Figura 133 – Outros textos e fábula.....	204
Figura 134 – Letras, gravuras e palavras.....	205
Figura 135 – Capa.....	206
Figura 136 – Por dentro do ABC.....	207
Figura 137 – Letra M.....	208
Figura 138 – Capa e capa posterior.....	209
Figura 139 – <i>Anes</i>	210
Figura 140 – Letra W e V.....	211
Figura 141 – <i>Alphabet, voyelles, consones</i>	212
Figura 142 – Orbis Pictus.....	218
Figura 143 – “Grammática da Língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja”.....	222
Figura 144 – Linha do tempo: <i>éléphant</i> [elefante], <i>lion</i> [leão], <i>sanglier</i> [javali] e <i>jaguar</i> [onça].....	235
Figura 145 – Alfabetos (projeto gráfico).....	251
Figura 146 – Projeto gráfico.....	252
Figura 147 – Gravura religiosa (projeto gráfico).....	253
Figura 148 – Introdução.....	260
Figura 149 – Introdução.....	261
Figura 150 – Extrato de catálogo.....	263
Figura 151 – Extrato de catálogo.....	266
Figura 152 – Extratos de catálogo.....	268
Figura 153 – Extratos de catálogo.....	268
Figura 154 – Alteração na letra N.....	275
Figura 155 – Beija-flor.....	276
Figura 156 – Beija-flor.....	276
Figura 157 – Mais uma alteração (letra H).....	276
Figura 158 – <i>D. Monnier</i>	278
Figura 159 – Capa (<i>Coudert</i>).....	279
Figura 160 – <i>Lesestre</i>	279
Figura 161 – <i>Lacoste A. e Gagniet</i>	280
Figura 162 – Ilustradores ou gravadores.....	281
Figura 163 – <i>Piaud</i>	281

Figura 164 – Gravuras reutilizadas de outros livros.....	282
Figura 165 – Assinaturas nas gravuras.....	282
Figura 166 – Anedocta historica sôbre a descoberta da Bahia.....	298
Figura 167 – <i>Ane</i> e <i>vache</i> nos abc's franceses.....	300

Lista de Quadros

Quadro 1 – Abecedários repertoriados na dissertação e na tese.....	30
Quadro 2 – Crianças brasileiras matriculadas nas escolas primárias públicas e privadas em diferentes cidades.....	73
Quadro 3 – Livros de instrução e autores editados por Garnier.....	74
Quadro 4 – Livros de instrução e autores mencionados por Rogério Fernandes.....	74
Quadro 5 – Livros de instrução e autores mencionados por Lilia Moritz Schwarcz.....	76
Quadro 6 – Abecedários repertoriados para a tese.....	78
Quadro 7 – Mesma letra inicial: nomes de animais em abecedários que compõem a empiria da tese.....	232
Quadro 8 – Letra inicial diferente; mesmos animais: em abecedários que compõem a empiria da tese.....	233
Quadro 9 – Proporção entre o total de páginas do abecedário e a presença do alfabeto ilustrado.....	243
Quadro 10 – Rezas, textos morais, frontispício e gravuras religiosas.....	247
Quadro 11 – Frontispício em abecedários da tese.....	249
Quadro 12 – Relação editor-livreiro com casas de impressão ou tipografias, autoria dos textos e ilustradores.....	269
Quadro 13 – Alterações nas designações entre letra, palavra e gravura.....	274

Sumário

1. ABC, PRIMEIRAS LETRAS: DE UM LADO A OUTRO DA HISTÓRIA.....	19
2. PRIMEIRA LIÇÃO: O ABECEDÁRIO É O LIVRO DOS COMEÇOS.....	43
2.1. LIÇÕES: ENTRE CAMINHOS HISTORIOGRÁFICOS & REFLEXÕES METODOLÓGICAS.....	61
3. SEGUNDA LIÇÃO: SOLETRE AS LETRAS DE A a Z.....	94
4. TERCEIRA LIÇÃO: LEIA E RELEIA OS TEXTOS.....	214
4.1. LIÇÕES: OS ABECEDÁRIOS SEMPRE TIVERAM GRAVURAS?.....	215
4.2. LIÇÕES: OS ABECEDÁRIOS ENSINAM APENAS AS LETRAS?.....	245
4.3. LIÇÕES: OS ABECEDÁRIOS SÃO LIVROS E ELES TÊM UMA HISTÓRIA.....	255
4.4. LIÇÕES: CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA E TRANSCULTURAL DE ABECEDÁRIOS.....	284
5. QUARTA LIÇÃO: AGORA QUE JÁ SABES LER.....	311
REFERÊNCIAS.....	319

1. Abc, primeiras letras: de um lado a outro da história



Fonte: *La Ménagerie de Bébé, nouvel alphabet des animaux, par Mme Doudet, 1878*¹

“[...] pergrineei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos [...] Eu afirmo que a Biblioteca é interminável”.
(BORGES, 2007, p. 70)



Esta tese² em educação realiza-se a partir de uma investigação sobre artefatos impressos, aqui designados abecedários, destinados ao aprendizado da leitura e da escrita. Interessa-se por aqueles em circulação no Brasil, Portugal e França e publicados no decorrer do século XIX.

¹ Créditos: A ilustração da capa da tese é do abecedário *Les Jours de congé. Alphabet avec exercices méthodiques sur les principales difficultés de la lecture* (1862). Todas as ilustrações escolhidas para abrirem ou fecharem os capítulos da tese, fazem parte da pesquisa mais ampla de abecedários que empreendi, porém não integram o corpus empírico da tese. Os títulos estão devidamente citados nas referências. As letras capitulares são do abecedário intitulado *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner* (1866). Este faz parte dos abecedários examinados neste trabalho.

² Pesquisa desenvolvida na condição de Bolsista de Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até o ano de 2019. Em 2020 assumi 40 horas na Prefeitura Municipal de Porto Alegre como diretora de uma escola de Ensino Fundamental. Em dezembro do mesmo ano fui nomeada como professora de Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da UFRGS no regime de dedicação exclusiva lotada no Colégio de Aplicação.

Inspira-se na História Cultural, assim como em autores da história da cultura escrita – história da alfabetização, do livro e da leitura – e apresenta-se como contributo ao campo da História da Educação.

A especificidade do tema relaciona-se à minha trajetória acadêmica e docente, donde decorreram inquietações e dúvidas que conduziram à escolha do objeto de pesquisa e a definição da problemática e percursos à investigação.

No curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os estudos relacionados ao campo da linguagem foram, dentre os conteúdos curriculares, aqueles que mais provocaram curiosidade e interesse em aprofundar conhecimentos. Em especial, os temas que envolvem a alfabetização e o letramento me levaram a perceber suas implicações didático-pedagógicas, além de possibilitarem a construção de subsídios e princípios orientadores para a prática docente nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a elaboração do trabalho de conclusão de curso³, que se deteve no estudo de práticas de escrita e letramento em cadernos escolares, me aproximei de leituras e pesquisas relacionadas aos campos da História Cultural e da história da cultura escrita, cujas abordagens a respeito da história do livro, da leitura e da escrita despertaram meu interesse, em especial as investigações desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre história da alfabetização, história da escrita e impressos de educação.

Frente à mobilização provocativa dessas leituras, e com o evento da conclusão do curso, em 2011 inscrevi-me como aluna especial em um seminário ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS, vindo a cursar a disciplina: “História da cultura escrita e História da Educação: livros, leituras, escrituras”, ministrada pela Prof^a. Dra. Maria Stephanou. Nesse contexto, segui compreendendo e pensando sobre as implicações, problematizações epistêmicas e metodológicas do campo de estudos da história da cultura escrita.

Em 2012, o ingresso na pós-graduação, no curso de Mestrado em Educação, oportunizou o aprofundamento de leituras sobre História, memória e

³ Trabalho de conclusão de curso intitulado: Lá, na última página do caderno escolar... Práticas de letramento “não autorizadas”, realizado em 2010 sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Luciana Piccoli. Ver SOUZA, 2010.

Educação, também configurando a ideia de estudar a história das materialidades dos objetos de leitura e escrita.

Além das motivações de âmbito acadêmico, desde 2010, com o término da graduação, atuo como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e as temáticas relacionadas ao ensino da leitura e da escrita se fazem presentes no cotidiano da prática pedagógica e nas formações continuadas que vivencio. Nas escolas onde exerci e sigo exercendo a docência, têm lugar os debates a respeito do ciclo de alfabetização. Interrogam-se aspectos relacionados ao currículo, ao uso de materiais pedagógicos apropriados para cada etapa de ensino, as possíveis intervenções pedagógicas diante de cada hipótese de escrita das crianças, a intencionalidade no planejamento didático. Esses debates ocorreram, sobretudo, nos anos de 2012 a 2016, no âmbito do Programa de Governo instituído pela Portaria nº 867 de 4 de julho de 2012, intitulado “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)”⁴, cujo objetivo foi promover um compromisso formal dos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios a fim de assegurar que todas as crianças viessem a estar alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. O Pacto vigorou até dezembro de 2018.

As ações do Pacto constituíram um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas disponibilizado pelo Ministério da Educação e que, segundo o documento oficial, visavam assegurar a alfabetização e o letramento das crianças matriculadas nas instituições públicas de todo o país. Tais ações apoiaram-se em quatro eixos de atuação: formação continuada de professores alfabetizadores; materiais didáticos e pedagógicos; avaliação; gestão; controle social e mobilização.

Relativamente ao segundo eixo de atuação – materiais didáticos e pedagógicos –, o Ministério da Educação assinalou em documentos do referido Programa, que ele se configurava como importante fator para garantir o êxito na alfabetização, uma vez que a disponibilidade de materiais estimularia a aprendizagem. O Pacto mencionava os livros didáticos, paradidáticos, obras de

⁴ Cf. livreto elaborado pelo Ministério de Educação e Cultura, que estava disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf (Acesso em 15 de janeiro de 2015). Importa comentar que todo o material do PNAIC foi retirado do ar depois da posse do presidente eleito em 2018.

literatura, jogos e mídias variadas, assim como o fato de que não bastaria disponibilizar esses materiais, mas seria preciso assegurar que os professores soubessem manuseá-los e extrair dos conteúdos o máximo de possibilidades para dinamização das aulas e alcance dos objetivos da alfabetização em cada ano.

Em suma, da leitura do documento distribuído pelo Ministério da Educação, depreende-se que esteve em pauta a escolha de materiais apropriados para um ensino da leitura e da escrita e que estes assegurassem a efetiva alfabetização dos estudantes.

Em 2016 participei do PNAIC na condição de Formadora das Orientadoras de Estudo (OEs). Uma das ações realizadas nesse contexto formativo foi a publicação de um artigo⁵ no livro “PNAIC UFRGS: práticas de alfabetização, aprendizagem da matemática e políticas públicas”. Apresentei as principais propostas de formação que foram realizadas no eixo “Alfabetização e Letramento” do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), planejadas pela equipe vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no ano de 2016. Dentre os principais temas abordados, destacou-se a avaliação diagnóstica como um instrumento que retrata os avanços e dificuldades do aluno, orientando as tomadas de decisão do professor; a reflexão a respeito dos diagnósticos (níveis psicogenéticos de escrita) que as Professoras Alfabetizadoras (PAs) encaminharam de suas classes às OEs; a redação de uma carta sobre as aprendizagens da turma, destacando limites e potencialidades existentes; os aspectos relacionados à organização do trabalho pedagógico e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem; e, por fim, a produção de um inventário produzido pelas Coordenadoras Pedagógicas (CPs), com informações sobre os recursos pedagógicos (jogos e acervo dos livros literários fornecidos pelo PNAIC) que a escola dispõe e os modos que estão sendo postos em uso.

De alguma maneira, desde a trajetória acadêmica até minha inserção como professora regente de uma turma em classes de alfabetização, passando pela experiência como formadora de professoras alfabetizadoras e na pesquisa de mestrado a respeito dos abecedários na história da educação brasileira, tenho

⁵ Formação para professores alfabetizadores no PNAIC UFRGS 2016: um espaço possível para qualificação das práticas pedagógicas.

sido provocada a refletir sobre a seleção de materiais pedagógicos que promovam aprendizagens significativas quanto ao ler e ao escrever.

Ao final da dissertação evoquei trechos da poesia de Manoel de Barros (1999, s/p), intitulada “O menino que carregava água na peneira” e concluí, inspirada por aqueles versos, que “escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”. E sublinhei que a tarefa de examinar a história dos abecedários foi um tanto desafiadora, complexa, difícil, tal como carregar água na peneira.

Para uma pedagoga de formação, aventurar-se a aprender, a valer-me das palavras, dos conceitos e concepções do campo da História tornou o itinerário da pesquisa ainda mais instigante. Semelhante ao menino, vejo-me como uma pesquisadora que apenas iniciou um aprendizado desse ofício. (SOUZA, 2015, p.143)

O excerto acima explicita parte do que representou o itinerário do meu percurso como pesquisadora em formação. Na expressão “ofício”, que registrei na citação acima, quis atribuir-lhe um sentido particular. Conforme o Dicionário Houaiss, ofício quer dizer “qualquer atividade especializada de trabalho, exercida por alguém de forma definitiva ou temporária”; ou “trabalho do qual uma pessoa obtém os recursos necessários à sua subsistência e à de seus dependentes; ocupação, profissão, emprego”; ou ainda “função de que alguém se encarrega; emprego, trabalho”. Em sentido lato, esse verbete e suas acepções parecem fazer sentido. Contudo, “ofício” remete a uma arte e técnica do trabalho manual, realizado por um artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo. Concebo o historiador como um artesão de palavras. A história que narra jamais poderá ser a mimetização do arquivo. Arlette Farge (2009) alerta que quem tem o sabor do arquivo reconhece a importância dos “gestos alterados de exclusão e de reintegração dos documentos em que a escrita, com seu estilo, se soma à emergência do pensamento” (FARGE, 2009, p.75).

O sabor do arquivo passa por esse gesto artesão, lento e pouco rentável, em que se copiam textos, pedaço por pedaço, sem transformar sua forma, sua ortografia, ou mesmo sua pontuação. [...] O arquivo copiado à mão em uma página em branco é um fragmento de tempo capturado; só mais tarde separam-se os temas, formulam-se interpretações. (FARGE, 2009, p.23)

Reconstruo artesanalmente uma história dos abecedários a partir de documentos daqui e além-mar, buscando a partir deles produzir uma inteligibilidade a respeito dos impressos voltados ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e que circularam entre Brasil, Portugal e França. Aconteceram mudanças diversas na história desse gênero, seja quanto aos aspectos relacionados ao seu conteúdo, seja quanto a suas formas de apresentação e seus usos individuais ou institucionais.

Neste sentido, a tese escapa à produção em série. É fruto de um trabalho metuculoso e comprometido. Desafios que perfazem o ofício do historiador. Cabe ressaltar que a tese é um desdobramento da pesquisa desenvolvida no mestrado. Por esse motivo, interessa retomar os objetivos, o embasamento teórico e metodológico que sustentaram as análises empreendidas na dissertação a fim de explicitar em que aspectos a tese apresenta originalidade e se diferencia em minhas reflexões sobre o tema.

Na dissertação (SOUZA, 2015), a partir da definição apontada por Luis Carlos Cagliari (2009) e Carlos Alberto Faraco (2012) acerca da história da escrita, adotei a compreensão de abecedário⁶ como decorrência da noção de alfabeto. Assim defini:

Alfabeto como conjunto de caracteres que compõe um sistema de escrita, que adota como referência a relação entre grafema/fonema. E abecedário como impresso cujo objetivo é proceder à didatização de cada uma e todas as letras do alfabeto com vistas ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita. Convém ressaltar que abecedário e alfabeto não são sinônimos, embora visceralmente relacionados. Portanto, não coincidem, mas guardam entre si uma relação de implicação. (SOUZA, 2015, p.13)

⁶ Formulação realizada na dissertação de mestrado defendida em 2015, sob orientação da Prof^a. Maria Stephanou no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Ao observar a materialidade desses impressos entendo que sua “identidade se assenta no princípio didático de ensinar a quem manuseia o alfabeto seus elementos e sua sequência, as relações entre grafema/fonema, e por vezes a palavra, texto e imagem” associados a uma determinada letra (SOUZA, 2015, p.13). Somando-se a outras definições a respeito dos vocábulos abecedário, abc e alfabeto, os sentidos expressos acima são aqueles que me vali para examinar a empiria da pesquisa desenvolvida no mestrado.

O *corpus* da dissertação foi constituído por abecedários ilustrados brasileiros do século XX, compreendidos entre as décadas de 30 e 80. Texto, suporte e leitura constituíram o tripé de análise, que segundo Roger Chartier (1992), são fundamentais para uma história da leitura e da escrita. Encontram-se conectados e mutuamente dependentes, porque o texto torna-se objeto pela sua materialização, ou seja, quando inscrito em um suporte. Para que o suporte seja um objeto de leitura, veículo de difusão do escrito, é indispensável a presença do texto. Portanto, ambos servem ao manuseio, posse, transporte, coleção. Para serem vistos, escutados, lidos, interpretados e, enfim, submetidos a múltiplos usos para o ensino e aprendizado da leitura e da escrita, os objetos impressos possuem materialidades e conteúdos. O suporte, ou melhor, os abecedários ilustrados como impressos, em sua materialidade, ganharam destaque na dissertação, cuja pesquisa se propôs a historicizá-los como artefatos culturais e pedagógicos, bem como demonstrar sua circulação em uma tradição secular, as formas gráficas mais antigas, que acompanharam as sociedades ocidentais desde a sua emergência como dispositivo de acesso à cultura escrita em diferentes tempos, até as formas tipográficas e digitais atuais.

Para a tese, o exercício analítico da dissertação constitui um substrato de extrema importância, o que justifica sua presença em diferentes segmentos do texto aqui apresentado, porém, a investigação desenvolvida acresce aspectos que avançam na extensão e diversidade do *corpus*, na problematização das relações entre imagens e letras, no exame dos significados históricos desses impressos e, sobretudo, na escolha do século XIX e as interações Brasil, Portugal e França, levando em conta os circuitos internacionais do mercado editorial, seus intercâmbios e trocas em diferentes níveis: gravuras, tecnologias de impressão, atuação de editores e livreiros, etc.

Percebi na pesquisa da dissertação algo peculiar nos abecedários: a sua persistência no tempo e as transformações que foram alvo ao serem moldados para distintos usos. Entretanto, é inegável que a ideia de abecedário exprime um contorno clássico e invariável.

Na dissertação repertoriei vinte e um abecedários ilustrados, no formato códice, a partir do mapeamento de exemplares em diferentes bibliotecas e acervos⁷. Adverti que o inventário não abarcou um conjunto total de abecedários que foram impressos e circularam no espaço-tempo definido pelo estudo.

Importa comentar que a constituição da empiria me levou a refletir sobre os aspectos envolvidos nos gestos de conservação e de descarte. Eu constatei uma ausência de abecedários, especialmente os do século XIX nos acervos que consultei. Mesmo em relação ao século XX, não identifiquei um volume e variedade de títulos, considerando todos os acervos que percorri. Entendi que um acervo qualquer pode muito nos dizer de uma cultura e as relações que estabelece com os objetos, em especial com os livros, e particularmente com os livros de iniciação e de uso escolar. Serão um gênero menor na hierarquia dos objetos-livro considerados merecedores de conservação? Essa questão remete a um aspecto teórico e metodológico importante: é preciso desnaturalizar o que restou, questionar o que está guardado nos acervos, cuja distância com os impressos que efetivamente foram publicados e circularam parece ser extremamente significativa.

Pode-se observar, então, as recorrências, mas também as ausências, as raridades. Compreendi que ocorreram práticas aleatórias de conservação e de descarte, cujas razões não estão explícitas, não foram registradas. Os abecedários foram reféns das decisões de um bibliotecário, de um arquivista, de uma instituição que não registrou os motivos. Nesse sentido, o historiador com gestos de artesão, como alerta Farge (2009), precisa dar inteligibilidade ao estudo com sua atitude vigilante, de modo a evitar conclusões ingênuas e levianas acerca do passado, pois o arquivo sequer testemunha o desaparecimento dos documentos, quiçá sua existência.

⁷ Sebos hospedados em sites de oferta de livros antigos em geral, como a Estante Virtual e o acervo da Biblioteca Lucília Minssen foram os locais que conservaram abecedários ilustrados. Outros espaços foram visitados, porém sem sucesso na obtenção de exemplares.

Do ponto de vista analítico, a materialidade do corpus empírico da dissertação foi descrita destacando,

[...] como as letras que integram o abecedário comparecem nesses impressos (tamanhos, formatos, tipos, ordenamentos); se aparecem sozinhas ou se formam sílabas, palavras, frases ou pequenos textos; se houve associação de grafemas com fonemas; se constam imagens associadas às letras; quais os universos temáticos das imagens que figuram e, em especial, os protocolos de leitura textuais e tipográficos desses impressos. (SOUZA, 2015, p.142)

Ainda, aponte que os abecedários ilustrados “se pautam na visualidade, seja pela presença das imagens coloridas, seja pelas letras de tamanho, traçado, estilos e cores diferentes” (SOUZA, 2015, p.143). Os abecedários analisados evidenciaram o quanto os aspectos estéticos e tipográficos, em alguma medida, estão implicados no processo de aquisição da leitura e da escrita. As imagens e o colorido das letras, tomados como protocolos de leitura, me levaram a inferir que puderam aproximar o leitor ao livro, apresentando uma forma de seduzir ou persuadir sua interpretação a respeito da leitura realizada.

Em relação às imagens, em especial, observei na dissertação que ilustrações de animais prevaleceram nesses impressos e sua presença foi tão proeminente que mesmo naqueles em que havia uma ampla gama de imagens sem um tema determinado, os animais estavam ali representados. As páginas dos abecedários imprimiram imagens de crianças, adultos, brinquedos, instrumentos musicais, profissões, objetos, provavelmente porque na perspectiva de “autores, editores e ilustradores essas imagens foram interessantes para o público que idealizaram” (SOUZA, 2015, p.144).

Na dissertação aponte que os abecedários têm uma história secular que remonta às origens da cultura escrita, à invenção das letras e dos sistemas de escrita que tinham como finalidade possibilitar, de alguma maneira, a comunicação. Observei e reitero que, em geral, há uma tendência a naturalizá-los como objetos específicos da história da escolarização ou do ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Contudo, trata-se de ideia errônea que é preciso desconstruir com pesquisas que demonstrem sua presença em diversos tempos e contextos socioculturais.

Para tanto, o texto da dissertação evoca os pesquisadores argentinos Héctor R. Cucuzza e Pablo Pineau (2002, p.13) que alertam para que avancemos no estudo da cultura escrita de modo a produzirmos uma história social do ensino da leitura e da escrita em perspectiva interdisciplinar, em especial que não se esgote na mirada diacrônica da didática, tampouco nas miradas escolarizantes que reduzem diversas práticas sociais em torno ao ler e ao escrever como meras práticas escolares, conforme também apontamos em um artigo (STEPHANOU; SOUZA, 2013a). Esta pista dos autores levou a um investimento de pesquisa mais extenso sobre os abecedários, na perspectiva da história social de sua presença na relação com o aprendizado da leitura e da escrita.

A respeito dos abecedários ilustrados, concluí a dissertação afirmando que há muito por compreender acerca de sua importância e dos transbordamentos da vida sociocultural para a escola, ou dos transbordamentos dos dispositivos escolares para outras práticas culturais. “A tradição secular dos abecedários parece resistir a muitas revoluções dos suportes de escrita e leitura, bem como seus usos sociais e educacionais” (SOUZA, 2015, p.145).

Esse “muito por compreender” instigou a vontade de seguir pesquisando a respeito de temática tão cara em minha trajetória. Nesse sentido, a investigação desta tese adota como pressuposto que os abecedários têm percurso longo, aponta a necessidade de que tal percurso seja historicizado, sobretudo quanto à sua materialidade. Os abecedários como artefatos não têm existência idêntica em qualquer sociedade, mas naquelas em que as letras e suas combinações, ou seja, o sistema de escrita passou a assumir uma centralidade, o que comumente designamos de sociedades grafocêntricas, e sequer nessas coincidem inteiramente. Os abecedários deram lugar a diversas experiências culturais em torno da escrita, envolvendo os sujeitos nela inseridos, em determinados momentos, centralmente o universo escolar, mas um aprendizado que extrapola a experiência da escolarização.

Sinalizo, de antemão, a partir de uma pista oferecida por Carlota Boto (1994, p.24) que existe uma sujeição inerente ao ofício do historiador e que esta “[...] situa-se invariavelmente na confluência entre o tempo do objeto investigado e o tempo do sujeito investigador”. Nesse sentido Lucien Febvre endossa que:

[...] toda história é escolha. É-o até devido ao acaso que aqui destruiu e ali salvou os vestígios do homem. É-o devido ao homem: quando os documentos abundam, ele resume, simplifica, põe em destaque isto, apaga aquilo. É-o, sobretudo, porque o historiador cria os seus materiais, ou se quiser, recria-os: o historiador não vagueia ao acaso pelo passado como um trapaceiro à busca de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar. (FEBVRE, 1989, p.19)

Diante dessa afirmação, penso que investigar a história dos abecedários é, irremediavelmente, um processo retrospectivo, pois se trata de formular questões partindo do presente para voltar-se a um passado onde o tempo escoou e dele restam ínfimos “fios e rastros”. Face ao reconhecimento da escassez e da raridade, a tese assume, como pressuposto metodológico, o paradigma indiciário formulado por Carlo Ginzburg (1989), que sucintamente consiste em um método interpretativo que investe atenção nos vestígios, nas pistas, nas cinzas e particularidades quase imperceptíveis ou marginais, que potencialmente podem contribuir à decifração de uma realidade opaca.

Michel de Certeau (2013 [1975]), em “A escrita da História”, assinala que escrever (em História) é caminhar pelo mundo dos mortos, trazendo-os à vida a partir da narrativa, tendo o historiador, porém, a posse de documentos esquecidos/conservados em acervos. Entende-se, a partir do autor, que a história é a narrativa sobre o que está morto. Paradoxal e paralelamente, ela traz à vida ao mesmo tempo em que também sepulta, visto que dá a “última palavra” a respeito de um passado que não está mais aí para reclamar possíveis incoerências, inconsistências ou lacunas.

A história é uma ciência interpretativa, que precisou aceitar a impossibilidade de reprodução de seu objeto, pois a verdade absoluta sobre o acontecido é inatingível. Ao invés de restituir o passado, propõe interpretações sobre o vivido orientadas pelo rigor metodológico e pelo uso dos documentos, como complementa Ginzburg (1989).

Valho-me dessas premissas para examinar uma problemática acerca da história dos abecedários e, como sugere Arnaldo Antunes (2014, p.5), “o bicho alfabeto pode parecer inofensivo. Mas fica perigoso quando se transforma em linguagem. [...] O bicho alfabeto é sempre o mesmo, mudam os modos de usá-lo”.

Na tese, diferente do que fiz no mestrado, recuei ainda mais no tempo, provocada pelos mistérios desse artefato “perigoso”. São os abecedários do século XIX, o mais antigo tem sua publicação datada em 1836 e o último identificado tem sua publicação em 1890. Decorreram cerca de cento e oitenta e seis anos até o momento da escrita da tese. É, portanto, um recorte mais enigmático, menos explorado porque não está disponível facilmente para a pesquisa em acervos e, além disso, os pesquisadores da área não se ativeram aos abecedários com o enfoque que assumo na tese.

Para ser mais precisa, reuni vinte e dois abecedários que passaram a integrar o *corpus* documental sobre o qual me debruço, sendo seis em língua portuguesa e os demais em francês. Em um primeiro momento, ocorreu-me um estranhamento adicional ao folheá-los, pois o seu conteúdo apresenta algumas diferenças se comparado com aqueles que repertoriei na dissertação. Logo passei a descrevê-los e compará-los, e uma primeira síntese contrastiva entre a dissertação e a tese apresento no Quadro a seguir.

Quadro 1 – Abecedários repertoriados na dissertação e na tese

	Século XIX (tese)	Século XX (dissertação)
Alfabeto	Sim	Sim
Páginas	Entre 14 e 128	Entre 10 e 50
Gravuras	Essencialmente em preto e branco e algumas coloridas	Exclusivamente coloridas
Lista de sílabas	Em grande parte	Não
Rezas	Em grande parte	Não
Textos morais	Em grande parte	Não
Números	Em grande parte	Não

Fonte: Souza, 2022

Esse Quadro demonstra que o gênero é descontínuo e assume diferentes formas e conteúdos ao longo do tempo. Isso não significa dizer que foi se alterando completamente e que veio a atingir seu ápice ou sua melhor versão em algum momento. Mas ele conserva uma função que persiste: dar a conhecer os caracteres⁸ básicos e fundamentais para o aprendizado da leitura e da escrita. Há outros conteúdos que são fluidos, se transformam, se adaptam por conta de

⁸ Valho-me dessa palavra, pois foi usada em alguns dos abecedários que fazem parte da empiria da tese.

questões editoriais, tipográficas, dos usos escolares, dos usos domésticos, dos interesses das crianças na perspectiva das diferentes culturas da infância, do processo progressivo de adultos e crianças dominando as relações do sistema de escrita.

Enquanto na dissertação eu dediquei uma atenção maior aos aspectos pautados na visualidade dos impressos, a presença/ausência de determinadas imagens e os respectivos temas proeminentes, na tese volto a atenção a um processo mais amplo que se refere aos modelos editoriais em circulação na França, Portugal e Brasil. Observo a afirmação desse gênero na França durante o século XIX, decorrente da égide da escolarização das crianças sob o escrutínio da igreja e a partir do ensino elementar que previa ler, escrever e contar. Por outro lado, os abecedários também acompanham o nascimento do mercado do livro infantil e dos livros de iniciação, fazendo uso da expressão cunhada por Agustín Escolano Benito (2000), gêneros que estão intimamente ligados nesse período.

A atenção especial da tese gira em torno à circulação e a atuação de editores-livreiros que assumem papel de destaque para as transferências culturais e comerciais entre o Brasil, Portugal e a França, embora a forma e a estrutura desses abecedários, bem como os seus recursos textuais e tipográficos sejam indícios para praticar uma problemática e compreender os modelos editoriais no recorte temporal examinado.

Analisando meu percurso como pesquisadora, da dissertação à tese, posso afirmar que me mantenho no mesmo tema e tomo nas mãos semelhante objeto de análise, pois à rigor, diante de meus olhos e pensamentos ele já se apresenta outro, novo, cifrado pois suas pistas são infinitesimais (GINZBURG, 1989, p.150). Contudo, os eixos de atenção e as indagações são outras. Durante a dissertação já havia uma curiosidade e interesse em perseguir os abecedários do século XIX. À época, procurei exemplares em nossa Biblioteca Nacional e em outros acervos e não os localizei. Onde estariam? Com a vinda da Família Real foi liberado o funcionamento das tipografias no país bem como a realização de “aulas”, embora ainda muito restritas. Em outras palavras, não houve uma extensão significativa da oferta escolar. No Brasil desse período, as escolas atendiam, sobretudo, as elites e a educação doméstica em geral ocupava o

espaço do ensino das primeiras letras. Isso terá significado uma baixa demanda de materiais didáticos? Afinal, o que circulou aqui no Brasil para o ensino da leitura e da escrita? Algo de enigmático circundava minha imaginação historiadora, valendo-me do que sublinha Alain Corbin (2005) sobre esse ofício.

As perguntas insistiam e, com base nos estudos de várias autoras⁹⁹ sobre diferentes gêneros de impressos, mapeei que esses, no século XIX, circularam no Brasil e passaram a ser identificados no crescente comércio das publicações impressas na França, em Portugal, na Bélgica e, por vezes, até mesmo de forma clandestina, chegavam em solo brasileiro. Mesmo a Imprensa Régia censurando e restringindo a ampla circulação de títulos, há indícios de que havia um crescente comércio livreiro com variedade de gêneros, desde livros de instrução (compêndios, dicionários, enciclopédias, manuais) até livros de literatura, pensamento político, religião, erotismo, conhecimentos científicos, manuais práticos, jornais e periódicos. Além disso, não se tem notícia da existência de um catálogo dos catálogos, parafraseando Borges (2007), que tenha se debruçado exaustivamente a apontar tudo o que circulou aqui, ou foi produzido, impresso, lido e efetivamente utilizado.

Enquanto professora alfabetizadora imersa nas práticas do presente não pesquisei no doutorado algo que seja de ordem instrumental e voltado diretamente ao meu fazer pedagógico, mas o fascínio historiográfico me move a conhecer esse outro do passado. Tomando a proposição de Corbin (2005, p. 12), compartilho com o autor que “essas questões propiciam uma verdadeira mudança de ares, e é isso que atíça a curiosidade. [...] Não se deve fazer história se não for com um grande prazer”.

Movida, então, pelo interesse cultivado, me pus a investigar os abecedários do século XIX, procurando contribuir com a História da Educação, a história do livro e da leitura, também a história da alfabetização, a partir de um *corpus* pouco explorado.

Sigo aquele conselho de Corbin (2005) dirigido a quem se propõe a fazer história: durante a vida é interessante e necessário mudar as indagações

⁹⁹ Tania Regina de Luca, Márcia Abreu, Lúcia Granja, Eliana de Freitas Dutra, Diana Cooper-Richet são algumas referências que discorrem a respeito desse tema tomando diferentes objetos de pesquisa. São essas autoras que subsidiam aspectos teóricos e metodológicos da tese.

direcionadas aos objetos de estudo, de modo a evitar que o prazer e a curiosidade se esvaíam ao longo do tempo.

É preciso dizer que quanto mais me volto ao passado, mais opacos me parecem os objetos e a problemática que examinamos. Nesse sentido, pensando em um referente contextual dos abecedários, impõe-se considerar que:

- Não se trata dos mesmos objetos impressos;
- Não se trata do mesmo mercado editorial, tampouco das mesmas tipografias, recursos e projetos gráficos;
- Não são confeccionados com o mesmo papel;
- Os livros não possuem o mesmo custo de fabricação;
- Não se trata da mesma escola;
- Não são os mesmos alunos;
- Não são as mesmas famílias;
- Poderiam ser destinados às crianças, e também aos adultos, uma vez que a universalização do ensino elementar estava em processo e havia um grande número de analfabetos;
- Os materiais para o ensino da leitura e da escrita não foram usados exclusivamente nos espaços escolares;
- Há uma escassez de títulos¹⁰ publicados para o ensino da leitura e da escrita;
- Os locais de impressão foram distintos, inclusive do ponto de vista geográfico;
- Os papéis atribuídos ao editor-livreiro não são iguais aos de hoje;
- A publicação dos abecedários abarcava um público de leitores mais amplo. Ou seja, brasileiros, portugueses, franceses poderiam fazer um uso compartilhado, sob condições distintas, dos mesmos impressos.

¹⁰ Anne-Marie Chartier (2011) afirma que não há uma listagem extensa de impressos voltados ao ensino das primeiras letras. Por vezes, o mesmo impresso é usado nos quatro anos do ensino elementar.

Então, é preciso concebê-los, do ponto de vista do significado histórico, ancorados neste tempo. Não se pode formular problematizações aos abecedários aqui reunidos tal e qual nós dirigimos questões aos impressos que manuseamos hoje. Assim como é preciso ter muito cuidado com as palavras e suas designações, pois como pondera Farge (2004), a linguagem das palavras oferece uma multiplicidade de sentidos.

É preciso reconhecer que a história está cimentada pelas palavras. Tomemos como exemplo a palavra alfabetização. O verbete redigido por Magda Soares que consta no glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale)¹¹ expressa que entre os profissionais do ensino e da Educação, esse conceito foi posto em discussão a partir de meados dos anos 1980. “Em síntese, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala” (SOARES, 2014).

A palavra alfabetização inexistente como tal no século XIX. Há um outro léxico e campo semântico que comparece: aprender a ler e a escrever, ensino dos rudimentos da leitura e da escrita, ensino das primeiras letras. Desse modo, os sentidos contrastados no tempo indicam o quanto é fundamental refletir sobre a historicidade das designações, dos artefatos, os significados e experiências a que eles se reportam. Não há um sentido estável nas palavras, tampouco naquilo que designam. Dito de outro modo, indagar um artefato cultural do passado com os olhos e compreensões do tempo presente pode provocar equívocos. É preciso reconhecer a materialidade em profundidade para lançar olhares que intentem dar inteligibilidade ao estudo com o devido rigor que ele exige. Sem dúvida esse é um desafio que se soma.

Nesse sentido, descrevo a materialidade dos abecedários do século XIX que foram repertoriados para a tese, baseada nos pressupostos da história do livro e da sociologia de textos apresentados nos estudos de Roger Chartier (1992, 1999a, 2004, 2011) e Donald Francis McKenzie (2018), assim como nos estudos sobre a história dos livros de iniciação de Anne-Marie Chartier (2004), Jean Hébrard (2002), Agustín Escolano Benito (2000) e Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot (2014). Não se trata de explicar como os abecedários se constituíram

¹¹ Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 23 abr. 2022.

numa única trajetória linear, mas no decurso de um movimento plural, com irrupções diversas, inusitadas, irregulares, improvisadas, abecedários diversos produzidos ao mesmo tempo, com características inconstantes, e até mesmo os estados de uma mesma obra em diferentes edições.

De forma alguma podemos afirmar que os abecedários se aperfeiçoam no decorrer do tempo, como um processo evolutivo que tende a superar modelos considerados antigos, retrógrados ou inadequados. Mas podemos interrogar esses impressos como “formas registradas, assim como os processos de sua transmissão, incluindo a produção e indícios de sua recepção” (CHARTIER, 2005, p. 8).

Possivelmente, houve títulos que não restaram porque não foram aprovados, não provocaram interesse por parte dos editores ou dos livreiros para sua publicação, tiveram fracasso do ponto de vista das tiragens pela baixa procura de educadores ou leitores.

A tese explicita uma definição de abecedário que foi adotada para reunir o *corpus* empírico. A expressão abecedário, embora tenha uma tradição longínqua, quando chega o século XIX, já não se mostra mais associada às tapeçarias bordadas com as letras em sequência alfabética para perpetuar as genealogias ou sua emergência como coleções das letras do alfabeto para inspirar os belos traçados das letras capitulares e sua hibridização com as iluminuras, ou ainda quando presentes nos *battledore*, *hornbook*, *tavola*, *tableta* e *palette*¹². No século XIX o abecedário é um impresso no formato livro ou cartaz (*affiche*), este último decorrente do método intuitivo muito se valeu dessa forma material para o ensino. De outra parte, observa-se que progressivamente, o abecedário foi associado a uma designação ampla para todo o impresso de

¹² Alain Choppin (2008) explica que primeiramente na Europa, durante a Idade Média, foi difundido o *hornbook*, em italiano *tavola*, em espanhol *tableta*, objetos feitos com uma espécie de pá de madeira com uma alça em couro fácil de segurar. Com a alça as crianças poderiam pendurá-lo no punho ou pescoço. No *hornbook* estava inscrito o alfabeto, as vogais, as consoantes, um conjunto de sílabas, numerais de 1 até 10 e uma oração. O autor explica que derivado do *hornbook*, o *battledore* foi largamente difundido na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos até metade do século XIX. Com o aspecto de uma raquete, o *battledore* é uma folha de cartão dobrada em duas ou três partes, sob as quais de um lado está grafado o texto e, de outro, as ilustrações. Choppin (2008) comenta que apesar da sua aparência e nome (raqueta significa "barulho" em inglês), os *battledores* não tinham o propósito de serem utilizados como jogos. Conforme Choppin (2008), na Suíça, o termo *palette* designa a forma de uma pequena raquete triangular com uma parte lisa, onde se podia colar ou grafar um alfabeto manuscrito, e uma extremidade que a criança pode segurar com as mãos. A denominação *palette* permaneceu até o século XIX, sendo utilizada para diferentes materiais.

iniciação à leitura. Busquei, assim, identificar os impressos cuja presença do alfabeto (com e sem gravuras) é incontestável. O alfabeto inserido logo no início de um impresso é indício para pensar sua relevância, pois, via de regra, não está ao final para ser copiado ou ser usado como um jogo. A posição do alfabeto no impresso, inscreve sua importância como primeiro e mais fundamental aprendizado da lição de leitura.

Os abecedários desse período se constituem como objeto heteróclitos, tem como objetivo inicial o reconhecimento do alfabeto ou do abc e das modalidades de sua representação, podendo ser os diferentes tipos de letras, possivelmente para instruir práticas de caligrafia e acessar os códigos de leitura de diversos suportes. Também apresentar-se como um repertório de gravuras e palavras referenciais a cada letra para serem exaustivamente lidas e soletradas. É ainda, um livro de leitura onde a progressão dos aprendizados levava os aprendentes a conhecer e repetir os textos moralizantes e religiosos. E ainda, possui o ensino do “contar” ou da matemática, que consistia nos algarismos arábicos, romanos, a tabuada, tabelas de pesos e medidas e notações de tempo. Tudo isso se reúne nesse impresso que agrupa os conhecimentos considerados, à época, como “elementares”.

Cabe ressaltar que esses impressos não foram procurados exclusivamente pelo seu título, isto é, se continham literalmente as palavras abecedário, abc, alfabeto, pois o campo semântico que dá conta desse aprendizado inicial da leitura e da escrita tem outras formas de expressão no século XIX, como abordarei adiante. Além disso, os títulos são longos e não se parecem com a referência mais contemporânea que temos desse tipo de livro. Há uma confluência de certas marcas que produzem mudanças nas características dos abecedários. Em meio a um contexto em que os materiais impressos ainda não são abundantes, esses livros de iniciação também portam textos religiosos e morais para os exercícios de leitura, e assim vão além do uso exclusivo de uma suposta riqueza lexical para o ensino da língua, mas preocupam-se também em formar o bom cidadão e o bom cristão. Além disso, o mercado editorial de livros está à mercê do desenvolvimento das técnicas de impressão no decorrer do tempo.

Neste sentido, evoco Jacques Bonnet (2013) para parafrasear o que respondeu quando lhe fizeram aquela velha pergunta: você já leu todos os livros

que estão na estante da sua biblioteca? Inspirada pela pergunta e pela leitura da narrativa literária do autor, indago do mesmo modo: “Você reuniu todos os abecedários que circularam no século XIX no Brasil e na França?” Não, absolutamente. O empreendimento é complexo. Posso afirmar, contudo, que aqueles que reuni, mesmo não correspondendo à totalidade de abecedários que circularam neste período, tampouco todos que foram elaborados, são particularmente expressivos, o que procuro demonstrar no decorrer da tese.

Você leu todos os abecedários que localizou? Nem todos foram lidos, mas todos foram farejados. Há um oceano de distância entre mim e esses abecedários. Eu os separei para uma leitura a ser feita no porvir ou mesmo para compor pilhas a serem lidas um dia. Uma outra resposta diria: esses que farejei, de certo modo foram lidos. Me servi deles para compreender em maior profundidade as características dos abecedários, pensando-os na longa duração.

Como esses abecedários foram reunidos? Por uma mistura de acasos, curiosidade sistemática e vontades despertadas por outras leituras e algumas buscas despreziosas. Certa vez localizei dois exemplares de abecedários em língua portuguesa no acervo da *Bibliothèque Nationale de France* (BnF)¹³ [Biblioteca Nacional da França]¹⁴. Fui surpreendida quando me vali do descritor “*abécédaire portuguais*” [abecedário português] para buscas no *Catalogue Général* [catálogo geral]. Ainda não estão disponíveis em arquivos digitais para consulta on-line e precisei contar com a ajuda de outras pesquisadoras para acessá-los. Uma delas, brasileira, é minha orientadora, Professora Maria Stephanou. A outra, uma estudante portuguesa que não conheço pessoalmente, mas por uma rede de contatos, prestou-me seus serviços e fotografou os abecedários que eu ansiava folhear. A nacionalidade de ambas é uma coincidência um tanto inesperada se fizermos relação com a constituição da empiria. Além disso, as duas, em momentos diferentes, estiveram em Paris e na Biblioteca Nacional para pesquisas, o que possibilitou o acesso aos abecedários. Um outro título em língua portuguesa foi localizado no acervo denominado Livros

¹³ Usarei a sigla BnF ao me referir à *Bibliothèque Nationale de France*.

¹⁴ Nota: A partir de agora, com vistas a facilitar a leitura, opto por fazer a tradução de palavras ou pequenas expressões no corpo do texto, usando colchetes como recurso de discriminação visual.

Escolares Brasileiros (Livres) da Universidade de São Paulo enquanto estava percorrendo a leitura de um artigo publicado por Isabel Cristina Alves da Silva Frade. Detalho melhor esse processo de descoberta no capítulo que se detém nos aspectos metodológicos, mas anuncio aqui como um panorama.

Os abecedários franceses, por sua vez, foram todos acessados de forma virtual por meio da *Bibliothèque numérique de la BnF et de ses partenaires* que é a Biblioteca Digital da BnF denominada *Gallica*¹⁵. Não tive a experiência de tomá-los entre as mãos. Sem dúvida, esses livros seriam melhor conhecidos se eu tivesse a experiência de folheá-los, de observar as páginas já amareladas e envelhecidas pelo tempo, as espessuras, texturas, amassados, os pequenos detalhes secundários, quase insignificantes, como diria Ginzburg (1989). Esses, ganhariam a leitura demorada que merecem. Apesar disso, agora, eles podem contar uma história sobre a circulação de modelos editoriais que extrapola os limites geográficos entre Brasil, Portugal e a França em pleno século XIX. Por isso tenho acordo com Bonnet (2013, p. 60) quando expressa que uma biblioteca, seja qual for o seu tamanho, não tem necessidade de ser útil ou de ser lida inteiramente. Cada leitor e, aqui incluo cada pesquisador, “se aproveita de um justo equilíbrio entre saber e ignorância, lembrança e esquecimento”. Certamente esses abecedários servirão, em outro tempo, para outros leitores e outros pesquisadores porque eles não estão nessa biblioteca por acaso.

O propósito da composição do corpus empírico da tese foi a reunião, para exame, de abecedários impressos e em circulação em diferentes tempos e espaços no decorrer do século XIX, ofertados à leitura e aprendizado do ler e escrever. Como apontei na dissertação (SOUZA, 2015), uma das intenções da pesquisa é somar-se às investigações que buscam compreender a emergência e circulação de impressos de iniciação que se voltam ao aprendizado da leitura e da escrita. Para a tese ampliei tal compreensão na medida em que tomo outros contextos nacionais e socioculturais, França, Brasil e, mais discretamente, Portugal, para apontar o fenômeno da circulação transcultural e transatlântica de modelos editoriais, sobretudo o uso das gravuras como marcas distintivas desses impressos.

¹⁵ A partir desse momento adoto a palavra *Gallica* para me referir ao acervo digital da BnF.

Diante da grande importância que os impressos franceses representaram para o Brasil, desde o século XIX, e considerando a quantidade e a robustez das práticas de impressão em variadas tipografias e as diversas livrarias que fomentavam a expansão do comércio livreiro, aponto como problema central desta tese a questão que segue:

Como se deu o processo de circulação dos abecedários, concebidos como impressos de iniciação, do ponto de vista das trocas editoriais e culturais, considerando contextos que estão intimamente ligados no século XIX, em especial o Brasil e a França?

Um dos movimentos decisivos para compreender o problema antes formulado, consiste em buscar os indícios que apontam as redes de relações implicadas na circulação desses impressos a partir da atuação de editores-livreiros no âmbito comercial e cultural entre o Brasil e a França.

Movimento igualmente importante à investigação, reside no exercício sistemático de inventariar as similitudes, recorrências, especificidades entre exemplares de abecedários franceses e de abecedários em língua portuguesa nesse período histórico. Para tanto, evoco o princípio de contrastação dos documentos formulado por Maria Stephanou e Carolina Monteiro (2012, p. 2)¹⁶, a saber: “Contrastar é comparar, pôr (elementos distintos) em contraste, verificando ou salientando as diferenças”. Sugerem, então, a aproximação “entre contrastar e cotejar, ou ainda, de estar ou fazer ficar em contraste”. Alertam que, embora em um primeiro momento, haja uma ideia de oposição, a proposição metodológica é contrastar como cotejar para “investigar, analisar (alguma coisa), colocando(-a) em confronto com (outra)”.

Como sinaliza Isabelle Nières-Chevrel (2014) a propósito da confrontação de produções francesas e anglo-americanas de abecedários, sugiro aqui da mesma forma, realizar uma confrontação de abecedários que circularam especialmente no Brasil e na França, de modo que tal procedimento permita “observar, ao lado das similitudes, importantes decalagens culturais” (NIÈRES-CHEVREL, 2014, p.10). Para a autora, a confrontação possibilita examinar como

¹⁶ Utilizam-se do princípio de contrastação ao analisarem documentos que tratavam da escrita escolar e os decorrentes “problemas” associados a essa prática. Evidenciaram três aspectos para contrastação: a postura corporal e o ato físico de escrever; a tematização do traçado da letra e qual a letra a ser adotada nas práticas de escrita; as motivações para exercitar a escrita.

a história política, social e até mesmo religiosa de cada país comparece nesses impressos que, afinal, ritualizam o ingresso da criança no universo da cultura escrita de seu referente cultural. A contrastação dos abecedários, ainda, leva a pensar como alguns desses impressos foram e ainda são adaptados de uma língua/contexto a outra e se o que prevalece é a circulação de seus textos ou, sobretudo, de suas gravuras e seus dispositivos de didatização do ensino das letras.

Destaco, a partir de Stephanou e Souza (2018a)¹⁷ que, *a priori*, não se pode afirmar que tenha havido uma importação mecânica e integral de modelos editoriais e conteúdos impressos, pois é presumível que tenham sido operadas adaptações, ora das gravuras com textos inteiramente recriados, ora das capas reinventadas, ou ainda de imagens transpostas para outras letras, atendendo às especificidades das palavras evocadoras em cada língua. Se *âne* do francês corresponde à asno ou burro no português, assim como *éléphant*/elefante, *giraffe*/girafa, *kanguroo*/canguru, *lion*/leão, *marmotte*/marmota, *ours*/urso, *panthère*/pantera, *rhinocéros*/rinoceronte, *zèbre*/zebra, outras possuem a mesma grafia, como tigre, mas diversas implicaram adaptações e substituições: para S, *sanglier* do francês, corresponderá o J de javali em português, apenas para ilustrar. Esses procedimentos implicam recriações que não são evidentes, tampouco banais (STEPHANOU; SOUZA, 2018a).

Tania Regina de Luca e Lúcia Granja (2018) apontam que, pelo menos desde a segunda metade do Oitocentos, ocorriam intensas trocas comerciais e editoriais entre os dois lados do Atlântico, em especial as relações entre Brasil, Portugal e França. Para as autoras, ainda é preciso “estabelecer a natureza dos intercâmbios e as condições materiais que tornavam possível sua realização (LUCA; GRANJA, 2018, p. 3). Tal destaque mostra-se particularmente instigante para esta tese, uma vez que os abecedários, como gênero de impressos de iniciação, podem ser elucidativos à compreensão das formas de realização desses intercâmbios. Além disso, a propósito das revistas ilustradas de variedades, as autoras, assim como Stephanou e Souza (2018a), apontam que

¹⁷ Como um produto decorrente da investigação da tese, Stephanou e Souza (2018a) publicaram no “*Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (CIHELA)*” um artigo intitulado: “Abecedários figurativos e ilustrados de animais: persistência secular na história do ensino da escrita e da leitura (França e Brasil, séculos XVIII a XX).

não podemos supor uma recepção passiva dos modelos europeus, alerta pertinente para a tese. Dizem as mesmas:

É importante assinalar a rapidez da circulação, que permitia que um leitor parisiense, lisboeta e fluminense, para ficar apenas nas capitais, tivesse acesso praticamente simultâneo às mesmas estampas, convidando a rever concepções arraigadas de recepção passiva e influência e as metáforas associadas ao espelho e ao reflexo quando se trata do suposto distanciamento cultural entre Europa e Brasil. (LUCA; GRANJA, 2018, p.4)

Nesse sentido, entram em cena os editores-livreiros que assumem papel preponderante para as transferências culturais entre Brasil, Portugal e França. São eles: *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud*. Esse conceito permite, de fato, pensar de maneira diferente a respeito das relações intelectuais entre as culturas, considerá-las a partir de um novo olhar, compreender a ideia de que as transações podem ser bilaterais, que as culturas se alimentam umas das outras mutuamente. Essa troca é muito profícua e enriquecedora para ambas as partes e, ao final, podem dar origem a uma outra cultura e práticas em torno do ler e do escrever de maneira não imaginada. O ofício desses editores-livreiros tem dupla função, não são apenas meros comerciantes, mas também verdadeiros intermediários culturais entre os autores e os leitores.

Inspirada pela “*introdução*” de um dos abecedários que compõe a empiria da tese e preservando a grafia de algumas palavras do século XIX, parafraseio o que diz seu editor e recomendo este texto para a mocidade brasileira ou para pesquisadores do campo da História da Educação e da história do livro, ou até mesmo para os leitores curiosos que se interessam pelo tema do ensino da leitura e da escrita.

Adianto que os abecedários aqui repertoriados possuem relação com os *systemas adoptados* na França e em Portugal e os resultados têm sido imensos, já que em algumas poucas lições o leitor poderá conhecer as letras, as rezas que são *indispensaveis* ao *christão* conhecer, proporcionando assim *dous immensos* resultados *n’um* só estudo. Alerto que os meninos precisam *solettrar* para depois conhecerem *as lettras*.

Procurou-se *outrosim* usar a imaginação historiadora para observar as características que se apresentam nesses impressos de iniciação da leitura e da escrita.

No capítulo “Primeira lição: o abecedário é o livro dos começos” mapeio estudos a respeito do tema tratado nesta tese e dialogo com autores cujos pressupostos e formulações se somaram à compreensão do objeto e problemática de pesquisa aqui escolhidos.

No capítulo “Segunda lição: solete as letras de A a Z” apresento a materialidade dos vinte e dois abecedários sob a perspectiva dos dispositivos tipográficos, textuais e editoriais.

O capítulo “Terceira lição: leia e releia os textos” está dividido em quatro seções. A primeira trata das gravuras, a segunda e a terceira abordam os aspectos editoriais envolvidos na produção do livro e as implicações dos editores-livreiros na caracterização do gênero abecedário em determinados processos e a quarta evidencia a circulação transnacional e transcultural de modelos editoriais, sobretudo das gravuras.

O capítulo intitulado “Quarta lição: agora que já sabes ler...” tem como finalidade apresentar alguns arremates do estudo realizado. Retoma os objetivos, o problema de pesquisa e articula os resultados que foram sendo apontados no decorrer dos capítulos. Dessa forma, completará esta obra, imperfeita na verdade, porém *dictada* por bons desejos.

2. Primeira lição: o abecedário é o livro dos começos



Fonte: *Nouveau syllabaire récréatif*, 1872

“Esse pensador observou que todos os livros, por diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que todos os viajantes confirmaram: ‘Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos’”.

(BORGES, 2008, p. 73)



s abecedários, como objeto de reflexão, debates e investigações, receberam atenção de pesquisadores de diferentes campos de estudos, movidos por distintas indagações, a partir de recortes geográficos e cronológicos diversos, assim como foram submetidos a diferentes quadros teóricos, cujas concepções são datadas no tempo, e, portanto, variáveis à medida que se acumulam conhecimentos acerca da cultura do impresso, do texto, da imagem e de sua pedagogia. Uma imersão nesses estudos possibilita ampliar os horizontes de compreensão e praticar uma problemática que efetivamente considere a complexidade do tema. Se “abecedário” parece ser apenas uma palavra, não

nos deixemos enganar por qualquer definição apressada, pois o vocábulo supõe uma multiplicidade de sentidos, uma rede de analogias e de acontecimentos, de intensidades e usos variáveis. Todas essas ramificações, de objetos e problemáticas, filtrados segundo os objetivos desta tese, sugeriram o estabelecimento de um quadro referencial e o intuito deste capítulo é explicitar os diálogos com autores cujos pressupostos e formulações se somaram à compreensão do objeto e problemática de pesquisa aqui escolhidos.

Os autores apresentados a seguir, por certo, não esgotam a diversidade e expressividade das configurações antes referidas. Foram escolhidos entre aqueles que tomam o abecedário como livro de iniciação, ou ainda aqueles nos quais o abecedário é mencionado em pesquisas sobre a história do ensino da leitura e da escrita ou, especialmente, examinado em pesquisas acerca da história das produções editoriais desses impressos, ou ainda, estudos que mencionam algum documento que foi incorporado a esta tese. O mapeamento dessas produções acadêmicas mostrou-se útil para indicar quais aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em torno ao tema.

Para tanto, iniciei pelos trabalhos¹⁸ produzidos no âmbito da pós-graduação nos últimos oito anos (2014 a 2021)¹⁹. Optei por gerar os dados com base nas informações contidas em resumos do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além desse âmbito, procurei identificar outros estudos em torno do tema em publicações periódicas dos últimos treze anos (2009-2021)²⁰, particularmente

¹⁸ Cf. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. O critério de seleção e classificação baseou-se na opção por produções que contivessem em seus títulos ou resumos as seguintes palavras-chave: abecedário, alfabetário, silabário, abc, alfabetização, métodos de alfabetização, práticas de alfabetização, cartilha. Na defesa do projeto de tese estavam incluídos os descritores “Editora Melhoramentos” e “Edições Castor”, mas por conta do objetivo e problema de pesquisa circunscrito após a defesa, eles foram suprimidos dessa versão. As teses e dissertações localizadas foram agrupadas de acordo com seus principais temas de estudo, selecionados com base no que os autores consideraram como sendo o objetivo do trabalho, ou, no caso dos resumos em que o objetivo não era claro, baseou-se no contexto geral apresentado. Saliento que para a busca foram definidas áreas de conhecimento específicas em função do mapeamento demasiado extenso de títulos associados aos descritores eleitos para a pesquisa. O que não se aplica ao descritor “silabário”, como explicitado na nota de rodapé anterior.

¹⁹ Exceto para o descritor “silabário”, pois a busca mapeou poucos trabalhos ou nenhum no período estabelecido de cinco anos e por esse motivo não filtrei previamente o ano. No catálogo estão publicados os trabalhos de pesquisa de mestrado e doutorado até o ano de 2021. Os anos de 2014 a 2018 compreendem os achados na ocasião da escrita do projeto de tese. Nesta tese, atualizei a pesquisa e incluí os anos de 2019, 2020 e 2021.

²⁰ Mantive a pesquisa empreendida na ocasião da defesa do projeto de tese e a ampliei incluindo os anos de 2019, 2020 e 2021. Eu me vali dos descritores abecedário, abc, ensino da leitura e

através do portal do SciELO (Scientific Eletronic Library Online)²¹. Por fim, no portal de periódicos da CAPES realizei pesquisa acerca de publicações de 2009 até 2021²².

A partir desse empreendimento, constatei que no Brasil há muitas pesquisas que tomam as cartilhas como objeto de estudo. Penso que esse fenômeno se deve ao fato de que muitos títulos foram conservados em acervos privados e bibliotecas, em número mais expressivo se comparados aos abecedários propriamente ditos. Houve, ainda, por diversas razões políticas e educacionais, um incremento dos estudos que se situam no campo da história da alfabetização e de seus métodos, o que explica o crescente interesse também pelos impressos a eles associados.

Tendo esse horizonte e o recorte escolhido na tese, percebe-se a raridade de estudos comparados, em especial acerca das produções editoriais que podemos caracterizar como impressos de iniciação à leitura, mesmo que muitos estudos em outros campos apontem as relações entre França e Brasil como definidoras do cenário editorial do século XIX. Tal constatação aponta o ineditismo de algumas pistas perseguidas na tese.

Para alcançar o propósito de acompanhar os abecedários publicados sincronicamente na França e no Brasil, uma constatação disparou muitas indagações: os abecedários intitulados *“Methodo facil para aprender 15 lições”* e o outro designado *“Alphabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta”* foram localizados na BnF, porém não estavam disponíveis no acervo da *Gallica*. Eu os encontrei através de consulta²³ ao *“Catalogue Général”* [catálogo geral], valendo-me precisamente do descritor *“abécédaire portugais”* [abecedário português].

Segunda consideração: à exceção do exemplar *“Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o*

ensino da escrita. Os dois primeiros são mais específicos e estão diretamente relacionados à pesquisa da tese.

²¹ Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Disponível em: <https://www.scielo.org/>.

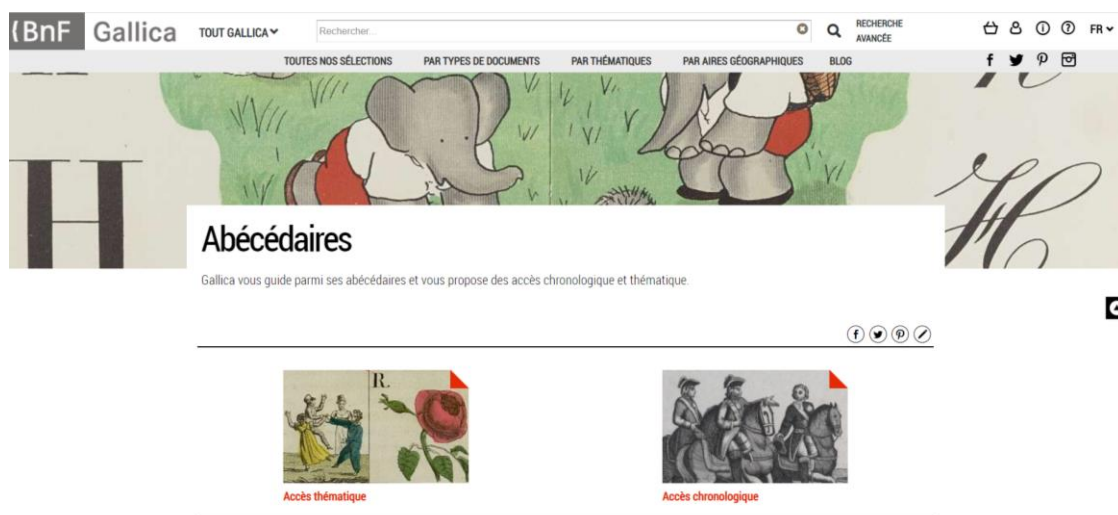
²² O período usado para o projeto de tese foi 2009 até 2018 e ampliei para os anos 2019, 2020 e 2021.

²³ Mais adiante vou discorrer de forma mais detalhada como esses abecedários foram reunidos.

sistema metrico”, todos os demais abecedários constam no acervo da BnF e integram a *Gallica*.

Neste acervo da *Gallica*, há uma página específica²⁴ “*Abécédaires*” [abecedários] que compila mais de 500 exemplares de impressos na íntegra, acompanhados de textos explicativos que justificam essa classificação para todos os impressos de iniciação à leitura e à escrita ali reunidos. Constam textos explicativos de pesquisadores especialistas no tema, a saber: Segolène Le Men (1984, 2012) Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot²⁵ (2013, 2014) e Michel Manson (2013). A Figura 1 é a captura dessa página que está aqui reproduzida para que seja possível observar as formas que ela agrupa os títulos.

Figura 1 – Página inicial do acervo digital de abecedários franceses





Fonte: Site da *Gallica: Bibliothèque numérique de la BnF et de ses partenaires*

Como se vê, o acesso aos impressos digitalizados pode ser por temática ou por ordem cronológica. Vou tomar este último para detalhar, pois a disposição acrescenta informações pertinentes ao estudo. O primeiro agrupamento se refere aos abecedários antes de 1830, seguindo para aqueles que estão entre 1830 e 1860, na sequência os de 1860 até 1914 e, por fim, os que foram publicados depois de 1914.

²⁴ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>

²⁵ Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot é uma importante pesquisadora francesa dos abecedários com diversas publicações que são referência. Ela fez estudos comparativos entre abecedários da Inglaterra e da França após realizar um extenso inventário de abecedários impressos em ambos os países e tradições.

Para cada período há um pequeno texto que anuncia algumas características do abecedário. Oferece, também, aspectos contextuais que possivelmente influenciaram alterações na forma e no conteúdo dos mesmos. Estes textos, por sua vez, são elucidativos para a definição que me valho para designar esse impresso de iniciação como abecedário, a saber:

<p>Antes de 1830²⁶</p>	<p>O abecedário ainda faz parte da longa tradição de “<i>Croix de par Dieu</i>”²⁷, apresentando uma cruz impressa. São pequenos livrinhos considerados simples do ponto de vista da qualidade de impressão e distribuídos por meio de mascates. Eles foram amplamente aceitos pelo público e foram sucesso de tiragem no final do Antigo Regime. O imaginário religioso ocupa um lugar de destaque, mesmo que o período revolucionário tente substituí-los pelos símbolos republicanos²⁸. Este modelo tradicional continuou na primeira terça parte do século XIX (Tradução nossa).</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>
-----------------------------------	---

²⁶ *L'abécédaire s'inscrit encore dans la longue tradition des « Croix de par Dieu », s'ouvrant sur une croix imprimée. Ce sont des petits livrets peu soignés diffusés par la voie du colportage, qui connaissent un grand essor à la fin de l'Ancien régime. L'imagerie religieuse y tient une place prépondérante, même si la période révolutionnaire tente d'y substituer des symboles républicains. Ce modèle traditionnel perdure dans le premier tiers du XIX^e siècle.* Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>

²⁷ Essa imagem refere-se à obra intitulada “*Heures de Notre Dame de Chartres*” publicada por volta de 1500. Recomendava-se que para melhor associação de ideias, o aluno deveria referir-se a Deus pai antes de enunciar o alfabeto. Ele tinha que fazer o sinal da cruz e pronunciar “*Croix de par Dieu*”. Contém a oração dominical, mais conhecida como Pai Nosso e é seguida pela reza Ave Maria.

²⁸ Essa gravura consta no frontispício do exemplar nomeado “*Syllabaire des deux premiers ages, a l'usage des écoles primaires contenant l'alphabet, les droits et les devoirs de l'homme, et une petite Instruction élémentaires sur les nouvelles mesures. On y joint, quand on veut, um petit Traité de Grammaire*”. Ela retrata os símbolos da República.

1830 - 1860 ²⁹	Os abecedários acompanham o nascimento do mercado do <i>livro infantil</i> e do mercado do <i>livro escolar</i> , que ainda estão intimamente ligados. Às vezes assumem a forma de cartazes ou folhetos, quando a censura obriga editores de imagens como os de Épinal a abandonar as caricaturas políticas em favor de imagens infantis. Aproveitando o surgimento do <i>álbum</i> na era romântica, a imagem ganhou espaço nos abecedários, que se tornaram presentes de Ano Novo tal e qual os brinquedos (Tradução e grifo nossos).
1860 - 1914 ³⁰	Para se destacar dos <i>manuals didáticos</i> , a <i>publicação infantil</i> depende muito da ilustração. A partir da década de 1860, inovações técnicas contribuíram para a democratização das imagens, mas a cor se impôs na década de 1880 [referindo-se à França]. Embora as reformas de <i>Jules Ferry</i> se baseassem em métodos de leitura, o <i>álbum-alfabeto</i> mantém um lugar privilegiado nas famílias, tanto uma aposta segura para os ricos e uma promessa de ascensão social para os mais modestos (Tradução e grifo nossos).
Depois de 1914 ³¹	O abecedário é cada vez mais sinônimo de <i>alfabeto ilustrado</i> , vizinho (ou aparentado) do álbum, (ou livro) ilustrado, voltado para as crianças pré-escolares. Instrumento para uma educação primordialmente recreativa (lúdica), apela mais à sua criatividade, como no ABC de Babar (1934). [Tradução e grifo nossos]

É possível observar algumas especificidades na forma como a *Gallica* apresenta ao leitor esses impressos de iniciação. Comparecem outras palavras associadas aos mesmos, como álbum-alfabeto, alfabeto ilustrado, publicação

²⁹ *Les abécédaires accompagnent la naissance du marché du livre pour enfants et celui du livre scolaire, qui sont encore très liés. Ils prennent parfois la forme de planches ou de dépliants, dès lors que la censure contraint les éditeurs imagiers comme ceux d'Épinal à abandonner la caricature politique au profit de l'imagerie enfantine. Profitant de l'émergence de l'album à l'époque romantique, l'image gagne du terrain dans les abécédaires, qui deviennent des cadeaux d'étrences à l'égal du jouet.* Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>

³⁰ *Pour se démarquer des manuels scolaires, l'édition enfantine mise beaucoup sur l'illustration. A partir des années 1860, les innovations techniques contribuent à la démocratisation des images, puis la couleur s'impose dans les années 1880. Si les réformes de Jules Ferry s'appuient sur d'autres méthodes de lecture, l'abécédaire-album conserve une place privilégiée dans les familles, à la fois valeur sûre pour les classes aisées et promesse d'ascension sociale pour les plus modestes.* Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>

³¹ *L'abécédaire est de plus en plus synonyme d'alphabet illustré, voisin de l'imagier, qui s'adresse aux enfants d'âge préscolaire. Outil d'une éducation avant tout récréative, il fait davantage appel à leur créativité, comme dans l'ABC de Babar (1934).* Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>

infantil, livro infantil. Refere a presença da matriz religiosa e estatal em determinados momentos históricos. Destaca a relevância da gravura que confere uma identidade a esses livros, reconhece que os mesmos estão sujeitos, junto aos demais impressos, às mudanças quanto às tecnologias de impressão. Acrescenta a censura de imagens políticas e a possível relação com um público adulto, reconhecido também como leitor desse gênero. Atribui um lugar privilegiado aos usos no foro doméstico. Afirma que são destinados tanto para às elites quanto para aqueles que integravam as classes mais desfavorecidas. Relaciona os abecedários a personagens icônicos do universo infantil, cujo exemplo é *Babar*. Refere o uso previsto pelas crianças pré-escolares, na perspectiva de um lazer, simultaneamente, instrutivo e recreativo.

Ainda na página da *Gallica*, consta o adensamento das observações arroladas anteriormente, a partir de uma exposição virtual organizada pela BnF e intitulada “*Livres d’enfants d’hier et d’aujourd’hui*” [Livros para crianças de ontem e de hoje].

Figura 2 – Página da exposição *Livres d’enfants d’hier et d’aujourd’hui*



Fonte: Site da *Gallica: Bibliothèque numérique de la BnF et de ses partenaires*

Cada ícone abre uma série de imagens com textos explicativos e percorre uma linha do tempo dos livros destinados às crianças. São muitos *hiperlinks* que

conectam o leitor a informações curiosas, mas também direcionam a textos decorrentes de pesquisas realizadas por autores que se debruçam sobre esse tema.

Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot é uma das pesquisadoras que integra essa exposição e sob o título “*Abécédaires: ordre et commencements*” [Abecedários: séries e origens] apresenta-se uma série de ideias pertinentes para a tese. O texto está organizado em três grandes eixos. O primeiro intitula-se « *Une initiation à l’ordre sacré (Moyen Âge-XIX^e siècle)* », o segundo, denomina-se « *Une initiation à l’ordre social, politique et scientifique (XVI^e-XX^e siècle)* » e o último é nomeado « *L’enfance à l’ordre du jour: entre éducation, récréation et création (fin XVIII^e – XX^e siècle)* »³². Chamo atenção para o fato de que os períodos se sobrepõem, o que desconstrói a ideia de evolução linear e demonstra que as tradições convivem com as novas modalidades e conteúdos dos impressos.

Segundo a autora (LITAUDON-BONNARDOT, 2022)³³, na Idade Média destaca-se o abecedário manuscrito “*Croix de par Dieu*”, e depois sua versão impressa alcança os séculos mais tarde. Na forma impressa, trata-se de um livro de baixo custo, contendo de oito a dezesseis páginas. Foi amplamente distribuído por vendedores ambulantes nas escolas ou paróquias. A forma impressa é muito semelhante à versão manuscrita do período medieval. Acrescenta, no entanto, que cada letra é associada a uma virtude cristã. Há uma tabela silábica seguida pelas principais orações, os salmos de penitência, os mandamentos e, às vezes, um pequeno catecismo. A gravura limita-se ao frontispício e a soletração do alfabeto e das rezas permanece fortemente recomendada.

Litaudon-Bonnardot (2022) afirma que entre os séculos XVI e XX ocorre de forma gradual (por isso uma parte dos períodos indicados se sobrepõem) o desenvolvimento da vida social, da política e das ciências e essas ordens,

³² “Uma iniciação à ordem sagrada (Idade Média – Século XIX)”, “Uma iniciação à ordem social, política e científica (Séculos XVI – XX)” e “A infância na pauta do dia: entre educação, recreação e criação (fim do século XVIII – XX)” (Tradução nossa).

³³ *Abécédaires: ordre et commencements. In: Site Bibliothèque nationale de France (Gallica): Abécédaires par accès chronologique.* Disponível em: http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03_3.htm. Acesso em: 12 nov. 2021.

valendo-me das palavras da autora, tendem à dessacralização do “livro dos começos” (ou livros de iniciação), os abecedários.

Foi a partir do livreto educativo destinado a *Henri de Bourgogne* e intitulado *De civilitate morum puerilium* (1530), de Erasmo, que, segundo a autora, nasce o manual moderno de civilidade, que foi rapidamente adaptado, traduzido e distribuído em toda a Europa, e que se voltava à prescrição de condutas sociais consideradas adequadas, juntamente às boas maneiras a adotar. Esse tipo de texto passa a integrar os abecedários, pois juntos se tornam um princípio essencial de instrução: saber portar-se em sociedade e saber ler. A presença dos preceitos religiosos pouco a pouco vai decrescendo, dando lugar às civilidades, ou aprendizagens da ordem do mundo social, segundo a autora.

Prossegue Litaudon-Bonnardot (2022) que, com a Revolução Francesa, a ordem política inaugura o abecedário com o alfabeto, a tabela silábica com a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Há uma forte presença do culto à pátria sob a forma de textos e gravuras de símbolos republicanos.

O início do século XIX começa a dar lugar à ordem científica, em contraponto ao dogma religioso e supersticioso. Para a autora, há uma ambição taxonômica materializada pela enciclopédia. Constata, nesse sentido, que em 1812 apareceu um *Alphabet encyclopédique*, embora a tendência fosse a especialização. Isto é, mais do que geografia ou história, o foco voltou-se às artes e ofícios, bem como às ciências naturais. Nesse contexto, há uma multiplicação de abecedários pautados nessas temáticas.

Litaudon-Bonnardot (2022) considera que ao final do século XVIII, a criança entra em pauta no discurso pedagógico sob um novo enfoque e, cuja inspiração é representada por Rousseau. A criança e a imagem passam a ter lugar de destaque; as inovações técnicas e a mecanização dos processos de impressão trabalharam para a democratização da imagem. Esta, passa a estar associada a uma finalidade didática, tal como em Comenius (1658), com a publicação de *Orbis Pictus*.

O texto prossegue e afirma que o abecedário ricamente ilustrado só foi possível graças à técnica em talhe doce e foi amplamente difundida durante a primeira metade do século XIX, tendo sido a burguesia a principal interessada em sua aquisição. A presença de textos religiosos, morais, listas de sílabas persiste, assim como a soletração das letras e dos textos. Depois de certo tempo,

esse impresso de iniciação mais volumoso e com conteúdos diversos passa a assumir a forma de alfabeto ilustrado, elogiado por ser, ao mesmo tempo, instrutivo e divertido. A coloração impressa e os papéis de melhor qualidade, tornaram-o mais atrativo, embora tenha encarecido seu custo.

Litaudon-Bonnardot (2022) destaca que, ademais, o desejo de entreter ou divertir a criança promoveu o surgimento de abecedários com diversos temas específicos, tais como jogos e brinquedos (por volta de 1810), objetos domésticos (por volta de 1870), os ofícios, etc.

Outro registro que tem ressonâncias nesta tese concerne à afirmação da autora de que o gênero abecedário, influenciado pela produção dos álbuns ilustrados, entre 1840 e 1860 passa a estabelecer relações entre gravura, letra, palavras ou textos, tão somente.

Entre 1880 e 1914 a autora caracteriza como sendo a “época áurea do álbum” (LITAUDON-BONNARDOT, 2022), propiciado pela técnica da cromolitografia, muitas vezes adaptado da produção editorial inglesa. Litaudon-Bonnardot (2022) salienta que *Capendu* e *Bernardin-Béchet* são os principais editores que usam a referida técnica na França. Nesta tese, o abecedário intitulado “ABC” (1890) é examinado no capítulo Segunda lição: soletre as letras de A a Z, possui edição designada a *Capendu*.

Com relação ao que foi exposto até aqui, no âmbito brasileiro um artigo denominado “A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (Brasil 1920-1940)”, de Moysés Kuhlmann Jr. e Maria das Graças Sandi Magalhães (2010), a partir de almanaques de farmácia, discute-se as ideias relacionadas ao projeto de modernização da sociedade brasileira. No período de 1920 a 1940, os almanaques dedicaram-se a vários temas vinculados à infância, demonstrando, segundo os autores, a preocupação com os aspectos educacionais, o que levou os almanaques a inserirem em suas páginas, atividades como jogos e passatempos, assim como a publicarem artigos e editoriais sobre campanhas de alfabetização e manutenção de escolas, ou ainda a referirem a publicação de materiais didáticos, como abecedários e tabuadas. Segundo Kuhlmann Jr. e Magalhães (2010), os almanaques de farmácia ofereceram ao leitor conhecimentos próximos do universo escolar, assim como a intenção de estimular o aprendizado doméstico do ABC e da tabuada. O

Almanaque Nestlé de 1939 (p.6) no artigo “A Nestlé e a educação infantil” deixava claro o objetivo desse tipo de publicação:

A educação é a base da hygiene. E da hygiene depende a saúde. Não satisfeita em alimentar as crianças, desde os primeiros dias do nascimento, a Nestlé procura instruí-las distribuindo enorme edição de “ABC”. Desta forma irão as crianças brasileiras, de uma maneira interessante e pedagogicamente bem elaborada, identificando-se, pouco a pouco, com os mysterios do alfabeto (O Almanaque Nestlé, 1939, p.6 *apud* KUHLMANN JR.; MAGALHÃES, 2010, p.338)

Os autores ainda afirmam que alguns almanaques conjugavam hygiene e alfabetização, como o caso da *Cartilha de Hygiene – Alfabeto da Saúde*, de autoria de Renato Kehl, com ilustrações de F. Acquarone (193?). No caso da Nestlé, o investimento pedagógico residiu na promoção dos alfabetos e tabuadas, instrumentos que pretendiam popularizar a leitura e o domínio dos cálculos matemáticos. O artigo informa que o primeiro material educativo distribuído pela Nestlé data de 1928, e consistiu no *ABC Illustrado* da Farinha Láctea, que combinava em suas páginas a promoção de produtos da empresa com as letras do alfabeto, através de ilustrações provavelmente europeias, conforme indicação dos autores (KUHLMANN Jr.; MAGALHÃES, 2010). A apresentação, conforme os autores analisam, alertava as crianças de que era tempo de deixar as brincadeiras e encarar “cousas mais sérias”, definindo a publicação como o “primeiro alimento de vossa excelência” (*ABC Illustrado*, 1928, p. 2 *apud* KUHLMANN JR.; MAGALHÃES, 2010, p.338). Na década seguinte, a Nestlé produziu um material com “sentimento brasileiro”, com autor e ilustrador reconhecidos, mas que também promovia seus produtos.

O *Almanak Xarope São João*, segundo Kuhlmann Jr. e Magalhães (2010), não apresentava nenhuma seção ou artigo declaradamente infantil, contudo imprimiu o “Alfabeto da saúde” na edição de 1927 (p.6), e na de 1932 destacou as vogais no anúncio em forma de acróstico (p.27) de um de seus produtos. O alfabeto da edição de 1927, dirigido aos pais, relacionava as letras com palavras simples e prescrevia procedimentos básicos de hygiene, de modo a ter filhos úteis à Pátria:

Alfabeto da saúde

A- Ando calçado; B- Bebo leite; C- Como legumes; D- Durmo Limpo; E- Escovo os dentes; F- Faço gymnastica; G- Garfo, colher e copo cada um com o seu; H- Hoje bebo laranja; I – Isto de saúde é commigo; J- Jogo ao ar livre; K- Kilos de peso só para quem tem saúde; L – Lavo sempre as mãos; M- Mastigo devagar; N- Não obro no chão; O – Ovos e legumes são bons alimentos; P- Penteio sempre os meus cabellos; Q – Quero correr para crescer; R- Roupa limpa sempre uso; S- Sigo bem taes conselhos; T- Tomo banho; U- Uso lenço; V- Vaccina vale ouro; X – Xarope, só o São João; Y – Yayá anda e senta em boa posição; Z- Zero vale quem é porco. Quando seu filho cumprir esses preceitos pode considera-lo um homem util, para a Família e para a Patria. (Almanak Xarope São João, 1927, p.6 *apud* KUHLMANN JR.; MAGALHÃES, 2010, p.339)

Embora esse exemplo evocado se refira ao século XX, é pertinente observar que o gênero almanaque toma emprestadas características do gênero abecedário. É curioso notar que o conteúdo higienista e moralista se faz presente também, perpetuando-se no tempo.

Destaco, a partir das ideias antes expostas, uma importante constatação a respeito da produção editorial tanto do século XIX quanto do século XX: um impresso, de um determinado gênero, convive com outros que são contemporâneos a ele, ou seja, outros gêneros são simultâneos no mesmo tempo e espaço. Essa coexistência provoca deslizamentos das fórmulas editoriais, das gravuras, dos projetos gráficos. As mudanças que vão ocorrendo no abecedário são decorrentes, em um determinado momento, dos catecismos, livros de horas, livros de vidas dos santos, manuais de civilidade, e, em outros tempos, das enciclopédias, dos álbuns e livros ilustrados.

É preciso ponderar, ainda, e num fluxo em outra direção, que igualmente os manuais de civilidade, os livros de moral, as enciclopédias, dentre outros impressos, se valem da fórmula do abecedário nas suas formas de publicação. Estas, aparecem sob os títulos mais variados: ABC da higiene e da saúde, ABC da preparação para a morte, ABC das boas maneiras, ABC da escrita epistolar, dentre outros. Essa coexistência, assim, produz fertilizações recíprocas, isto é, os deslizamentos ocorrem em direções múltiplas, das formas gráficas aos conteúdos. A fórmula do abecedário também é reconhecida por outros gêneros em um contexto de circulação desses impressos na cultura letrada. Há vários

impressos, portanto, que não são destinados às crianças ou para as famílias orientarem seus filhos no aprendizado da leitura e da escrita, mas que adotam a estrutura do abecedário. Agustín Escolano Benito (2000) menciona que os abecedários e livros de catecismo serviram de modelo textual um para o outro.

Nesse sentido, Robert Darnton (2008) sublinha a intertextualidade como um conceito importante para refletir a respeito do modo como os livros se relacionam com o mundo em torno deles. A intertextualidade, segundo o autor, traz

uma preocupação comum com a forma pela qual elementos aparentemente irrelevantes — sejam eles internos, como a tipografia, ou externos, como palavras ou expressões emprestadas de outros textos — conferem significado ao livro. (DARNTON, 2008, p. 167)

Darnton (2008) relata que, ao ler libelos do século XVIII, se deparava com passagens que tinha a impressão de já ter lido em outros livros. Tal situação o instigou a rastrear as fontes e quão surpreso ficou ao encontrar as mesmas anedotas recontadas com praticamente as mesmas palavras espalhadas em livros e panfletos. Imediatamente explica que essa prática não poderia ser chamada de plágio, embora a palavra já existisse nesse tempo, mas a prática dos escritores era voltada às sociabilidades, aos empréstimos e trocas entre si, o que justifica a coincidência dos mesmos textos estarem inscritos em diferentes livros, folhetins ou panfletos.

Insisto que para compreender o abecedário como um gênero livresco e uma fórmula editorial, em determinados tempos e contextos, é preciso pensar na sua coexistência com outros impressos e, sob essa perspectiva, as questões editoriais não são secundárias. De acordo com Darnton (2008), faz-se necessário lançar olhares às “combinações intertextuais ao invés de atentar para os livros como unidades autossuficientes” (2008, p.168).

Olhar retrospectivamente, do ponto de vista do presente, leva a inferir o quanto as relações podem ser complexas, porque para além dos textos e das gravuras contidas nas páginas dos abecedários há questões implicadas sobre os materiais necessários para a produção do livro. Para Darnton (2008), a respeito da intertextualidade, ainda é preciso considerar o aspecto da autoria,

que é particularmente enigmático para o caso dos abecedários, uma vez que para a grande maioria deles no século XIX essa informação não comparece, talvez porque não se mostrava relevante nesse gênero. No século XIX, a figura decisiva do editor-livreiro assume funções das mais variadas no caso dos abecedários: elaboram, compilam, coordenam a inserção de ilustrações, encarregam-se da distribuição, venda, reedição. Têm presença na definição da forma, da estrutura e do conteúdo dos abecedários, aspectos discutidos nos capítulos subsequentes a partir da apreciação do corpus empírico da pesquisa.

Darnton (2008) aponta as trocas estabelecidas entre escritores, o que também ocorreu entre os editores-livreiros desse período, ainda mais no contexto de circulação transatlântica de impressos. Diversos títulos de abecedários, impressos na França, em língua portuguesa, embarcavam em navios e chegavam aos portos brasileiros. No século XIX, inúmeros estudos demonstram que havia editores-livreiros em conexão na França e no Brasil. Além disso, não se pode esquecer que essa publicação visava atender ao número expressivo de portugueses que moravam em Paris e em toda a França, bem como dirigiam-se aos portugueses que moravam em Portugal, pois o comércio do livro efetuado pelos editores franceses era um negócio de abrangência transnacional.

Diante do exposto, considero ter apontado a rede complexa envolvida na produção, distribuição e circulação dos abecedários. A documentação a que tive acesso, de fato, não dá conta de compreender todos os aspectos em jogo, embora, em alguma medida, acerca de alguns tenha sido possível identificar rastros, pequenos sinais, seja na materialidade das páginas, na forma do suporte, seja no conteúdo impresso. Os rastros deixados nos próprios impressos permitem compreender um pouco de sua história.

A página inicial da *Gallica* (BnF, Biblioteca Digital) acrescenta de forma detalhada algumas observações fundamentais que se aplicam ao conjunto que está disponibilizado aos pesquisadores. Define o que designa como abecedário: um pequeno livro que contém o alfabeto, voltado às crianças com a finalidade de promover o aprendizado da leitura e da escrita.

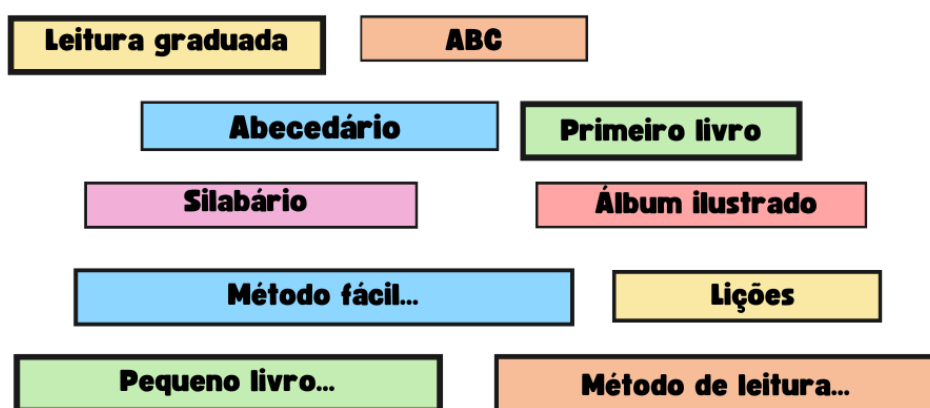
Restée stable depuis les premiers abécédaires imprimés, la structure de l'abécédaire suit les étapes progressives de

l'apprentissage de la lecture : l'alphabet, les syllabes, les mots, les petites phrases se succèdent, avant que l'on n'accède à de courts textes (fables et contes moraux, catéchisme, manuel de civilité, etc.), illustrés ou non. Ce modèle traditionnel hérité de l'Ancien Régime conserve sa force tout au long du XIX^e siècle. (GALLICA, 2022)³⁴

Portanto, em relação ao recorte temporal selecionado para a tese, os impressos reunidos pela pesquisa podem ser nomeados “abecedários”, sobretudo pela presença da estrutura descrita acima, que se assemelha, com pouquíssimas e discretas variações às características encontradas nos títulos que reuni.

A partir de uma incursão em todos os exemplares disponíveis na *Gallica*, abrangendo todo o período 1830 a 1914, foi possível apreender o léxico que figura nos mais de 500 títulos, e a partir desse levantamento, elaborei o registro abaixo, que apresento sob a forma de uma imagem, contendo expressões dos achados mais recorrentes.

Figura 3 – Expressões contidas nos abecedários franceses



Fonte: Souza, 2022

O levantamento permite perceber que para o século XIX, a maioria dos títulos não contempla as seguintes variações: ABC dos animais, ABC da

³⁴ “Permanecendo estável desde os primeiros abecedários impressos, sua estrutura segue as etapas progressivas da aprendizagem da leitura: o alfabeto, as sílabas, as palavras, as frases curtas que se sucedem, antes de alcançarmos os textos curtos (fábulas e contos morais, catecismo, manual de civildade etc.), ilustrados ou não. Este modelo tradicional herdado do Antigo Regime manteve a sua força ao longo de todo o século XIX” (Tradução nossa).

fazenda, Abecedário ilustrado das meninas, Abecedário das cores, Alfabeto da poesia, Álbum ilustrado dos objetos familiares, Meu ABC das aves, apenas para citar alguns exemplos. Seria um equívoco considerar como “abecedário” aqueles impressos em que essa palavra comparecesse no título, ou ainda ABC ou alfabeto a partir da mesma lógica. Observa-se, de forma recorrente, expressões como silabário, novo silabário, alfabeto e silabário de forma simultânea, alfabeto infantil dividido em sílabas.

Sob a mesma compreensão, Frade (2010) assinala que ao ler os prefácios dos livros intitulados “Primeiros livros de leitura”, deparou-se com textos de Abílio César Borges (1867) e Felisberto de Carvalho (1926) que fazem menção aos silabários de diferentes formas. O primeiro afirma que é um tipo de ensino a ser superado, por não observar sentido e, portanto, deve ser criticado. O segundo, por sua vez, avalia o silabário como material a ser utilizado antes de os estudantes fazerem uso dos primeiros livros de leitura. Frade (2010, p. 276) conclui que há vários sentidos designados à palavra silabário: “(i) um tipo de livro; (ii) uma tabela ou um conjunto de tabelas com séries silábicas variadas, apresentadas no interior das páginas de um livro; (iii) um método para alfabetizar”. A autora, analisou uma série de fotos de silabários chilenos em formato de livro, referentes aos séculos XIX e XX e com base nessa análise, lança a hipótese de que, para algumas situações, “a expressão silabário pode não se referir apenas a um método/livro utilizado no século XIX, mas ser uma designação utilizada para qualquer livro para ensinar a ler” (FRADE, 2010, p. 276). A compreensão formulada por Frade (2010), então, vai ao encontro do que tenho argumentado até aqui e pode ser válida para a expressão abecedário que, de modo mais amplo, no século XIX se refere a todo impresso de iniciação à leitura e à escrita, cuja fórmula editorial privilegia invariavelmente a presença do alfabeto completo e seu aprendizado como primeira estrutura visual, verbal, tipográfica do artefato.

Frade (2010), ao percorrer acervos e bibliotecas brasileiras, localizou um silabário em dois acervos brasileiros, o Livres/USP e o Centro de Referência do Professor, cuja edição é de 1879. O “*Syllabario Portuguez ou novo método para aprender a ler em breve tempo a língua portuguesa e o sistema métrico*”, de J. R. Galvão possui mais de 100 páginas ilustradas em bico de pena, com excelente projeto gráfico, conforme aponta a autora. Segundo Frade (2010) esse

impresso pode ser considerado abecedário em função da sua estrutura e formato. Tal afirmação referenda, sustenta e subsidia as escolhas que realizei para reunir a empiria desta tese.

Ainda a propósito desse ponto, evoco os estudos de Escolano Benito (2000), cujas observações a respeito dos livros escolares espanhóis, sugere que os mesmos podem ser classificados a partir de dois critérios: ou pela função didática, ou pelos modelos textuais que implementam. Escolano Benito (2000) explica que o primeiro critério é de natureza pedagógica e com base nele propõe o agrupamento dos livros escolares em seis categorias³⁵. Não me atenho a todas, mas me concentro na categoria intitulada “livros de iniciação”, que para o autor consistem em “manuais cujo uso está relacionado a certos rituais acadêmicos de introdução ou passagem. [...] ou seja, manuais que incluem os primeiros fundamentos das disciplinas que sustentam” (ESCOLANO BENITO, 2000, p. 28).

O abecedário pode ser considerado um livro de iniciação porque serve para o aprendizado inicial da leitura e da escrita, sendo esse o seu princípio fundamental. Além disso, o ensino das primeiras letras é um ritual acadêmico transitório. Litaudon-Bonnardot (2022) faz referência ao abecedário como o “livro dos começos”. Roger Chartier (2011, p. 69), alude ao abecedário, e afirma que se trata de um “livro de iniciação cultural”, que coloca “em cena o ‘mundo da escrita’ proposto como referência aos leitores principiantes”. É mais uma consideração significativa que se soma às demais aqui evocadas, podendo-se afirmar que há uma concepção partilhada pelos autores referidos neste texto.

Volto a retomar outras palavras dos títulos que integram a exposição da *Gallica*, em especial aquelas que expressam método de leitura, método fácil, para ponderar que não há menção explícita a um método³⁶, embora essa palavra compareça no título.

É importante ressaltar que estou me reportando ao conjunto documental examinado nesta tese. Seria uma leviandade aplicar uma generalização a todos os impressos que foram publicados no século XIX. Feito o alerta, em outras palavras, não significa que um livro que apresenta a palavra silabário em seu

³⁵ Escolano Benito (2000) nomeou as outras categorias da seguinte forma: séries cíclicas, modelos enciclopédicos, textos de caráter sincrético, livro-guia, livro de consulta e livro ativo.

³⁶ Refiro-me aos métodos de alfabetização, especialmente os sintéticos e os analíticos.

título esteja embasado pelo método silábico, por exemplo. Frade (2010, p. 276), ao examinar abecedários, entende que essa fórmula repete “um certo padrão, o que pode dar uma ideia de estabilidade e simplicidade, incentivando leitores a utilizar, de forma mais autônoma, esse tipo de impresso”. Não há um método a ser aplicado, mas um caminho a ser seguido repetidamente.

Aprendem-se os nomes das letras do alfabeto, reconhece-se cada letra fora da ordem, soletra-se seu nome, decoram-se alguns quadros de sílabas e depois se tenta redescobri-las em palavras ou textos. Nas palavras e nos textos, há uma separação por hífen ou espaços que vão guiando a oralidade. (FRADE, 2010, p. 276)

Inclusive, a respeito dessa prática de caráter repetitivo, Escolano Benito (2000, p.16) propõe, baseado em Chartier (1991), que os livros escolares formam uma espécie de comunidade de leitores, uma vez que seus integrantes compartilham certas tradições de leitura. Dirigindo-me aos abecedários, posso apontar esses passos descritos por Frade como algumas dessas tradições realizadas por esta comunidade de leitores.

Chartier (1999b) insiste quanto à relevância de estudos acerca dos usos contrastados de materiais partilhados, para o que sugere algumas premissas. A primeira delas é compreender que textos iguais podem ser diversamente apreendidos, manuseados e interpretados. A segunda é que a leitura não se restringe a uma operação do intelecto, mas é o envolvimento do corpo que ocupa um determinado lugar e está em relação consigo mesmo e com os outros. Daí a necessidade de dedicar atenção às maneiras de ler. Por fim, a terceira premissa, é de que os autores escrevem textos e não livros. Segundo o autor, os livros são “fabricados por copistas e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas e outras máquinas” (CHARTIER, 1999b, p.17). É possível compreender, a partir das três premissas, a relação indissociável entre suporte-texto-leitura, além de sublinhar o fato de que não há uma única compreensão ao que é lido, visto ou escutado ler.

Como afirmei em diversos momentos, o impresso é fruto de uma fórmula editorial, o que leva Jean Hébrard (2002, p. 12) a afirmar que o “abecedário é um dos produtos de base de todos os pequenos impressores”. Segundo o autor,

com apenas uma prensa e algumas fundições de caracteres já era possível imprimi-lo. Em suas palavras,

O abecedário situa os impressores ao lado de uma tradição editorial que se apoia nas obras sem autoria, repostas ano após ano sem a preocupação de inovar, em um domínio no qual a permanência e a perenidade continuam os maiores critérios de uma qualidade que se obtém sem grandes despesas. (HÉBRARD, 2002, p. 15)

Tradição editorial, permanência e perenidade são palavras-chave para compreender a relação que a palavra método pode estabelecer com esse tipo de impresso. O que proponho é ampliar o sentido dessa acepção com base nos achados da tese. Abecedário é um impresso largamente difundido, com uma fórmula que apresenta determinadas características invariáveis, que indicam passos e procedimentos que podem ser repetidos.

Assim, a presença da palavra abecedário, abc ou alfabeto no título dos impressos não é usada aqui como parâmetro de classificação do que pode ou não ser designado abecedário, tendo sido destacados outros elementos identificadores para a seleção dos documentos que integram o *corpus* empírico da tese como será detidamente abordado na próxima seção.

2.1. Lições: entre caminhos historiográficos & reflexões metodológicas

E no final da viagem, percebi que os livros perdidos têm algo que todos os outros não possuem: deixam a nós, leitores, a possibilidade de imaginá-los, de contá-los, de reinventá-los.

E se, por um lado, eles continuam a nos escapar, a se afastar quanto mais tentamos agarrá-los, por outro eles recobram vida dentro de nós e no final, como o tempo proustiano, podemos dizer que os encontramos.
Giorgio Van Straten (2018, p. 13)

A epígrafe evoca a jornada de Giorgio Van Straten em busca de oito livros perdidos. Segundo sua narrativa, buscava aqueles livros que o autor escreveu, mesmo que às vezes não tenha conseguido terminá-los; são livros que alguém viu, talvez tenha até lido, e então foram destruídos ou dos quais não se sabe

mais nada. Van Straten, certo dia, segurou um desses livros entre as mãos, mas não conseguiu salvá-lo. E é a partir dessa perda que ele inicia sua pesquisa e peregrinação ao redor do mundo para rastrear páginas que não estão mais lá, no entanto alimenta a esperança de encontrá-las. Ele se torna um viajante, um investigador, um detetive que se apegua a pistas, informações e sinais para buscar elementos que o conduzam aos livros.

A leitura dessa história faz rememorar a experiência que vivi em busca de abecedários impressos no Brasil no decorrer da pesquisa que empreendi no mestrado. A pesquisa começou no Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho, da cidade de Porto Alegre, onde acessei o acervo vinculado à educação em uma seção chamada “fundos documentos executivos”. Depois, fui ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, dando atenção aos documentos sobre Instrução Pública. Minha intenção era identificar se os professores das escolas primárias solicitaram abecedários ilustrados em supostas listas de materiais. Em ambos os acervos, não localizei o que buscava. Diante das circunstâncias, ponderei que entre adensar a pesquisa nos referidos acervos para encontrar menções nos pedidos realizados por professores, seria mais instigante manusear os próprios abecedários, folheá-los, obter informações acerca da edição e publicação, inventariar os recursos tipográficos utilizados e lançar hipóteses sobre as práticas de leitura decorrentes, etc. Foi a partir dessa tomada de decisão que a busca pelos abecedários perdidos, parafraseando Van Straten (2018), teve início.

Para a composição da empiria da tese, inicialmente empreendi a leitura, muito atenta às pistas de um artigo publicado pela professora Isabel Cristina Alves da Silva Frade, intitulado “Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no século XIX” (2010). Essa leitura representou um marco para fazer as primeiras aproximações em importantes acervos brasileiros, além da pertinente abordagem teórica e analítica que a autora propõe. Em seus estudos, constata que é preciso continuar investindo em pesquisas que mapeiem abecedários brasileiros, uma vez que em seu caso, também foram localizados poucos, sobretudo em relação àqueles do século XIX. Esses abecedários estariam perdidos? Teriam sido descartados ou perdidos no transcurso do tempo? Confirmada a escassez, identificada por mim e referendada no artigo de

Frade (2010), bem como levando em conta minhas buscas durante a pesquisa do mestrado (SOUZA, 2015), formulei a seguinte questão:

Diante da vasta lista de livros impressos durante séculos, de acervos e bibliotecas com as prateleiras cheias de livros do teto ao chão, de sebos espalhados pelas cidades com coleções de livros antigos, usados e novos, onde estarão os abecedários ilustrados? (SOUZA, 2015, p. 35).

Não me pareceu que responderia inteiramente essa pergunta, e mesmo assim ela levou-me a refletir sobre a constituição dos acervos brasileiros e a cultura do guardar a todo preço ou do descartar inadvertidamente. Compreendi que um acervo pode nos dizer muito da política de patrimônio de um país ou da valorização ou não dos bens culturais por um povo, e a partir do que foi conservado ou preterido, perceber as recorrências, as ausências e as raridades.

O número restrito de abecedários ilustrados publicados no Brasil, ou melhor, conservados nos acervos, sebos e bibliotecas percorridas fez-me interpretar que, sob determinado ponto de vista, poderiam ter ocorrido práticas aleatórias de conservação e/ou de descarte, que por razões fortuitas não foram explicitadas, e que a memória dessas razões, lamentavelmente, já se perdeu. Talvez os abecedários tenham sido reféns de decisões de um bibliotecário ou de uma gestão institucional que não registrou seus motivos e que, possivelmente, não nutria qualquer apreço pelos impressos de educação ou mesmo não suspeitava que poderiam ter um valor.

Os livros não morrem só por conta própria. Volta e meia são destruídos. [...] Há outros inimigos dos livros: aqueles que os escondem. [...] Também se escondem os livros abandonando nossas grandes bibliotecas históricas à deterioração. (ECO, 2010, p. 25-26)

Nesse sentido, Stephanou (2018a), ao ser indagada a respeito do atributo de raridade face a um acervo bibliográfico quase perdido, entende que a acepção de raro é polissêmica, mutável e dependente de variadas perspectivas. Para a autora, raridade

é atributo contingente e histórico, ou seja, é significado ou redefinido distintamente com o passar do tempo, ou dependendo do contexto, ou da área de conhecimento a partir da qual se

aprecia, ou ainda das operações de guarda, conservação, das práticas memorialísticas que lhe atribuem importância. (STEPHANOU, 2018a, s/p).

Assim, a decisão pela preservação ou pelo descarte acaba sendo definida, entre outros argumentos, pela percepção do que é considerado relevante em um determinado momento social e histórico. “A mutação das temáticas de pesquisa, dos catálogos de editoras, da recolha de documentos, dos fac-símiles e, mais recentemente, do processo de digitalização”, segundo Tania Regina de Luca (2016)³⁷, se constituem como importantes provas de como modificaram-se, com o passar do tempo, as políticas de salvaguarda em sua relação com os indícios do passado, próximos ou longínquos.

Tal compreensão a respeito da raridade desses impressos nos acervos, sebos ou bibliotecas brasileiras em muito se assemelha ao que Stephanou (2018a) listou ao analisar os achados no acervo em que atua. Nesse sentido, valho-me de alguns, adaptando-os à presente pesquisa:

- raridade pela antiguidade: abecedários do século XIX que possuem quase 200 anos de impressão;
- raridade em relação à circulação: abecedários em língua portuguesa, impressos na França ou em Portugal e guardados há quase dois séculos;
- raridade do próprio suporte: devido às técnicas de reprodução, ou ilustração, ou encadernação, que não estão mais em uso.

Com mais detalhes, no capítulo seguinte, estabelecerei relações com os atributos de raridade que anuncio aqui a partir de Stephanou (2018a), de modo a desenvolver a descrição das materialidades que compõem a empiria da tese.

Frente ao exposto, foi inevitável o interesse e a curiosidade pelo que vislumbrei como impressos que provavelmente tenham existido, mas que já não se encontram disponíveis para serem lidos ou tocados. Estava diante de uma situação que me mobilizava como pesquisadora e me impulsionava a adentrar em terreno incerto. Os indícios, as pistas e a imaginação historiadora ajudaram a compor uma primeira lista provisória de títulos, por meio das referências

³⁷ Disponível em: <<http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/algumas-notas-metodologicas-sobre-listagens-de-periodicos/>>

cruzadas que passei a identificar em distintos documentos, acervos e estudos, por vezes acerca de temáticas inesperadas.

Ao concluir a dissertação acerca dos abecedários ilustrados do século XX, mais que um ponto final, eis que estava diante de alguns desdobramentos que ainda poderiam indagar o conjunto da empiria que eu havia reunido. Em especial, um dos abecedários listados na dissertação apresentava indícios de sua circulação por fronteiras geográficas e culturais de ordem transatlântica. Trata-se do abecedário intitulado “ABC dos coelhinhos”, de Jean Tourane (1984). Sua publicação original é francesa [*ABC des petits lapins*], sem precisão de data, mas provavelmente impresso no século XX, editado pela Porto Editora (Portugal), em língua portuguesa, podendo ter circulado no Brasil antes ou durante a década de 80 do século XX.

Esse foi o ponto de partida que alimentou uma vontade insistente de persistir no estudo dos abecedários. Em alguma medida, ao final do mestrado, estava em processo de circunscrever o tema da tese. Se antes os abecedários eram, a maioria, impressos no país entre as décadas de 30 a 80 do século XX, na tese, aos poucos, direcionei o *corpus* documental para uma particularidade, abecedários em idioma português e abecedários em francês publicados no decorrer do século XIX.

Nesse sentido, faz-se oportuno salientar uma nota metodológica adotada face a essa empiria, a saber: optei por nomear “abecedários em língua portuguesa”, uma vez que os indícios apontam que circularam no Brasil, mas possivelmente tenham sido impressos em Portugal ou na França, onde também foram adotados. Os usos compartilhados nesses países pareceram uma evidência incontornável, uma vez que a língua comum, no caso de Portugal, ou a língua também praticada, no caso dos imigrantes portugueses na França, propiciavam o mercado editorial e a circulação transatlântica. Nesse sentido, nesta tese compreendo que não é possível adjectivá-los como abecedários “brasileiros”, tampouco “lusó-brasileiros”, pois como demonstrarei adiante, um mesmo impresso com o abc poderia ser impresso na França em francês, ou ser submetido à tradução para o português, e ter circulado tanto no Brasil quanto em Portugal e na França.

Dianna Cooper-Richet (2009) afirma que Paris era a capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX. Tanto Paris quanto outras

idades da França, que possuíam oficinas tipográficas, foram essenciais para a produção e circulação dos impressos em várias línguas.

Lucia Granja (2013, p. 37) afirma, com base nos catálogos da Livraria *Garnier*, sobretudo o de número 23 (1863), que os livros impressos na França “tinham o objetivo de atingir não apenas o público brasileiro, retornando ao Rio, mas também a importante comunidade lusófona estabelecida em Paris”.

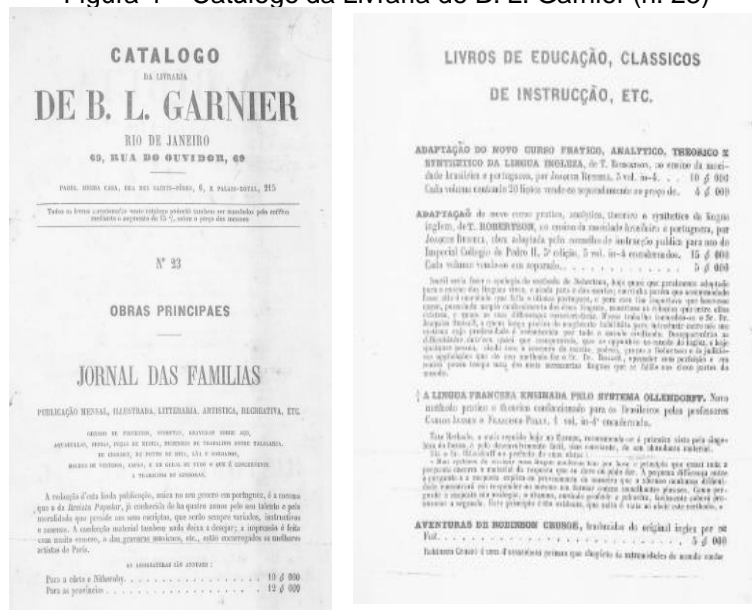
Uma especificidade de alguns dos abecedários em língua portuguesa é que a impressão foi feita na França por meio dos serviços prestados pelo editor-livreiro *Baptiste-Louis Garnier*.

Na segunda metade do século, algumas casas, como a Garnier, estabelecem-se no Brasil, para ali desenvolverem uma verdadeira indústria editorial local. Para todos esses leitores de origens diversas, Paris está, nas primeiras décadas do século XIX, na encruzilhada de todas as línguas e todas as culturas. Foi por essa razão que livros e periódicos em português serão ali publicados e vendidos. (COOPER-RICHET, 2009, p. 541)

No projeto de tese apontei algumas possibilidades para a investigação e uma delas partiu justamente da leitura do artigo escrito por Eliana de Freitas Dutra (2010) intitulado “Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. A referida autora analisa uma série de catálogos da Livraria Garnier, e especialmente quanto ao catálogo 23 (1863) afirma que este apresenta novidades se comparado aos publicados anteriormente. Está redigido em português e há títulos oferecidos nesse idioma, sinalizando, portanto, que os catálogos precedentes e os livros neles listados eram impressos no idioma francês. Dutra (2010) observa, ainda, que no catálogo há uma nota que explica que todos os volumes foram impressos e encadernados em Paris, sendo essa uma marca característica distintiva da Garnier.

Ainda nessa comparação entre os catálogos publicados antes de 1863 e depois dessa data, especificamente em relação ao volume 23, Dutra (2010) aponta mudanças quanto aos temas e à oferta de obras traduzidas. A autora reproduz e descreve o referido volume:

Figura 4 – Catálogo da Livraria de B. L. Garnier (n. 23)



Fonte: Compilação feita pela autora³⁸

Os núcleos [temáticos] se dividem em Religião; **Livros de Educação e Clássicos de Instrução**; História e Geografia; Direito, Economia; Política, Finanças e Comércio; Medicina; Homeopatia e Magnetismo; Poesias e Literatura; Romances e Novelas; Obras Diversas. [...] Nos de Instrução, além dos compêndios de gramática da língua Portuguesa, dos títulos de retórica, dos manuais de conversação, dos elementos de matemática e geometria, predominam os chamados **cursos de Estudos Elementares**, de Álgebra, de Astronomia, de Geografia, de Literatura, de História Pátria e História Santa, os manuais de História da Europa em geral e ainda **métodos para aprender a ler** e para aprender línguas estrangeiras, em particular o francês e o alemão. (DUTRA, 2010, p. 81, grifos nossos)

Quanto ao catálogo da Garnier de 1920, Dutra (2010) observa que há um aumento significativo de títulos disponíveis e outros assuntos são inventariados. Dentre eles, destaque: “alfabetos e livros de leitura elementar”. Com relação ao acréscimo desse tópico, observa-se no detalhamento que incluem “cadernos de escrita e de leitura manuscrita, cadernos de caligrafia, **alfabetos, livros de noções de aritmética e sistema métrico, de leitura, de redação [...]**” (DUTRA, 2010, p.83, grifos nossos). Importa comentar que esses catálogos demonstram

³⁸ Montagem a partir do Catálogo coletado na página do projeto de cooperação internacional “Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX”. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>.

a existência de conexões entre a França e o Brasil no comércio transatlântico de impressos de diferentes idiomas, pois os catálogos listam títulos temáticos de alfabetos, livros de leitura e cursos com métodos para aprender a ler.

Nas pesquisas de Márcia Abreu (2007)³⁹ e Julio Cesar Modenez (2014)⁴⁰ obtive outros dados de que aos portos brasileiros chegavam livros de todos os tipos e gostos, de diferentes partes do mundo. Sobressaíram, nessa conjuntura, romances franceses, cuja predominância é incontestável. Com a análise dos catálogos realizada por Dutra (2010), além de obras literárias, constata-se que livros para instrução também atravessaram fronteiras geográficas, linguísticas e culturais.

Nesse sentido, destaco um excerto de Antonio Candido (2005), intelectual brasileiro, grande estudioso da literatura brasileira e estrangeira, nascido em 1918 e falecido em 2017, pois é elucidativo quanto a esse aspecto em particular. A partir de seu próprio testemunho, afirma o autor:

Para dar uma ideia dessa presença [francesa] no meu tempo de menino e moço, basta lembrar os livros didáticos, destinados ao ensino secundário e aos níveis básicos do superior. Duas coleções francesas transplantadas, a FTD (dos Irmãos Marista) e a FIC forneciam, devidamente traduzidos para o português, compêndios de quase todas as matérias. [...] A contribuição dos franceses estava enraizada no cerne do ensino brasileiro, e não haveria mãos a medir se fôssemos falar de outros setores. (CANDIDO, 2005, p.12, grifo nosso)

Instigada pelas constatações descritas anteriormente, empreendi uma pesquisa junto ao site da Biblioteca Nacional da França e encontrei a descrição de um “*Abécédaire (portugais)*”⁴¹ publicado em 1836 e intitulado “*Alphabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta*”⁴². Abaixo do título principal, o impresso acrescenta: “*seguido da historia de diversos animaes, de fabulas selectas d'Esopo e La Fontaine; de maximas moraes; de adagios e*

³⁹ Localiza a circulação de livros de literatura entre 1769 e 1826.

⁴⁰ A partir de suas pesquisas, aponta a circulação de livros em 1860 a 1865.

⁴¹ Especificação de catalogação feita pela Biblioteca.

⁴² *Publication: Paris, em casa de J.P. Aillaud, quai Voltaire, 11. Impression: Paris. Imprimerie de Bourgogne et Martinet, rue du Colombier, 30. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb39111704j.public>*

proverbios uteis a' mocidade; de uma taboa comparativa dos algarismos arabicos e da conta romana, e da taboada. Ornado com numerosas estampas" (1836, BnF).

A seguir, localizei outro *Abécédaire (portugais)*⁴³, desta feita publicado em 1865 e inscrito no catálogo geral sob o título "*Methodo facil para aprender a ler em 15 lições*"⁴⁴, tendo por subtítulo obra que contém "*todas as rezas que cumpre um christão saber; a historia natural dos animaes privativos do Brazil; fabulas, moralidades, maximas e pensamentos dos melhores autores, e os algarismos arabes e romanos, com uma taboa de Pythagoras. Obra util á mocidade brasileira e portugueza, aos pais de familia e aos profesores. Illustrado com numerosas estampas*" (1865, BnF).

Após a defesa do projeto de tese, acessei integralmente o catálogo 23 (1863) da livraria Garnier. Para minha surpresa, na seção designada "*Livros de educação, classicos de instrucção, etc.*" localizei, na página 5, a referência ao "*Syllabario portuguez, ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes*", e na página 7, o "*Methodo facil para aprender a ler em 15 lições*". Este último já havia localizado nas buscas junto ao "*Catalogue général*" da BnF, conforme expus anteriormente. Guarda-se aqui uma interessante coincidência e, suspeito que uma significativa contribuição que esta tese pode oferecer às pesquisas sobre o ensino da leitura e da escrita, sobre a História da Educação e sobre a história do livro e da leitura.

O primeiro impresso mostrou-se uma novidade que gerou novas descobertas. Ao inserir o nome completo, tal e qual estava registrado no catálogo da Garnier, nenhum título foi encontrado no "*Catalogue général*" da BnF. Decidi, então, valer-me de outro descritor, "*Syllabario portuguez*" e empreendi uma nova busca. E foi, então, arrolado⁴⁵ o "*Novo syllabario portuguez, ou Methodo facil para aprender a ler o portuguez, composto para uso das escolas brasileiras, por J. M. de Lacerda. 3a edição*"⁴⁶. Esse exemplar do século XIX é um grande achado para a pesquisa da tese e seguindo o rastro da referência fornecida pelo

⁴³ Especificação de catalogação feita pela Biblioteca.

⁴⁴ "Rio de Janeiro B. L. Garnier, livreiro-editor 69, rua do Ouvidor, 69 Paris Aug. Durand, livreiro, rua des Grès, 7" datado de 1865, cuja impressão é parisiense e foi realizada pela Typographie de Ad. R. Lainé et J. Havard, rue des Saints-Pères, 19. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb39118723h.public>

⁴⁵ Link de acesso ao "Catalogue général": <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30707070f>

⁴⁶ Publicação: Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885.

“*Catalogue général*”, observei que Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886) é apresentado como autor, possuindo outro título associado a seu nome, a saber: “*Novo expositor portuguez, ou Methodo facil para aprender a ler o portuguez, composto para uso das escolas brasileiras, por J. M. de Lacerda*”⁴⁷.

De posse dos exemplares e ao observar suas características, posso afirmar que se voltam ao ensino da leitura e da escrita. Inclusive o conteúdo é muito semelhante aos que foram reunidos antes, porém os alfabetos reproduzidos nesses dois documentos não são ilustrados como os demais. Por esse motivo optei por não integrá-los ao corpus empírico da tese. Por outro lado, algumas informações a respeito da oficina tipográfica, do editor-livreiro de Paris, têm se mostrado importantes pistas para identificar os movimentos feitos por *Baptiste-Louis Garnier* para colocar em circulação esses livros na França, em Portugal e no Brasil.

Parafraseando Luca (2016), as buscas nos catálogos “não servem apenas para atestar a existência (efetiva ou provável), o olhar atento conecta um título ao outro”.

Consoante a esse aspecto, Carlo Ginzburg (2007) discorre sobre suas elucubrações a respeito da pesquisa historiográfica a partir de consultas em catálogos digitais de bibliotecas ou acervos em geral, em especial o *Research Library da University of California em Los Angeles (UCLA)*, denominado “*Orion*”. Para Ginzburg (2007), os catálogos físicos e os eletrônicos de uma biblioteca vêm sendo elaborados com a intenção de que os usuários possam localizar exatamente aquilo que procuram. Em seguida, confessa que faz esse uso, contudo e de forma frequente com um objetivo bem diferente, um tanto inusitado e até oposto ao primeiro; outras vezes, pretende encontrar aquilo que não está de fato procurando, e mesmo aquilo de cuja existência nem mesmo suspeita. Tudo isso para dizer que “se o acaso, [...] é a norma que preside a busca do desconhecido, parece evidente que o pesquisador deva esforçar-se por multiplicar os acasos, procedendo às cegas” (GINZBURG, 2007, p. 163). Para Ginzburg, a casualidade absoluta não existe na pesquisa, pois não há pesquisa que possa partir do zero. Assim, “o acaso tem limites, ligados antes de tudo a um trabalho de seleção feito antes, por outros” (GINZBURG, 2007, p. 164).

⁴⁷ Rio de Janeiro: nas principais livrarias, 1872 (preservei a redação escrita tal qual no site). Link de acesso ao “*Catalogue général*”: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb307070697>.

Nessa busca pelos abecedários “perdidos” em acervos e prateleiras do Brasil e do mundo, com atenção especial à França, acabei encontrando, ao acaso, mais um título precioso para esta tese. Dessa vez, o achado deveu-se à tese de Juliano Guerra Rocha intitulada “História da Alfabetização de crianças em Goiás, 1835-1886” (2019), que investiga os materiais usados para alfabetizar as crianças goianas no período indicado. Na tese de Rocha, localizei a referência a um abecedário ilustrado cuja autoria é de Pierre Victor Renault, um engenheiro francês que publicou livros, sobretudo ligados à aritmética. Renault atuou como professor no colégio que fundou em Barbacena, Minas Gerais, e acabou por iniciar sua trajetória de escritor de manuais escolares. O abecedário de Renault foi denominado “Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”. Há uma versão digitalizada desse impresso no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina⁴⁸, e o mesmo é datado de 1875. Rocha (2019, p. 160) afirma que esse material foi indicado e enviado para a escola de Porto Imperial pela “amplitude da obra, que estava em sintonia com a legislação do período e com os ideários que circulavam sobre os métodos utilizados para a criança aprender a ler”.

A versão digitalizada disponível no Repositório Institucional da UFSC está incompleta e pertence à coleção “Livros didáticos e manuais pedagógicos”, sob a responsabilidade do Professor Dr. Antonio David Costa. Eu e a Professora Maria Stephanou fizemos contato, contextualizando que localizamos o referido material digitalizado, porém incompleto. Consultamos, então, se o impresso possuía somente as páginas já disponibilizadas ou no caso de estar completo no acervo físico, perguntamos se seria possível acessá-lo integralmente de forma digital. O professor explicou que o trabalho de reunir estas imagens começou no período do doutorado sanduíche quando foi acolhido no *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP) sob supervisão do Prof. Dr. Alan Choppin (2008-2009). Somente a partir de 2012, sob a coordenação dele, que foi implementado o Repositório de Conteúdo Digital na UFSC e pôde publicar o material que pesquisou, criando a referida coleção. Explicou que esta obra que solicitamos acesso, pertence ao acervo da Biblioteca Nacional da França, no entanto, não a fotografou integralmente, mas apenas algumas páginas.

⁴⁸ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100353>

No “*Catalogue général*” da Biblioteca Nacional da França são arrolados exemplares dos anos de 1867, 1872 e 1875⁴⁹. Não há disponibilidade de consulta on-line desses impressos, o que gerou um movimento para acessar esse material de maneira remota por meio do contato que estabeleci com uma pesquisadora que reside em Paris.

Enfim, por esses caminhos sinuosos e incertos, é que foram localizados esses títulos de abecedários em língua portuguesa que circularam no século XIX. A busca seguiu diversas pistas indicadas por outros pesquisadores, somando-se ao acaso, tematizado de forma tão sábia e curiosa por Ginzburg (2007) acerca da operação historiográfica.

Cumprir advertir que não localizei um número expressivo de abecedários em língua portuguesa publicados no século XIX, aspecto que aponte na dissertação de mestrado e que persistiu no decorrer da investigação desta tese. Por esse motivo, evoquei os atributos de raridade discutidos por Stephanou (2018a) para pensar sobre a documentação reunida para esta tese.

Para além das hipóteses que levantei anteriormente, elucido a contribuição de Laurence Hallewell (2017) acerca da história do livro no Brasil, pesquisa de fôlego em que o autor afirma que muito pouco se ouve falar sobre livros escolares brasileiros anteriormente ao século XX. Sabe-se que os primeiros foram produzidos pela Imprensa Régia quando as guerras napoleônicas acabaram, e em decorrência houve no Brasil uma falta de suprimentos que vinham da Europa. A Imprensa Régia, assim, foi uma estratégia para suprir uma falta iminente. Mesmo depois do restabelecimento do intercâmbio internacional, Hallewell (2017) afirma que o mercado brasileiro era muito pequeno e não despertava interesse das editoras nacionais. Outro aspecto está relacionado aos métodos de ensino, que eram ainda muito rudimentares na Colônia e, em geral, dispensavam o uso de livros. O autor ressalta, ainda, que nas três primeiras décadas do século XIX o governo estava vivamente interessado apenas no ensino superior. O ensino primário era pouquíssimo desenvolvido e a instrução secundária funcionava sob o molde de aulas avulsas, isto é, como classes independentes.

⁴⁹ Publicação: Rio de Janeiro: B. L. Garnier, (1867, 1872, 1875).

Hallewell (2017) relata que os dados mais antigos aos quais teve acesso figuram no *Anuario Politico Historico e Estatistico do Brasil*, publicado em 1847 por Firmin Didot, e assinala que esses dados são incompletos. Entretanto, indicam o número de crianças brasileiras matriculadas nas escolas primárias públicas e privadas em diferentes cidades, conforme Quadro abaixo:

Quadro 2 – Crianças brasileiras matriculadas nas escolas primárias públicas e privadas em diferentes cidades

Números de crianças	Cidades
5.352	Rio de Janeiro
6.086	Minas Gerais
2.615	São Paulo

Fonte: Hallewell (2017)

Hallewell (2017) complementa esses dados com a informação de que as primeiras estatísticas nacionais datam de 1869, e somente 120 mil crianças, à época, estavam matriculadas em escolas primárias.

Em síntese, não havia incentivo governamental para a escolarização das crianças no ensino primário, pois a atenção estava direcionada, segundo o autor, ao ensino superior. Hallewell (2017) acrescenta que no Rio de Janeiro havia 14.300 crianças em idade escolar, o que constituía uma demanda reprimida, ou seja, havia público, mas não oferta escolar. Nessa dinâmica, o mercado editorial nacional não via motivos rentáveis para a produção de materiais de instrução voltados ao ensino inicial da leitura e da escrita. Essas, portanto, podem ser explicações tácitas e possíveis para compreender a escassez de abecedários em língua portuguesa listados em documentos ou conservados em acervos nacionais ou do exterior.

Em meio a esse contexto pouco propício ao desenvolvimento do mercado de livros voltados ao ensino da leitura e da escrita, *Baptiste-Louis Garnier*, segundo Hallewell (2017, p. 242), “se tornou o primeiro editor a envidar um verdadeiro esforço para atender às necessidades de livros escolares brasileiros e assumiu um risco comercial por sua própria iniciativa”. Hallewell (2017) aponta alguns escritores que publicaram livros de instrução editados por Garnier, envolvendo o ensino da Língua Portuguesa, de acordo com o Quadro 3:

Quadro 3 – Livros de instrução e autores editados por Garnier

Autor	Título ⁵⁰	Ano
Fernandes Pinheiro	Curso Elementar de Litteratura Nacional	1862
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Elementos de Grammatica Portuguesa	1880
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Selecta de Autores Modernos	1881
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Exercicios de Lingua Portuguesa	1883
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Exercicios de Estylo	1885
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Diccionario Grammatical Destinado a Auxiliar aos Estudantes nos Exercicios de Analyse Etimologica e Logica da Lingua Portuguesa	1886
Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho	Primeiro e Segundo Livro de Leitura	1892

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de Hallewell (2017)

Ainda sobre essa questão, o historiador português da educação, Rogério Fernandes (1994), arrola uma lista de livros que, a rigor, não são abecedários ilustrados, mas se prestavam para uso na instrução primária e, de certo modo, historiciza as materialidades que tinham como intenção o ensino da leitura e da escrita.

Quadro 4 – Livros de instrução e autores mencionados por Rogério Fernandes

Autor	Título ⁵¹	Ano
	Escola fundamental, ou methodo facil para aprender a ler, escrever e contar, com os primeiros elementos da Doutrina christã; útil à mocidade que deseja plenamente instrui-se, terceira edição	1807
Pedro Blanchard, traduzido por Matheus José da Costa ⁵²	Thesouro dos meninos, 6 vols.	1814-1824
Fr. José da Virgem Maria	Novo methodo de educar os meninos e meninas, principalmente nas villas, e cidades; dividido em dous tomos	1815
B.J.J.	Cartas para a instrucção dos meninos por ..., Vende-se no Collegio do Author junto à Cadeia do Aljubre (sic) N.º8, onde se achão novas taboadas	1818

⁵⁰ Preservei a grafia conforme a norma ortográfica da época.

⁵¹ Preservei a grafia conforme a norma ortográfica da época.

⁵² A informação de tradução designada a Matheus José da Costa indica uma pista de que essa prática já ocorria no século XIX, ou seja, um título em francês era traduzido para a língua portuguesa na intenção de atender leitores brasileiros, portugueses em Portugal, e portugueses emigrados na França.

Manoel Rodrigues dos Santos	Primeira Carta de syllabas. Seu author...com Casa de Educação nesta Corte, para uso de seus discipulos, e offercida ao respeitavel publico e áquelles que se achão empregados na educação da mocidade	1818
Luis Gonçalves Coutinho	Nova carta de todas as figuras das letras, e syllabas, ou o Perfeito Syllabario da lingua portugueza. Offercido ao respeitavel buplico, e aos se achão empregados na educação da mocidade. Pelo seu AUTHOR ..., Professor régio em Lisbôa. Pâra uzo dos meninos. que começa a aprender os primeiros rudimentos da leitura portugueza. Parte I. Segunda impressão (...)	1818
Luis Gonçalves Coutinho	Nova carta de varios vocabulos, ou palavras da lingua portugueza de duas até nove syllabas; e de alguns conceitos moraes, com huma breve noticia da creação do mundo, na qual se mostra aos meninos a grandeza, e poder de Deos pelas suas obras; e o Catecismo das principaes explicações dos mysterios e doutrina da nossa religião Catholica. Offercida ao respeitavel publico, e aos que se achão empregados na educação da mocidade. Pelo seu author..., Professor regio em Lisbôa II. Segunda impressão mais augmentada	1818
Luis Gonçalves Coutinho	Nova carta ou o systema geral de ensinar os primeiros rudimentos da leitura portugueza offercida ao respeitavel público, e aos que se achão empregados na educação da mocidade. Pelo seu author..., professor regio em Lisbôa, Parte I.Terceira impressão (...)	1819
Manuel Borges Carneiro	Grammatica, orthografia, e arithmetica portuguesa, ou arte de fallar, escrever e contar, por Secretario da junta do codigo penal militar	1820

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de Fernandes (1994)

Nesse mesmo sentido, recorro às referências usadas por Lilia Moritz Schwarcz (2003) que estuda a trajetória do acervo real português. A autora desenvolveu uma pesquisa de imersão no acervo da Real Biblioteca Portuguesa, depois transformada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Schwarcz (2003) narra, inicialmente, o terremoto e incêndio que ocorreram em Lisboa, ocasionando a destruição da Real Biblioteca. Esta representava um patrimônio cultural e também a autoafirmação de um país carente, afastado geograficamente da Europa. Depois da catástrofe que atingiu a biblioteca, houve um grande empenho para sua recomposição com a aquisição de títulos e o

recebimento de doações generosas. Foi esse rico acervo de livros, documentos, e gravuras que veio para o Brasil junto com a família real. O Quadro 5 lista os achados de Schwarcz (2003) na coleção intitulada: “Obras raras e manuais de ensino e bons costumes”.

Quadro 5 – Livros de instrução e autores mencionados por Lilia Moritz Schwarcz

Autor	Título ⁵³	Ano
Manuel de Andrade Figueiredo	Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar oferecida a Augusta Majestade do Senhor Dom João V Rei de Portugal	s.d.
Amaro de Roboredo	Raízes da Língua Latina, mostradas em um tratado e dicionário, isto é, um compêndio de Calepino com a composição e a derivação das palavras, com ortografia, quantidade e frase delas	1621
Jose de Casanova	Primeira parte del' arte de escribir todas as formas de letras	1650

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de Schwarcz (2003)

Os levantamentos elaborados a partir de Hallewell (2017), Fernandes (1994) e Schwarcz (2003)⁵⁴ não fazem menção aos títulos que elenquei a partir dos acervos brasileiros e franceses consultados, seja porque diferem os períodos arrolados, ou porque de fato pode-se afirmar a escassez ou ausência dos mesmos. Mais do que isso, os autores apresentam uma lista de livros que vão se constituindo como instrumentos de ensino que, em alguma medida, impulsionam a publicação de outros materiais para esse fim, com o consequente incremento do mercado editorial. Cartas do ABC, livros de leitura, gramáticas, dicionários, manuais e métodos são palavras amplamente utilizadas nos títulos

⁵³ Preservei a grafia conforme norma ortográfica da época.

⁵⁴ FRADE (2012) cita o exemplar *Expositor portuguez ou rudimentos de ensino da língua matema* de Luis Francisco Midosi que consultou em um acervo de Assunção no ano de 2009. É do início do século XIX e seu conteúdo direcionava-se, no corpo do texto, ora ao professor, ora ao aprendiz/estudante. Nesse sentido, a autora faz referência a dois livros franceses que possuem característica semelhante, a saber: *Methode de lecture par M.A. Peigné* (1870) e *Syllabaire Régimbeau* (1885). Nos abecedários que farei na *Gallica* acrescento outro exemplar que se aproxima destes cujo título é *Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures* (1892). Correa (s/a) menciona *Methodo Facillimo para aprender a ler e escrever tanto a letra redonda como a manuscripta no mais curto espaço de tempo possível* de Emilio Achilles Monteverde (1859). Este possui características que se aproximam do *Novo syllabario portuguez, ou Methodo facil para aprender a ler o portuguez, composto para uso das escolas brasileiras*, por J. M. de Lacerda. 3a edição e *Novo expositor portuguez, ou Methodo facil para aprender a ler o portuguez, composto para uso das escolas brasileiras*, por J. M. de Lacerda. Como já expliquei anteriormente, não foram incluídos na empiria da tese por não conterem gravuras associadas as letras do alfabeto.

mencionados anteriormente e muitos desses coexistem com os abecedários ilustrados. No entanto, há uma insistente ausência de pesquisas que repertoriem e analisem os impressos que podemos caracterizar amplamente como abecedários, especialmente do século XIX.

Os abecedários franceses reunidos na tese foram amealhados em diversas consultas locais⁵⁵, e em consultas à *Gallica* onde uma coleção expressiva de títulos encontra-se integralmente disponível on-line. Do período de 1830-1860 estão disponibilizados 338 exemplares. De 1860-1914 são 214 títulos e após 1914 são arrolados 32 abecedários. Foi preciso estabelecer critérios de seleção diante do grande volume, pois se somados totalizam 584 títulos.



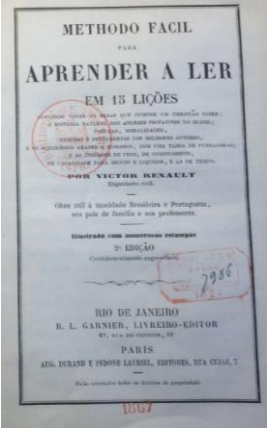
Somente após a localização e escolha dos abecedários em língua portuguesa que iriam compor o *corpus* é que parti para identificação, seleção e recolha dos abecedários franceses. Observei as datas de publicação dos abecedários em língua portuguesa e foi a partir delas que delimito o corpus dos abecedários franceses.

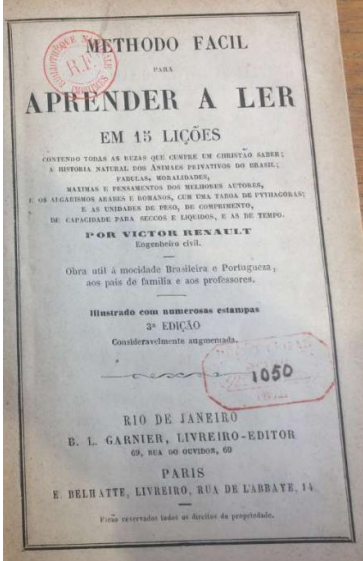
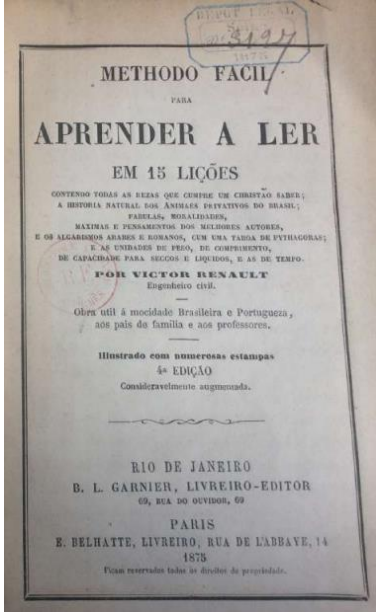
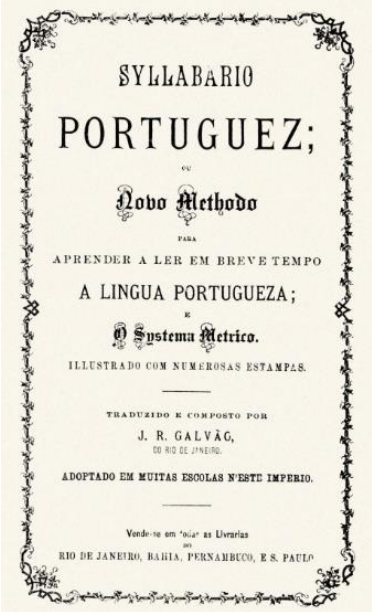
Outro filtro usado foi selecionar abecedários que apresentassem alguma relação com *Baptiste-Louis Garnier*, uma vez que essa indicação é predominante nos abecedários em língua portuguesa. Tal elemento não se configurou como exclusividade da amostra, mas exerceu influência. Por fim, selecionei aqueles exemplares cujas imagens evocassem temas recorrentes ou mais escassos para analisar permanências, descontinuidades ou até rupturas.



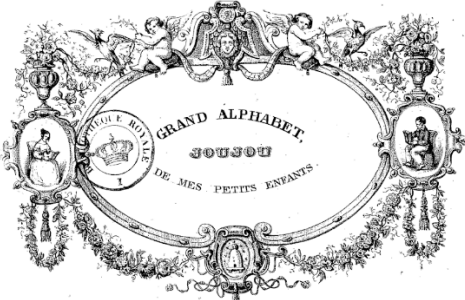
Apresento abaixo um Quadro com a lista dos abecedários repertoriados para a tese, assim como a indicação do acervo em que foram localizados.

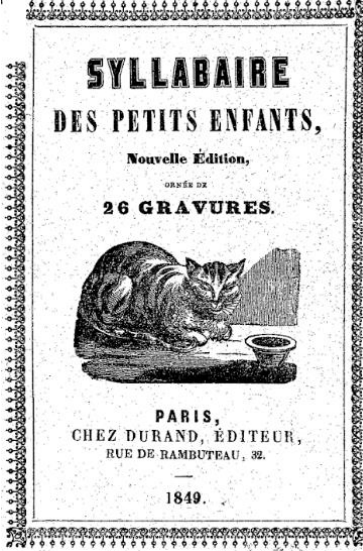
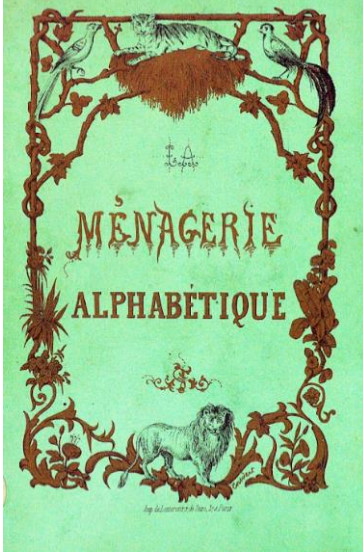
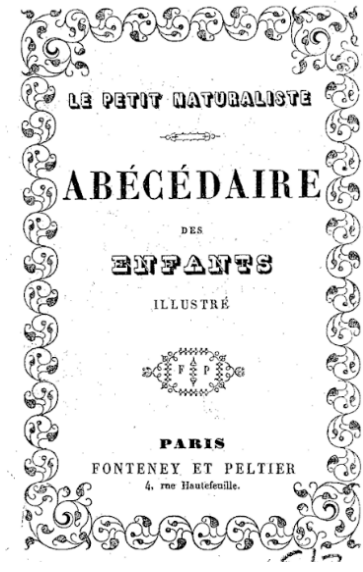
⁵⁵ Stephanou e Souza (2018a, 2018b, 2020), em coautoria, publicaram artigos e comunicaram trabalhos em eventos envolvendo a temática dos abecedários franceses e em língua portuguesa. Desde então, colecionam abecedários, inclusive a partir de pesquisas locais na Biblioteca Nacional da França.

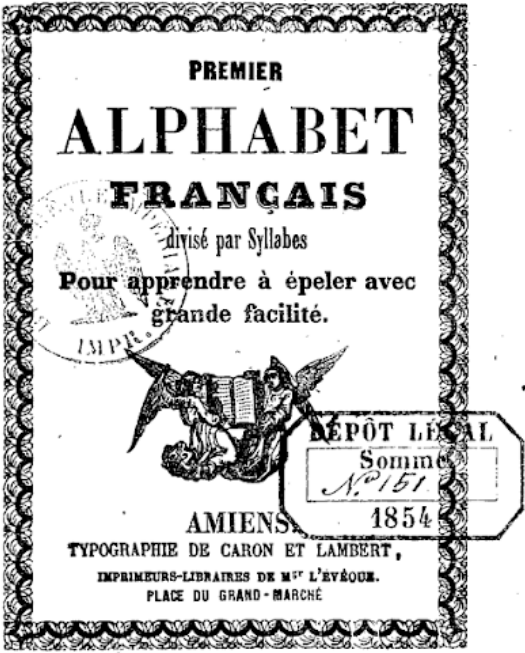
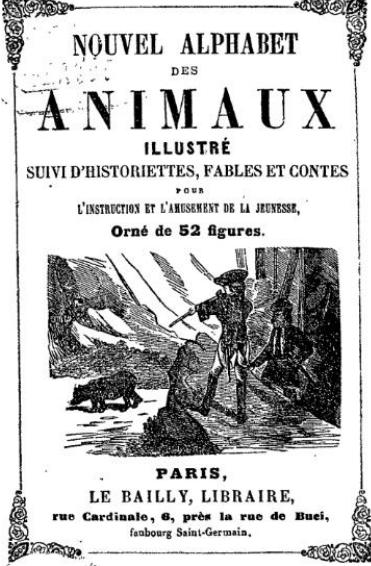

Quadro 6 – Abecedários repertoriados para a tese

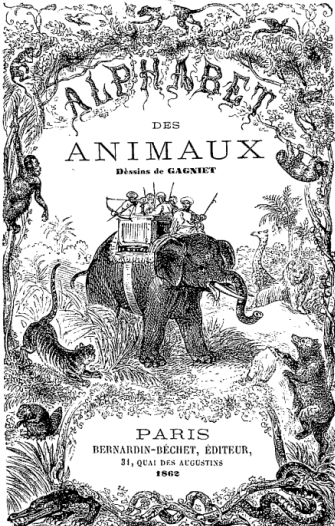


Abecedários em língua portuguesa			
Ano Edição	Título	Capa	Acervo
1836	<i>Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo</i>		Biblioteca Nacional da França
1865	<i>Methodo facil para aprender a ler em 15 lições</i>		Biblioteca Nacional da França
1867 2ª edição	<i>Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições</i>		Biblioteca Nacional da França

<p>1872 3ª edição</p>	<p><i>Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições</i></p>		<p>Biblioteca Nacional da França</p>
<p>1875 4ª edição</p>	<p><i>Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições</i></p>		<p>Biblioteca Nacional da França Repositório Institucional da UFSC</p>
<p>1879</p>	<p><i>Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico</i></p>		<p>Banco de Dados de Livros Escolares (LIVRES) da US</p>

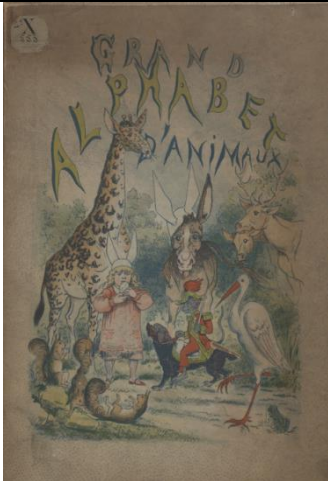
Abecedários franceses			
Ano Edição	Título	Capa	Acervo
1842	<i>Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orné de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture</i>	 <p>SYLLABAIRE OU LE PETIT BUFFON DE LA JEUNESSE, Orné de Gravures; SUIVI De plusieurs Instructions de Morale, de petits Contes et de Fables, pour donner aux Enfans les principes et le goût de la lecture.</p> <p>Paris. Chez DERCY, Éditeur, Successeur de GAUDIER, Rue du Marché-Neuf, 34, 1842.</p>	Biblioteca Nacional da França/Gallica
1845	<i>Syllabaire des petits enfans. Nouvelle édition, ornée de gravures</i>	 <p>SYLLABAIRE DES PETITS ENFANS. <i>Nouvelle Edition,</i> ORNÉE DE GRAVURES.</p> <p>PARIS. ANCIENNE MAISON GAUTHIER, QUAI DU MARCHÉ-NEUF, 30.</p>	Biblioteca Nacional da França/Gallica
1848	<i>Grand alphabet, joujou de mes petits enfans</i>	 <p>ROYAUME ROYAL GRAND ALPHABET. JOUJOU DE MES PETITS ENFANTS.</p>	Biblioteca Nacional da França/Gallica

1849	<p><i>Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures</i></p>		<p>Biblioteca Nacional da França/<i>Gallica</i></p>
1851	<p><i>La ménagerie alphabétique</i></p>		<p>Biblioteca Nacional da França/<i>Gallica</i></p>
1851	<p><i>Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré</i></p>		<p>Biblioteca Nacional da França/<i>Gallica</i></p>

1854	<p><i>Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité</i></p>		Biblioteca Nacional da França/Gallica
1861	<p><i>Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes</i></p>		Biblioteca Nacional da França/Gallica
1861	<p><i>Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées</i></p>		Biblioteca Nacional da França/Gallica

1862	<i>Alphabet des animaux dessins de Gagniet</i>	 <p>The cover is highly decorative with a floral border. At the top, the word 'ALPHABET' is written in a large, stylized font. Below it, 'DES ANIMAUX' is written in a smaller font. Underneath, it says 'Dessins de GAGNIET'. The central illustration shows an elephant with a rider on its back, surrounded by other animals like a lion, a bear, and a dog. At the bottom, it says 'PARIS BERNARDIN-BECHET, EDITEUR, 31, QUAI DES AUGUSTINS 1862'.</p>	Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>
1866	<i>A B C en images</i>	 <p>The cover is simple and rectangular. At the top, the letters 'ABC' are written in a large, bold font. Below them, 'EN IMAGES.' is written in a smaller font. The central illustration shows a woman in a long dress and apron standing in a domestic setting, possibly a kitchen or a room with a window. There are some objects on a table and a framed picture on the wall.</p>	Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>
1866	<i>Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot et Werner</i>	 <p>The cover is highly decorative with a floral border. At the top, the word 'ALPHABET' is written in a large, stylized font. Below it, 'ILLUSTRE' is written in a smaller font. Underneath, it says '100 VIGNETTES ET LETTRES ORNEES' and 'DESSINEES PAR GIRARDET, GRANDVILLE, SAGOT, WERNER'. The central illustration shows a woman sitting at a table with children, surrounded by various animals like a lion, a bear, and a dog. At the bottom, it says 'TOURS ALFRED MAME ET FILS EDITEURS 1866'.</p>	Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>

1870	<i>Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants</i>		Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>
1873	<i>Album D'Images. Alphabet Amusant illustré</i>		Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>
1890	ABC		Biblioteca Nacional da França/ <i>Gallica</i>

1890	<i>Grand alphabet d'animaux, texte et dessins par G. Gaulard</i>		Biblioteca Nacional da França/Gallica
------	--	--	---------------------------------------

Fonte: Souza, 2022

O *corpus* documental da pesquisa compreende seis abecedários em língua portuguesa e dezesseis abecedários franceses do século XIX, totalizando vinte e dois impressos. O Quadro 6 permite observar os principais locais onde foram identificados esses abecedários:

- a) Biblioteca Nacional da França - “*Catalogue Général*” e “*Gallica: Bibliothèque numérique de la BnF et de ses partenaires*”, repositório digital da Biblioteca Nacional da França;
- b) Banco de Dados de Livros Escolares (LIVRES) da Universidade de São Paulo;
- c) Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina.

Registro que a maioria dos abecedários em língua portuguesa não foram localizados em acervos brasileiros, embora diversos tenham sido consultados.

Com a empiria devidamente repertoriada, exponho ao leitor os movimentos subsequentes. Primeiro, explícito e dialogo com os pressupostos de autores como Roger Chartier, Arlette Farge, Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Peter Burke, procurando demonstrar os modos pelos quais suas ideias servem como lentes para o processo envolvido na operação historiográfica, valendo-me do conceito cunhado por Michel de Certeau (2013 [1975]). Tal operação pressupõe a imersão nos documentos, a dimensão interpretativa e, por fim, a escrita. A contribuição desses autores arrolados, também serve como alerta epistemológico para as análises que empreendo. Em seguida, elucidado como

procedo à identificação e organização dos achados, à caracterização e análise dos mesmos a partir de perguntas que direciono aos documentos. Somente depois de inquiri-los, apresento as compreensões que foram possíveis de elaborar tendo como base as pistas deixadas nos próprios impressos.

Em relação ao processo metodológico e teórico, finalizei a pesquisa do mestrado tomando a metáfora do poeta Manoel de Barros quando este afirma que “escrever seria o mesmo que carregar água na peneira”. Tudo isso para sublinhar o desafio e a complexidade de examinar a história secular dos abecedários em minha trajetória como Pedagoga de formação. Diante do desafio, aventurei-me a aprender e a valer-me dos conceitos, acepções e pressupostos do campo da História, uma jovem pesquisadora iniciando o aprendizado do ofício de historiadora.

Observei, a partir do mesmo poema de Barros (1999)⁵⁶, uma profunda relação semântica entre os verbos escrever e inventar, pois ambos remetem à ideia de narrar, contar, descrever. Aquele que escreve, em alguma medida, inventa uma narrativa. Refém dos acervos e do que eles guardaram ou não conservaram, e ligada aos documentos que reuni, tomei-os na tentativa de aproximação o mais verossímil do processo histórico de emergência e circulação dos abecedários, entendendo a partir de Chartier (2000) que, embora a história se mobilize pela vontade de verdade, o acontecido é inalcançável.

Uma premissa importante para a tese consiste em compreender que se a intenção de verdade é constitutiva do discurso histórico, há muito foram abandonadas as certezas quanto a uma coincidência entre o passado tal como ele foi e sua explicação histórica no presente, como explicita Chartier em “A história ou a leitura do tempo” (2010). Não há uma verdade única, isenta de contradições e coesa a narrar, tampouco pode-se alcançar uma suposta totalidade do passado, pois, como acrescenta Arlette Farge, não há um sentido unívoco para as coisas do passado; nenhum documento faz emergir sentido dele mesmo (FARGE, 2009, p.92).

Robert Darnton (2010) vai mais longe ao afirmar que “qualquer historiador que tenha realizado longos períodos de pesquisa conhece a frustração advinda da incapacidade de transmitir a profundidade dos arquivos e a infinitude do

⁵⁶ O menino que carregava água na peneira (BARROS, 1999, s/p).

passado” (DARNTON, 2010, p.93). Tal sentimento, acreditem, foi experimentado no decorrer da escrita desta tese.

Farge (2009) traduz essa ilusão de alcançar o real do passado ou a frustração de perceber sua infinitude quando afirma tratar-se de ingenuidade acreditar que, ao folhear o arquivo, foi conquistado o privilégio de “tocar o real”, apesar de o real parecer estar presente, visível e palpável” (FARGE, 2009, p.18). A autora também aponta, nesse contexto, que “o real do arquivo torna-se não apenas vestígio, mas também ordenação de figuras da realidade; e o arquivo sempre mantém infinitas relações com o real” (FARGE, 2009, p. 35).

Conforme Certeau (2013), a produção dos documentos se dá por intermédio de ações simples como a cópia, a transcrição ou a fotografia dos objetos que mudam “ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto” (CERTEAU, 2013 [1975], p. 69). Não obstante, diferente do que com certa ingenuidade se acredita, a escolha dos documentos para a pesquisa não é feita exclusivamente pelo historiador que os manuseia, categoriza ou classifica. Como afirma Peter Burke,

Tradicionalmente, os historiadores têm se referido aos seus documentos como “fontes”, como se eles estivessem enchendo baldes no riacho da Verdade, suas histórias tomando-se cada vez mais puras, à medida que se aproximam das origens. A metáfora é vívida, mas também ilusória visto que subentende a possibilidade de um relato do passado que não contaminado por intermediários. É certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas. (BURKE, 2017, p. 23-24)

Em concordância com esse pensamento, Chartier (2000) defende que o discurso histórico é composto por uma intenção de verdade e, sob essa perspectiva, faz alusão ao paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, perspectiva na qual a história é construída por intermédio de sinais, indícios e vestígios do passado, com olhar atento para as regularidades dos indícios e também para as raridades (GINZBURG, 1989). Desse modo, para Chartier, a história não tem a função de reconstituir o passado, porém “como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente;

mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” (CHARTIER, 2010, p. 15).

Farge (2009, p. 92) alerta que não há um sentido unívoco para as coisas do passado uma vez que “nenhum documento faz emergir sentido dele mesmo”. O historiador é um narrador que se dedica a decifrar o documento, ofertando sentido porque sua “vontade de compreender é exigente”. Nesse sentido, é preciso ser vigilante e combativo a uma narrativa definitiva da verdade. “[...] ela [História] enuncia uma narrativa que reúne a formulação de uma exigência científica e uma argumentação na qual se introduzem critérios de veracidade e plausibilidade” (FARGE, 2009, p. 93).

A narrativa histórica é, segundo Maria Stephanou (2018b, p. 1), “irremediavelmente atada à costura de palavras em textos historiográficos” e é preciso reconhecer que

[...] umas palavras foram habilmente domadas, outras ainda estão em disputa ou em excesso, algumas estão desgarradas, perdidas, escorridas, mas outras orquestram uma arquitetura poética ou um hábil argumento que nos surpreende porque formula o não pronunciado até o momento. Assim, diversas estão habilmente costuradas, lançam luz a tramas complexas e inspiram a percorrer seus labirintos. (STEPHANOU, 2018b, p. 1)

Como anunciei na primeira parte deste capítulo, a palavra “abecedário” soa tão familiar e simples que seu significado tende a parecer único, verdadeiro, incontestável e atemporal, mas não podemos esquecer, a partir de Stephanou (2018b, p. 2), a “historicidade das palavras e sua delicada existência”. Tal alerta implica diretamente nas formas de narrar uma história a respeito desse objeto do passado.

É importante acrescentar que a desnaturalização do passado é outro aspecto crucial. No prefácio do livro “Práticas da leitura”, Chartier (2011) aborda este aspecto, qual seja, de que é preciso “elucidar os modelos e efeitos, a história e o presente de uma prática cultural tão imediata que parece não poder jamais ter sido outra coisa senão aquela que é hoje para nós” (CHARTIER, 2011, p. 19). A partir desse excerto, especificamente como exemplo para esta tese, cuja investigação historiciza os abecedários e observa sua circulação transatlântica, sobretudo a partir de sua materialidade, considero que há uma tendência a

naturalizá-los como objetos específicos da história da escolarização ou em considerar que os impressos com os quais nos familiarizamos no presente podem servir de modelo para reconhecermos as formas, funções e propósitos dos impressos do passado. Entretanto, estas podem mostrar-se noções equivocadas. É necessário, portanto, desconstruir uma tendência a naturalizar a sintaxe e forma gráfica dos abecedários com estudos que demonstrem sua presença sob modalidades diversas, em diversos tempos e contextos socioculturais. O excerto de Chartier corrobora, exatamente, no sentido de desnaturalizar a pertença dos abecedários, em aproximação superficial, que tende a parecer ser exclusiva da cultura escolar.

Pode-se inferir ainda, a partir da observação de Chartier antes destacada, que devemos duvidar de uma linha de continuidade dos abecedários do século XIX até o presente, ou de que possam ser aproximados às práticas culturais do presente, embora os processos de aquisição da leitura e da escrita, no presente, ainda se fundem no aprendizado e uso do alfabeto e o abc se apresente em diferentes materialidades que servem ao ensino. Contudo, como impressos, uma concepção de história da cultura escrita que considere a longa duração, leva a reconhecer as discontinuidades, as mudanças e os diferentes registros e funções desses impressos do passado, embora persistam permanências no tempo, como em outros impressos com funções similares.

Abecedários em língua portuguesa e abecedários franceses do século XIX, parafraseando Don McKenzie (2018), não são somente objetos admiráveis, mas como qualquer outra tecnologia são produtos decorrentes da invenção humana, ofertados à leitura em contextos muito diferentes e efêmeros e que, segundo o autor, cabe ao pesquisador

reconhecer os emaranhados de um tal mundo textual e os problemas quase insuperáveis para descrevê-los adequadamente – e ainda assim viajar por ele com imaginação e responsabilidade. (McKENZIE 2018, p. 15).






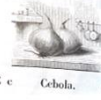



Esse, portanto, é um importante investimento desta tese, pois uma vez localizados os abecedários, me ponho a descrever sua materialidade, a registrar cuidadosamente suas minúcias, atentando para os dispositivos textuais,










editoriais e tipográficos que os caracterizam como um gênero livresco. A descrição do documento histórico não é tomada na perspectiva positivista, mas imbuída da seguinte premissa: o suporte é relevante já que guarda uma relação decisiva com o texto, pois “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o leitor” (CHARTIER, 1992, p. 220). O propósito, portanto, é apresentar os vestígios que permitam compreender partes da complexa história desse gênero no período de 1836 a 1890, destacando sua circulação transnacional e transcultural no cenário editorial do Brasil, de Portugal e da França.







Como anunciei na introdução, eu farei todos os abecedários disponíveis na *Gallica*, juntamente com os abecedários em língua portuguesa que reuni. Elaborei um quadro com algumas informações: ano, edição, título, editor/autor/ilustrador, nome da oficina tipográfica ou dos responsáveis e sua respectiva localização, local(is) de publicação. Percorri todas as páginas buscando capturar as gravuras correspondentes de A a Z, abecedário por abecedário. Desse modo, obtive uma visão mais ampla do conjunto.

A figura abaixo demonstra parte do quadro que construí, e que se configura como um bastidor da pesquisa.

Figura 5 – Quadro do conjunto de abecedários

ABECEDÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA			
ANO/EDIÇÃO, TÍTULO, AUTOR, ILUSTRADOR, EDITORA	A	B	C
1836/SE, Alfabete Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo. S.A. Paris, em Casa de J.- P. Aillaud, Quai Voltaire			
1865/SE, Methodo facil para aprender a ler em 15 lições, S.A. Publicado no Rio de Janeiro B.L. Garnier e impresso em Paris pela Typographie de Ad.R. Lainé et J.Havard			
1867/ 2ª Edição, METHODO FACIL Para APRENDER A LER EM 15 LIÇÕES POR VICTOR RENAULT Engenheiro civil. Rio de Janeiro B. L. GARNIER, LIVREIRO- EDITOR, PARIS, AUG. DURAND E PEDONE LAURIEL, Typ. de Ad. Lainé et J.Havard			

<p>1872/ 3ª Edição. METHODO FACIL Para APRENDER A LER EM 15 LIÇÕES POR VICTOR RENAULT Engenheiro civil, Rio de Janeiro, B. L. GARNIER, LIVREIRO. EDITOR, PARIS, E BELHATTE, LIVREIRO, Imprenta, Adolphe Lainé</p>			
<p>1875/4ª edição Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições Por Victor Renault Publicado no Rio de Janeiro B. L. Garnier, Livreiro – Editor, PARIS, E BELHATTE, LIVREIRO, Typographie, Georges Chamerot.</p>			
<p>1879/S.E Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico Traduzido por J.R. Galvão</p>			

ABECEDÁRIOS FRANCESES			
<p>1830/SE. Abécédaire récréatif. Methode Amusante. ornée de vingt sept jolies gravures propres a piquer la curiosité des enfans et a hater leur instruction A L'usage des maisons d'education. Abécédaire récréatif orné de 27 gravures. Auteur du texte Pottier, Adrien. Chez PERISME, Imprimeurs-Libraires, Paris</p>			
<p>1840/SE. Les Rébus de l'enfance ou Abécédaire en estampes d'un genre nouveau dans lequel on apprend à lire, aux Jeunes enfans à l'aide de 26 jolies gravures et d'historiettes amusantes. Paris, A La librairie de L'enfance et de la Jeunesse de P. G. Lehubry, Successeur de Pierre Blanchard</p>			

Fonte: Souza, 2022

Ao examinar cada abecedário, questiono: quantas páginas esse exemplar possui? Qual é o seu título? A capa possui gravura? Como ela é? Quais informações constam na capa? Ele possui folha de rosto? Que informações estão impressas? Há gravura no frontispício e quais suas características? O alfabeto comparece? Como é apresentado? Que posição e extensão ocupa no impresso? Que associações as letras estabelecem? Trata-se de palavras, frases, textos? Quais são as gravuras designadas para cada letra? Há dados sobre a técnica usada na gravura? Há listas de sílabas e quais são seus modos de inscrição na página? O exemplar possui alguma marca tipográfica ou marca de propriedade? Possui outros textos? Quais os conteúdos deles? Contém extrato de catálogo com anúncios de outros títulos vendidos pela editora? Onde se localizam no impresso? Que informações estão listadas?

Do ponto de vista das gravuras que integram o abecedário, especialmente das que estabelecem relação com as letras do alfabeto, valho-me da conclusão apontada por Isabelle Nières-Chevrel, *“on peut donc penser que la coprésence du texte et de l'image dans le livre pour enfants engendre des nouveaux modes de création et, parallèlement, des nouveaux modes de lecture”*⁵⁷ (NIÈRES-CHEVREL, 2001, s/p).

Por isso, empreendo uma observação e uma descrição atenta às sutilezas, movida por uma lista de detalhes a apreciar em cada impresso: se abaixo das gravuras constam assinaturas, procuro mapear se referem-se aos ilustradores ou gravadores; qual/is a/s cor/es utilizada/s; a técnica empregada na impressão; os textos, as palavras ou frases associadas às gravuras; os temas que as gravuras privilegiam; as recriações e operações de tradução e adaptação no conjunto das escolhas entre os abecedários em língua portuguesa e franceses.

Do ponto de vista dos textos que integram o abecedário, observo: qual conteúdo abordam, se moral, religioso, literário e se há designação de autoria.

Esses elementos articulados possibilitam analisar as principais características do gênero no período analisado e assim acompanhar se o abecedário sofreu algumas mudanças, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma material de apresentação, quais persistências e quais metamorfoses no tempo.

A ausência ou presença de algumas dessas informações que mencionei, o que me dizem? Evidenciam uma rede de relações complexas que estão relacionadas à figura dos editores-livreiros, uma vez que esse impresso, como afirma Jean Hébrard (2002, p. 15), tem uma “tradição editorial que se apoia nas obras sem autoria”.

Essas questões, portanto, visam compreender quais são as similitudes, as recorrências, as especificidades entre os abecedários franceses e os abecedários em língua portuguesa para buscar compreender o processo de circulação dos abecedários enquanto impressos de iniciação, do ponto de vista do mercado editorial e das trocas culturais, considerando três contextos que estão intimamente ligados no século XIX, Brasil, Portugal e França.

⁵⁷ Podemos, portanto, pensar que a coexistência de texto e imagem nos livros infantis gera novos modos de criação e, ao mesmo tempo, novos modos de leitura (Tradução nossa).

A descrição detalhada de cada abecedário, no conjunto, é o que permite contrastar os abecedários de diferentes contextos nacionais, que não são aleatórios, mas que a pesquisa histórica, a partir de Abreu (2007, 2018), Cooper-Richet (2009, 2013), Dutra (2010), Granja, (2013, 2018) e Luca (2018), vem demonstrando que os dois lados do Atlântico estabeleceram intensas trocas editoriais.

A tese contrasta os abecedários na intenção de observar, portanto, a presença comum de projetos editoriais (estrutura, gravuras, textos, público leitor, temas recorrentes), de modo que, diante da escassez de exemplares da história desses impressos do século XIX no Brasil, o exame daqueles conservados e publicados na França nesse tempo, possibilite o vislumbramento da história desse gênero também em nosso país, cujos movimentos editoriais estão fortemente ligados aos editores franceses. Soma-se o detalhe fundamental de que não é trivial o fato de que estão conservados na França impressos em língua portuguesa que circularam aqui.

O estudo dos abecedários, por meio da descrição da materialidade e da contrastação dos diferentes contextos nacionais, permite observar, também, a internacionalização da cultura entre Brasil, Portugal e França em pleno século XIX. Não do ponto de vista de uma dependência ou subalternidade, mas das trocas mútuas.

Nesse momento, convido o leitor a voltar ao passado, exatamente em 1836, para conhecer um pouco das páginas dos abecedários que tinham como intenção ensinar as primeiras letras e outras tantas necessidades de um tempo distante que escoou e está, segundo Stephanou (2018c, p. 2), no “reino do desaparecido” e, apesar das ondas fugidias [...] retorna sob a forma de narrativas das nossas leituras do tempo”.



3. Segunda lição: soletre as letras de A a Z



Fonte: *Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures, 1892*



becedários em língua portuguesa e francesa do século XIX, especificamente de 1836 a 1890 constituem o *corpus* empírico aqui examinado. Tal recorte abrange um período de 54 anos e uma distância temporal de 186 anos do presente dessa tese, se considerarmos o ano de publicação do primeiro abecedário da empiria. O conjunto identificado como tendo sido publicado nesse período, não abarca todas as publicações que lhe correspondem, mas como anunciei na introdução (ABC, primeiras letras: de um lado a outro da história), consiste naqueles que efetivamente foram localizados nos acervos pesquisados.

Embora o abecedário possa ser considerado, como diz Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot (2014), o livro dos livros e a chave para o conhecimento das letras e das palavras, a simplicidade da fórmula parece esconder uma realidade histórica mais complexa. É preciso situar o recorte do qual a autora se refere, neste caso entre 1826 e 1974. A autora assinala que ao longo dos séculos, o

abecedário mudou, tanto em seu conteúdo quanto em sua apresentação, ou ainda na identidade de seu público leitor e em seus usos. Afirma que esse movimento de mudanças decorre dos objetivos educacionais que se alteraram no tempo, por conta do impacto das contínuas inovações tecnológicas para a impressão de livros, da coexistência do abecedário com outros gêneros e os deslizamentos mútuos entre si, dentre outros tantos motivos.

No século XIX, o abecedário pode ser considerado uma fórmula editorial que se consolida como um gênero. Sendo assim, é possível observar algumas continuidades e transformações em relação à sua materialidade. Imbuída das formulações teóricas e metodológicas de Roger Chartier (1992, 1998, 2011), Anne-Marie Chartier (2011), Robert Darnton (2008, 2010), Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot (2014), Nières-Chevrel (2014), Annie Renonciat (2011), nos itinerários da investigação, busquei perscrutar cada uma das páginas daqueles que amalhei.

Levar em conta a materialidade do impresso implica atentar para os dispositivos textuais, editoriais e tipográficos, uma vez que, segundo Chartier (2011), as formas são produtoras de sentido. Isso implica inscrever a investigação no que Chartier (2011) preconiza: não existe texto fora do suporte que o dá a ler e não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Diante do exposto, uma vez que não é possível considerar os textos fora do suporte material que os dá a ler, ignorar esse suporte impediria examinar as práticas de apropriação dos textos. Os praticantes da vida cotidiana, parafraseando Certeau (2008), transformam os produtos culturais, neste caso, os impressos, segundo uma relação de subordinação e subversão diante dos dispositivos textuais, editoriais e tipográficos inscritos nos objetos de que fazem uso.

Diante do exposto, faço uso desses pressupostos para examinar as características materiais dos vinte e dois abecedários do século XIX reunidos para esta tese, para assim apresentar os vestígios que autorizam a compreender alguns horizontes da complexa história desse gênero no período indicado e sua circulação transnacional e transcultural no cenário editorial do Brasil e da França. Para tanto, acompanho a cronologia das edições que identifiquei e escolho iniciar por aqueles publicados em língua portuguesa, em número de seis, seguidos dos franceses, em número de dezesseis.

É preciso conhecer o abecedário como artefato, a existência mesma do que lhe confere identidade, para reconhecer seus significados e importância histórica. A diversidade de suas pistas pode nos fornecer, para além de uma história do livro, os elementos fundamentais para uma história da leitura (NIÈRES-CHEVREL, 2014).

Assim, para compreender suas razões de existência, é preciso, primeiro voltar-se ao modo como se apresenta diante dos olhos e entre as mãos daqueles que os tiveram para aprendizagem e fruição.

Anuncio alguns aspectos sobre os quais me deterei:

- Descrição dos elementos impressos da capa (textuais e visuais);
- Apresentação de todas as notas tipográficas existentes (autoria, ano, edição, imprensa);
- Dimensões;
- Número de páginas;
- Alfabetos (sequência alfabética, gravuras e elementos textuais associados);
- Listas de sílabas;
- Lista de palavras separadas por sílabas;
- Textos diversos;
- Conteúdos matemáticos.

A maioria desses elementos são constantes para todos os abecedários descritos, à exceção da ausência de algumas informações nos elementos pré-textuais, pós-textuais ou para-textuais (aqui referindo-me às informações disponibilizadas pelas fichas elaboradas pelos acervos).

Para pesquisadores da história da cultura da escrita é de extrema relevância o contato direto com a materialidade tal qual o/a leitor/a tomou o objeto na mão com a intenção de sentir o peso, espessura da página, estilo da capa e texturas etc. Nesse sentido, portanto, é preciso fazer um importante alerta: a consulta aos abecedários digitalizados não permite a diferenciação material do impresso sob alguns aspectos. Por esse motivo, do ponto de vista da descrição, é possível perder de vista distinções como capa anterior, capa posterior, folha de rosto, miolo ou página. Pode-se compreender, neste contexto,

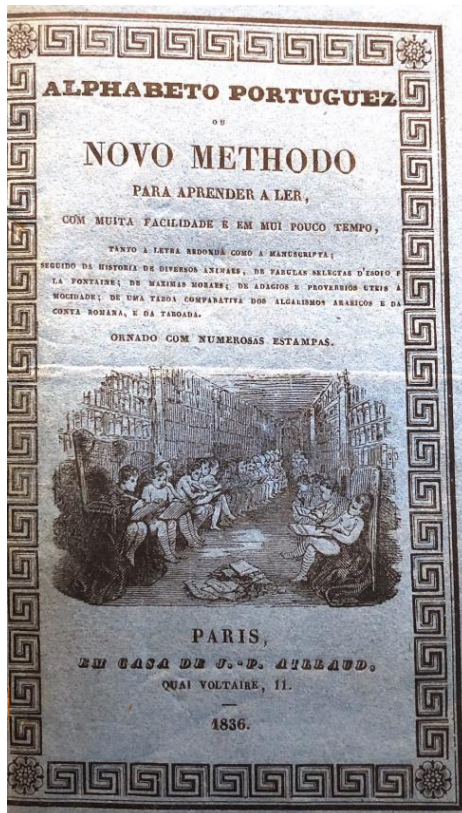
que o arquivo digital acaba por deixar a dimensão da materialidade comprometida.

A história do livro é complexa e, muitas vezes por termos familiaridade com os artefatos do presente, tendemos a usar expressões que não correspondem aos livros do passado, sobretudo estes que são do século XIX. Além de se perder o movimento intelectual de segurar, de sentir o peso, a espessura das folhas, a textura das capas e deparar-se com rabiscos e tantas outras marcas deixadas pelos leitores.

Alphabete portuguez ou novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta
(1836)

Trata-se de abecedário em língua portuguesa que se apresenta como livro, contendo 103 páginas no formato in-16. Ele foi localizado na Biblioteca Nacional da França.

Figura 6 – Capa Alphabete Portuguez



Fonte: *Alphabete portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta* (1836)

Na capa consta o título: “*Alphabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscrita*”. Logo abaixo descreve que o livro é “*seguido da historia de diversos animaes, de fabulas selectas d'Esopo e La Fontaine; de maximas moraes; de adagios e proverbios uteis á mocidade; de uma taboa comparativa dos algarismos arabicos e da conta romana, e da taboada. Ornado com numerosas estampas*”.

Como se pode observar na Figura 6, a capa possui uma ilustração onde crianças estão sentadas enfileiradas e seguram com as mãos um conjunto de folhas que pode ser um pequeno caderno, além de um bico de pena. Todas as crianças estão em posição de escrita e uma pessoa adulta é retratada na cena. O local parece ser uma biblioteca por conta das estantes altas com livros para todos os lados. No primeiro plano da gravura há uma pilha de folhas riscadas. Toda capa é emoldurada por uma espécie de arabescos com detalhes de flores em cada uma das extremidades. A impressão é integralmente em preto e branco e não há menção do nome que figure como autoria da gravura. A capa conta também com a informação do local de edição do impresso, a cidade de Paris. Consta uma especificação do editor que se situa à rua “*Quai Voltaire, 11*” na casa de *Jean-Pierre Aillaud* que é um importante editor-livreiro da época. A última informação disponível é o ano de publicação, 1836. Não foi identificado registro quanto à edição.

O abecedário apresenta uma ilustração na página seguinte, após a capa. Essa consiste numa marca tipográfica⁵⁸. Importa explicar que essas marcas, em geral, são produzidas por pessoas físicas ou jurídicas envolvidas na confecção do livro, tais como tipógrafos, livreiros, editores, encadernadores, ilustradores, gravadores, impressores, entre outros. Chama a atenção que essa marca inscreve as iniciais do nome de *Jean-Pierre Aillaud* (J.P.A.) na capa de um livro e assume destaque na representação. Essa marca aparece centralizada na

⁵⁸ Marca do impressor ou marca tipográfica: “sinal convencional, número, **monograma** ou vinheta gravados, que o impressor ou livreiro adota como marca comercial e que imprime no livro, quer no rosto, quer no final; **logotipo editorial**; marca de editor; marca de impressor. (...) sendo o desenho acompanhado e/ou complementado pelo nome do impressor. A identidade do impressor e editor converteu a marca tipográfica simultaneamente em marca editorial. A intenção era a mesma: atestar a qualidade do livro e salvaguardar aquilo que mais tarde veio a chamar-se direitos autorais” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 483, grifos nossos).

página e é envolvida pela mesma moldura em grafismo que a capa. A composição dessa marca evoca elementos e instrumentos de navegação como o globo, embarcações, luneta, bússola, mapa, compasso, âncora.

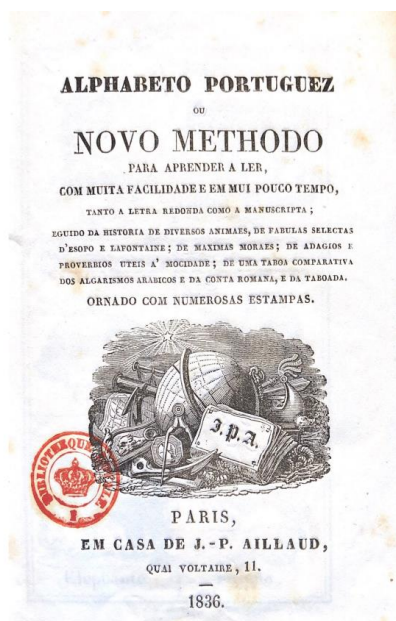
Figura 7 – Marca do editor ou tipográfica



Fonte: Alfabete portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta (1836)

Na parte inferior da página consta a informação do estabelecimento de impressão “Bourgogne et Martinet” situado à “Rue Colombier, 30” em Paris.

Figura 8 – Folha de rosto Alfabete Portuguez



Fonte: Alfabete portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta (1836)

A folha de rosto⁵⁹ contém o título completo da obra, no entanto este está grafado como “Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo”. Está impresso em destaque devido ao uso de fonte de maior tamanho e do uso do negrito nas duas primeiras palavras. Em seguida, de forma centralizada, segue o restante. Logo abaixo, está impressa novamente a marca de propriedade que identifica o livreiro-editor, descrita anteriormente. A novidade é o acréscimo do carimbo da “*Bibliothèque Royale*”, indicando uma marca de propriedade⁶⁰. O carimbo molhado é circular, utiliza tinta vermelha e possui a representação de uma coroa central rodeada da inscrição.

Figura 9 – Marca de propriedade Alphabeto Portuguez



Fonte: Alphabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta (1836)

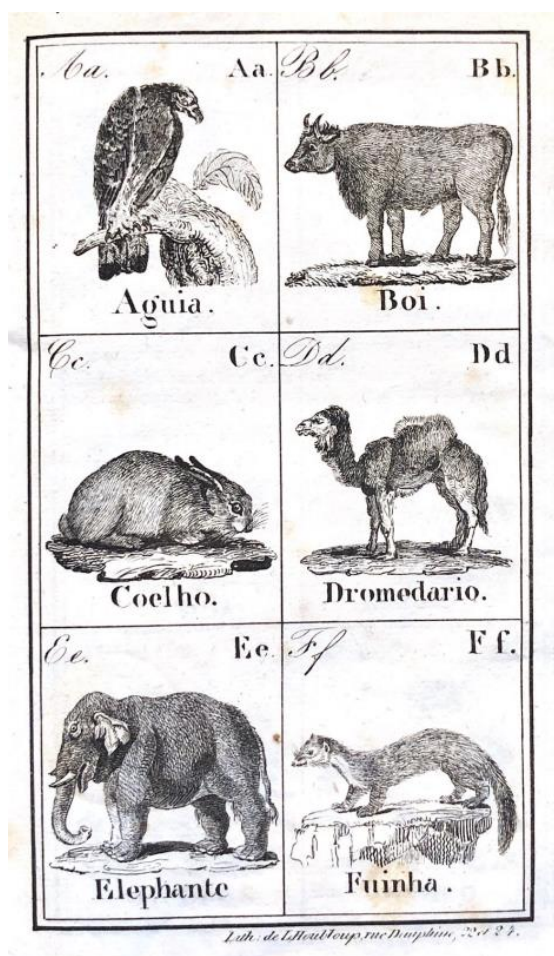
Na página seguinte aparece uma sequência de seis gravuras dispostas em um quadro. As relações estabelecidas são entre letra inicial, gravura e palavra. Cabe destacar que a gravura assume destaque pelo tamanho e pela localização topográfica em relação aos demais elementos. As letras iniciais são

⁵⁹ Folha de rosto: “página de uma obra impressa onde estão inscritos os elementos fundamentais relativos a ela, tais como o título, subtítulo, nome do autor (acompanhado por vezes de seus títulos acadêmicos), nome do compilador, ilustrador, tradutor, etc. e, se for o caso disso, indicação da edição, lugar da edição, nome do editor e data de publicação; frontispício” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 340).

⁶⁰ Marca de propriedade: “**carimbo**, etiqueta, selo branco ou outro distintivo, que identifica um documento como pertencente a um determinado particular ou **instituição**; marca de posse; pertence” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 483, grifos nossos).

grafadas em tipo romana⁶¹ e tipo itálica⁶² sob a forma maiúscula e minúscula. A palavra tem a letra maiúscula inicial e as demais são minúsculas. Está registrada somente na letra romana. A reprodução do quadro indica a técnica usada para a impressão das gravuras, nesse caso a litografia, com uma assinatura de *L. Houbloup* na “*Rue Dauphine 22 et 24*”.

Figura 10 – Quadro das letras e gravuras



Fonte: Alfabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta (1836)

⁶¹ Letra romana: “letra redonda ou humanística usada pelos copistas medievais e que depois foi adotada pela romana. O seu nome deriva do fato de ter sido desenhada e gravada em Roma ou por imitar a escrita do império romano; letra perpendicular” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 483). Adoto essa designação, pois dessa mesma forma, em outros abecedários que perfazem essa empiria, a nomeiam assim.

⁶² Letra itálica: “Caractere de imprensa que imita a escrita cursiva feita manualmente, mas sem traços de união. Caracteriza-se por uma orientação inclinada geralmente para a direita, mas pode também inclinar-se para a esquerda, sobretudo aquela que é usada em fotocomposição; letra itálica [...]” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 437). Adoto essa designação, pois dessa mesma forma, em outros abecedários que perfazem essa empiria, a nomeiam assim.

A sequência alfabética é preservada, no entanto a letra W não aparece representada. A seleção de gravuras inclui: aguia, boi, coelho, dromedario, elephante, fuinha, gallo, homem, javali, kágado, lebre, macaco, navio, onça, pavão, quadro, raposa, salmão, tigre, urso, veado, xadrez, yuca (batata americana), zebra.

Na sequência são apresentadas as vogais e as consoantes maiúsculas, as vogais e consoantes minúsculas, assim como as letras “*italica*” e “*ingleza de mão ou manuscrita*”, igualmente na versão maiúscula e minúscula.

A obra tem impressas as letras de conta ou algarismos na forma arábica e romana. A “taboada” vem logo em seguida sendo apresentada do 2 ao 9 e depois a “Taboa de Phitagoras”. A gravura de um pequeno animal aparece logo abaixo do quadro. Parece ser um cachorro sobre a grama. Não vou me ater à descrição mais detalhada da seção que corresponde à matemática, para evitar dispersão aos propósitos da tese. Contudo, é importante registrar a presença da mesma no volume desse abecedário porque constitui uma característica dos impressos, especialmente aqueles publicados no século XIX.

Na página nove são apresentados os sinais de pontuação (“*virgula, ponto e virgula, dois pontos, ponto de interrogação, ponto de admiração*”). Outros sinais são listados porque servem para a escrita, a saber: “*parenthesis, asterisco, hyphen ou signal de divisão, apóstrofe, diéresis, virgula dobrada, accento agúdo, accento circumflexo*”.

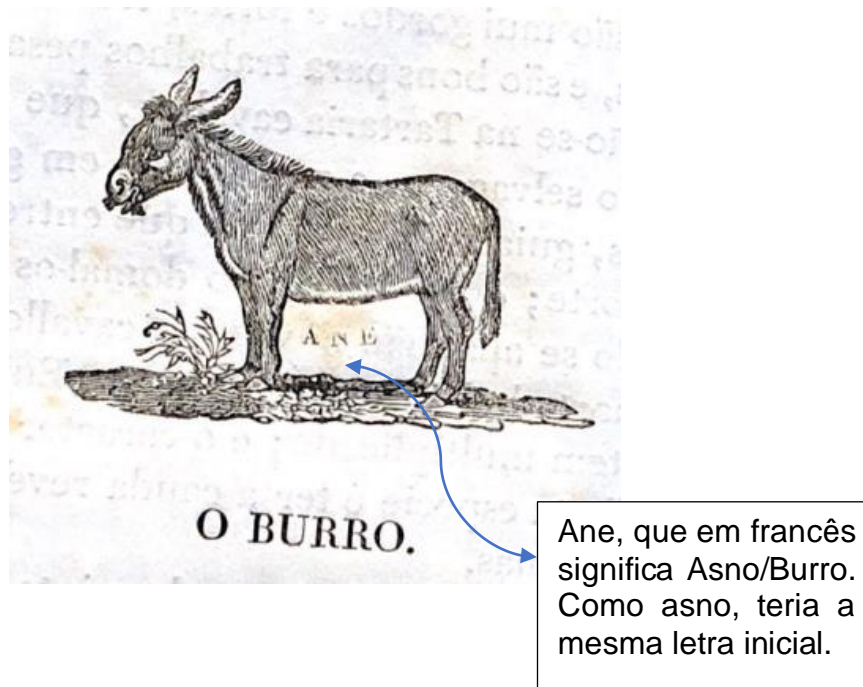
Sob a forma de seções consecutivas, são apresentadas as cartas de sílabas, que totalizam 12. Não há nenhuma gravura associada a essa seção do abecedário.

As próximas páginas se dedicam a listar palavras de duas a sete sílabas, todas separadas por hífen para ênfase nessa demarcação. Ao final, aparece uma pequena gravura que retrata uma carruagem, um meio de transporte de tração animal. Tem quatro rodas e é conduzida por uma cocheira que segura as rédeas dos cavalos. Outras três pessoas aparecem representadas nessa cena.

As seções que seguem tratam de aspectos relacionados à ortografia. A primeira é uma lista de palavras em que o “S tem som de Z”, o “X com som de Z”, o “X tem som de S” e o “H no meio da palavra”. Na última parte, uma gravura estampa uma casa em meio às montanhas.

A obra apresenta, a seguir, uma *“Historia abreviada de alguns anemaes mais notaveis”, accommodada a capacidade dos meninos*”. A expressão meninos, evidencia a quem este impresso se destinou, para as crianças. Além disso, explica que é compatível com as competências da faixa etária do público. Abaixo desse título aparece a gravura de um elefante. A gravura do elefante usada neste ponto, se difere da outra que comparece nas páginas iniciais desse abecedário. Posteriormente, a palavra está impressa com todas as letras maiúsculas. Logo depois, um texto descreve as principais características do animal. O Leão é o animal que tem seu perfil descrito na página seguinte. Ocorre o mesmo com o tigre, o cão, o lobo, o camelo, o cavalo, o burro, a vaca, o veado, o castor e a cegonha. Apenas nas três primeiras gravuras aparece uma espécie de assinatura, cujo nome é *“Du Houchail”*. Cabe ressaltar que não se trata do mesmo nome designado às gravuras que aparecem nas primeiras páginas. Um olhar atento me levou a observar algo curioso na representação da gravura do burro, como é possível observar abaixo:

Figura 11 – O burro

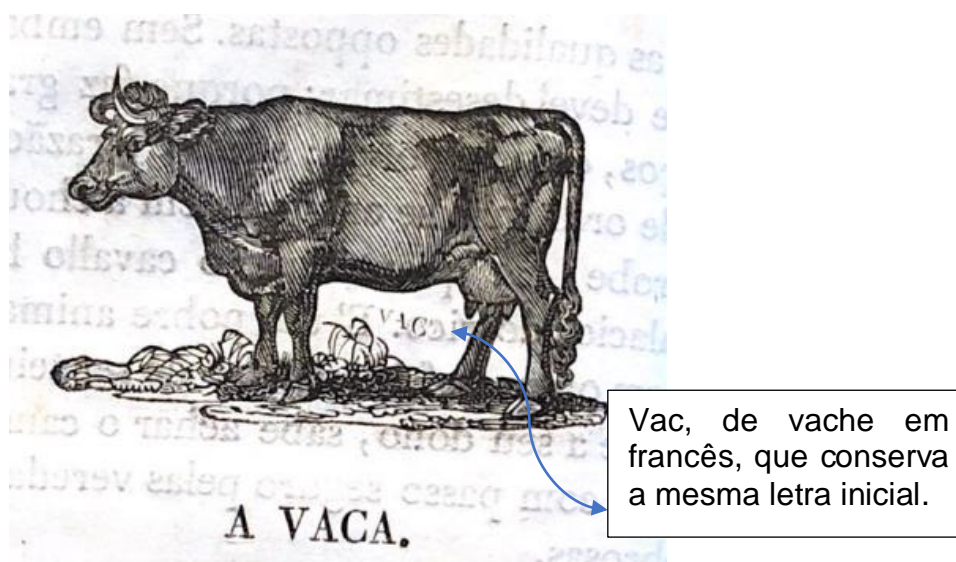


Fonte: Alfabete portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscrita (1836)

Esse achado sugere que, possivelmente ao aproveitar a matriz da gravura de um abecedário francês para essa edição em língua portuguesa, o tipógrafo tenha esquecido de remover a palavra “*ane*” que acabou ficando estampada na página do abecedário em português.

O mesmo ocorre com a gravura da vaca, no entanto, somente as três primeiras letras é que ficaram impressas e ainda assim quase imperceptíveis. É importante comentar que as referidas letras são compartilhadas entre as duas línguas. Para o francês a grafia completa da palavra é “*vache*” e em português “*vaca*”.

Figura 12 – A vaca



Fonte: Alfabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta (1836)

Logo na sequência, são apresentadas algumas histórias para leitura. Abre-se uma nova seção intitulada “*Algumas fábulas escolhidas de Esopo e La Fontaine para instrução dos meninos*”, e são elas: “A cigarra e a formiga; Os dois machos; O leão, a vaca, a cabra e a ovelha; O leão e o rato; O lobo, e o grou; A rapoza, e as uvas; Dois amigos e um urso; O cão e a sua sombra no ribeiro; O lobo, e a rapoza; As duas cabras e O lobo, a cabra e o cabrito”.

A forma de distribuição das fábulas nas páginas é feita do seguinte modo: primeiro uma gravura representa alguma cena, depois segue o texto e, ao final é impressa a moral. As gravuras não possuem referência de autoria.

A próxima parte abre a seção “*Adagios, e verbos mui uteis a mocidade*”. Estão compostos tipograficamente sob o formato de uma lista de sentenças morais de origem popular, ou provérbios. Nessa mesma estrutura tipográfica consta a seção “*Maximas, sentenças e pensamentos moraes*”.

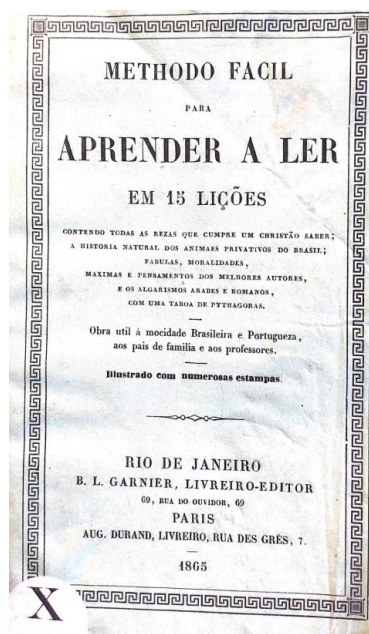
A última parte do impresso apresenta ao leitor um texto temático intitulado “*Caramuru anecdotia história sôbre o descobrimento da Bahia*”. Uma gravura foi selecionada para demarcar o fim do texto. Não apresenta relação com o que está escrito. Parece se tratar de uma caixa, em meio a árvores e outras plantas. Na caixa está escrito “FIM”.

O índice ou sumário comparece ao final, um aspecto distintivo, até hoje, nas publicações francesas, e apresenta os principais títulos e a página correspondente em uma coluna à direita.

Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865)

O abecedário, impresso em língua portuguesa, se apresenta como livro, contendo 128 páginas no formato in-12. Foi localizado na Biblioteca Nacional da França.

Figura 13 – Capa Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

Na capa do abecedário consta o título: *“Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”*. Logo abaixo, como subtítulo, consta *“contendo todas as rezas que cumpre um christão saber; a historia natural dos animaes privativos do Brazil; fabulas, moralidades, maximas e pensamentos dos melhores autores, e os algarismos arabes e romanos, com uma taboa de Pythagoras. Obra util á mocidade brasileira e portugueza, aos pais de familia e aos professores. Illustrado com numerosas estampas”*. A capa estampa outra informação importante, os locais de publicação, que são Rio de Janeiro e Paris. A referência é explícita à publicação do impresso nos dois lados do Atlântico. Apresenta o editor-livreiro *Baptiste-Louis Garnier* e explicita a localização de seu estabelecimento na Rua do Ouvidor, 69 (conhecida rua do comércio da cidade do Rio de Janeiro à época). Também registra sua publicação em Paris, sob os auspícios do livreiro Aug. Durand, que tem seu comércio situado na *“Rue des Grès, 7”*. Ao pé da página consta o ano de sua publicação, 1865.

Toda a capa é emoldurada por linhas na forma de arabesco, com detalhes de quadrados em cada uma das extremidades do retângulo. Não se observa a designação de autoria para os textos ou gravuras.

Em seguida, não há como precisar se na capa anterior ou na capa posterior por se tratar de um arquivo digital, sob o título “Nas mesmas livrarias”, são listados vários títulos que versam sobre literatura, manuais escolares envolvendo conhecimentos aritméticos, livros de catecismo e enciclopédia. A mesma moldura presente na capa anterior está replicada na capa posterior. Percebe-se que há o arrolamento de obras voltadas para o público infantil ou escolar, totalizando sete indicações, e o valor aparece atribuído a cada uma. Chama atenção que os livros de matemática têm autoria de Victor Renault, autor francês conhecido na França em livros escolares. Importa ressaltar que foi localizado no Repositório Institucional da UFSC⁶³ um abecedário em língua portuguesa com título praticamente idêntico a esse, cuja autoria é igualmente de Victor Renault. Curioso que há uma espécie de descrição mais detalhada conforme figura abaixo:

⁶³ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100353>

Figura 14 – Extrato de catálogo Methodo facil para aprender a ler em 15 lições



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

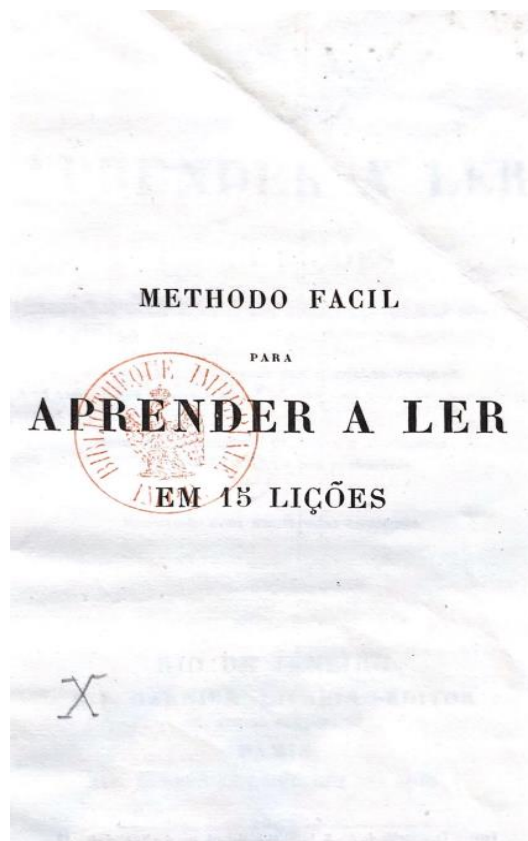
A biografia do autor impressa nessa capa informa que Victor Renault era engenheiro civil e, no Brasil, atuava como ex-engenheiro em chefe da província de Minas, onde era professor público de matemáticas em Barbacena. Faço destaque a esse conjunto de informações porque, como pistas, elas propiciarão, adiante, tecer algumas redes de referências cruzadas.

Nesta mesma capa posterior está indicado que a impressão foi feita em Paris na “*Typographie de Ad. R. Lainé et J. Havard*”, na “*Rue des Saints Pères, 19*”.

Na folha de rosto falsa ou anterosto⁶⁴, consta uma marca de propriedade, identificando-se pertencimento ao acervo da “*Bibliothèque Imperiale*”. O carimbo está molhado com tinta na cor vermelha, tem forma circular, tendo no centro uma ave de grande porte com uma coroa sobre a cabeça.

⁶⁴ Folha de rosto falsa ou anterosto ou anteportada: “a que precede a folha de rosto ou página de título (folha de rosto) e que apenas contém o título da obra” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 340).

Figura 15 – Folha de rosto falsa ou anterosto de Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

Em seu interior, o impresso apresenta uma introdução que explicita tratar-se de obra útil para a mocidade brasileira e tem como objetivo facilitar o conhecimento da leitura. Dirige-se aos pais afirmando que o impresso veicula o mesmo sistema adotado na França, cujos resultados têm sido muito positivos. Afirma que o uso desse material dispensa as enfadonhas cartas do “b, a, ba” e que ele proporciona conhecimento imediato das letras em 15 lições através das quais as crianças já conseguem ler. Destaca que após a soletração, as rezas são parte indispensável para um cristão e assim proporciona ótimos resultados em um só estudo. Segue afirmando que

Procurou-se outrosim excitar a imaginação viva das crianças, pondo ao pé de cada uma das letras do alphabeto um objecto, animal ou planta, cujo nome principie pela mesma letra á qual fica annexo; e entre esses objectos, animaes ou plantas, escolheu-se sempre os que se achão no Brasil, ou são privativos d'elle. (METHODO FACIL PARA APRENDER AS LETRAS EM 15 LIÇÕES, 1865, p. V-VI)

A descrição tem o cuidado de adicionar à informação de método adotado na França, cuja eficiência está comprovada, a referência a sua adaptação ao Brasil. Explicita o fundamento das escolhas didáticas realizadas e focaliza o aspecto que caracteriza o princípio do abecedário ilustrado: letras, palavras iniciadas pela letra e ilustração correspondente. Além disso, há uma referência editorial de grande apelo: relaciona o aprendizado a temas e ilustrações que estimulem a imaginação das crianças, bem como esclarece que as imagens se relacionam com o que concerne ao Brasil, em alguns casos com exclusividade. Vale ressaltar que esse projeto editorial sublinha a presença de ilustrações, o que é um importante recurso gráfico do momento, ao que acresce a adaptação ao contexto nacional.

Ainda sobre os animais brasileiros, a obra destaca que há uma descrição dos animais e sua história natural sob o formato de resumo. Frisa também que muitos animais são pouco conhecidos. Esse pode ser um ingrediente que provocaria a curiosidade nas crianças, à exemplo dos álbuns ilustrados e das enciclopédias, gêneros de impressos que convivem nesse momento e também possuem um forte apelo no mercado editorial. Sugere que o recurso poderia engajar as crianças no estudo, além de motivar as famílias à aquisição do abecedário.

Tal constatação me leva a ponderar que se o sistema de instrução, aplicado de forma exitosa na França, levava à justificativa de sua impressão em português, não implicou em demérito na escolha das palavras e estampas evocadoras a cada contexto cultural. Assim, as gravuras que elegem são aquelas próprias da fauna e da flora do Brasil, aspecto crucial para a circulação transcultural dos modelos editoriais.

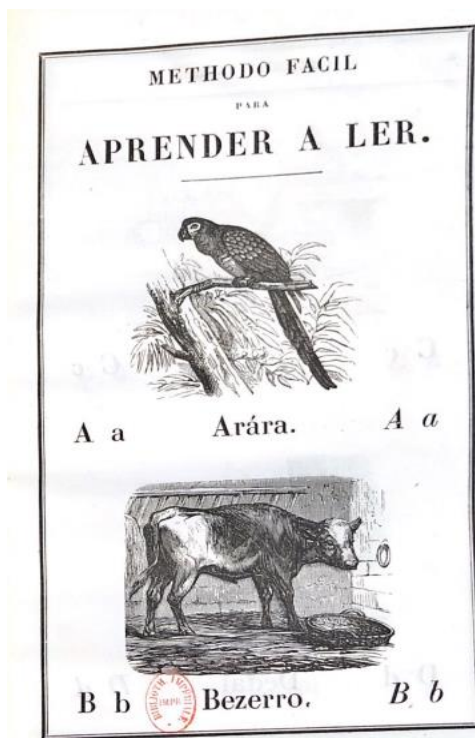
A introdução afirma que as fábulas, os ensinamentos morais, as máximas e os pensamentos proporcionam um duplo aprendizado, tanto dos exercícios de leitura, quanto dos preceitos úteis e indispensáveis. Por fim, explana que os algarismos árabes e a "*Taboa de Pythagoras*" completam a obra.

Em "Methodo facil para aprender a ler" são apresentadas gravuras, letras iniciais e palavras. Cada gravura merece destaque por sua dimensão e localização topográfica em relação aos demais elementos. É apresentada em

primeiro plano e não há referência de autoria para as gravuras e nem para o tipo de técnica utilizada.

Quanto à disposição gráfica, são apresentadas duas letras em cada página, conforme é possível observar abaixo:

Figura 16 – Folha do corpo do impresso Methodo fácil para aprender a ler



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

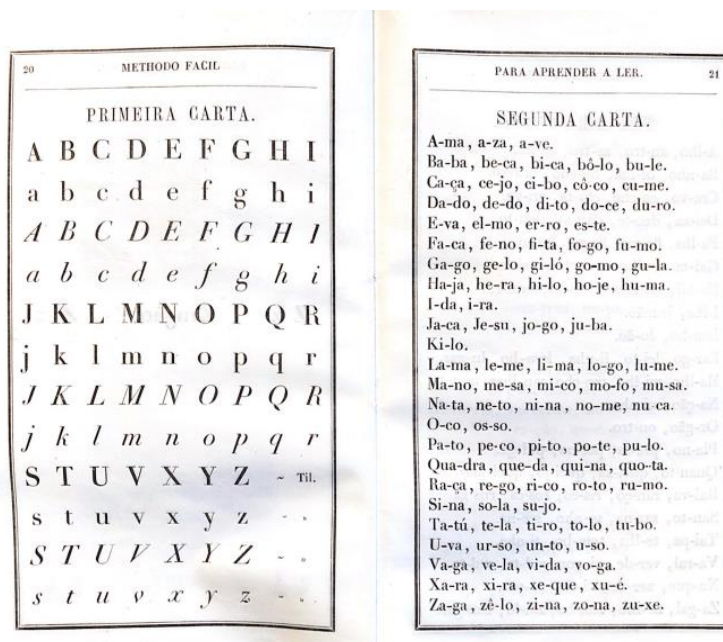
As letras iniciais são grafadas em tipo romana e tipo itálica sob a forma maiúscula e minúscula. A palavra apresenta-se grafada com a letra inicial maiúscula, as demais minúsculas, registradas somente na letra romana. Na mesma linha das letras, a palavra ocupa a posição central, abaixo da gravura. A sequência alfabética é preservada, no entanto a letra W não consta representada. As imagens/palavras escolhidas são: “*arára, bezerro, cebola, dedal, ema, fedegoso, genipapeiro, hera, irára, jacaré, kágado, lontra, melancia, negro⁶⁵, onça, periquito, queixada, repolho, sabiá, tamanduá, urubú, veado, xaréu, yapú, zangão*”.

⁶⁵ Segolène Le Men (2012) observa que a lista de palavras, o léxico e os temas dos abecedários são reveladores das mentalidades da época na qual eles se inscrevem. São objetos de transmissão educativa e, ao mesmo tempo, documentos que indiciam o horizonte cultural de um tempo.

A próxima seção, a partir da página 20 é composta por sete cartas⁶⁶. A primeira (Figura 17) apresenta as letras do alfabeto em disposição horizontal preenchendo as linhas sequencialmente A até I; J até R; S até Z. A letra maiúscula de romana é seguida da minúscula. Depois a letra itálica maiúscula e a correspondente minúscula e essa ordem se repete até o fim do alfabeto. No canto à direita, mais ao fim da página, aparece o til e outro sinal gráfico que chama-se aspas angulares («).

A segunda carta (Figura 18) contém uma lista de palavras de A a Z (de cima para baixo). As palavras são separadas por um hífen, indicando a sílaba. Todas possuem duas sílabas e há mais de uma palavra por letra. As palavras são separadas por vírgula. As Figuras que seguem abaixo reproduzem as duas primeiras cartas.

Figuras 17 e 18 – Letras e palavras divididas em sílabas



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

As próximas cartas vão seguindo a mesma lógica de apresentação de palavras, no entanto o número de sílabas vai aumentando até chegar a sete.

A sétima carta apresenta uma sequência de frases que encadeiam acontecimentos. As palavras são separadas por sílabas com o uso do hífen,

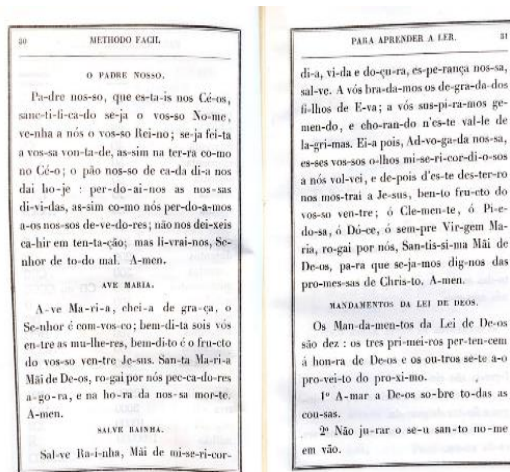
⁶⁶ As cartas desempenham a função de organizar determinados conteúdos por tema semelhante. Nessa obra foi usada essa expressão no lugar de lições.

além de vírgula. Percebe-se um espaço gráfico que propositalmente separa bem as palavras e os sinais gráficos impressos.

Depois, seguem os números arábicos e romanos, apresentados, inclusive sob a forma de escrita por extenso. É importante pontuar que embora o título faça menção à “Taboa de Pythagoras”, ela não comparece na obra. Não está contemplada aqui uma descrição minuciosa dessa parte tendo em vista o foco da tese. Porém, como mencionei anteriormente, esse tipo de aparição é comum nos abecedários do século XIX.

As orações e doutrina cristãs ocupam as páginas seguintes, a saber: “O Padre Nosso; Ave Maria; Salve Rainha; Mandamentos da Lei de Deos; Mandamentos da Santa Madre Igreja; As Virtudes Cardeaes; Os Peccados Mortaes; Sacramentos da Santa Madre Igreja; Peccados Contra o Espirito Santo; Peccados que Bradão ao Céu; Obras da Misericordia; Virtudes Theologaes; Fructos do Espirito Santo; Bem Aventuranças; Inimigos da Alma; Potencias da Alma; Sentidos Corporaes; Igrejas, Os Conselhos de Christo; Acto de Contrição; Acto de Attrição; Acto de Fé; Acto de Esperança; Acto de Caridade; Confissão; Dotes do Corpo Religioso; Verdades Catholicas e Mystérios”. Essa parte ocupa as páginas 30 até 46 e a partir da Figura 19 é possível observar sua apresentação do ponto de vista da separação entre palavras e textos distintos. Os títulos ficam centralizados e escritos em letra maiúscula tipo romana. As palavras são separadas pelo hífen que demarca as sílabas. Os textos que expressam ordem, possuem frases precedidas por números ordinais.

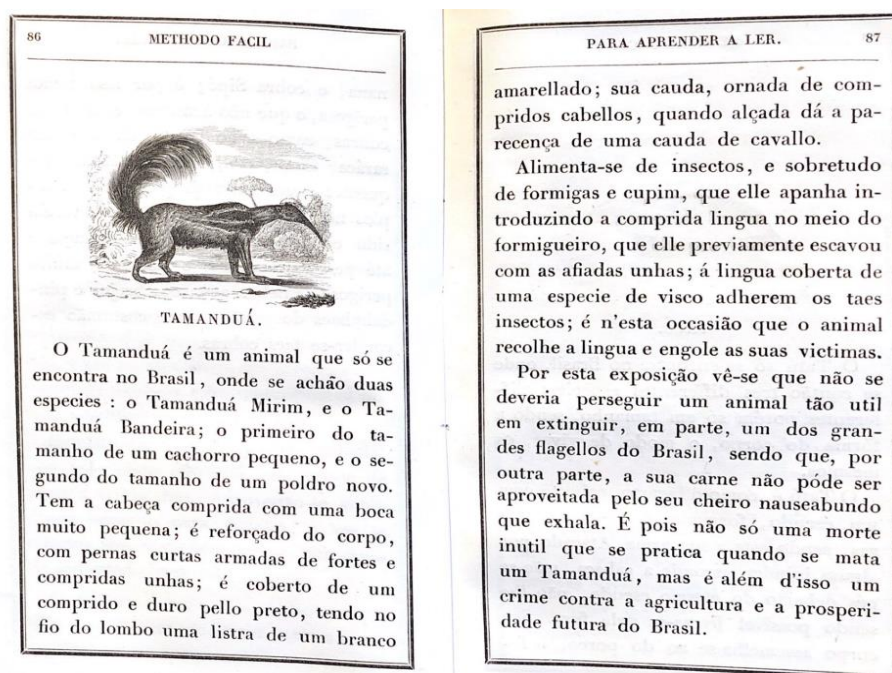
Figura 19 – Orações e doutrinas



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

Da página 47 até a página 99 os animais que compareceram no início retornam, alguns sendo acrescidos ou substituídos em algumas letras, quais sejam: o beija-flor, o cão, a cigarra, a formiga, o macaco, a preguiça, a rã, a sucuri e o tatu. São animais brasileiros. Ocupando a página, em primeiro plano a ilustração, logo abaixo o nome do animal em letra maiúscula romana, seguidos de textos. As palavras, nesta seção, não são separadas por hífens que demarcam as sílabas.

Figura 20 – Texto: Tamanduá



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1865)

Os textos descrevem algumas características do animal da gravura e suas formas de viver na natureza. Algumas informações, do modo como são narradas, demonstram formas utilitaristas de como as pessoas podem se relacionar com os animais.

A seção seguinte intitula-se “*Maximas e pensamentos moraes*” e é composta por frases listadas desde o alto da página e separadas por um asterisco que delimita uma e outra.

Posteriormente consta a seção que se dedica aos “Contos moraes”, a saber: “*Tudo o que Deos faz é bom; O bom filho; Fazer bem a quem nos faz mal; Ninguém se arrepende de fazer bem*”.

Por fim, são apresentadas “Algumas fábulas escolhidas”, são elas: “O lobo e o grou; O macaco declamando; O cão e sua sombra; O leão e o burro; A cigarra e a formiga; O lenhador e a morte”.

A seção “Nas mesmas livrarias⁶⁷” apresenta uma lista de títulos em que os leitores almejados não são somente as crianças. Dentre os livros de literatura, compêndios, gramáticas, manuais de matemática, livros de leitura, livro de catecismo chama atenção o título “*Syllabario Portuguez ou Arte Completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes*”. Foi o mesmo que encontrei no Catálogo 23 da Livraria Garnier e que não integra a empiria da tese aqui apresentada, por conta de que apenas abecedários ilustrados foram selecionados.

Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1875)

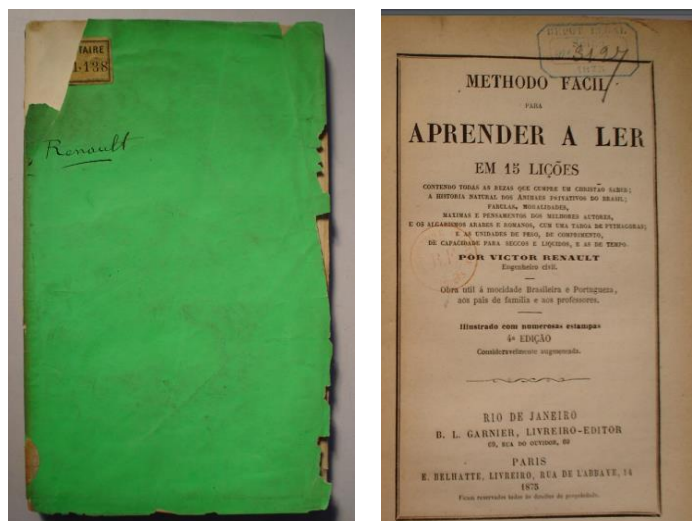
O abecedário, publicado em língua portuguesa, se apresenta como livro, contendo 128 páginas no formato in-12. Pude acessar a íntegra de seu conteúdo⁶⁸. Inicialmente, foi localizada a edição de 1875 do mesmo abecedário, que encontra-se parcialmente reproduzida no Repositório Institucional da UFSC. Acima, apresentei um abecedário, de 1865, que possui praticamente o mesmo título que este, *Methodo facil para aprender a ler em 15 Lições*. Enquanto neste último não havia menção à autoria dos textos ou gravuras, no *Methodo facil* de 1875 a autoria é atribuída a Victor Pierre Renault, sem especificar se essa concerne aos textos, às gravuras ou a todo o conjunto. Assim como nas edições de 1867 e 1872.

Aqui seguirá descrita a impressão publicada com data de 1875 porque foi a partir dela que cheguei às demais. Todas as edições são praticamente idênticas, o que muda são as informações do editor-livreiro de Paris e a oficina tipográfica, cuja diferença aponto adiante.

⁶⁷ Como se trata de um arquivo digitalizado, não fica evidente se esta seção consta nas últimas páginas do miolo do impresso ou na capa posterior.

⁶⁸ O acesso à íntegra desses abecedários foi possível porque estabeleci contato com uma estudante que reside em Paris e que se dispôs a dirigir-se à BnF e fotografou as edições deste abecedário dos anos de 1867, 1872 e 1875, que estão no acervo da BnF.

Figuras 21 e 22 – Capa inicial e a capa posterior



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1875)

Na capa do abecedário consta o título: *“Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”*. Logo abaixo, o subtítulo acrescenta: *“contendo todas as rezas que cumpre um christão saber; a historia natural dos animaes privativos do Brazil; fabulas, moralidades, maximas e pensamentos dos melhores autores, e 03 algarismos arabes e romanos, cum uma taboa de Pythagoras; e as unidades de peso, de comprimento, de capacidade para seccos liquidos, e as de tempo. Por Victor Renault engenheiro civil. Obra util á mocidade Brasileira e Portugueza, aos pais de familia e aos professores. Illustrado com numerosas estampas”*.

A diferença entre os dois títulos, deste e do abecedário anterior (Methodo facil para aprender a ler em 15 Lições (1865), reside no acréscimo de seções que se destinam ao ensino da matemática.

A capa de 1875 tem impressa uma informação importante. Trata-se dos locais de publicação, que são o Rio de Janeiro e Paris. Faz referência ao editor-livreiro *Baptiste-Louis Garnier* e explicita a localização de seu estabelecimento na Rua do Ouvidor, 69. Acrescenta sua publicação em Paris por meio do livreiro E. Belhatte que tem seu comércio situado na *“Rue L’Abbaye, 14”*.

Na capa há também a indicação de que se trata da quarta edição, sendo *“consideravelmente augmentada”*, o que permite afirmar que se trata do mesmo impresso de 1865. Ao final consta o ano de sua publicação, 1875. Toda capa é emoldurada por uma linha dupla, uma mais espessa e outra menos. Nesta mesma página está indicado que a impressão foi feita em Paris na *“Typographie*

de *Georges Chamerot*”, situada na “*Rue des Saints Pères, 19*”. Tanto a livraria quanto a tipografia, nesta obra diferem daquelas que apresentei para o impresso de 1865. Isso pode representar uma pista da intensa mobilidade nas relações editoriais e negócios comerciais estabelecidos na época. São dez anos de diferença entre as impressões, o que pode explicar as alterações.

Quanto às marcas de proveniência, na capa há uma etiqueta colante indicando que antes de integrar o acervo da BnF, fez parte de um outro acervo. Ela não está íntegra, mas vê-se que a palavra em francês “*inventaire*”. Possui logo abaixo uma sequência numérica, indicando uma marca de preparo bibliográfico. Além disso, na capa está manuscrita parte do nome do autor do abecedário.

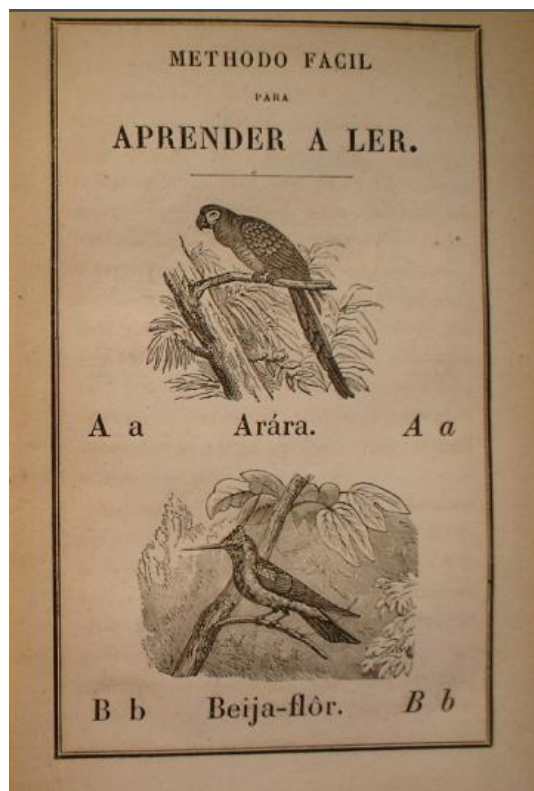
Na folha de rosto, identifica-se um carimbo molhado à tinta preta que exprime o processo de entrega obrigatória de um exemplar de publicação ao governo francês, em decorrência da legislação de depósito legal (*depot legal*). Vê-se uma marca de proveniência que indica a posse pela “*Bibliothèque Nationale*”, o carimbo é oval, à tinta na cor vermelha. No centro dessa marca, observa-se as iniciais R.F. (possivelmente *République Française*).

O texto da “Introdução” é praticamente idêntico ao texto do abecedário de 1865, e difere apenas na descrição das atividades de matemática que foram acrescentadas, as quais estão transcritas acima no subtítulo da obra.

Com o título “*Methodo facil para aprender a ler*”, são apresentadas as gravuras, as letras iniciais e as palavras. Cabe destacar que a gravura assume destaque pelo tamanho e pela localização topográfica em relação aos demais elementos, como se pode observar na Figura 23.

As gravuras estão dispostas acima das letras e palavra associada. Não há referência à autoria das gravuras e nem menção à técnica utilizada. Apresentam-se duas letras em cada página, conforme é possível observar abaixo:

Figura 23 – Letras do alfabeto e gravuras



Fonte: Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições (1875)

As ilustrações apresentam: “*arára, beija-flôr, cutia, dendê, ema, fedegoso, genipapeiro, heliotropio, irára, jacaré, kágado, lontra, melancia, nambú, onça, periquito, queixada, repolho, sabiá, tamanduá, urubú, veado, xaréo, yapú, zabelé*”.

Constatai que as imagens circularam entre esses dois impressos (1865 e 1875) mesmo que os estabelecimentos de impressão não tenham sido os mesmos e tenha decorrido uma década entre as publicações.

Em relação aos conhecimentos de matemática, primeiro apresentam-se os números arábicos e romanos, inclusive sob a forma de escrita por extenso. Depois, segue a “Taboada” do 2 ao 10 sob a forma de tabela. Em seguida, a descrição das medidas de peso que são exploradas a partir de pequenos textos.

Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza; e o sistema metrico (1879)

O abecedário está redigido em língua portuguesa e se apresenta sob formato de livro, contendo 122 páginas. Foi publicado em 1879.

Figuras 24 e 25 – Capa anterior e capa posterior



Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

Na capa do abecedário consta o título: “*Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema metrico*”. Destaca que é ilustrado com numerosas estampas. Indica que foi traduzido e composto por J.R. Galvão do Rio de Janeiro. Informa que ele foi adotado em muitas escolas no império e que está à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e São Paulo. Não consta nenhuma nota tipográfica.

Na folha de rosto consta uma informação que pode se referir a edição feita pelo *American Sunday-School Union. Librarium of Congress Washington*.

No frontispício⁶⁹ aparece uma gravura, na horizontal, que representa a paisagem de uma praia e três pessoas observando o local e cuja legenda é: A

⁶⁹ Frontispício: “Portada de um livro, página de rosto, página de título; frente; frontão – página gravada, muito frequente em livros dos séculos XVI, XVII e XVIII, que aparece colocada antes da página de rosto ou em frente dela, a livro aberto, e na qual estão inscritos o título da obra, o lugar de impressão, o impressor, a data e, com frequência, o retrato do autor ou de personagens intervenientes no conteúdo ou com ele relacionados. Alguns dos frontispícios foram desenhados

VISTA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Não há referência de autoria desta gravura.

Figura 26 – Frontispício “A vista da cidade do Rio de Janeiro”



Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

Este impresso possui uma introdução que afirma que o conhecimento deste abecedário “habilitará qualquer criança a iniciar o estudo, visto que as lições do presente abecedário são simples, e ao mesmo tempo instrutivas, sendo adaptadas à inteligência de todas as classes de crianças”. Acrescenta que o livro “foi aprovado para uso das escolas públicas e ultimamente foi adotado em diversas Províncias”.

As letras do alfabeto comparecem na versão maiúscula e minúscula, com exceção da letra W, conforme Figura 27.

e gravados por artistas famosos e encontraram-se assinados por eles. Moderadamente aparentes apenas são compostos frontispícios para certas edições de luxo” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 343).

Figura 27 - Alfabeto



Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

Na sequência são apresentadas as gravuras, as letras iniciais, as palavras e uma frase que inicia destacando o nome do animal evocado pela gravura, valendo-se do recurso da letra maiúscula. Cabe salientar que as gravuras são apresentadas à esquerda da página e ao lado, a letra e a palavra correspondente em tamanhos proporcionais. Não há referência de autoria para as gravuras e nem para a técnica de sua elaboração.

A estrutura das páginas contempla três letras em cada uma, conforme é possível observar abaixo:

Figura 28 – Letras do alfabeto e gravuras



Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

As letras iniciais e a palavra são grafadas em tipo romana, sob a forma maiúscula e as frases relativas a cada letra representada em letras minúsculas. A sequência alfabética é preservada, no entanto a letra W não é representada. A seleção de palavras e gravuras associadas à letra é: “aguia, bôï, coelho, dóninha, elephante, faisão, gamo, harda, ichneumon, javali, kágado, leão, mosca, ninho, orangutango, porco, quadro, rato, sapo, truta, unicornio, violeta, xenophonte, yandon, zebra”.

“Lição de leitura” e “exercício de soletrar” ocupam as páginas seguintes, compostas por histórias cujas gravuras à esquerda da página, logo no início do texto, ilustram determinada parte da narrativa. Na sequência aparecem as

palavras a serem soletradas no exercício, sendo que em determinados exercícios estas palavras são separadas por sílabas com o uso do hífen, conforme é demonstrado abaixo:

Figuras 29 e 30 – “Lição de leitura” e “exercício de soletrar”



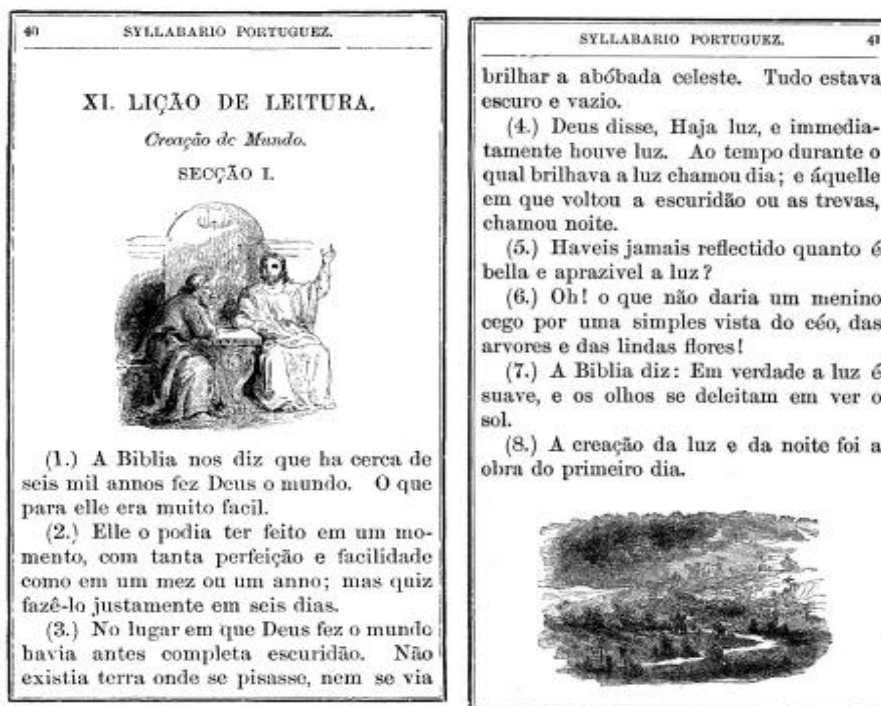
Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

Cabe destacar que os parágrafos de cada “lição de leitura” são numerados, conforme é possível observar nas Figuras 29 e 30. Ao todo, o livro apresenta 17 “exercícios de soletrar” e 36 “lições de leitura”.

As páginas 28 e 29 apresentam “exercício geral de soletrar” que compreende palavras de uma e de duas sílabas, não contempladas nas lições precedentes. As próximas páginas vão seguindo a mesma lógica de apresentação.

A partir da página 40 até 71 consta apenas a “lição de leitura”, apresentando gravuras centralizadas logo abaixo do título da lição e também ao final da lição, como se pode observar nas Figuras 31 e 32:

Figuras 31 e 32 – “Lição de leitura”



Fonte: Syllabario portuguez; ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a língua portugueza; e o sistema métrico (1879)

Algumas histórias da Bíblia são selecionadas nas páginas citadas acima, dentre elas: Criação do Mundo; Uma Triste Mudança; O Primeiro Homicídio; O mundo inteiro submergido; Nascimento de Jesus Christo; Morte de Jesus Christo; Jesus Cristo surge d’entre os mortos; Porque Christo vive nós também viveremos; Da Mentira; Quem são os Bem aventurados; Da Intemperança.

Na página 72 a “lição de leitura” é sobre a ociosidade e após sua conclusão aparece, novamente, o “exercício de soletrar”. Na sequência, mais uma vez comparece esta ordem de apresentação e, posteriormente, a partir da página 78 até 98, consta apenas a “lição de leitura” abordando lições variadas, a saber: Vem de Cima; Conselhos à Mocidade; Maximas e pensamentos moraes; O Ribeiro útil; Sobre o nosso País.

Regras de pontuação ocupam as páginas 99 a 103, logo na sequência são apresentadas as estações do ano, os meses e os respectivos dias que compõem cada mês, os dias da semana, os dez algarismos com que são

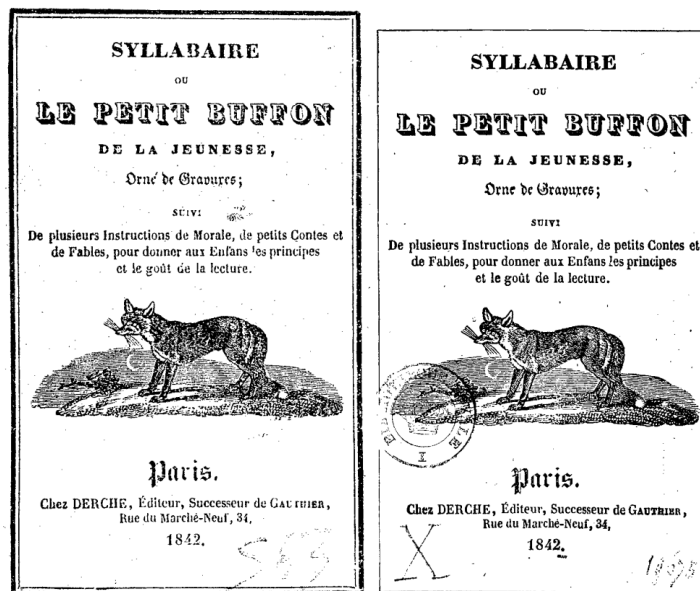
representados todos os números, sua representação em números romanos, a taboada do 1 ao 12, a taboada das unidades, as unidades de medida, a conversão em pesos e medidas brasileiras, as medidas agrárias.

Alguns poemas são mencionados a partir da página 117 até 119 e nas últimas páginas, a oração dominical, vulgarmente chamada de “O Padre Nosso” é reproduzido em português e em latim.

Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

O abecedário, impresso em francês, se apresenta sob o formato de livro, contendo 112 páginas (embora os números não estejam registrados nas páginas) e não há informação quanto ao formato na ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Nacional da França, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo de obras digitalizadas da *Gallica*.

Figuras 33 e 34 – Capa anterior e capa posterior



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

Na capa do abecedário consta o título “*Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orné de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la*

*lecture*⁷⁰. As palavras “*Syllabaire*” e “*le petit buffon*” estão em destaque pelo tamanho da fonte. Há uma gravura, no centro da capa, de uma raposa comendo algo, porém a qualidade da digitalização não permite definir com clareza qual é o alimento. Ainda consta a seguinte informação: Paris, “*Chez Derche, Éditeur, Successeur de Gauthier, Rue du Marché Neuf, 34*”. Refere-se à casa editora de Derche, Editor, Sucessor de Gauthier. Quase ao final do abecedário há uma referência ao local de impressão “*Le Normant*”, situado em Paris na “*Rue de Seine, 8*”. O ano de publicação fica estampado na capa, 1842.

Faço destaque para a marca de proveniência que consta na Figura 34. Trata-se de um carimbo molhado à tinta, formato circular, tendo ao centro uma coroa estilizada e no seu entorno os dizeres “*Bibliothèque Royale*”.

Na próxima página (Figura 35) consta a ilustração de um casal com semblante assustado, pessoas ao fundo com as mãos erguidas e um corpo estirado no chão, parecendo estar morto. A legenda da gravura é: “*Un épisode de l’incendie du chemin de fer de Versailles*”. Virando a página (Figura 36) mais uma ilustração, que parece representar animais e plantas, mas devido à qualidade da digitalização ou do estado de conservação do impresso, torna-se inviável detalhar com clareza o que está sendo retratado. São páginas que parecem estar desconexas com o conteúdo do abecedário. Neste sentido, Chartier (1998) alerta que o impressor-livreiro que possui as madeiras gravadas com as ilustrações, tendo domínio do fabrico do livro, pode fazer uma composição do jeito que desejar e isso pode significar, inclusive, que a gravura e o texto não tenham uma imediata relação com o conteúdo da obra.

⁷⁰ Silabário ou O Pequeno Buffon (assim como dizemos pequeno Aurélio, ou pequeno Houaiss) da juventude, ornado de gravuras; seguido de diversas instruções morais, pequenos contos e fábulas, para fornecer às crianças os princípios e o gosto da leitura (Tradução nossa).

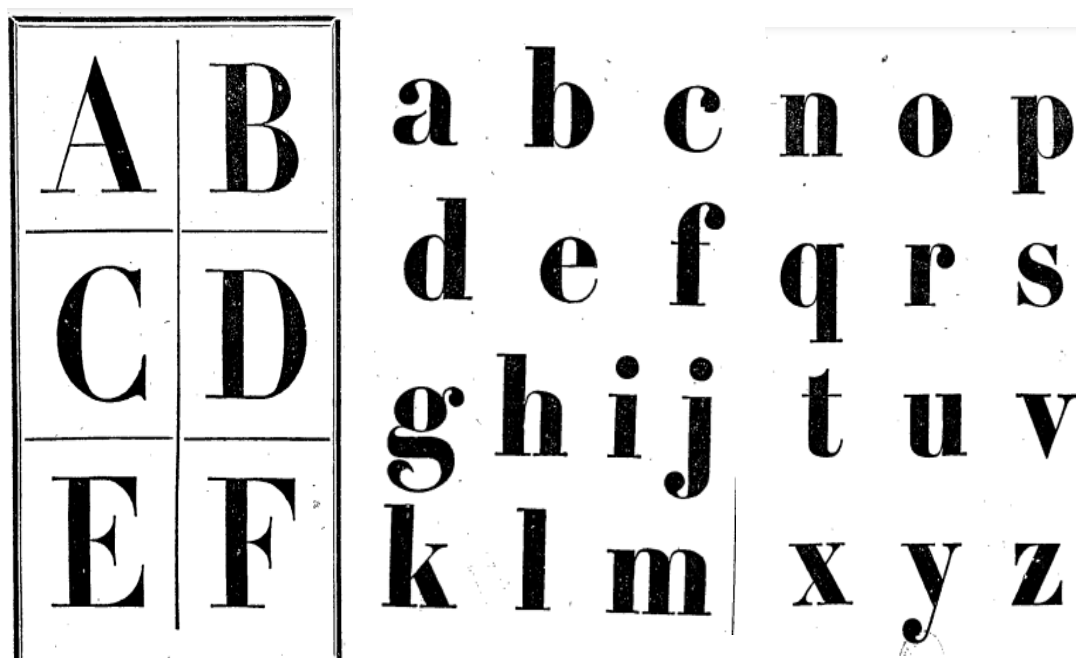
Figuras 35 e 36 - Gravuras



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

Logo após a folha de rosto, as páginas seguintes possuem reproduzidas as letras do alfabeto de A a Z, em maiúsculas e posteriormente em minúsculas, sem a representação da letra W.

Figuras 37, 38 e 39 – Alfabetos

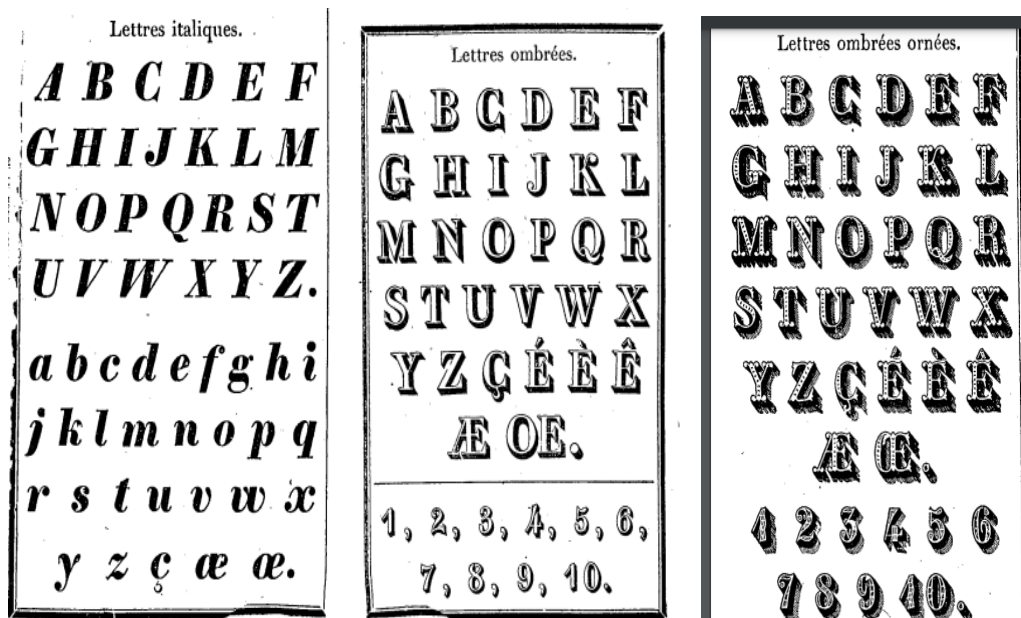


Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

Na sequência, são reproduzidas, em minúscula, a letra c com cedilha, a letra W, as letras entrelaçadas⁷¹ do alfabeto latino (Œ e Æ) e as vogais acentuadas. Além disso, são incluídos os sinais de pontuação, a saber: “vírgula, ponto, ponto e vírgula, dois pontos, apóstrofe, ponto de exclamação e ponto de interrogação”. No fim da mesma página são representados os números de 0 a 9. Na mesma página é incluído o alfabeto com as letras minúsculas que é praticamente idêntico ao apresentado anteriormente, exceto pela inexistência das letras entrelaçadas e do acréscimo das vogais acentuadas ao final.

Na próxima página, sob o título “*Lettres italiqes*” [letras itálicas], estas comparecem na forma maiúscula e minúscula. Esta última, por sua vez, inclui a letra c com cedilha e as letras entrelaçadas (Œ e Æ). Posteriormente, sob o título “*Lettres ombrées*” [letras sombreadas], o alfabeto é representado em letra minúscula, incluída a letra w na sequência e a letra c com cedilha, as letras entrelaçadas (Œ e Æ), as letras E acentuadas e os números de 1 a 10. Adiante, sob o título “*Lettres ombrées ornées*” [letras sombreadas ornadas] consta a mesma representação do alfabeto, apenas diferindo os ornamentos das letras.

Figuras 40, 41 e 42 – Mais alfabetos



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

⁷¹ Letras entrelaçadas: “letras ligadas entre si, gravadas e fundidas num bloco único, muito frequentes nos incunábulo; letras conjuntas, letras unidas; letras ligadas” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 443).

Nas duas páginas seguintes, sob o título “*Lettrés d’écriture ronde*” [letras de escrita arredondadas] e “*Lettrés d’écriture anglaise*” [letras de escrita inglesa], respectivamente, são representados o alfabeto em maiúscula e minúscula, incluído a letra W na sequência e ao final das páginas as vogais acentuadas. Em seguida, em letra minúscula, comparecem as vogais, as consoantes e a representação em sílabas.

Figura 43 – Vogais e consoantes e lista de sílabas



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

Em mais duas páginas são apresentadas palavras separadas por duas sílabas, seguidas de páginas compostas por palavras separadas por três e quatro sílabas e nas páginas seguintes são apresentadas palavras separadas por cinco ou seis sílabas.

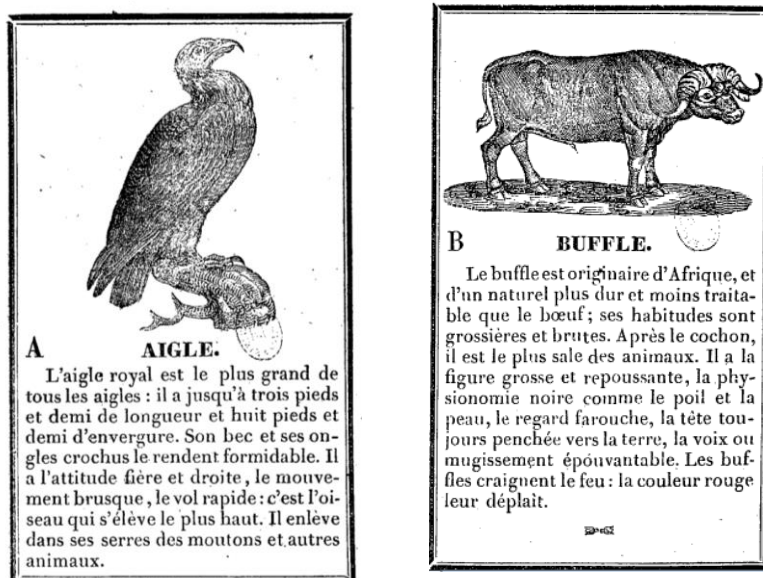
Na sequência, são expostas algumas instruções morais, além de seção com o título “*Oraison dominicale*” [oração dominical], vulgarmente conhecida como a oração do Pai Nosso. Cabe destacar que, acima desse título, está estampada a gravura de um anjo que segura uma faixa contendo a seguinte frase: “*Gloria in excelsis deo*”. Mais adiante, encabeçando uma nova página aparece uma gravura angelical e o título “*Salutation angélique*” [saudação angelical], a reza da Ave Maria e logo em seguida são apresentados os dez mandamentos. Posteriormente, sob o título “*Les commandemens de l’église*” são apresentados os seis mandamentos da igreja. No centro da página, acima do

título, está impressa uma ilustração com dois anjos sobre as nuvens, segurando algo semelhante a um troféu divino. E na página seguinte, uma ilustração centralizada que corresponde com o título “*Le symbole des apôtres*” [o símbolo dos apóstolos], popularmente conhecida como a reza do Credo da igreja católica.

Nas páginas a seguir são apresentadas as divisões do tempo; mencionando os séculos, os dias, os meses, as semanas e as quatro estações; os números de 1 a 9 são representados por extenso e em números romanos. Essa representação continua a partir do número 10 até o 90, mas obedecendo o intervalo dez em dez. A partir do 100 até 1.500 o intervalo passa a ser de cem em cem. As próximas quatro páginas são compostas por tabelas de multiplicação do número 2 até o 18 sendo multiplicados até o número 20. Mais páginas apresentam os acentos gráficos e os sinais de pontuação.

Após essa parte descrita, são apresentadas as letras do alfabeto associadas às gravuras, nomes de animais e um pequeno texto abordando suas principais características. Tanto a letra quanto a palavra são escritas em letra maiúscula romana. O texto, por sua vez, está centralizado e predomina a letra minúscula romana. A maiúscula é empregada no início das frases, conforme a norma da língua. A letra W não é representada.

Figuras 44 e 45 – Letras do alfabeto, gravuras e texto



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

Os animais contemplados neste abecedário são: “aigle, buffle, chameau, dindon, éléphant, fauvette, girafe, hyène, ibet, jocko⁷², kamiqiu, lion, mococo et mougou, nilgaut, ours, panthère, quinquajou, rhinocéros, sanglier, tigre, unau, vautour, xé, yarqué, zèbre⁷³”.

Na sequência, sob o título “*Mots ou la lettre H est aspirée*” (palavras em que a letra h tem som aspirado) estão impressas algumas palavras que iniciam com a letra h.

As próximas cinco páginas abordam os temas religião, história e geografia. Sob os títulos “*La politesse, La docilité et L'indocilité, Le mensonge, La paresse, La méchanceté*”⁷⁴, nas páginas seguintes são apresentadas cinco lições morais instrutivas e alguns contos. As páginas finais do livro são compostas por três fábulas: “*Les deux voyageurs, La mort e Le paon*”. Cabe destacar que na segunda fábula consta o mesmo carimbo da “*Bibliothèque Royale*”. O livro encerra com a terceira fábula sob o título “*Le paon*”, cujo texto é centralizado e justificado e acima do título há uma gravura de um pavão robusto.

Figuras 46 e 47 - Fábulas



Syllabaire ou le petit buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture (1842)

⁷² A respeito da palavra Jocko: “*Terme d'histoire naturelle. Espèce de singe qu'on nomme aussi pongo*”. Disponível em: <https://www.littre.org/definition/jocko>. Lê-se: “Termo de história natural. Espécie de macaco também chamado pongo” (Tradução nossa).

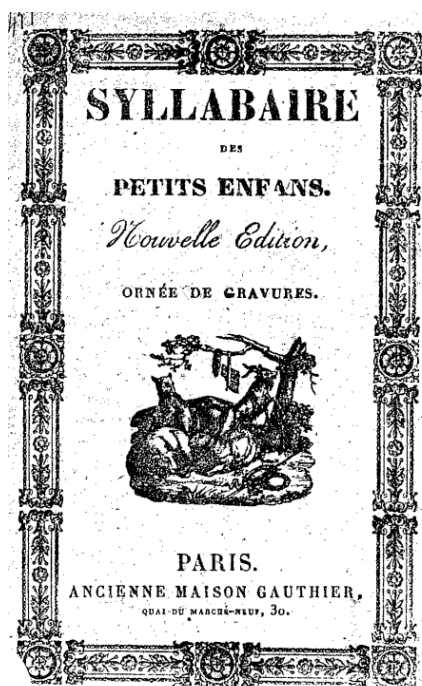
⁷³ “Águia, búfalo, camelo, peru, elefante, fauvette, girafa, hiena, ibet, kamiqiu, leão, mococo et mougou, nilgaut, urso, pantera, quinquajou, rinoceronte, javali, tigre, preguiça, abutre, xé, yarqué, zebra” (Tradução nossa). Nota: não foi possível fazer a tradução de algumas palavras e por esse motivo mantivemos a escrita em francês. Isso porque esse léxico é muito específico e pode designar a animais de espécies que não conhecemos. Alguns animais possivelmente estão em extinção ou já desapareceram, o que dificulta ainda mais proceder a tradução. Isso se aplica para os demais casos ao decorrer desse capítulo.

⁷⁴ “Polidez, docilidade e indocilidade, mentira, preguiça, maldade” (Tradução nossa).

Syllabaire des petits enfans. Nouvelle edition, ornée de gravures (1845)

Syllabaire é um impresso em idioma francês que se apresenta sob o formato de livro, contendo 36 páginas (embora não haja numeração das páginas) e não há informação quanto ao formato na ficha catalográfica elaborada pela BnF, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da *Gallica*.

Figura 48 – Capa



Syllabaire des petits enfans. Nouvelle edition, ornée de gravures, 1845

Como se pode observar, na capa inicial registra o título “*Syllabaire des petits enfans. Nouvelle edition, ornée de gravures*”. A palavra “*syllabaire*” está em destaque pelo tamanho da fonte e as palavras “*nouvelle edition*” consta em itálico, diferenciada das demais. Há uma ilustração no centro da capa e a qualidade da digitalização não permite definir com clareza o que está sendo retratado. É possível observar que vários animais integram a cena e há uma árvore no segundo plano. Ainda consta a seguinte informação: Paris, “*Ancienne Maison Gauthier, Quai du Marché-reuy, 30*”. É provável que se refira ao estabelecimento de edição já que quase ao final do abecedário há uma

referência ao local de impressão “*Le Normant*”, que situado em Paris na “*Rue de Seine, 8*”. O ano de publicação também está estampado na capa, que informa o ano de 1845.

Na folha de rosto, além dos dados da capa, consta uma marca de propriedade expressa no carimbo da “*Bibliothèque Royale*”, circular, tinta preta e que, assim como nos demais abecedários antes descritos que possuem o mesmo carimbo, estampa ao centro uma coroa em alusão ao designativo real.

Nas primeiras páginas do interior, são reproduzidas as letras do alfabeto em maiúscula, com a inclusão do W na sequência. Além disso, são incluídas as letras C com cedilha e aquelas entrelaçadas (Œ e Æ). O alfabeto com as letras minúsculas é praticamente idêntico ao apresentado anteriormente, exceto pela inexistência das letras entrelaçadas e do acréscimo, ao final, das vogais acentuadas. Na próxima página, sob o título “*Lettres italiques*”, todo o alfabeto comparece na forma maiúscula e minúscula. Esta última, por sua vez, inclui a letra c com cedilha e as letras entrelaçadas (Œ e Æ).

Figura 49 – *Lettres italiques*



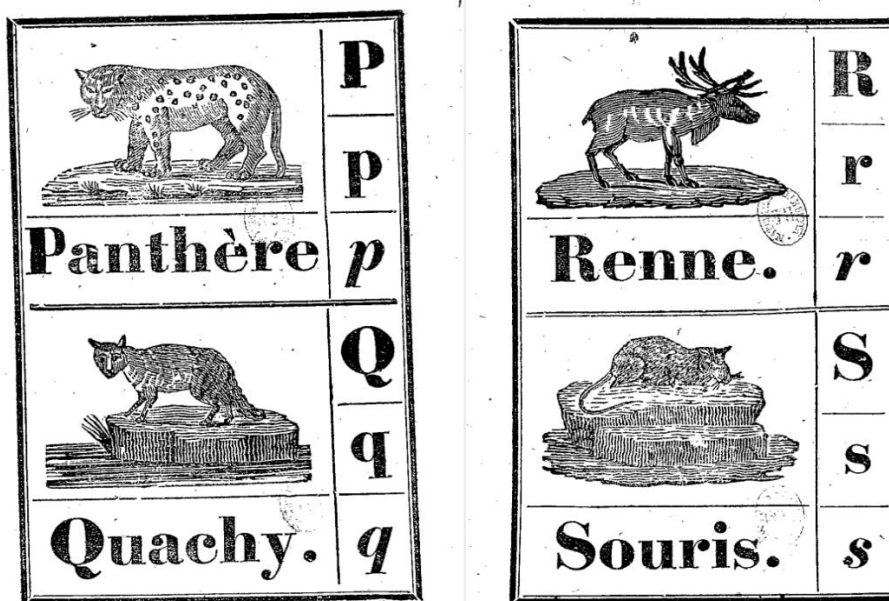
Syllabaire des petits enfants. Nouvelle edition, ornée de gravures, 1845

Não há nenhum título que identifique a seção onde são apresentadas as gravuras, as letras iniciais e as palavras. Cabe destacar que a ilustração assume destaque na página do impresso devido ao seu tamanho e pela disposição em relação aos demais elementos. Em algumas páginas, a gravura está localizada

no lado esquerdo e não há referência de autoria para as mesmas nem menção à técnica utilizada. Abaixo da gravura, a palavra grafada com inicial maiúscula em letra romana. À direita, enquadrada por molduras, a letra correspondente à gravura e a palavra em que é a inicial, apresenta-se a letra do alfabeto em coluna, tendo acima a grafia em romana maiúscula, abaixo a romana minúscula e por fim em fonte itálica minúscula. A página é emoldurada por duas linhas, sendo a primeira mais espessa e a segunda mais estreita, como se pode observar nas Figuras 50 e 51.

Outro aspecto a ressaltar é que nas pranchas onde são impressas as letras do alfabeto até as páginas descritas acima, há um numeral que aparece em páginas intercaladas, seguindo a sequência do 2 ao 6. Pode ser um recurso tipográfico usado para assinalar a ordem dos fólhos na produção e costura dos cadernos do impresso.

Figuras 50 e 51 – Letras, gravuras e palavras



Syllabaire des petits enfans. Nouvelle edition, ornée de gravures, 1845

As gravuras e palavras escolhidas para representarem as letras do alfabeto, segundo suas iniciais, são: “*ane, boeuf, cheval, daim, éléphant,*

fauvette, girafe, héron, Isis, kamichi, lion, musc, navire, orang-outang, panthère, quachy, renne, souris, tigre, urne, vautour, xe, yacou, zèbre”⁷⁵.

Embora a letra J seja representada na lista alfabética, ela não comparece com gravura e palavra associada, assim como a letra W.

Subsequentemente são apresentadas as vogais, as consoantes e uma lista de sílabas, a começar pelas sílabas de duas letras seguindo a ordem alfabética de B a Z, exceto as letras Q e W. Por fim, aparecem as sílabas de três letras na composição consoante, consoante e vogal.

A seção seguinte intitula-se “*Mots de deux syllabes*” [palavras de duas sílabas] e lista palavras de duas sílabas que ficam separadas por um significativo espaço. A primeira letra da palavra está impressa em maiúscula e as demais minúsculas. O tamanho da fonte é grande e ao final da escrita da palavra há uso do ponto final. Esse formato segue semelhante até as palavras de cinco sílabas.

Depois há um pequeno texto que se direciona à criança explicitando que ela deve aprender a ler para agradar sua mãe e seu pai. Além disso, relaciona o saber ler a uma ideia de ser útil para as pessoas. Finaliza com uma frase que ordena que a criança seja obediente aos pais.

A próxima página expõe alguns exemplos de palavras que possuem “*liaisons*” [ligações] e apresenta palavras com uso de apóstrofe. Em seguida, são listados os sinais de pontuação e outros sinais gráficos. Na primeira coluna da página os nomes estão escritos com letra romana, com uso de a maiúscula inicial seguida da minúscula para as demais letras. Na segunda coluna os sinais aparecem entre parênteses.

Há uma sequência de textos religiosos ofertados à leitura, assim como no abecedário anterior, de 1842, e são eles: “*oraison dominicale, salutation angélique, les commandemens de dieu, les commandemens de l’église, les symboles des apotres*.”⁷⁶.

Sob o título “*Division du temps*” [divisão do tempo] há uma explicação sobre quantos anos há em um século, quantos meses há em um ano, quantos dias há em um mês, a divisão do mês em quatro semanas, os sete dias da

⁷⁵ “Asno/burro, boi, cavalo, gamo, elefante, fauvette, girafa, garça, ísis, kamichi, leão, musc, navio, orangotango, pantera, quachy, rena, rato, tigre, urna, abutre, xe, yacou, zebra” (Tradução nossa).

⁷⁶ “Oração dominical, saudação angelical, os mandamentos de Deus, os mandamentos da igreja, os símbolos dos apóstolos” (Tradução nossa).

semana, os meses do ano e as quatro estações. Bem ao final, com título centralizado em letras maiúsculas “*Chiffres*” [cifras] são ordenados os números de 1 até 10.

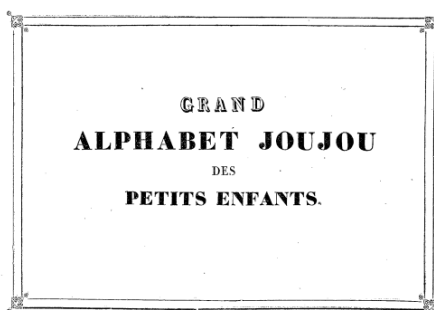
A última parte do abecedário reserva destaque para a ilustração de um leão com vista lateral. As margens da página são emolduradas por colunas ornadas com arabescos e flores.

Grand alphabet joujou de mes petits enfants (1848)

O abecedário impresso em francês se apresenta como livro, contendo 32 páginas (embora os números não estejam impressos nas páginas). Não há informação de formato na ficha catalográfica elaborada pela BnF, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo da *Gallica*.

Na capa do abecedário destaca-se o título “*Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants*” emoldurado por linhas duplas com detalhes em arabescos nas extremidades.

Figura 52 - Capa



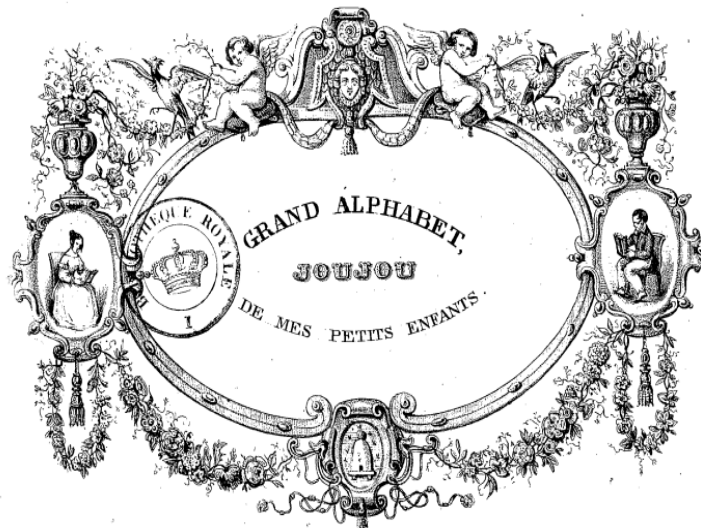
Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants (1848)*

Na folha de rosto palavra “*joujou*” assume destaque entre as demais por ser impressa em uma fonte que se assemelha às letras capitulares. “*Joujou*” serve para associar o impresso a um brinquedo, um divertimento para as crianças. Em francês esse caráter comparece de diferentes modos: *joujou* [brinquedo], *amusant* [diversão], ou mesmo álbum para as crianças.

O título do *Grand Alphabet* está emoldurado por flores, vasos de flores, estatuetas, anjos e pássaros. Nas laterais da moldura há uma menina (esquerda) e um menino (direita), ambos sentados em posição de leitura, lendo um livro que

seguram com as mãos. A ilustração confere uma beleza estética e refinada ao impresso.

Figura 53 – Folha de rosto



Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

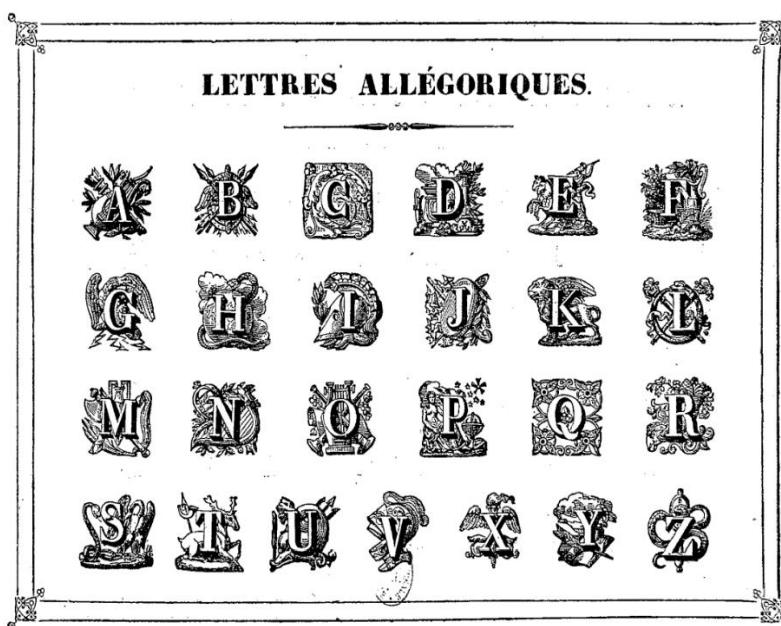
No final do livro consta a informação de que o estabelecimento tipográfico é de *Blocquel-Castiaux* e situa-se em Lille, França.

No decorrer das páginas desse abecedário, observa-se que muitas estão em branco, possivelmente para realização de exercícios.

Abaixo de algumas páginas, onde estão as gravuras, há menção a *D. Monnier*, assim como a técnica de impressão usada, a litografia. O ano de publicação é de 1848.

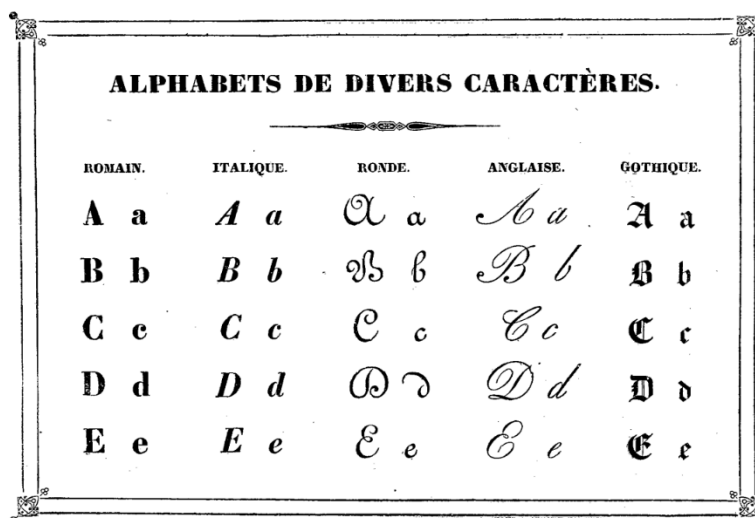
A marca de proveniência consiste em carimbo da "*Bibliothèque Royale*", que também comparece em outros da coleção de abecedários da BnF, como referi antes. Ele é circular, à tinta preta e possui uma coroa (real) estampada ao centro.

Em seguida, o abecedário apresenta, sob o título "*Lettres allégoriques*" [letras alegóricas], as letras do alfabeto que se assemelham com as capitulares pelos traços e riqueza nos detalhes, com efeitos de formas e gravuras. A letra W não está incluída na sequência das letras.

Figura 54 – *Lettres allégoriques*

Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

Na sequência, as letras são apresentadas em fontes romana, itálica, redonda, inglesa e gótica. Estão dispostas em cinco colunas, correspondentes a cada tipo. Importa comentar que em cada uma dessas colunas, primeiro é a versão maiúscula, tendo a seu lado a minúscula. Nesta seção intitulada “*Alphabet de divers caracteres*” [Alfabeto de diferentes tipos de fontes] a letra W comparece na ordem alfabética.

Figura 55 – *Alphabet de divers caractères*

Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

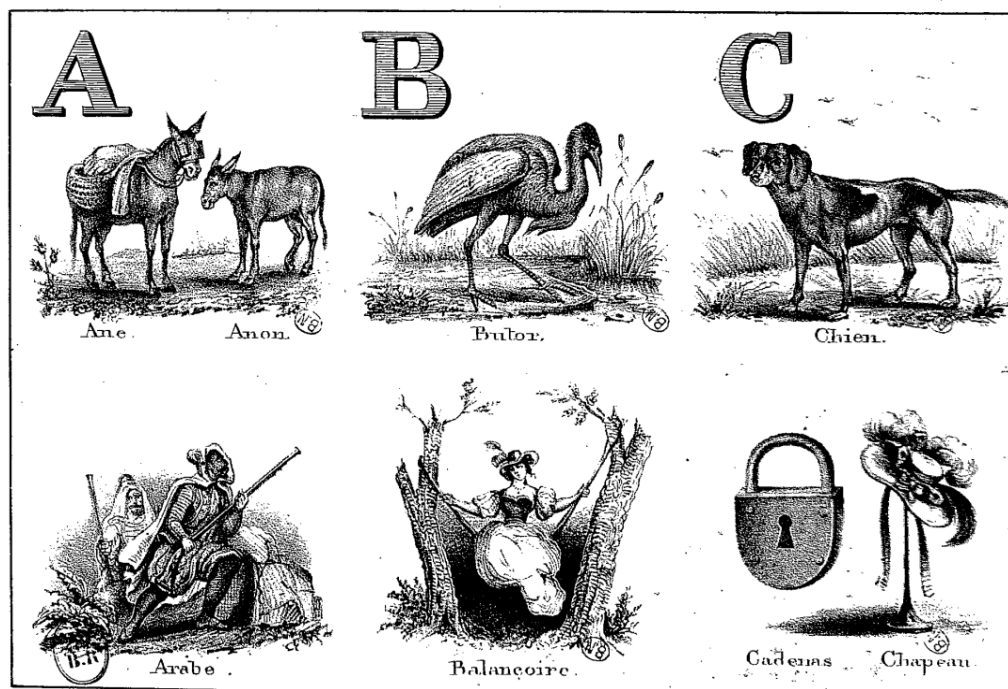
Esse abecedário intercala uma página com as letras, palavras e gravuras seguindo a ordem alfabética com outras páginas que possuem conteúdos diversos. Descrevo primeiramente as páginas de conteúdo diverso para, em seguida, me ater ao alfabeto e suas relações evocativas.

Os números arábicos são apresentados de duas formas: na representação com os algarismos e por extenso, respectivamente. Do um ao zero e depois as dezenas exatas do dez ao noventa, seguindo as centenas exatas do cem a quinhentos, saltando ao mil.

As vogais, consoantes e letras de entrelaçadas comparecem também. Depois, uma lista de sílabas, avançando em ordem alfabética do alto da página à sua parte inferior. No sentido da linha são feitas as combinações com as vogais. Prosseguindo, são elencadas palavras separadas por um hífen que demarca a sílaba.

Quanto às modalidades de apresentação das letras do alfabeto, gravuras e palavras, a Figura 56 é elucidativa.

Figura 56 – Letras, gravuras e palavras

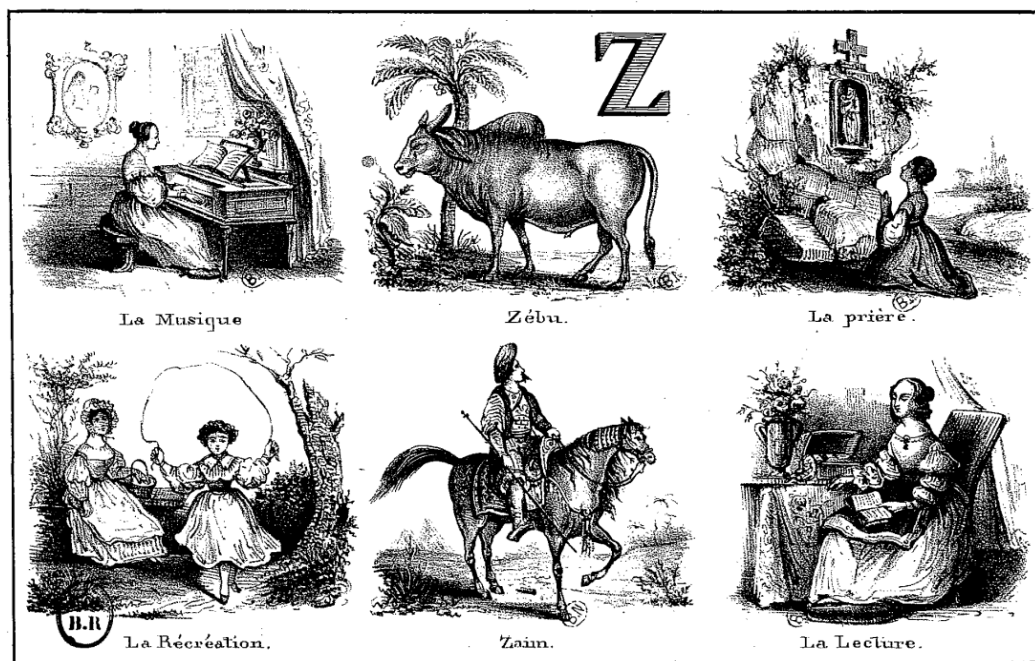


Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

Como se vê, as letras estão agrupadas na página, ocupando o topo. A letra é maiúscula e a fonte usada tem um preenchimento e contorno bem expressivos. São, em média, duas a três gravuras e palavras por letra. As gravuras assumem destaque juntamente com as letras e as palavras se posicionam abaixo das gravuras em tamanho discreto, iniciando com a maiúscula e as demais letras da palavra em minúsculas.

As palavras evocadoras das letras são: “*ane, anon, arabe, butor, balançoire, chien, cadenas, chapeau, dromadaire, danse, éléphant, eglise, fouine, fontaine, fauteuil, grenouille, général, hibou, hache, harengs, ibis, imprimerie, jabiru, jocrisse, kanguroo, kiosque, lyre, laboureur, moutons, malade, nandou, nain, ours, oiselier, panthère, perruques, queréiva, quilles, renard, ruches, singe, saltimbanque, tortue, tombeau, urson, union, vache, vases, xandarus, xystiques, yapock, yacht, zébu, zaim*”⁷⁷.

Figura 57 – Letra Z e outras gravuras



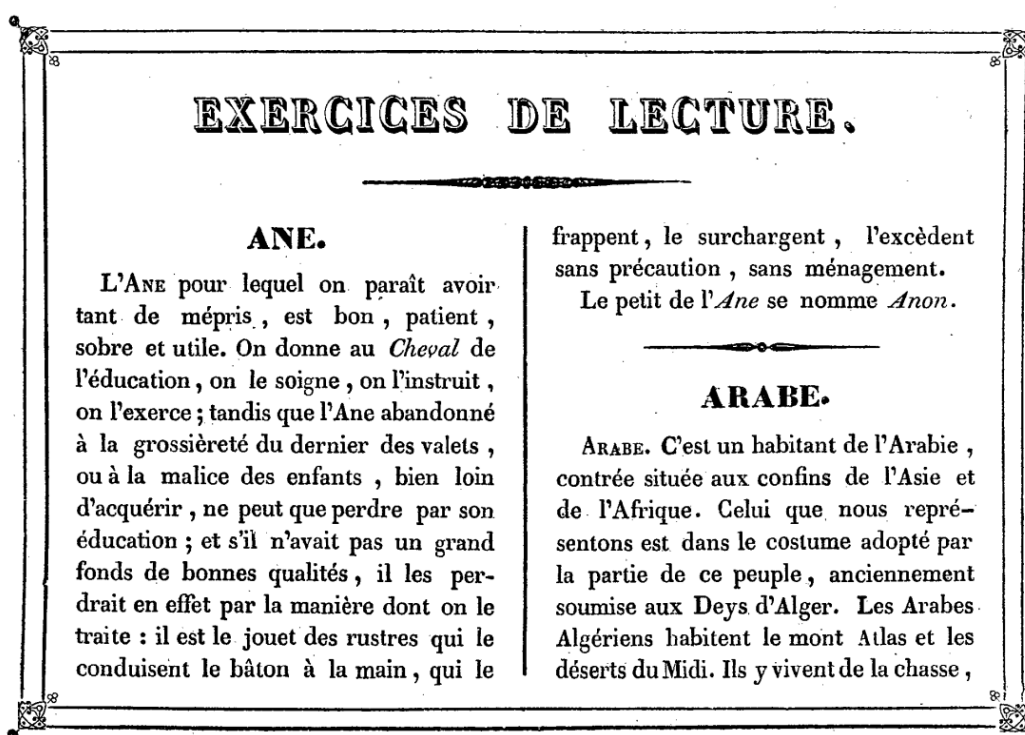
Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

⁷⁷ “Asno/burro, filhote de asno ou burro, árabe, buton (espécie de pássaro), balanço, cachorro, cadeado, chapéu, dromedário, dança, elefante, igreja, doninha, fonte, poltrona, sapo, general, coruja, machado, arenques, íbis, estabelecimento de impressão, jabiru, Jocrisse (nome de pessoa ou pessoa boba que se deixa levar pelo primeiro que chega), canguru, quiosque, lyre, lavrador, ovelha, doente, ema, anão, urso, apanhador de pássaros, pantera, perucas, queréiva, boliche, raposa, colmeias, macaco, charlatão, tartaruga, tumulto, urson, união, vaca, vasos, xandarus, xystiques, yapock, iate, zebu, zaim” (Tradução nossa).

A página com a letra Z compartilha gravuras que retratam algumas ações desempenhadas pelas mulheres e meninas, a saber: a música, a brincadeira, a oração e a leitura.

À medida em que as letras, as gravuras e as palavras são apresentadas, o abecedário acresce pequenos textos sobre cada uma delas, que se apresentam como exercícios de leitura, como é possível observar a seguir na Figura 58:

Figura 58 – *Exercices de lecture*



Fonte: *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848)

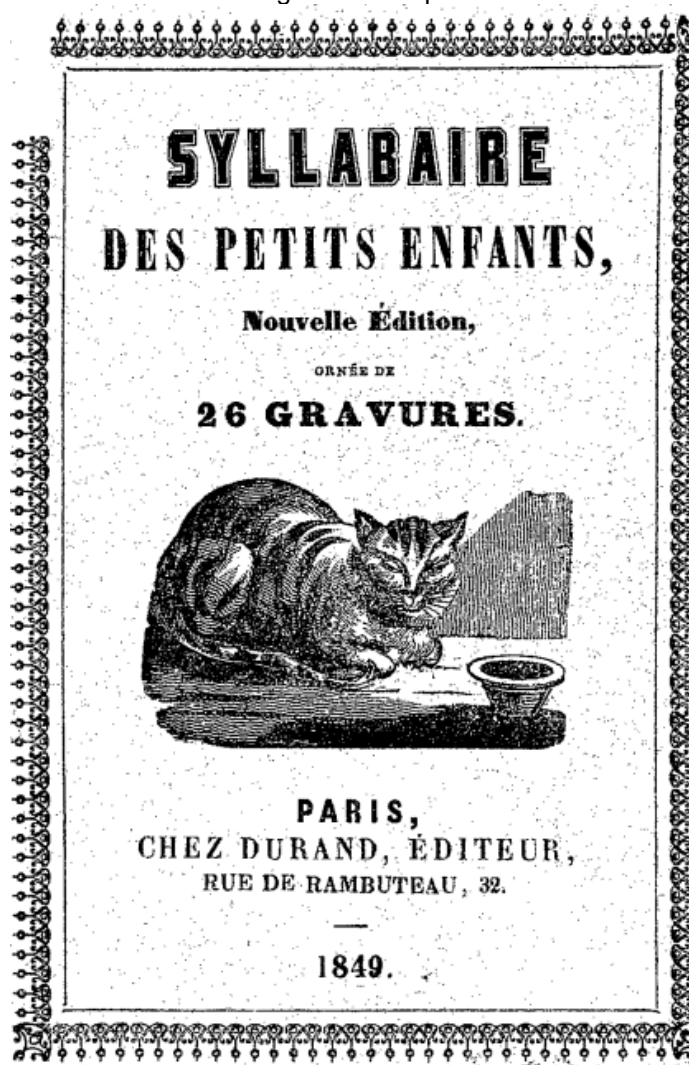
Essa seção é chamada “*Exercices de lecture*” [exercício de leitura]. A palavra evocada pela letra é apresentada com letra maiúscula centralizada com uso do negrito como recurso de destaque. O texto vem logo abaixo com o uso da maiúscula seguindo as normas da língua. Os conteúdos dos textos descrevem o conteúdo a que a palavra se reporta e faz uso de exemplos.

Cabe ressaltar que, embora o tema do abecedário não seja exclusivamente sobre animais, eles compõem massivamente.

Syllabaire des petits enfants
Nouvelle édition, ornée de 26 gravures (1849)

O abecedário é francês e se apresenta sob o formato de livro, contendo 36 páginas (embora os números não estejam impressos); não há informação de formato na ficha catalográfica elaborada pela BnF, onde se encontra conservado. Esse abecedário integra o acervo da *Gallica*.

Figura 59 - Capa



Fonte : *Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures* (1849)

Na capa principal do abecedário está impresso o título “*Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures*”. Difere quanto ao título em relação ao abecedário anteriormente descrito, em especial pela menção ao

número de gravuras. A palavra “*syllabaire*” está em destaque pelo tamanho da fonte. Há, no centro da capa, a gravura de um gato deitado com uma tigela a sua frente. Ainda consta a informação de que *Chez Durand* é o editor, situado em Paris na “*Rue, de Rambuteau, 32*”. Na ficha catalográfica da Biblioteca Nacional da França, consta que o estabelecimento de tipografia é de *Mme. Smith*, localizado também em Paris. O ano de publicação fica estampado na capa e é 1849.

Na folha de rosto é retratada uma cena de dois homens lendo sentados em grandes poltronas do lado esquerdo. O cômodo que todos parecem estar é a sala, pois há uma lareira, enfeites sobre ela, um quadro e cortinas. Do lado direito, uma mulher segura um livro sobre o colo e abraça uma criança que lê junto a ela.

Figura 60 – Folha de rosto



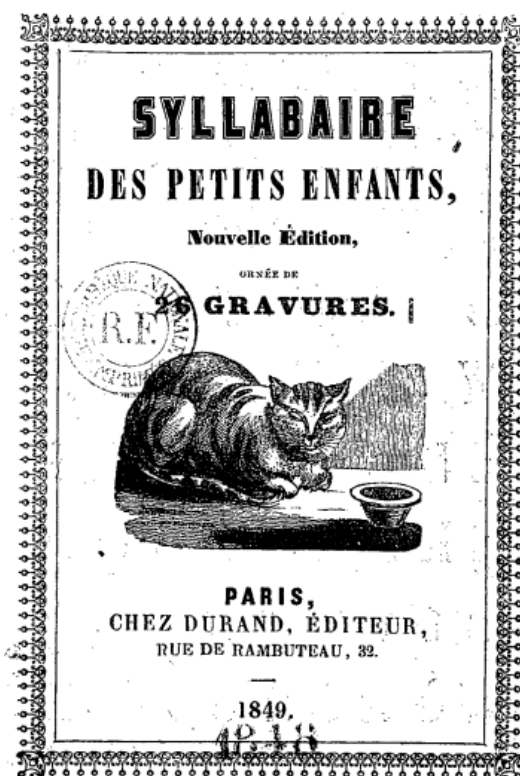
Fonte : *Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures* (1849)

Essa gravura consta no frontispício da folha de rosto do abecedário e pode-se afirmar que não é apenas uma gravura rica pela função icônica nesse impresso, mas porque remete ao imaginário de uma cena de leitura, que afinal é a função do impresso: ensinar a ler e a escrever. Mesmo que de fato esse abecedário pudesse ser usado na escola, o modelo de aprendizagem sugerido na gravura é o ensino doméstico, e valoriza a representação da intimidade familiar, particularmente o vínculo entre mãe e filho. Como protocolo de leitura,

a encenação do ensinar a ler está associada, sobretudo, à figura feminina, e essa parece ser uma mensagem transmitida pela ilustração.

Vê-se em uma folha de rosto complementar, uma marca de proveniência da “*Bibliothèque Nationale*”, um carimbo oval estampado na cor preta. No centro dessa marca, observa-se as iniciais R.F., de *République Française*.

Figura 61 – Folha de rosto complementar



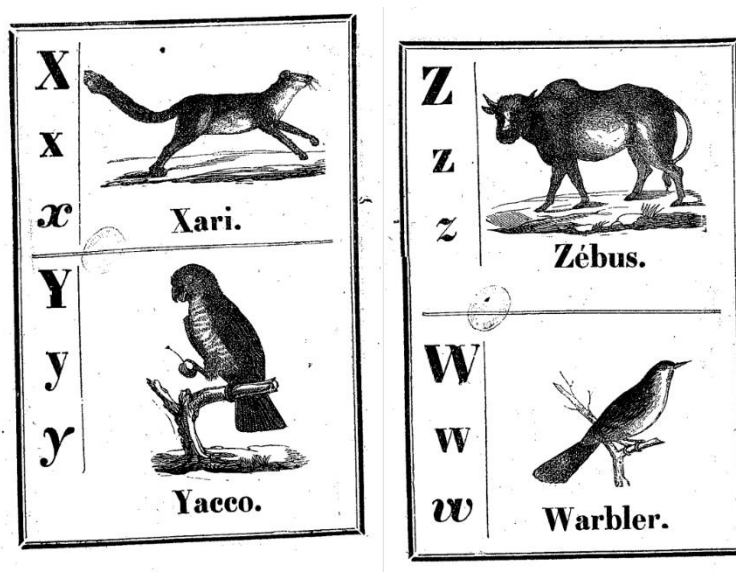
Fonte : Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures (1849)

Em seguida, são reproduzidas as letras do alfabeto em maiúscula com a inclusão do W na sequência. Além disso, são incluídas as letras C com cedilha e as letras entrelaçadas (Œ e Æ). O alfabeto com as letras minúsculas não possui as letras entrelaçadas e tem as vogais acentuadas ao final. Na página seguinte, sob o título “*Lettres italiqnes*” [letras itálicas], estas comparecem na forma maiúscula e minúscula, incluindo-se a letra C com cedilha e as letras entrelaçadas (Œ e Æ).

Não há nenhum título que identifique a parte onde são apresentadas as gravuras, as letras iniciais e as palavras. Cabe destacar que a ilustração assume destaque pelo tamanho e pela localização na página em relação aos demais elementos, a saber: do lado direito às gravuras, sem referência ou técnica

utilizada. A palavra fica abaixo da gravura com a letra romana maiúscula na inicial e as demais em minúsculas. À esquerda da ilustração, constam as letras em coluna, sendo ao alto em romana maiúscula, abaixo a romana minúscula e mais abaixo em fonte itálica minúscula. A página é emoldurada por duas linhas, sendo a primeira mais espessa e a segunda mais fina. Como se pode perceber nas Figuras 62 e 63 em comparação às Figura 50 e 51 do abecedário anteriormente descrito, o que difere é a posição da gravura: lado direito ou esquerdo.

Figuras 62 e 63 – Letras, gravuras e palavras



Fonte : Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures (1849)

Nas Figuras acima observa-se uma particularidade deste abecedário, uma vez que retrata uma gravura e uma palavra que inicia com a letra W, o que não comparece nos abecedários franceses apresentados até aqui. É algo bem incomum para os exemplares repertoriados nesta tese. Além disso, observei que a letra comparece fora da sequência alfabética, após o Z.

As gravuras e palavras escolhidas para integrarem o alfabeto são: *“autruche, baleine, castor, dogue, ecureuil, fouine, gazelle, hippopotame, ibis, jaguar, kangourou, lamentin, mouton, narwal, ouistiti, porc-épic, quéreive, renne, serpent, toucan, uvaure, vanneau, xari, yacco, zébus, warbler”*⁷⁸.

⁷⁸ “Avestruz, baleia, castor, dogue, esquilo, doninha, gazela, hipopótamo, íbis, onça, canguru, peixe-boi, ovelha, narval, sagui, porco-espinho, quéreive, rena, cobra, tucano, uvaure, vanneau, xari, yacco, zebu, warbler” (Tradução nossa).

Na sequência são apresentadas as vogais, consoantes e uma lista de sílabas, iniciando pelas sílabas de duas letras, seguindo a ordem alfabética de B a Z, exceto as letras Q e W. Por fim, aparecem as sílabas de três letras na composição consoante, consoante e vogal.

A seção a seguir intitula-se “*Mots de deux syllabes*” [palavras de duas sílabas] e lista palavras de duas sílabas que ficam separadas por um significativo espaço. A primeira letra da palavra é maiúscula e as demais minúsculas. O tamanho da fonte é grande e ao final da escrita da palavra há uso do ponto final. Esse formato segue semelhante até as palavras de cinco sílabas.

Depois há um pequeno texto que se direciona à criança, explicita que ela deve aprender a ler para agradar sua mãe e seu pai, talvez uma rede de sentido com a gravura do frontispício. Além disso, relaciona o saber ler a uma ideia de ser útil às pessoas. Finaliza com uma frase que ordena que a criança seja obediente aos seus pais.

A próxima página explicita alguns exemplos de palavras que possuem “*liaisons*” [ligações] e apresenta palavras com o uso da apóstrofe. Em seguida, são listados os sinais de pontuação e outros sinais gráficos. Na primeira coluna, os nomes estão escritos com letra romana, usando a maiúscula inicial seguida de minúscula para as demais. Na segunda coluna os sinais aparecem entre parênteses.

Há uma sequência de textos religiosos ofertados à leitura, são eles: “*oraison dominicale, salutation angélique, les commandemens de dieu, les commandemens de l’église, les symboles des apotres*”⁷⁹.

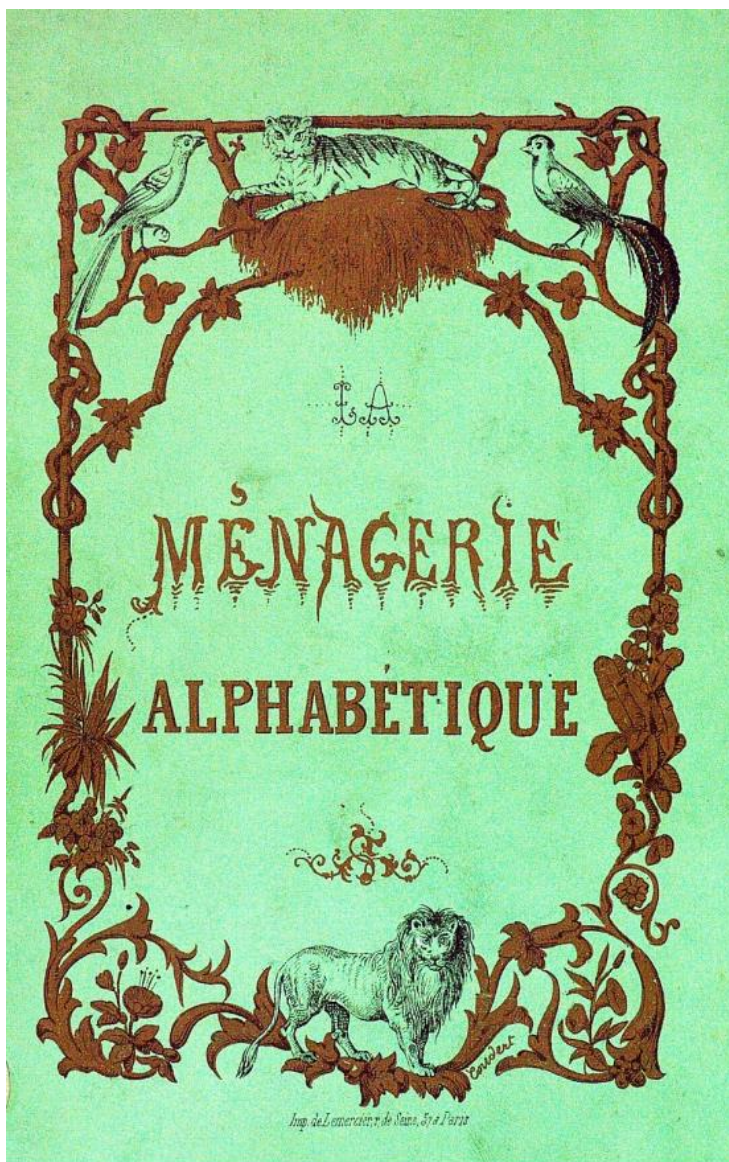
Sob o título “*Division du temps*” [divisão do tempo] há uma explicação sobre quantos anos há em um século, quantos meses há em um ano, quantos dias há em um mês, a divisão do mês em quatro semanas, os sete dias da semana, os meses do ano e as quatro estações. Ao final, com título centralizado em letras maiúsculas “*Chiffres*” [cifras], são ordenados os números de 1 até 10, assim como no syllabaire de 1849.

⁷⁹ “Oração dominical, saudação angelical, os mandamentos de Deus, os mandamentos da igreja, os símbolos dos apóstolos” (Tradução nossa).

La ménagerie alphabétique (1851)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 56 páginas (embora as páginas não estejam numeradas). Não há informação quanto ao formato na ficha catalográfica elaborada pela BnF, onde foi localizado junto às obras digitalizadas de sua *Gallica*.

Figura 64 - Capa



Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Na capa do abecedário consta o título “*La Ménagerie Alphabétique*” [O zoológico alfabético] e cada uma dessas palavras tem um formato que mescla letra e gravura, sobretudo as duas primeiras.

O fundo da capa é verde e o destaque fica por conta da moldura em tom terroso que mimetiza galhos de árvores e flores em arabescos. Os animais retratados estão impressos na cor preta e integram essa composição rica em detalhes. O tigre, o leão e duas espécies de pássaros são os escolhidos. Próximo ao leão há assinatura de “Coudert”, podendo ser quem ilustrou a capa, mas é uma conjectura já que não há uma afirmação expressa no interior da obra. Ainda consta informação do estabelecimento de impressão de “Lemercier”, situado em Paris, “Rue de Seine, 57”. O ano da publicação é 1851.

Quanto à marca tipográfica é possível encontrar uma que se assemelha

Figura 65 – Marca tipográfica



a um brasão. Ela se refere ao editor-livreiro *Amédée Bédelet*, cujas iniciais estão estampadas no centro. Consta a informação de que seu estabelecimento se localizava em Paris, “Rue des Grands-Augustins, 20”.

Há um carimbo que caracteriza o processo de entrega obrigatória dos impressos ao governo francês devido à lei do depósito legal (*depôt legal*). Outra marca é da “*Bibliothèque Nationale*

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Imprimeres”, um carimbo circular estampado na cor preta, cujo centro possui as iniciais R.F.

Na sequência há uma gravura que retrata diversos animais convivendo em uma região montanhosa com cavernas entre as rochas, repleta de árvores e pequenos arbustos. Animais que foram domesticados pelos humanos dividem o mesmo espaço com outros animais que seguem em seus habitats. Uma ave de grande porte sobrevoa o céu com uma presa nas garras. Há também boi, ovelhas, cabra, jaguar, dentre outros. Essa gravura ocupa toda a página, não é colorida e possui assinatura de “*Lesestre*” que provavelmente é o gravador. Seu nome aparece na parte inferior da gravura, canto esquerdo. Para todas as demais gravuras deste abecedário, o nome *Lesestre* comparece. Na capa, na ficha catalográfica da BnF ou no decorrer da obra não há nenhuma referência ao seu nome.

Figura 66 – Gravura de diversos animais retratados na natureza



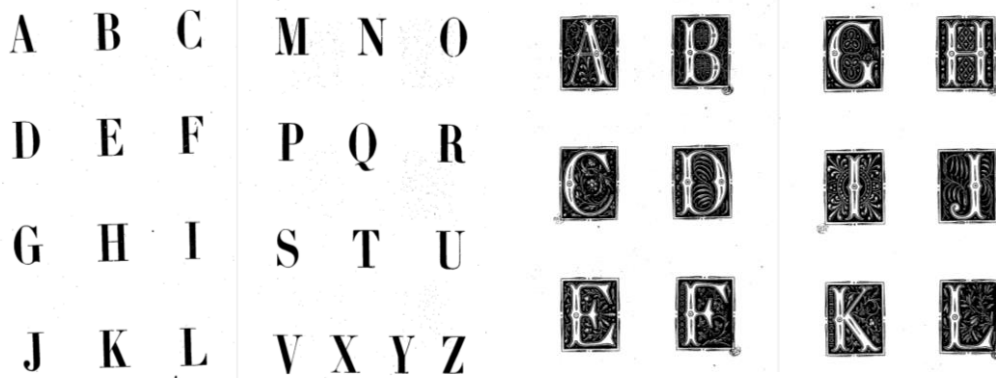
Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Na folha de rosto, onde aparece a referência ao editor-livreiro, o abecedário recebe o subtítulo: “*Nouvelle ménagerie alphabétique avec exercices méthodiques sur les principales difficultés de la lecture*”⁸⁰.

Logo a seguir da folha de rosto, consta impresso o abc em letras romanas maiúscula, seguidas das letras ornadas que se parecem com as capitulares pela riqueza de detalhes e traçados diferenciados, como é possível observar abaixo:

⁸⁰ Novo zoo alfabético com exercícios metódicos sobre as principais dificuldades da leitura (Tradução nossa).

Figuras 67 e 68 – Abc's



Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

A letra W não comparece em nenhum desses modelos de apresentação das letras do alfabeto.

A sequência dessa obra possui um formato distinto dos demais abecedários. Ela apresenta os animais em ordem alfabética e intercala cada apresentação com outros conteúdos. Ressalto também que a gravura de cada animal, em sua página correspondente, ocupa a parte central, que se destaca também pela dimensão. Como referi acima, são assinadas por “*Lesestre*”. O nome do animal vem logo abaixo de sua gravura, com letra romana maiúscula. O texto apresentado (Figura 69) é breve, trata de algumas características do animal e o apresenta a partir de uma visão utilitarista e inferior ao humano, própria da perspectiva antropocêntrica. “*Cet animal n'est pas beau; sa voix, lorsqu'il braie, nous force à cacher nos oreilles. Mais il a en partage de bonnes qualités: il supporte avec patience les fardeaux dont on le charge; il se contente de quelques chardons pour sa nourriture. Lorsqu'il est mort, on fait avec sa peau les tambours dont vous aimez tant le bruit*”⁸¹.

⁸¹ “Asno. Este animal não é bonito e sua voz, quando ele brade, nos obriga a tapar os ouvidos. Mas ele tem boas qualidades para compensar tamanha feiura: suporta com paciência os fardos que carrega e se satisfaz com pouca comida. Quando morre, é possível aproveitar sua pele para fazer tambores cujos ruídos vocês tanto gostam” (Tradução nossa).

Figuras 69 e 70 – Ane e letras minúsculas



ÂNE.

Cet animal n'est pas beau ; sa voix, lorsqu'il brait, nous force à cacher nos oreilles. Mais il a en partage de bonnes qualités : il supporte avec patience les fardeaux dont on le charge ; il se contente de quelques chardons pour sa nourriture. Lorsqu'il est mort, on fait avec sa peau les tambours dont vous aimez tant le bruit.

MINUSCULES.

a b c d e f

g h i j k l

m n o p q r

s t u v x y

z æ œ w

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Como se vê na Figura 70, as letras minúsculas são apresentadas e as letras entrelaçadas (Œ e Æ) comparecem seguidas da letra W. Na sequência são apresentadas as letras maiúsculas e minúsculas inglesas e finaliza com a minúscula.

Os animais que ilustram as letras do alfabeto neste abecedário são: “*âne, bison, cheval, dromadaire, élan, faisan, grand duc, hiène, jaguar, ibis, kémas, lion, mouton, nandou, ours, pyrénées (chien des), queue blanch (aigle), rhinocéros, sanglier, taureau, urson, vache, xolo, yacou, zèbre*”⁸².

Alguns aspectos interessantes precisam ser elucidados, entre eles, as letras J e I que comparecem invertidas na ordem de apresentação dos animais e, além disso, compartilham a mesma página, como é possível observar abaixo:

⁸² “Asno, bisão, cavalo, dromedário, grande cervo, faisão, grand duc, a maior ave de rapina noturna da Europa, semelhante a uma coruja hiena, onça, íbis (um pássaro), kémas, (um tipo de caprino) ovelha, ema, urso, cachorro dos Pirineuspyrénées (chien des), cauda branca (águia da cauda branca), rinoceronte, javali, touro, urson (animal omnívoro), vaca, xolo, (raça de cachorro), yacou, zebra” (Tradução nossa).

Figura 71 – Jaguar, ibis



JAGUAR, IBIS.

Voici le plus terrible des animaux féroces. Il court et bondit avec tant de vitesse, qu'il est bien difficile de lui échapper. Mais rassurez-vous, petits enfants, il n'y a point de jaguars ni de tigres dans notre pays.

L'IBIS est un oiseau fort utile parce qu'il détruit les serpents.

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Para as letras G, P e Q são usadas palavras alternativas que não evocam diretamente os nomes dos animais. A letra W não comparece nesta seção.

Figuras 72 e 73 – Animais relacionados com as letras G, P e Q



GRAND DUC.

On appelle cet oiseau, et quelques autres qui lui ressemblent, oiseaux nocturnes, parce qu'ils ne voltigent que pendant la nuit. Tandis que tous les autres oiseaux dorment, ceux-ci sortent des vieilles murailles où ils demeurent, font la chasse aux souris, aux serpents, aux crapauds, et les mangent tout vivants.



PYRÉNÉES (CHEN DE S.).

Les Pyrénées sont de hautes montagnes dont le sommet est en tout temps couvert de neige. Quelquefois cette neige est soulevée par des vents très-violents : elle voltige et retombe sur les chemins en si grande quantité, que les voyageurs en sont aveuglés; ils ne peuvent continuer leur route; le froid engourdit leurs membres et ils demeurent ensevelis dans la neige qui s'amasse autour d'eux.

Au milieu de ces montagnes on a bâti des hospices où demeurent de bons religieux : lorsque le vent s'élève et gronde, ces hommes charitables sortent, suivis de chiens semblables à celui que je viens de vous montrer. Ces animaux intelligents savent découvrir parmi la neige le pauvre voyageur égaré; en grattant avec leurs pattes, ils découvrent son corps, et appellent, par leurs aboiements, les bons religieux qui viennent lui prodiguer leurs soins.



QUEUE BLANCHE (AIGLE).

L'aigle est un oiseau de proie, ce qui signifie qu'il se nourrit de chair. Avec ses fortes pattes, appelées serres, il enlève aisément des lapins, des agneaux, qu'il porte à son petit, sur les hautes montagnes, dans le creux des rochers où il fait son nid.

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

Sob o título de “Exercices” [exercícios] são exploradas as vogais, as consoantes, os sons que as vogais assumem quando acentuadas. Para cada

uma das vogais são apresentadas as sílabas em formações diversas, depois exemplos na composição de palavras e frases. O hífen é usado como recurso para separar as sílabas. São apresentados os dígrafos sob a forma de sílabas, palavras e pequenos textos. Depois, exemplos dos sons do PH e do TH. Em seguida, exercícios que demonstram os sons concorrentes da língua.

Segue-se a listagem dos dias da semana, os meses do ano e as estações. O título “*Division de l’univers*” [divisão do universo] consiste em texto que explica que a palavra universo designa a criação do ar, da terra, da água e tudo o mais que foi feito por Deus. Logo em seguida, apresenta a divisão do mundo em cinco continentes e que a França integra a Europa.

Na página seguinte são listadas frases que indicam como são nomeados os sons que os animais emitem: “*Les cris des animaux*” [o som dos animais].

Os números se apresentam sob a forma de coluna, a primeira são os arábicos, a segunda a escrita por extenso e a terceira os algarismos romanos.

Depois há uma sequência de fábulas que se apresentam sob a forma de versos e a estrutura de texto é centralizada tal qual poema ou poesia. São elas: a cigarra e a formiga, o corvo e a raposa. Não há ilustrações nessas seções.

Sob o título “*Prières*” [orações] há um pequeno texto que indica que a oração deve ser feita toda manhã e toda a noite ao bom Deus. Por fim, está transcrito como texto “*L’oraison dominicale*” [a oração dominical], conhecido como “Pai nosso”.

Não há como precisar se nas últimas páginas ou na capa posterior, mas vê-se um espaço de divulgação das obras editadas por *Amédée Bédelet*. São todas voltadas para o público infantil e variam entre impressos literários, de instrução e a bíblia.

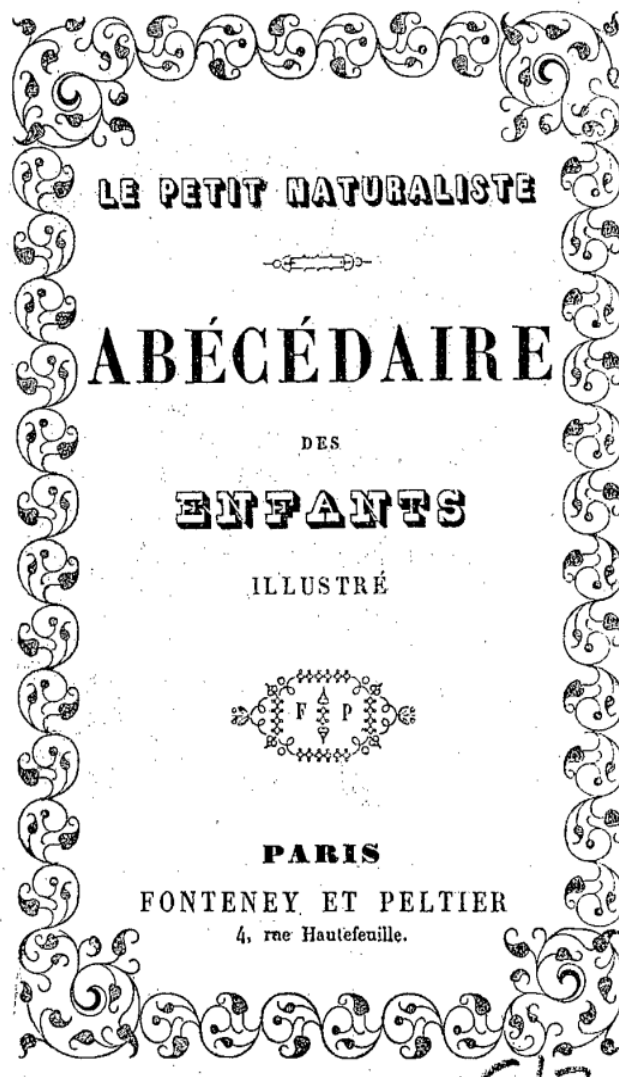
Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré (1851)

Este impresso francês se apresenta como livro, contendo 72 páginas e não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF onde foi localizado, junto ao acervo das obras digitalizadas da *Gallica*.

Na capa do abecedário consta o título “*Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré*” e ele fica subdividido em quatro linhas. Em cada uma é usada uma fonte diferente o que torna a impressão do título diferenciada. A capa é

emoldurada por arabescos que fazem o desenho de folhas. Consta a informação do estabelecimento de edição de *Fonteney et Peltier* à “*Rue Hautefeuille*”, Paris. Inclusive, há uma marca de tipografia com as iniciais dos editores F e P.

Figura 74 - Capa



Fonte : *Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré* (1851)

Quanto à marca de proveniência observa-se também o da “*Bibliothèque Nationale*”, cujo carimbo é circular estampado na cor preta. No centro dessa marca, observa-se as iniciais R.F. (*République Française*). Outra marca consiste em carimbo que caracteriza o processo de entrega obrigatória dos impressos ao governo francês por meio da lei do depósito legal (*dépôt légal*).

Antes da folha de rosto, consta uma página com ilustração que retrata a cena de um urso caçando um gamo, enquadrada em moldura com arabescos

que se misturam ao tema com a representação de flores e folhas que ornem a página. Logo abaixo, a referência à Tipografia de *Prevot et Drouard* em Saint-Denis.

Figura 75 - Gravura



Fonte : *Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré* (1851)

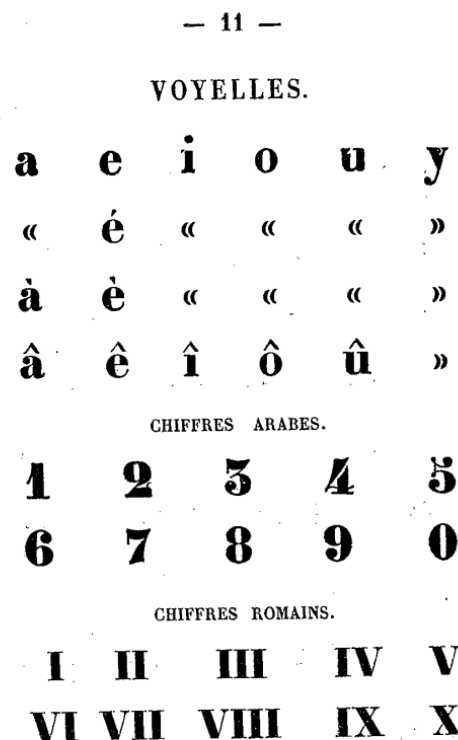
Ao final desse impresso consta a mesma referência à tipografia e outras duas vezes, uma logo após o texto sobre o *zébu* e outra junto à gravura de um faisão, que inclusive foi apresentado como *faisan* na sequência dos animais.

Entre as páginas 5 a 8, apresenta-se o alfabeto em letras maiúscula e depois minúsculas. Em ambas as versões a letra de romana é escolhida. A letra W não comparece.

Na sequência são apresentadas sílabas formadas por duas letras, sendo consoante vogal, exceto para a letra Q que são três letras: consoante, vogal e vogal. Do alto para baixo seguem a ordem alfabética.

Em seguida são apresentadas as vogais e todas as formas de acentuação. As aspas angulares constituem sinais gráficos para indicar ausência de vogais em determinados acentos.

Figura 76 – Vogais, números arábicos e romanos



Fonte : *Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré* (1851)

São apresentados os números arábicos do um ao zero e depois os romanos do um ao dez.

Na página 12 há uma lista de palavras que são pronomes pessoais, possessivos, adjetivos e advérbios. As palavras são separadas por vírgulas. Na sequência são elencadas palavras do cotidiano infantil como mamãe, papai, irmão, irmã, alguns cumprimentos e pequenas expressões de duas palavras até chegarem a frases. As frases das páginas 16, 17 e 18 possuem os animais como temática central.

Depois são listados os dias da semana, os meses do ano e os números por extenso do um até o dezesseis. Seguem as letras do alfabeto associadas às gravuras, nomes de animais (letra maiúscula romana) e um pequeno texto abordando suas principais características, como na Figura 77.

Figura 77 – Letra T, palavra (tapir) e texto



Le tapir est un animal d'A-
mérique. Il est de la grandeur

— 60 —
d'une petite vache, mais sans
cornes et sans queue, ayant les
jambes courtes, le corps arqué,
la tête grosse et longue avec
une espèce de trompe. Il paraît
que le tapir est un animal
triste et ténébreux, qui ne sort
que de nuit, qui ne se plaît que
dans les eaux où il habite plus
souvent que sur terre.



Fonte : *Le petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré* (1851)

É possível observar que a página com a gravura é ornada com arabescos que são uma característica estética constante nesse impresso. Estes, emolduram a letra, a gravura e a palavra. Tanto a letra quanto a palavra são impressas em letra maiúscula romana. O texto, por sua vez, é centralizado e justificado, predominando a minúscula romana. A maiúscula é empregada no início das frases, conforme a norma da língua.

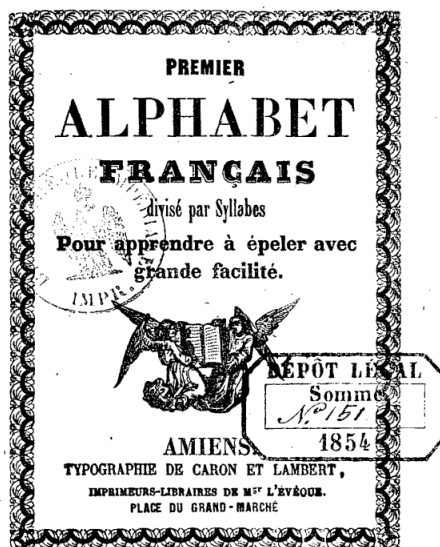
Os animais presentes nesse abecedário são: “*autruche, bélier, chameau, daim, éléphant, faisán, girafe, hippopotame, indri, jaguar, kakatòes, loup, martre, nanguer, ours, paon, quadricolor, rhinocéros, serpent, tapir, unau, vampire, wisen, xé, yack, zébu*”⁸³.

⁸³ “Avestruz, carneiro, camelo, gamo, elefante, faisão, girafa, hipopótamo, indri, jaguar, periquito, lobo, martre, nanguer, urso, pavão, quadricolor, rinoceronte, cobra, anta, preguiça, vampiro, wisen, xé, iaque, zebu” (Tradução nossa).

Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité (1854)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 28 páginas (embora as páginas não possuam numeração). Não há informação quanto ao formato na ficha catalográfica da BnF, embora este integre o acervo das obras digitalizadas da *Gallica*.

Figura 78 – Capa



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité (1854)*

Na capa do abecedário está impresso o título “*Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité*”⁸⁴. As palavras “*alphabet*” e “*français*” assumem destaque entre as demais, sobretudo a primeira. Logo abaixo do título há uma gravura representando dois anjos que seguram um livro com as mãos. Consta a informação de que o estabelecimento da tipografia localiza-se na cidade de *Amiens* e pertence a “*Caron et Lambert*”. Ainda há referência ao impressor-livreiro “*Msr. L'évêque*” (O Senhor Bispo) situado em *Place Du Grand-Marché*.

Quanto às marcas de proveniência destacam-se duas: a da “*Bibliothèque Imperiale*”, cujo carimbo é preto em forma circular, tendo no centro uma ave de

⁸⁴ Primeiro alfabeto francês dividido por sílabas para aprender a soletrar com grande facilidade (Tradução nossa).

grande porte com uma coroa sobre a cabeça; e outro carimbo que caracteriza o processo do depósito legal (*dépôt légal*) na BnF.

No interior, a primeira página contém o frontispício que consiste em ilustração de uma mulher que parece estar sentada sobre nuvens, segurando de um lado uma cruz, que resplandece ou ilumina, e de outro as tábuas dos dez mandamentos. Ela ocupa a página inteira e é envolta por uma moldura de linhas circulares sobrepostas e se vê a seguinte frase: “*Mes enfants, la religion seule faite notre bonheur*”⁸⁵.

Figura 79 – Gravura sacra

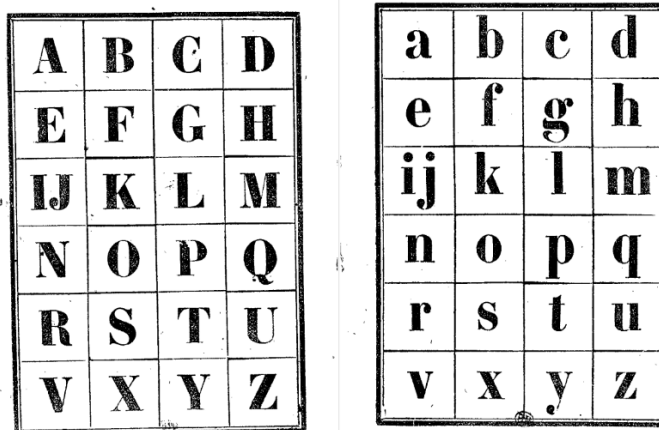


Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Logo em seguida, sob a forma de quadrículas, são apresentadas as letras do alfabeto maiúscula e minúscula de romana. A letra W não comparece em nenhuma dessas versões e como se pode observar abaixo, as letras I e J estão juntas.

⁸⁵ “Meus filhos, somente a religião faz nossa felicidade” (Tradução nossa).

Figura 80 - Alfabetos



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Há uma sequência de outros alfabetos que são apresentados de forma diferente do anterior e parecem ser decorrentes de uma compilação de pranchas tipográficas uma vez que não seguem um padrão pré-estabelecido. No primeiro constam as letras entrelaçadas (Œ e Æ) ao final e a omissão da letra W. No segundo, a parte inicial da sequência alfabética, as letras entrelaçadas comparecem novamente seguidas da letra W e das letras E (diferentes acentos) e C com cedilha. Na segunda parte, o alfabeto segue a ordem usual com a ausência da letra W. Por fim, os números são apresentados do 1 ao zero. Gravuras de estrelas integram a composição da página e o uso parece ornamental.


Figura 81 – Mais alfabetos



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

A próxima seção apresenta as sílabas e o título é ornado com a mesma moldura da capa e da gravura de tema religioso que apareceu no início da obra.

Figura 82 - Syllabes



Ba	bé	bè	be	bi	bo	bu.
Ca*	cé	cè	ce	ci	co*	cu*.
Da	dé	dè	de	di	do	du.
Fa	fé	fè	fe	fi	fo	fu.
Ga*	gé	gè	ge	gi	go*	gu*.
Ha	hé	hè	he	hi	ho	hu.
Ja	jé	jè	je	ji	jo	ju.
Ka	ké	kè	ke	ki	ko	ku.
Ma	mé	mè	me	mi	mo	mu.
Na	né	nè	ne	ni	no	nu.
Pa	pé	pè	pe	pi	po	pu.
Qua	qué	què	que	qui	quo	qu.
Ra	ré	rè	re	ri	ro	ru.
Sa	sé	sè	se	si	so	su.
Ta	té	tè	te	ti	to	tu.
Va	vé	vè	ve	vi	vo	vu.

* C, devant a, e, u, se prononce comme K; — G, devant a, e, u, se prononce dur.

Xa	xé	xè	xe	xi	xo	xu.
Za	zé	zè	ze	zi	zo	zu.
Bla	blé	blè	ble	bli	blo	blu.
Bra	bré	brè	bre	bri	bro	bru.
Cla	clé	clè	cle	cli	clo	clu.
Cra	cré	crè	cre	cri	cro	cru.
Chra	chré	chrè	chre	chri	chro	chru.
Dra	dré	drè	dre	dri	dro	dru.
Fla	flé	flè	fle	fli	flo	flu.
Fra	fré	frè	fre	fri	fro	fru.
Gna	gné	gnè	gne	gni	gno	gnu.
Gra	gré	grè	gre	gri	gro	gru.
Gua	gué	guè	gue	gui	guo	gu.
Pra	pré	prè	pre	pri	pro	pru.
Pha	phé	phè	phe	phi	pho	phu.
Spa	spé	spè	spe	spi	spo	spu.
Tla	tlé	tlè	tle	tli	tlo	tlu.
Tra	tré	trè	tre	tri	tro	tru.
Tba	thé	thè	the	thi	tho	thu.
Vra	vré	vrè	vre	vri	vro	vru.

VOYELLES : A, E, I, O, U. (y).

Les autres lettres se nomment Consonnes.

1.

Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

As sílabas seguem o ordenamento alfabético de B até Z (cima para baixo) e na linha (esquerda para a direita) cada consoante é combinada com uma vogal, dando prioridade para aquelas formadas por consoante e vogal, exceto a letra Q. Na página seguinte são listadas sílabas de três letras exclusivamente, e estão na composição consoante, consoante e vogal. Ao final as vogais são apresentadas com a letra Y entre parênteses. Nesse sentido, todas as demais letras do alfabeto são nomeadas de consoantes. Essa seção também faz notas para a alteração na pronúncia das letras C e G.

As próximas páginas imprimem uma sequência de orações ou rezas e todas as palavras são separadas por sílabas, sendo o hífen usado como recurso gráfico para essa demarcação.

Em seguida, outra página apresenta os números na sequência do um ao zero. Em uma linha fica o algarismo e na linha abaixo os nomes por extenso. Abaixo é apresentado o mandamento da lei divina (Amai a Deus de todo vosso coração, de todo vosso espírito, de todo vosso amor e de toda vossa força).

Antes da apresentação das letras, gravuras e palavras, essa página apresenta o seguinte título (tradução nossa): Novo Alfabeto Recreativo, Representando os Animais. Abaixo, o texto recomenda (tradução nossa): “Deveres da criança sábia. É preciso amar sua religião, observar o que ela prescreve e não fazer o que ela proíbe. Devemos, portanto, crer em DEUS, amá-lo, orar a ele, adorá-lo, servi-lo. Viva com piedade, sobriedade e castidade, ame seu próximo e deseje-lhe o bem. Seja obediente ao pai e à mãe, professores e professoras. Seja gentil, paciente, modesto, complacente, caridoso para com os pobres. Seja diligente e atento às instruções dadas a você”.

Figura 83 – *Devoirs de l'enfant sage*

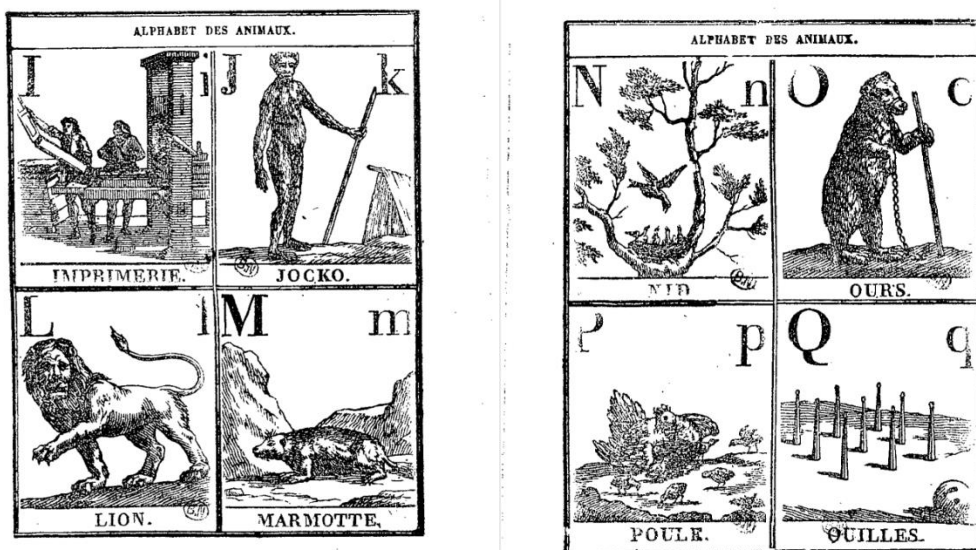


Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

palavra inicia com J e a letra K aparece quase ao final. Não há nenhum recurso tipográfico usado para fazer essa distinção.

A seguir, em quadros de quatro entradas é apresentado o alfabeto dos animais. A letra maiúscula de romana fica no topo à esquerda, a letra minúscula de romana fica no topo também à direita. No centro a gravura ocupa o espaço e abaixo dela a palavra. Esta, por sua vez, é inscrita em letra maiúscula de romana. A sequência alfabética é preservada com exceção da letra W. No entanto, como é possível observar, as letras J e K compartilham o mesmo espaço, inclusive a gravura e a palavra. A

Figura 84 – Letras, gravuras e palavras



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Além disso, embora o título afirme que o alfabeto é dos animais, outras palavras são evocadas. De A a Z a lista é: “*autruche, boeuf, chameau, dromadaire, éléphant, furet, giraffe, hanneton, imprimerie, jocko, lion, marmotte, nid, ours, poule, ouilles, rhinocéros, serpent, tigre, unau, vaisseau, Xénophon, yeux, zèbre*”⁸⁶.

Essa sessão finaliza o abecedário, o que configura algo um pouco diferente dos demais que foram amalhados para esta tese.

Uma gravura de cunho religioso encerra a obra. Ela retrata um homem sentado em meio a natureza com um leão ao lado. Esse homem segura um livro e um instrumento de escrita, provavelmente esteja escrevendo um texto bíblico. Sobre ele há um feixe de luz, o que parece expressar que a sagrada escritura é inspirada divinamente por Deus que está no céu.

⁸⁶ “Avestruz, boi, camelo, dromedário, elefante, furão, girafa, besouro, prensa tipográfica, jocko, leão, marmota, ninho, urso, galinha, boliche, rinoceronte, cobra, tigre, preguiça, embarcação, Xénophon, olhos, zebra” (Tradução nossa).

Figura 85 – Gravura religiosa

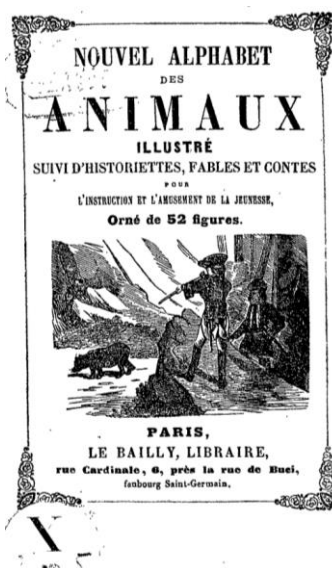


Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures
(1861)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 72 páginas (páginas não numeradas) e não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

Figura 86 – Capa



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Na capa do abecedário lê-se “*Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'historiettes, Fables et Contes pour L'instruction et L'amusement de la Jeunesse, Orné de 52 figures*”⁸⁷. A palavra “*animaux*” [animais] tem destaque em relação às demais pelo tamanho usado na fonte. Nas informações catalográficas da Biblioteca Nacional da França, há indicação de autoria dos textos a Charles Perrault, o que não fica evidente na obra. A capa indica que o livreiro responsável pela obra é “*Le Bailly*”, cujo estabelecimento fica em Paris na “*Rue Cardinale, 6, près la rue de Buei, faubourg Saint-Germain*”. Há uma gravura na capa que retrata uma paisagem montanhosa. Dois homens aparecem, sendo que um deles aponta uma arma para um animal. A capa é emoldurada por uma linha com detalhes de arabescos em cada uma das pontas.

Na folha de rosto consta o subtítulo “*Nouveau Syllabaire des Animaux*”⁸⁸.

Na sequência há uma gravura que ocupa página inteira e possui uma legenda, “*Le chien de chasse*” [o cão de caça]. No primeiro plano, um cão segura uma presa na boca e no fundo um homem que segura uma arma na mão. Ambos parecem estar em um local entre árvores e pequenos arbustos característicos para o exercício da caça.

Figura 87 – O cão de caça



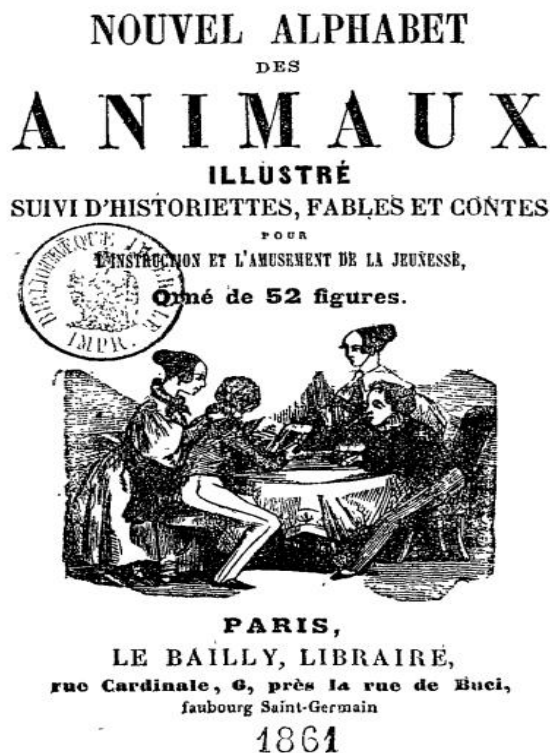
Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

⁸⁷ “Novo alfabeto ilustrado de animais seguido de contos, fábulas e contos para a instrução e diversão da juventude, ornado com 52 figuras” (Tradução nossa).

⁸⁸ “Novo silabário dos animais” (Tradução nossa).

Na folha de rosto consta carimbo preto em forma circular, tendo no centro uma ave de grande porte com uma coroa sobre a cabeça, que se refere à “*Bibliothèque Imperiale*”.

Figura 88 – Marca de posse



(205)



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

As páginas seguintes apresentam as letras do alfabeto em diferentes tipos de letras. A que recebe destaque é a de romana maiúscula, que ocupa uma página só para ela. Depois segue a minúscula romana que divide espaço com a maiúscula “*gothique*” [gótica]. As fontes de letras nomeadas na sequência são: “*anglaise*⁸⁹ [inglesa], *ronde* [redonda]”. Chama atenção que a letra W só aparece nessas duas representações de fontes e ao fim do alfabeto. Por último, as letras

⁸⁹ Vale ressaltar que em inglês usa-se muito a letra W, enquanto em francês apenas em palavras estrangeiras incorporadas as lexicologias do francês.

são divididas em vogais e consoantes somente na forma minúscula, conforme é possível visualizar abaixo:

Figura 89 – Alfabetos

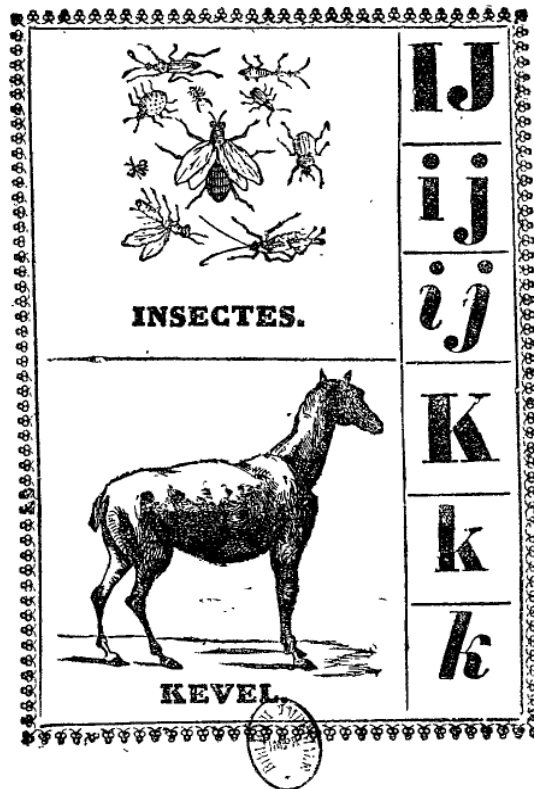


Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Não há nenhum título que identifique a parte onde são apresentadas as gravuras, as letras iniciais e as palavras. Cabe destacar que a gravura assume destaque pelo tamanho e pela localização topográfica em relação aos demais elementos. É apresentada primeiro no lado esquerdo da página e não há referência de autoria para as gravuras e nem para a técnica utilizada. A palavra fica abaixo da gravura em letra romana maiúscula. Na coluna da direita as letras são dispostas do alto para baixo, sendo a primeira em romana maiúscula, a segunda romana minúscula e a terceira uma fonte itálica minúscula, presumo que possa ser a inglesa. A página é emoldurada por uma moldura decorativa.

No exemplo reproduzido a seguir, observa-se algo um tanto instigante, a letra I e a letra J ocupam a mesma parte da página. No entanto, não há uma gravura ou palavra que faça uma associação imediata com a última. São duas letras em cada página, conforme é possível observar abaixo:

Figura 90 – Letras I e J



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Sob o título “*Syllabes*” [sílabas] são apresentadas as sílabas canônicas das letras B a Z, exceto a Q. Depois a lista dispõe as sílabas formadas por vogal e consoante; vogal e vogal; vogal, vogal e vogal; vogal, vogal e consoante. Na próxima página, aparece o título chamado “*Autres syllabes*” [outras sílabas] e comparecem sílabas de formações diversas.

A seção a seguir intitula-se “*Mots de deux syllabes*” [palavras de duas sílabas] e lista palavras de duas sílabas que ficam separadas por um significativo espaço. A primeira letra da palavra é maiúscula e as demais minúsculas. O tamanho da fonte é grande e ao final da escrita da palavra há uso do ponto final como é possível observar:

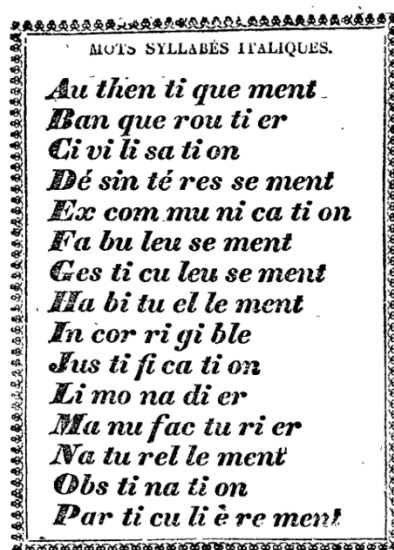
Figura 91 – Mots de deux syllabes



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

As sílabas estão separadas por espaço em branco sem hífen. Assim seguem as demais páginas até formarem palavras de quatro sílabas. Por fim, aparece uma última seção que elenca uma série de palavras com a letra em “*italiques*” [itálicas].

Figura 92 – Mots syllabes italiques



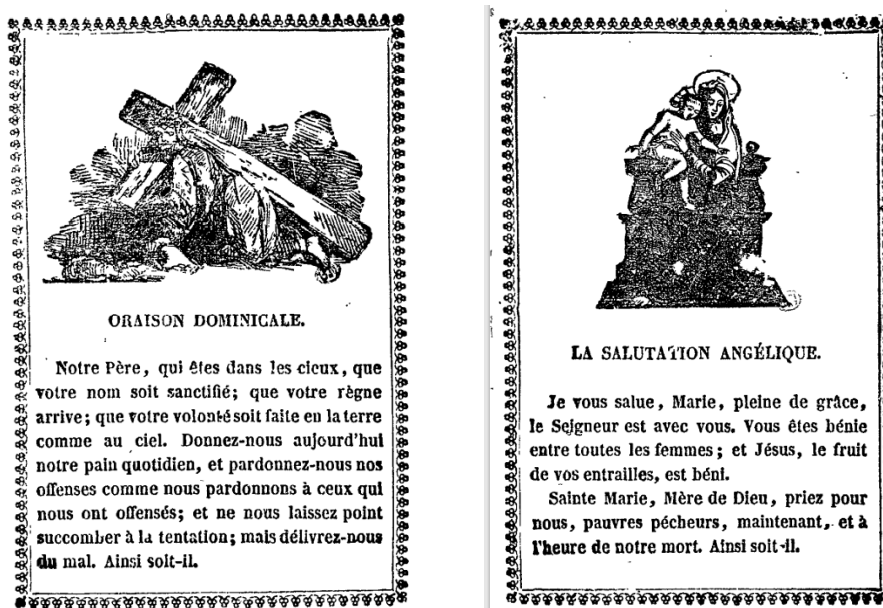
Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Curioso que são palavras com várias sílabas e seguem, do alto da página para baixo, a ordem alfabética de A a P.

Sem qualquer título que indique o que o leitor encontrará, são apresentadas duas histórias, a saber: “*Les roses et les abeilles*” [a rosa e as abelhas] e “*La poule*” [a galinha]. As palavras são separadas por sílabas e a marcação gráfica destaca-se pelo considerável espaço em branco entre elas. Observa-se que onde há a fala de personagem, as aspas angulares («) são usadas.

Há uma sequência de textos religiosos ofertados à leitura, são eles: “*oraison dominicale, la salutation angélique, symbole des apotres, prière avant le repas, après le repas, les commandemens de dieu, les commandemens de l’eglise*”⁹⁰.

Figura 93 – Rezas e gravuras religiosas



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Na sequência, consta a parte reservada à exploração dos conhecimentos matemáticos. Chama-se “*Tableux de numération, table de multiplicacion e division du temps*”⁹¹. A primeira parte apresenta os algarismos arábicos,

⁹⁰ “Oração dominical, saudação angelical, símbolo dos apóstolos, oração antes da refeição, após a refeição, os mandamentos de Deus, os mandamentos da igreja” (Tradução nossa).

⁹¹ “Tabelas numéricas, tabuada e divisão de tempo” (Tradução nossa).

romanos e também a escrita dos números por extenso. A tabuada vai do 2 ao 10 e a seção da “*division du temps*” [divisão do tempo] explica quantos anos há em um século, quantos meses há em um ano, quantos dias há em um mês, a divisão do mês em quatro semanas, os sete dias da semana, os meses do ano, as estações e as datas que iniciam durante o ano e por fim, como o clima se comporta durante o dia nos meses de outono e inverno.

Algumas páginas reservam espaço para gravuras e suas respectivas legendas. Como é possível observar, são acontecimentos, pessoas ou paisagens francesas.

Figura 94 – Gravuras diversas



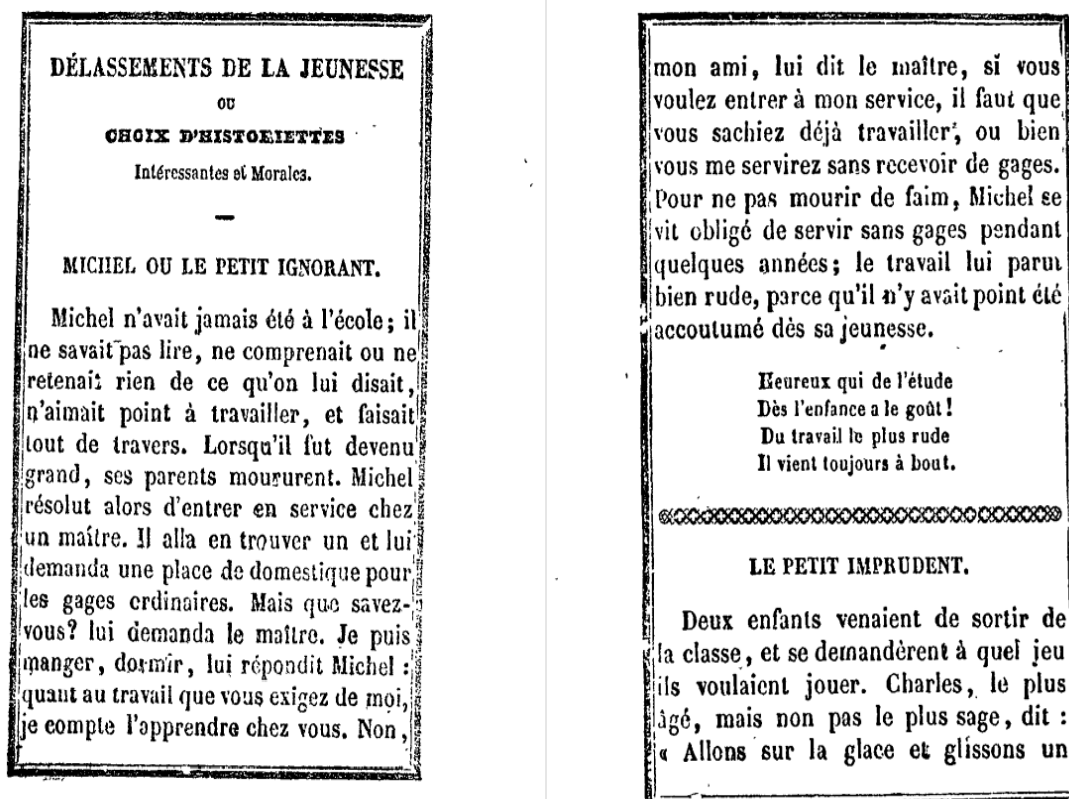
Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Sob o título “*Délassements de la Jeunesse ou Choix D'histoires Intéressantes et Morales*”⁹², várias histórias são arroladas, quais sejam: “*Michel ou le petit ignorant, Le petit imprudent, La petite menteuse, La friandise, L'enfant*

⁹² “Para divertimento da juventude ou para a escolha de histórias interessantes e com moral” (Tradução nossa).

*sincère et obéissant, La cause et l'effet*⁹³. Os títulos estão centralizados e inscritos em letra maiúscula. O texto, por sua vez, segue o uso da maiúscula conforme a norma da língua. As palavras são separadas por espaços entre si e não se vê mais os espaços que demarcam as sílabas. Ao final se observa a moral da história.

Figura 95 – Textos morais



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Depois entram as fábulas, apresentadas como “*Fables I, II, III e IV*” [fabulas], seguidas de seus títulos, a saber: “*Les deux voyageurs, Le perroquet, La grenouille qui se veut faire aussi grosse que le boeuf, Le lion le chasseur*”⁹⁴. Ao final das fábulas são vistas gravuras que remetem a alguma cena ou personagem narrados. Entretanto, entre as páginas das fábulas aparecem gravuras que não se relacionam diretamente com o texto.

⁹³ “Michel, o pequeno ignorante, A criança imprudente, A mentirosa, A delicada, A criança sincera e obediente, A causa e o efeito” (Tradução nossa).

⁹⁴ “Os dois viajantes, O papagaio, O sapo que quer ser do tamanho de um boi, O leão e o caçador” (Tradução nossa).

Figura 96 – Fábulas



53 52 51 50 49 48 47 46 45 44 43 42 41 40 39 38 37 36 35 34 33 32 31 30 29 28 27 26 25 24 23 22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

FABLE II.

LE PERROQUET.

Un gros perroquet gris, échappé de sa cage,
Vint s'établir dans un bocage ;
Et là, prenant le ton de nos faux connaisseurs,
Jugeant tout, blâmant tout d'un air de suffisance,
Au chant du rossignol il trouvait des longueurs,
Critiquait surtout sa cadence.
Le linot, selon lui, ne savait pas chanter ;
La fauvette aurait fait quelque chose peut-être
Si de bonne heure il eût été son maître,
Et qu'elle eût voulu profiter.
Enfin aucun oiseau n'avait l'art de lui plaire,
Et dès qu'ils commençaient leurs joyeuses chansons,
Par des coups de sifflet répondant à leurs sons,
Le perroquet les faisait taire.
Lassés de tant d'affronts, tous les oiseaux du bois
Viennent lui dire un jour : Mais parlez donc, beau sire,
Vous qui sifflez toujours, faites qu'on vous admire
Sans doute vous avez une brillante voix,
Daignez chanter pour nous instruire.
Le perroquet, dans l'embarras,
Se gratte un peu la tête, et finit par leur dire :
Messieurs, je siffle bien, mais je ne chante pas.



Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Na sequência consta o primeiro conto, “*Le petit Chaperon Rouge*” [Chapeuzinho Vermelho], seguido de uma gravura que retrata a cena do lobo sobre a cama e Chapeuzinho Vermelho ao lado, conversando com quem achava ser a vovó. O conto termina com uma lição moral. É preciso lembrar que se trata de lições de leitura.

Figura 97 – *Le petit Chaperon Rouge*

Le petit Chaperon rouge.



CONTE.

Il était une fois une petite fille de village, la plus jolie qu'on eût su voir ; sa mère en était folle et sa mère-grand plus folle encore. Cette bonne femme lui fit faire un petit chaperon rouge, qui lui seyait si bien, que partout on l'appelait le chaperon-Rouge.

Un jour sa mère, ayant fait des galettes, lui dit : Va voir comment se porte ta mère-grand, car on m'a dit qu'elle était malade ; porte-lui une galette et ce petit pot de

beurre. Le petit Chaperon-Rouge partit aussitôt pour aller chez sa mère-grand, qui demeurait dans un autre village. En passant dans un bois elle rencontra compère le loup, qui eut bien envie de la manger ; mais il n'osa à cause de quelques bûcherons qui étaient dans la forêt. Il lui demanda où elle allait. La pauvre enfant, qui ne savait pas qu'il était dangereux de s'arrêter à écouter un loup, lui dit : Je vais voir ma mère-grand, et lui porter une galette avec un petit pot de beurre que ma mère lui envoie. — Demeure-t-elle bien loin ? lui dit le loup. — Oh ! oui, lui dit le petit-Chaperon-Rouge, c'est par delà le moulin que vous voyez tout là-bas, là-bas, à la première maison du village. Eh bien ! dit le loup, je veux l'aller voir aussi, et je m'y en vais par ce chemin-ci et toi par ce chemin là, et nous verrons à qui plus tôt y sera.

Le loup se mit à courir de toute sa force par le chemin qui était le plus court, et la petite fille s'en alla par le chemin le plus long, s'amusant à cueillir des noisettes et à faire des bouquets de petites fleurs. Le loup arriva bientôt à la maison de la mère-grand, il heurta, toc, toc. — Qui est là ? C'est votre fille, le petit Chaperon-Rouge, dit le loup, en contrefaisant sa voix, qui vous apporte une galette et un petit pot de beurre que

Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Os demais contos apresentam-se de forma semelhante e são: “*Le Géant Periferigerilerimini, Le prince Canut, La chaumière du Bucheron*”⁹⁵. Quando o último conto é concluído, uma gravura é impressa.

Figura 98 – Outros contos

vait transmise la fée, et, par un sùbit enchantement, son mari brutal se sentit les bras paralysés et la langue muette. Cette punition dura huit jours. Elle aurait dû le corriger; il n'en fut rien, car, redevenu dispos, son premier soin fut de se venger sur ses deux victimes, qu'il regardait comme les auteurs du mal qui venait de le frapper. La mère de famille, quoique sans fiel et sans rancine, fut obligée de recourir de nouveau à sa recette magique; elle invoqua la fée *Brillante*, et le même enchantement se reproduisit sur le mari coupable, dont l'exaspération fut telle, qu'il tomba dans un anéantissement complet. Son épouse, craignant pour ses jours et conduite par son bon cœur, alla dans la forêt pour y rencontrer la fée. — Bonne et tendre protectrice, lui dit-elle, mon mari est bien criminel sans doute, mais peut-être se corrigera-t-il enfin; n'attendez pas le délai voulu pour lui rendre l'usage de ses membres et de la parole, car Juliette et moi nous souffrons trop de le voir en cet état. — Je cède à votre prière, dit la fée *Brillante*, mais votre générosité et la mienne n'auront pas leur récompense; car votre époux incorrigible doit retomber dans les mêmes excès. Puisque vous le voulez, vous serez obéie, mais ce sera pour la dernière fois.

La bûcheronne revint au logis, où elle trouva en effet le malade complètement guéri; mais l'oracle de la forêt n'avait rien exagéré. Le méchant bûcheron, dont le cœur était fermé à tout repentir et ouvert à tous les vices, passa huit jours dans une honnête sobriété, mais, au bout de ce temps, l'amour du vin reprit sur lui tout son empire, et le poussa dans les mêmes brutalités. Le châtement ne se fit pas attendre, mais cette fois ne fut point l'ouvrage de la

malheureuse épouse, qui, par excès de générosité, n'avait point voulu prononcer les fatales paroles. La fée *Brillante*, dont les yeux étaient constamment ouverts sur le coupable, fit agir sur lui son infailliable pouvoir, de telle sorte qu'il en mourut au bout de quelques jours; mais le ciel, en tirant vengeance d'un homme ingrat, débauché et cruel, voulut récompenser la vertu, le bon cœur et la douce résignation de la bûcheronne. Par un coup de baguette de la fée *Brillante*, la chaumière de la veuve fut changée en une maison élégante et commode, où, avec sa chère Juliette, elle trouva toutes les aïssances de la vie et la récompense des belles qualités qui avaient toujours orné son âme.



FIN.

Paris. — Imp. Ch. Bounet et Comp., 42, rue Naville.

Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'historiettes, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Importa comentar que há referência a um estabelecimento de impressão “*Ch. Bounet et Comp., 42, rue [...]*” (informação pouco legível) em Paris. A última página, por sua vez, tem uma gravura que ocupa todo espaço da folha. Um grande pássaro em primeiro plano está próximo ao tronco de uma árvore. Logo abaixo consta a legenda “*Le Héron*” [a garça]. A página é emoldurada por uma moldura com detalhes em arabescos nas quatro extremidades. E há referência a outra empresa de tipografia de *Vert Frères*, situada em Paris na “*Rue du Pourtour-Saint-Gervais, 8*”.

Se analisarmos a obra na íntegra veremos a referência a pelo menos três estabelecimentos de tipografia e o envolvimento de editores-livreiros. Fica a dúvida se essas duas últimas referências são específicas ao conto “*La chaumière du Bucheron*” e à gravura da garça, ou se há outras participações na impressão desta obra.

⁹⁵ “O Gigante, O príncipe Canut, A casa do Lenhador” (Tradução nossa).

Figura 99 – Le Héron



Paris.—Typ. Vert frères, rue du Pourtour-Saint-Gervais, 8.

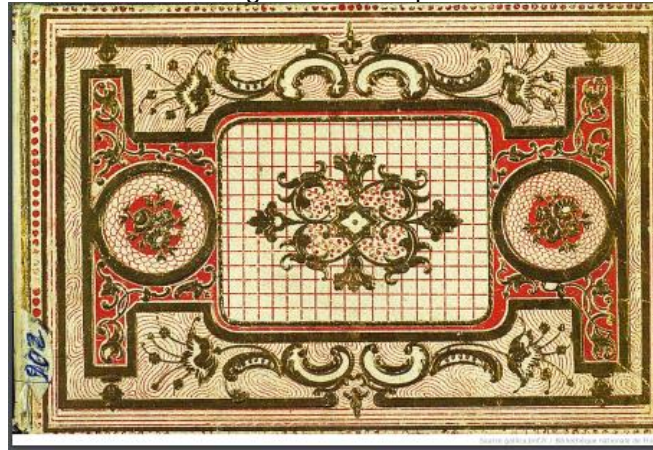
Fonte : *Nouvel alphabet des animaux illustré suivi d'histoires, fables et contes pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse, orné de 52 figures* (1861)

Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées (1861)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 48 páginas. Não há informação quanto ao formato junto à BnF. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

A capa é toda ornamentada com lindos detalhes, e não constam textos impressos nessa cobertura da obra, conforme pode-se observar abaixo:

Figura 100 – Capa



Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

Na folha de rosto adicional consta o título, centralizado, onde lê-se *Alphabet de L'enfance* com a letra romana maiúscula. Na sequência aparece a gravura de uma mulher, uma criança e um cachorro em um jardim com casas ao fundo. A gravura é colorida, o que se destaca como um diferencial deste abecedário, tomando o ano de publicação (1861). Ao longo do abecedário aparecem outras gravuras coloridas, que retratam alguma cena dos contos instrutivos.

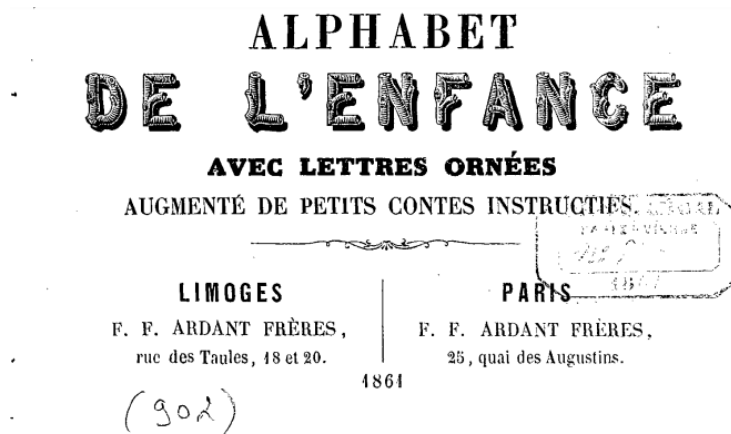
Figura 101 – Gravura colorida



Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

Na folha de rosto possui um subtítulo, a saber: “*Alphabet De L'enfance Avec Lettres Ornées Augmenté de Petits Contes Instructives*”. Quanto à marca de proveniência observa-se um carimbo que caracteriza o processo de entrega obrigatória dos impressos ao governo francês por meio da lei do depósito legal (*dépôt légal*), conforme é possível observar abaixo:

Figura 102 – Folha de rosto



Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

Faço destaque para outra marca que se refere à “*Bibliothèque Imperiale*”, cujo carimbo é vermelho, de forma circular, tendo no centro as iniciais “IMPR” com letra romana maiúscula.

Vê-se nessa página, também, a referência ao editor-livreiro F.F. Ardant Frères que possui estabelecimentos em locais diferentes, um em Limoges e outro em Paris.

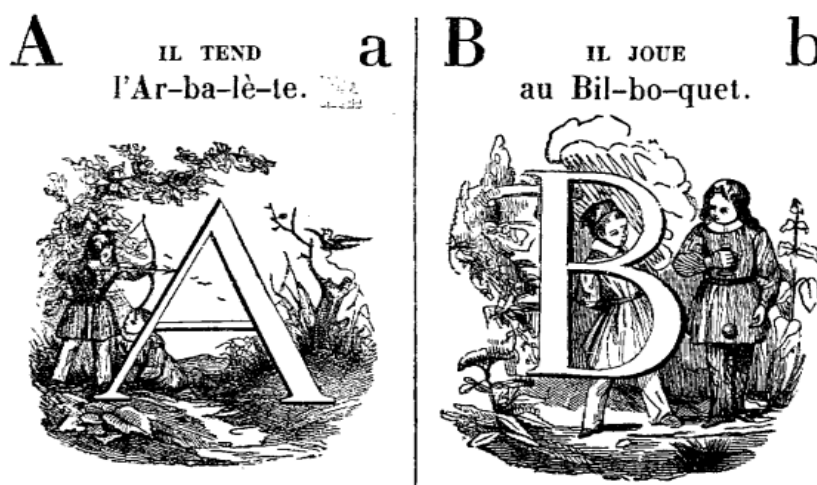
Na sequência é apresentado o alfabeto com letra romana minúscula e maiúscula e as vogais em letra minúscula. Na página seguinte são expostas, com letra romana minúscula, as consoantes, os ditongos, as letras duplas e as vogais acentuadas. Logo após, uma página lista os sinais de pontuação. Na primeira coluna os nomes estão escritos com letra romana, com uso da maiúscula inicial seguida da minúscula para as demais. Na segunda coluna os sinais aparecem entre parênteses e na parte inferior da página constam os algarismos de 0 a 9.

Entre as páginas 14 a 26 são exibidas as letras do alfabeto nas formas maiúsculas e minúsculas, sendo duas em cada página. Além disso, as letras se misturam com as gravuras, que apresentam relação direta com as palavras. O ordenamento do alfabeto está preservado, porém a representação da letra W aparece depois da letra Z e não há palavras que estabeleçam algum tipo de relação com essa letra, conforme Figura 104.

As palavras evocadas para cada letra são: “*arbaléte, biboquet, corde, danset, excite, feu, gymnastique, hannetons, images, jardiniers, kabactus,*

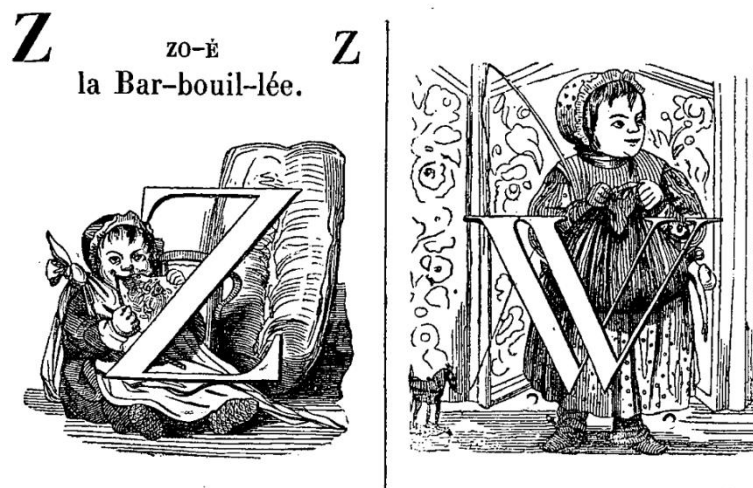
lanterne, marmiton, natation, oie, patineurs, quilles, ronde, soldats, toupie, umble, violon, Xavier, Yolande, Zoé”⁹⁶. As três últimas letras do alfabeto fazem referência ao nome da criança retratada e não a um brinquedo ou brincadeira como as demais.

Figura 103 – Letras, frases e gravuras



Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

Figura 104 – Letras Z e W



Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

⁹⁶ “*Arbalète*, bilboquê, corda, dança, excite, fogo, ginástica, besouros, imagens, jardineiros, kabactus, lanterna, *marmiton*, natação, ganço, patinadores, boliche, bola, soldados, pião, umble, violino, Xavier, Yolande, Zoé” (Tradução nossa).

As gravuras desta seção não possuem referência quanto ao ilustrador e não são coloridas como as demais.

Da página 27 até a 62 são apresentados seis pequenos contos instrutivos com letras ornamentadas, a saber: “*Il Faut Être Sage; Il Faut Aimer Ses Parents; Il Faut Travailler; Dieu Punit Les Enfants Désobéissants; Il Se Faut Entr’aider; De La Pédanterie*”⁹⁷. Cabe destacar que a partir do segundo até o quinto conto, logo no início, constam gravuras relacionadas com o título do conto instrutivo. Pode-se observar na gravura abaixo, correspondente ao segundo conto, cujo título em português significa “Você deve amar sua família”, o pai, a mãe e seus três filhos em um jardim com um pato nadando no lago ao fundo.

Figura 105 – Gravuras que retratam cenas dos contos instrutivos



IL FAUT AIMER SES PARENTS.

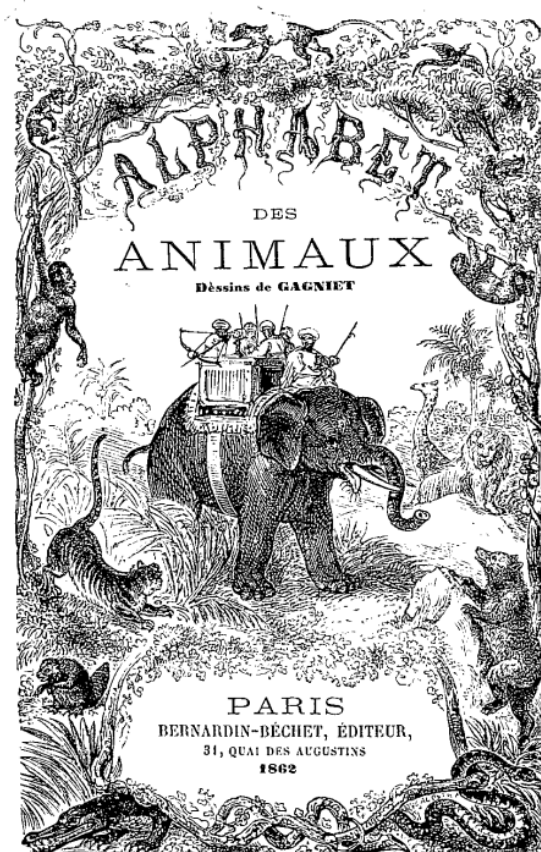
Fonte : *Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées* (1861)

Alphabet des animaux, dessins de Gagniet (1862)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 107 páginas e não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

⁹⁷ “É preciso ser sábio; É preciso amar seus pais; É preciso trabalhar; Deus pune as crianças desobedientes; É preciso ajudar uns aos outros; Do pedantismo” (Tradução nossa).

Figura 106 – Capa



Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet* (1862)

Como consta na capa acima está intitulado como *Alphabet des Animaux Dessins de Gagniet*. A palavra “*alphabet*” [alfabeto] integra a cena representada na capa, na medida em que as letras parecem ser cipós ou galhos das copas das árvores da floresta. Nesse cenário, o artista inseriu muitos animais, tais como: o leão, a girafa, o tigre, a cobra, os pássaros, o urso, o esquilo, a preguiça, o macaco, o jacaré. Além disso, na parte central da gravura há um elefante que carrega vários homens sobre seu dorso. Eles estão armados com lanças, arcos e flechas e os apontam na direção dos animais. A palavra “*animaux*” [animais] tem destaque também pelo tamanho da fonte. A capa indica que o livreiro responsável pela obra é “*Bernardin Béchét*”, cujo estabelecimento fica em Paris na “*Quai des Augustins, 31*”. Logo abaixo dessa informação consta o ano de publicação, 1862.

Na folha de rosto, aparece o título completo do abecedário, a saber: “*Alphabet des animaux illustré contenant des exercices de lecture, l’histoire des*

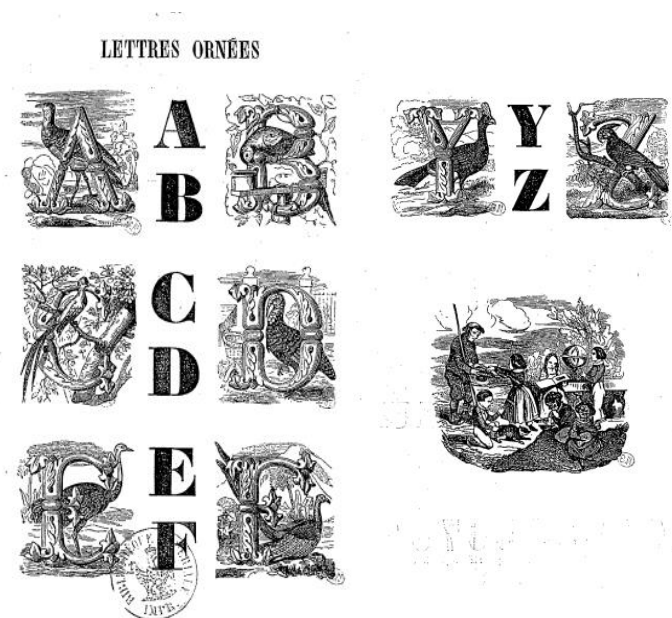
*animaux les plus remarquables prières et des fables*⁹⁸. Há uma informação complementar a respeito da tipografia, qual seja, *Arbedieu* situada em *Poissy*.

Quanto às marcas de proveniência observam-se duas, uma consiste em carimbo do depósito legal (*dépôt légal*), antes mencionado; outra marca é um carimbo circular na cor preta, é da “*Bibliothèque Imperiale*”, tendo no centro uma ave de grande porte com uma coroa sobre a cabeça.

Da página 5 a 16 são apresentadas as letras do alfabeto nas formas maiúsculas e minúsculas “*italiques, gothique, anglaises, rondes*” [itálico, gótica, inglesa e redonda]. As primeiras letras que aparecem não possuem nome específico, o abecedário refere apenas “*lettre majuscule*” [letra maiúscula] e “*lettre minuscules*” [letra minúscula].

Sob o título “*Lettres ornées*” [letras ornadas] as letras do alfabeto aparecem assemelhadas às capitulares devido ao traçado estilizado com riqueza de detalhes. Além disso, as letras se misturam com as gravuras de diversos pássaros. Não há uma relação imediata com palavras. As letras maiúsculas com grafia simples estão enfileiradas em uma coluna central. O ordenamento do alfabeto está preservado.

Figura 107 – *Lettres ornée*

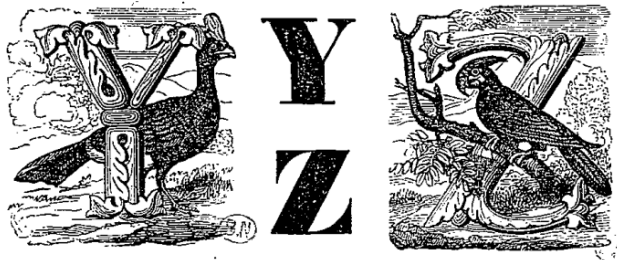


Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet* (1862)

⁹⁸ “Alfabeto ilustrado dos animais, contendo exercícios de leitura, a história dos animais mais notáveis, orações e fábulas” (Tradução nossa).

Quando a ordem alfabética é concluída, aparece uma gravura que retrata uma cena em que crianças parecem estar em local aberto, manipulando objetos como o globo, um livro e brincando com um cachorro, tendo a presença de um adulto por perto. Não fica evidente qual tipo de relação estabelecem entre si.

Figura 108 – Gravura que retrata crianças e um adulto



Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet (1862)*

A seguir, são apresentadas as letras agrupadas por vogais (sem acento e com acento) e as consoantes, e finaliza com os números de 0 a 9, em algarismos e escrita por extenso.

Na sequência, uma página lista os sinais de pontuação. Na primeira coluna os nomes estão escritos com letra romana, usando a maiúscula inicial seguida da minúscula para as demais. Na segunda coluna os sinais aparecem entre parênteses.

A próxima página intitula-se “*Syllabes*” [sílabas] e as apresenta na forma canônica consoante e vogal (exceto na letra Q) do alto para baixo da página, mantendo a ordem alfabética. Separadas por um traço centralizado são

elencadas sílabas com formações por consoante, consoante e vogal. No fim da página está estampada a gravura de uma galinha em um ninho com alguns pintinhos. Não há assinatura ou indicação de técnica usada para a produção e impressão da gravura.

Da página 27 a 30 são exploradas palavras com uma e até quatro sílabas, distribuídas em colunas, exceto a última. As sílabas ficam separadas por um hífen. As palavras iniciam com a letra maiúscula e as demais são grafadas com a minúscula.

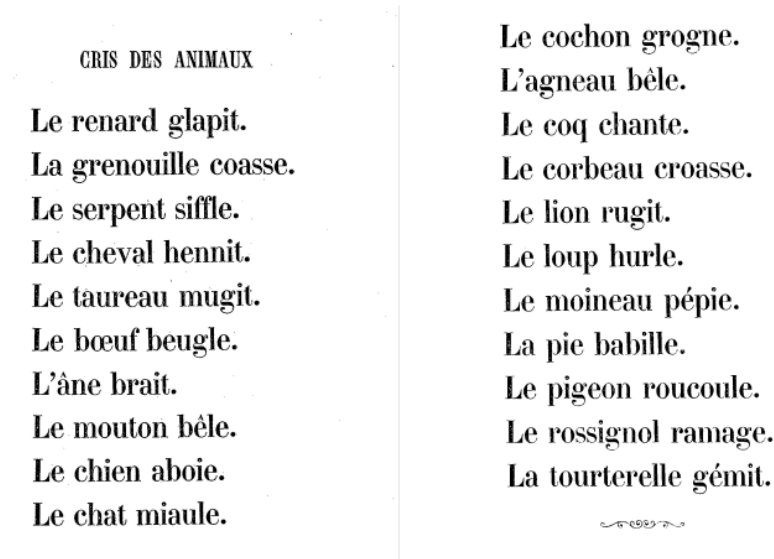
Figura 109 – *Mots d'une et deux syllabes*

MOTS D'UNE SYLLABE			MOTS DE DEUX SYLLABES	
Air	Bon	Pont	Pa-pa	Da-da
Deux	Bien	Banc	Ma-man	Chai-se
Oui	Pas	Bol	Bi-jou	Sol-dat
Et	Par	Buis	En-fant	Na-nan
De	Sans	Main	Cou-sin	Oi-seau
Huit	Dieu	Loi	Bon-ne	Ca-non
Si	Don	Jeu	Tam-bour	Tau-reau
Dont	Doux	Un	Bal-le	Mou-le
Ni	Sur	Or	Bou-le	Che-val
Le	Ton	Est	Gà-teau	Cor-beau

Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet (1862)*

Sob o título “*Membres de Phrases*” [partes de frases] são listadas várias frases uma abaixo da outra. Na página seguinte, um pequeno texto de três parágrafos é apresentado com a seção chamada “*Phrases*” [frases], o que sugere haver uma progressão no desenvolvimento das seções conforme os graus de domínio da leitura.

Na página seguinte são listadas frases que indicam como são nomeados os sons que os animais emitem.

Figura 110 – *Cris des animaux*

Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet (1862)*

Sob o título “*Division du temps*” [divisão do tempo] há uma explicação sobre quantos anos há em um século, quantos meses há em um ano, quantos dias há em um mês, a divisão do mês em quatro semanas, os sete dias da semana, os meses do ano. Como subtítulo “*Les saisons*” [as estações] são nomeadas as quatro estações do ano.

O abecedário prossegue com a apresentação de animais de A a Z. Dessa vez, a letra W não é listada na sequência. A gravura ocupa espaço de destaque pelo tamanho e posição na página. Logo abaixo aparecem a letra maiúscula romana, a palavra e a letra na versão minúscula mais à direita. Em seguida, um texto que narra algumas características do animal, curiosidades e uma visão utilitarista em sua descrição.

As gravuras são assinadas no canto direito ou esquerdo e na parte debaixo por *Lacoste Aine* e possivelmente se trata do gravador. Chama atenção que o abecedário indica, na capa, que os desenhos são feitos por *Gagniet*. Presumo que seja referente à capa, à seção “*Lettres ornées*” [letras ornadas] e à essas que se associam ao alfabeto, mas não é possível afirmar com certeza. As pistas, incertas no conjunto, aparecem nas páginas do abecedário.

Os animais escolhidos para integrarem o alfabeto são: “*ane, boeuf, cheval, daim, éléphant, fouine, girafe, hippopotame, isatis, jaguar, kanguroo, lion,*

mouton, nil-ghault, ours, porc-épic, quachi, rhinocéros, singe, truie, unau, vache, xandarus, yack”⁹⁹.

Figura 111 – Gravura, letra, palavra e texto



soigné, mal traité, l'âne n'en est pas moins un serviteur courageux, soumis et fidèle à son maître, auquel il s'attache d'une manière particulière.

L'âne ne manque pas d'intelligence, quoi qu'on en dise; il a les yeux bons, l'oreille excellente, l'odorat des plus fins. Doué d'un grand fond de bonnes qualités, il résiste à la mauvaise éducation que doit lui procurer la grossièreté des valets auxquels il est abandonné et la malice des enfants.

Il est susceptible d'éducation, et l'on en a vu d'assez bien dressés pour faire curiosité de spectacle.

Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet* (1862)

A próxima seção chamada “*prières*” [preces/orações] é iniciada por uma ilustração que retrata uma mulher ajoelhada diante do altar de um santo ou uma santa, supostamente em oração pela posição das mãos. Há uma lista de orações que a acompanham, a saber: “*oraison dominicale, salutation angélique, symbole des apotres, confession des péches, commandements de Dieu, commandements de l'église*”¹⁰⁰. Ao final, uma gravura retrata o genuflexório, a imagem de Cristo crucificado, parecendo ser uma igreja.

Na página 96 inicia a seção das “*Historiettes*” [historietas], são elas: “*Le petit orgueilleux; Le petit imprudent; Le jeune artiste; La jeune fille et la louve*”¹⁰¹. À página 103, comparecem as fábulas: “*Le loup et l'agneau; La cigale et fourmi; Le corbeau et le renard; L'enfant et le miroir*”¹⁰².

⁹⁹ “Asno/burro, boi, cavalo, gamo, elefante, doninha, girafa, hipopótamo, isatis, jaguar, canguru, leão, ovelha, nilgault, urso, porco espinho, quachi, rinoceronte, macaco, truie, preguiça, vaca, xandarus, iaque” (Tradução nossa).

¹⁰⁰ “Oração dominical, saudação angelical, símbolo dos apóstolos, confissão de pecados, mandamentos de Deus, mandamentos da igreja” (Tradução nossa).

¹⁰¹ “O pequeno orgulhoso; O pequeno imprudente; O jovem artista; A menina e o lobo” (Tradução nossa).

¹⁰² “O lobo e o cordeiro; A cigarra e a formiga; A raposa e o corvo; A criança e o espelho” (Tradução nossa).

Logo depois, uma tabela de multiplicação é apresentada. Por fim, o abecedário veicula a gravura de um urso com uma focinheira, acorrentado pelo pescoço e conduzido por um homem que segura uma lança na mão, possivelmente seu domador. Outro homem, com um tambor, está em segundo plano, assim como uma mulher. Mais ao fundo outras pessoas parecem assistir. A página é emoldurada por uma linha com arabescos nas extremidades. Mais uma vez há referência ao estabelecimento de impressão *Arbieu*, em Poissy.

Figura 112 – Cena de um urso



Fonte : *Alphabet des animaux, dessins de Gagniet* (1862)

ABC en images (1866)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, com 56 páginas não numeradas e não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

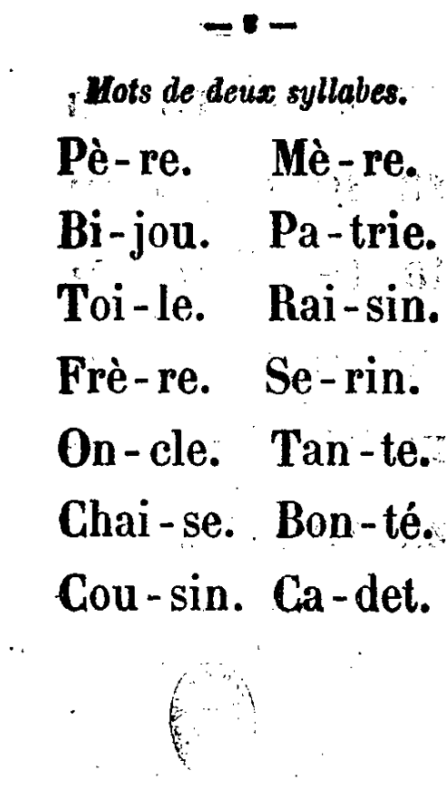
Figura 113 – Capa

Fonte: *ABC en images* (1866)

Observa-se na capa o título centralizado *ABC en images* em letra romana maiúscula. Está presente uma gravura de mulher que segura um balde perto de uma fonte. Ela parece estar em local público, talvez uma rua por conta das casas e árvores no entorno.

Na sequência, a folha de rosto possui marcas de proveniência, a saber: “*Bibliothèque Imperiale*”, cujo carimbo é preto em forma circular, tendo no centro uma ave de grande porte com uma coroa sobre a cabeça; o carimbo do depósito legal (*dépôt légal*), descrito também em outros impressos da coleção da BnF. Nessa folha consta a informação do estabelecimento de impressão, na cidade de Épinal e pertencente a “*Pellerin et Cie*”. O ano de publicação é 1866.

A seção seguinte é intitulada “*Mots de deux syllabes*” [palavras de duas sílabas], cujas palavras estão organizadas em duas colunas. Todas separadas por hífen para a demarcação das sílabas e um ponto final. Na mesma lógica de organização, a seção “*Mots de trois syllabes*” [palavras de três sílabas].

Figura 114 – *Mots de deux syllabes*

Fonte: *ABC en images* (1866)

Nas páginas 10, 11 e 12 constam, respectivamente, “*L’oraison dominicale*” [a oração dominical] e “*La Salutation Angélique*” [a saudação angelical]. Os títulos ficam centralizados em relação ao restante do texto. Há um único recuo de parágrafo, pois os textos estão dispostos em blocos.

Em seguida, as letras do alfabeto, palavras e imagens são apresentadas. A letra romana maiúscula ocupa uma página inteira e a próxima, que a espelha quando o abecedário está aberto nessas páginas, possui a letra (aspecto vazado) no topo do canto esquerdo, as imagens e palavras logo abaixo. As palavras são compostas com a letra inicial maiúscula e as demais minúsculas, seguidas do ponto final. As imagens são coloridas e por esse motivo mostram-se em destaque. Além disso, as letras evocam mais de uma palavra e mais de uma gravura, exceto na letra X. A primeira gravura e a palavra têm tamanhos maiores em relação à segunda ou a terceira. Outro aspecto que chama atenção é que as primeiras imagens de cada letra possuem personagens humanos. A ordem do alfabeto é preservada, no entanto a letra W não comparece.

Figura 115 – Letras, gravuras e palavras



Fonte: *ABC en images* (1866)

As palavras evocadas para cada letra são: “*ange, armure, bacchus, brochet, cascade, canard, danseuse, domino, dé, empereur, étoile, fontaine, fouine, grimacier, grenouille, harangère, homard, image, illustration, Jésus-Christ, jambon, kabyle, kiosque, laitière, livres, matelot, mouton, nain, noeud, oriflamme, ognon, pirate, papillon, quêteuse, quenouille, reine, rat, sorcière, saumon, talma, tarte, urne, ustensile, voleur, vipère, Xénophon, yatagan, yeux, zéphir*”¹⁰³.

O abecedário encerra com a gravura de uma criança pequena de mãos dadas com um anjo.

¹⁰³ “Anjo, armadura, bacchus, brochet, cascata, pato, dançarina, dominó, dado, imperador, estrela, fonte, doninha, grimacier, sapo, harangère, lagosta, imagem, ilustração, Jesus Cristo, presunto, kabyle, quiosque, laitière, livros, marinheiro, ovelha, anão, nó, oriflamme, ognon, pirata, borboleta, quêteuse, roca, rainha, rato, bruxa, salmão, talma, torta, urna, utensílio, ladrão, víbora, Xénophon, yatagan, olhos, zephyr” (Tradução nossa).

Figura 116 – Gravura religiosa (criança ao lado de um anjo)



Fonte: *ABC en images* (1866)

Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)

O abecedário é francês e se apresenta como de livro, contendo 143 páginas e não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

Figura 117 – Capa



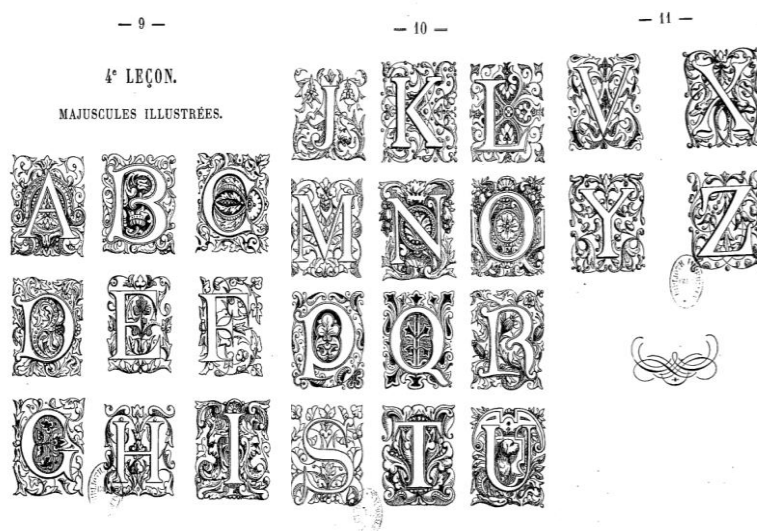
Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

Na capa do abecedário consta o título “*Alphabet Illustré. 100 Vignettes et Lettres Ornées Dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner*”¹⁰⁴. A palavra “*alphabet*” [alfabeto] está em destaque em relação às demais, misturada em meio à ilustração. As letras parecem ser cipós ou galhos das copas das árvores. Nesse contexto, em meio às árvores, flores e animais, crianças brincam com pipa, carrinho de mão, raquete e peteca, tambor, cavalinho de balanço e uma mulher mostra-se em cena de leitura de um livro com letras do alfabeto para uma das crianças. Na parte inferior da capa aparece a informação de que o abecedário foi editado em Tours por *Alfred Mama et Fils*. Consta 1866 como ano de publicação. Importa comentar que na ficha catalográfica da BnF, há referência de que os textos são atribuídos a Jean de La Fontaine (1621-1695).

Na folha de rosto, marcas de proveniência, um carimbo consiste no depósito legal (*dépôt légal*), antes referido; outro carimbo circular na cor preta é da “*Bibliothèque Imperiale*”, tendo no centro uma ave de grande porte com uma coroa sobre a cabeça.

O abecedário estrutura-se organizado por lições. Na página 5 são apresentadas as “*lettres majuscule*” [letras maiúsculas], na página 7 as “*lettres minuscules*” [letras minúsculas] e na página 8 as “*lettres minuscules italiques*” [letras minúsculas itálicas]. A quarta lição é intitulada “*majuscules illustrées*” [maiúsculas ilustradas] e se assemelham às capitulares por traçado diferenciado e riqueza de detalhes. Não há uma relação imediata com palavras. O ordenamento do alfabeto está preservado, com exceção da letra W.

¹⁰⁴ “Alfabeto ilustrado. 100 vinhetas e letras ornadas desenhadas por *Girardet, Grandville, Sagot, Werner*” (Tradução nossa).

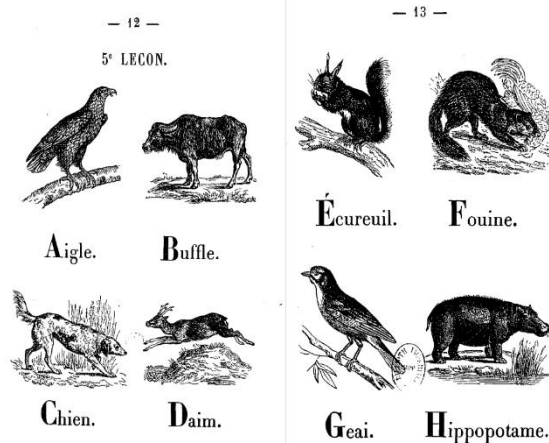
Figura 118 – *Majuscules illustrées*

Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

A quinta lição apresenta gravuras de animais, exclusivamente. O recurso da letra maiúscula é usado para estabelecer a relação com a ordem alfabética.

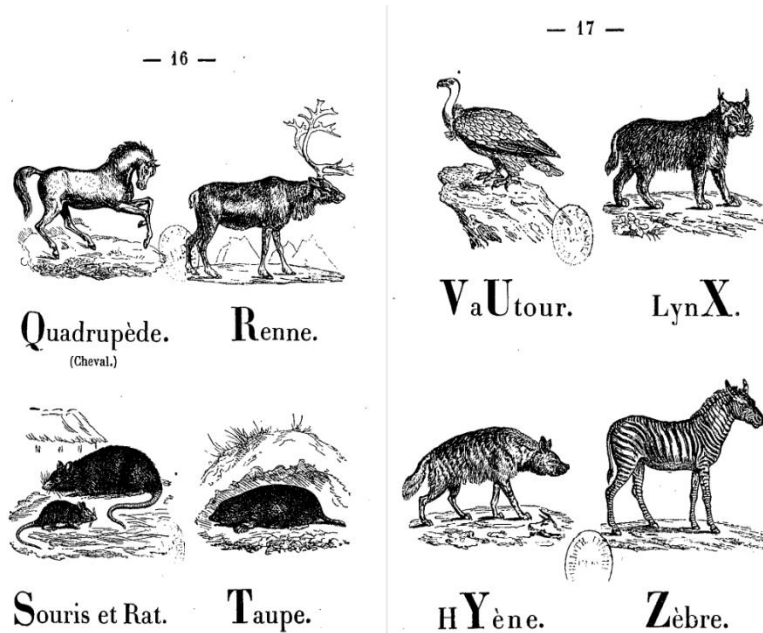
Algumas alternativas encontradas para essa relação não se vinculam diretamente com a letra inicial, como é possível observar em “*vautour*, *lynx*, *hyène*” [abutre, lince, hiena]. Uma particularidade desse abecedário, e a primeira vez que se

Figura 119 – Gravuras e palavras



Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

observa no conjunto, é que, para “*vautour*”, as letras V e U estão invertidas quanto à ordem alfabética, de modo que uma mesma palavra evoca duas letras ao mesmo tempo, como se pode observar na Figura 120.

Figura 120 – Letra V e letra U na palavra *vautour*

Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

Além dessa particularidade, vê-se que “*nocturne*” [noturno] não se reporta diretamente ao nome do animal retratado, mas sim seu hábito de vida. O nome

Figura 121 - *Nocturne*

Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

do animal é colocado entre parênteses, com fonte reduzida (Figura 121). O mesmo ocorre para “*quadrupède*” [quadrupede], a gravura e palavra se relacionam com a característica física do animal e não com seu nome, “*cheval*” [cavalo], conforme a Figura 120.

A sexta lição apresenta a ideia de que as letras são divididas em vogais e consoantes. Em seguida, lista as seis vogais, com destaque devido ao tamanho da fonte, e assim fica visível que todas as outras letras do alfabeto são consoantes e que não se pode pronunciar consoantes sem a ajuda de vogais, ou seja, não é possível formar um som com uma única consoante.

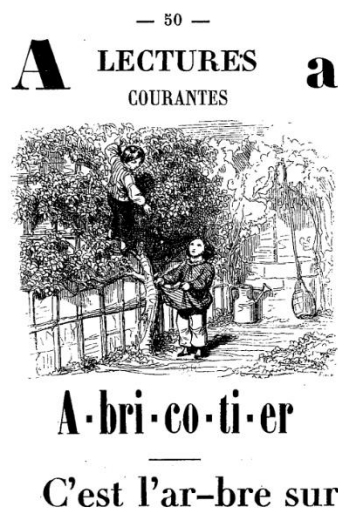
A sétima lição expõe os acentos e como podem provocar alteração nos sons das vogais.

Da oitava até a décima segunda lição são exploradas palavras com formações silábicas em que as vogais são evidenciadas e há recomendação para uma atenção ao som que produzem. As palavras são separadas por um significativo espaço entre as sílabas. Além disso, o itálico é usado como recurso para demarcar algumas sílabas de acordo com os propósitos determinados em cada lição.

A décima terceira lição intitula-se “*Sur les accents*” [sobre os acentos] e as palavras listadas são acentuadas e separadas por hífen à demarcação das sílabas. A décima quarta trata do som mudo da vogal E. A décima quinta apresenta palavras com ditongo e, por fim, a décima sexta elenca palavras com diversas combinações de consoantes. Todas essas lições apresentam as palavras separadas por sílabas com o uso do hífen.

A décima sétima lição explicita que os sinais de pontuação têm usos para a escrita de frases e de textos e depois lista-os e nomeia-os, inscrevendo os sinais ao lado. Com esta encerram-se as lições e o abecedário inicia “*Lectures courantes*” [leituras correntes/habituais].

Figura 122 – *Lecture courantes*



— 51 —

le-quel pous-sent
ces bons a-bri-cots
que le pe-tit Hen-
ri ai-me tant. Le
fils du jar-di-ni-er
lui en jet-te un gros
dans sa blou-se.

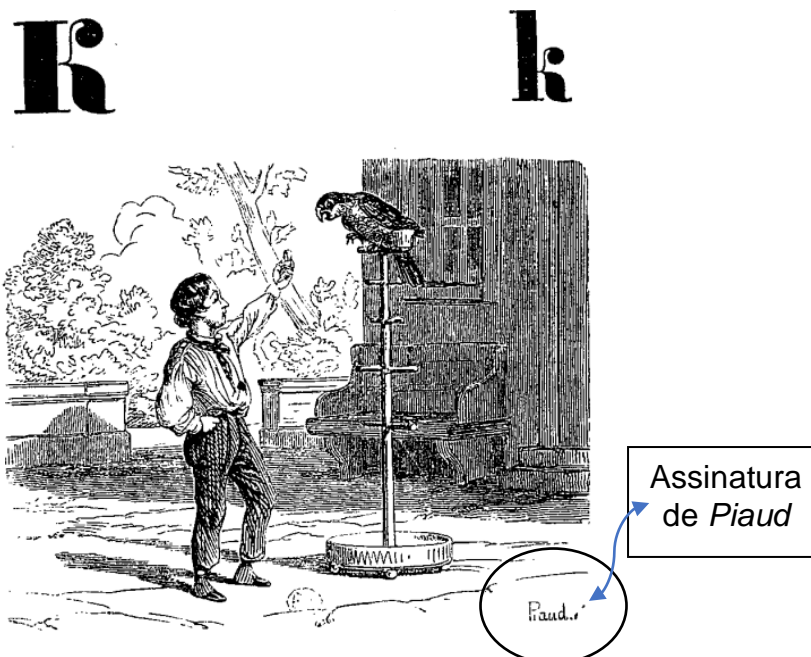


Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

Como é possível observar, essa parte do abecedário evoca para cada letra do alfabeto uma palavra e sua gravura correspondente. A letra comparece no topo da página, primeiro a maiúscula no canto esquerdo e a minúscula no canto direito. A gravura tem destaque pelo tamanho e posição central na página. Abaixo, a palavra é separada por sílabas com uso do hífen. Esse modo de apresentação da palavra se repete na composição do texto, onde todas as palavras têm suas sílabas delimitadas. As palavras evocadas são: “*abricotier, bateau, carpe, dimanche, évêque, fusil, gâteau, honte, imprudence, jardinier, kakatoès, laveuse, mouton, nègre, ours, prière, quenouille, raquette, serin, tambour, usine, vache, xylographie, Yole, Zibeline*”¹⁰⁵.

Todas as ilustrações desta seção possuem a mesma assinatura de “*Piaud*.”. É interessante observar que se trata de nome diferente daqueles referidos na capa.

Figura 123 – Assinatura de *Piaud* na gravura



Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner (1866)*

¹⁰⁵ “Damasqueiro, barco, carpa, domingo, bispo, arma, bolo, vergonha, imprudência, jardineiro, periquito, lavadeira, ovelha, negro, urso, oração, roca, raquete, canário, tambor, fábrica, vaca, xilogravura, Yole, Zibeline” (Tradução nossa).

Outro abecedário que não consta na empiria da tese, faz menção à *Piaud* como gravador, como se vê: *Alphabet illustré. 80 vignettes et lettres ornées dessinées par K. Girardet, Sagot et Werner gravées par Piaud* publicado em 1860 pelo mesmo editor. Esse indício leva-me a afirmar que Piaud assina as gravuras por ser gravador (um ofício envolvido na produção dos livros).

Em seguida, consta a seção de apresentação dos números arábicos e romanos e o registro de algumas frases em que se pode empregar os números em seus usos cotidianos.

A seção “*prière*” [preces] descreve o “Pai nosso”. Na próxima página, sob o título “*Devoirs des petits enfants*” [deveres das crianças], são listados subtítulos que prescrevem os deveres que as crianças devem cumprir na rotina em sua casa, a saber: “*le réveil, la prière de matin, les leçon, les repas, les jeux, le prière du soir*”¹⁰⁶. São escritos sob o formato de pequenos textos.

Por fim, são apresentadas as fábulas de *La Fontaine* e há um texto que explica que as gravuras são de Grandville, extraídas de um livro no formato in-18 publicado por *Alfred Marne et fils*, contendo 240 assuntos, um para cada fábula.

Figura 124 – Fable La Cigale et la Fourmi



La Cigale et la Fourmi.

La cigale ayant chanté,
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue:
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau.
Elle alla crier famine
Chez la fourmi, sa voisine,

— 109 —

La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle. —
Je vous paierai, lui dit-elle,
Avant l'ôû, foi d'animal,
Intérêt et principal.
La fourmi n'est pas prêteuse,
C'est là son moindre défaut. —
Que faisiez-vous au temps chaud?
Dit-elle à cette emprunteuse. —
Nuit et jour à tout venant
Je chantais, ne vous déplaie. —
Vous chantiez, j'en suis fort aise!
Eh bien! dansez maintenant.



4

Fonte : *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot, Werner* (1866)

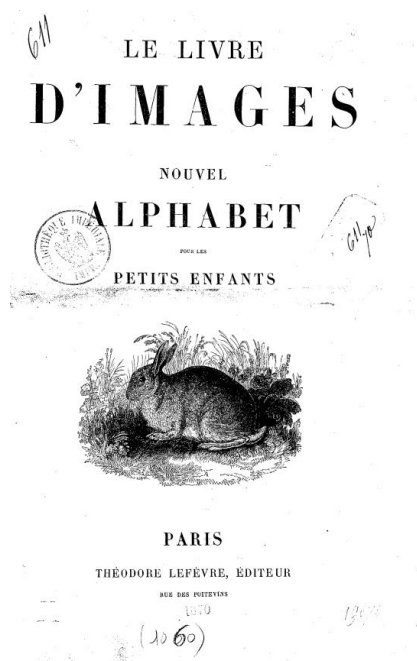
¹⁰⁶ “O despertar, a oração da manhã, as aulas, as refeições, os jogos, a oração da noite” (Tradução nossa).

A gravura em primeiro plano possui tamanho e posição de destaque em relação ao texto. Este, por sua vez, é antecedido pelo título cuja fonte é distinta do texto. O texto está em versos e a estrutura é centralizada, assemelhando-se aos poemas ou poesias. As fábulas presentes são: a cigarra e a formiga, a raposa e o corvo, o sapo que quer ser tão grande quanto o boi, o rato do campo e rato da cidade, o lobo e o cordeiro, a raposa e a cegonha, o carvalho e o junco, o conselho dos ratos, o leão e o ratinho, a pomba e a formiga, a raposa e a cabra, o lobo e a cegonha, o asno e o cachorrinho, o pote de barro e o pote de ferro, o peixinho e o pescador, a galinha dos ovos de ouro, a lebre e a tartaruga, a carruagem e a mosca.

Le livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants (1870)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 16 páginas não numeradas; não há informação de formato na ficha catalográfica da BnF, onde foi localizado. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

Figura 125 – Capa



Fonte : *Le livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants (1870)*

A capa estampa o título “*Le Livre D’images. Nouvel Alphabet pour les Petits Enfants*” e ele subdivide-se em seis linhas. As palavras de maior destaque

são *d'images* e *alphabet* pelo tamanho da fonte usada. Logo abaixo há uma gravura de coelho (visão lateral). Ele parece estar em um campo com pequenos arbustos ao redor. Há referência ao editor *Théodore Lefèvre*, cujo estabelecimento fica na “*Rue des Poitevins*” em Paris.

Na folha de rosto, vê-se uma marca de proveniência que indica a posse da “*Bibliothèque Nationale*”, o carimbo é oval estampado na cor preta. No centro dessa marca, observa-se as iniciais R.F. [République Française].

Há nessa folha um frontispício que retrata três gatos em um local que parece ser a sala de uma casa, a depender da cadeira ao fundo e um tapete que está no chão. Logo abaixo está escrito “Os gatos” com letra romana maiúscula.

Figura 126 – *Les Chats*



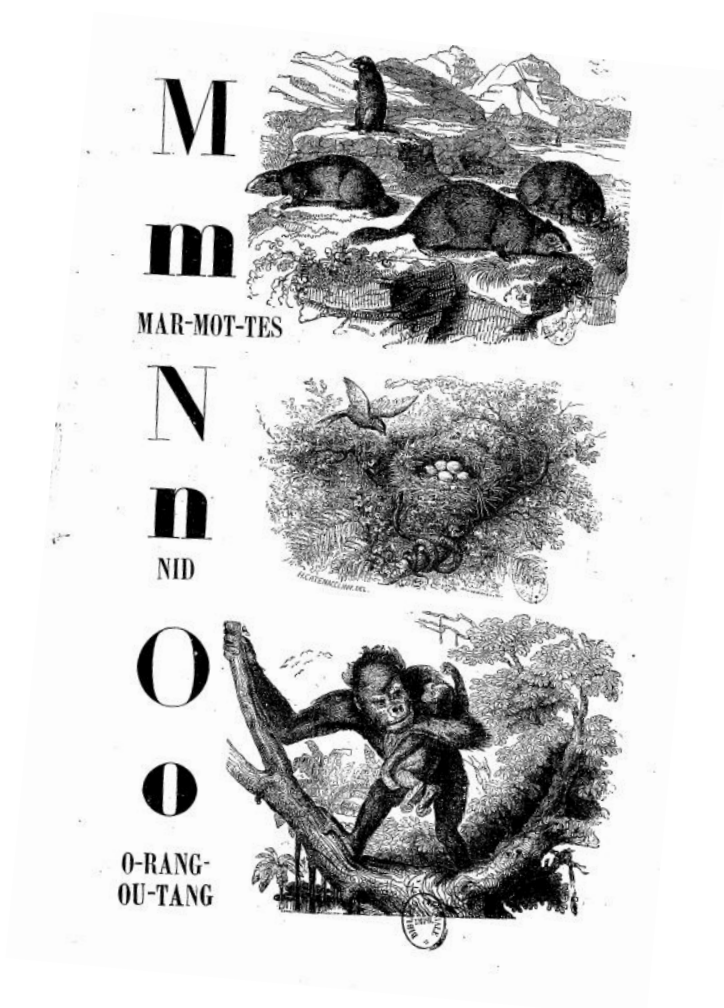
Fonte : *Le livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants* (1870)

Em seguida, são apresentadas as letras do alfabeto maiúsculas romana com a ordem preservada e sem a inserção da letra W. Os números do um ao zero aparecem logo abaixo bem ao fim da página.

Depois são apresentadas as letras do alfabeto minúsculo de romana seguindo a ordem e sem a letra W integrada. Na sequência as vogais compõem sem a letra Y estar na composição.

As próximas páginas apresentam as letras do alfabeto associadas às palavras e gravuras. Em geral, são três aparições por página. Na coluna da esquerda ficam as letras que aparecem nas versões maiúscula e minúscula romana. A palavra figura na sequência, com o uso do hífen para demarcar as sílabas. Ainda sobre a palavra, observa-se que está grafada somente com letras maiúsculas. As gravuras ficam na coluna da direita e assumem destaque pelo tamanho que ocupam na página. Elas procuram retratar o animal em seu habitat natural.

Figura 127 – Letras, palavras e gravuras

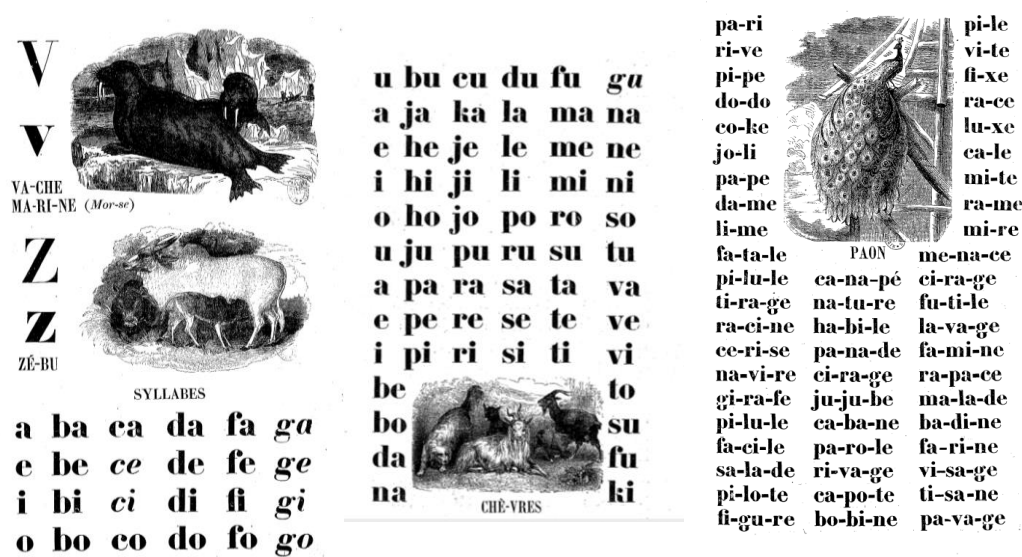


Fonte : *Le livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants* (1870)

Para cada letra são evocadas as seguintes palavras e gravuras: “*ane, buffle, chien, dindon, éléphant, furet, glouton, hippopotame, isatis, jaguar, kanguroo, loutre, marmottes, nid, orangoutang, perdrix, quincajou, renne, sarigue, tigre, unau, vache marine (morse), zebu*”¹⁰⁷.

Sob o título “*Syllabes*” [sílabas] observa-se uma lista de sílabas com um formato de apresentação bem diferente dos demais abecedários que compõem a empiria da tese.

Figura 128 – Sílabas e palavras separadas por hífen



Fonte : *Le livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants* (1870)

As vogais estão na primeira coluna da esquerda do alto para baixo da página. Na linha, da esquerda para a direita, são as sílabas que seguem a ordem alfabética das consoantes, exceto das letras Q, X e Z que não são contempladas. As sílabas apresentadas são exclusivamente formadas por consoante e vogal. Ao final, uma gravura que retrata cabras ocupa a posição central e o nome dos animais consta logo abaixo em letra maiúscula romana com a devida separação silábica demarcada por um hífen. A página seguinte lista uma série de palavras de duas a três sílabas escritas em letra minúscula romana. Dessa vez, no alto da página é a gravura de um pavão que aparece.

¹⁰⁷ “Asno/burro, búfalo, cachorro, peru, elefante, furão, glutão, hipopótamo, isatis, onça, canguru, lontra, marmotas, ninho, orangotango, perdiz, quincajou, rena, gambá, tigre, preguiça, morsa, zebu” (Tradução nossa).

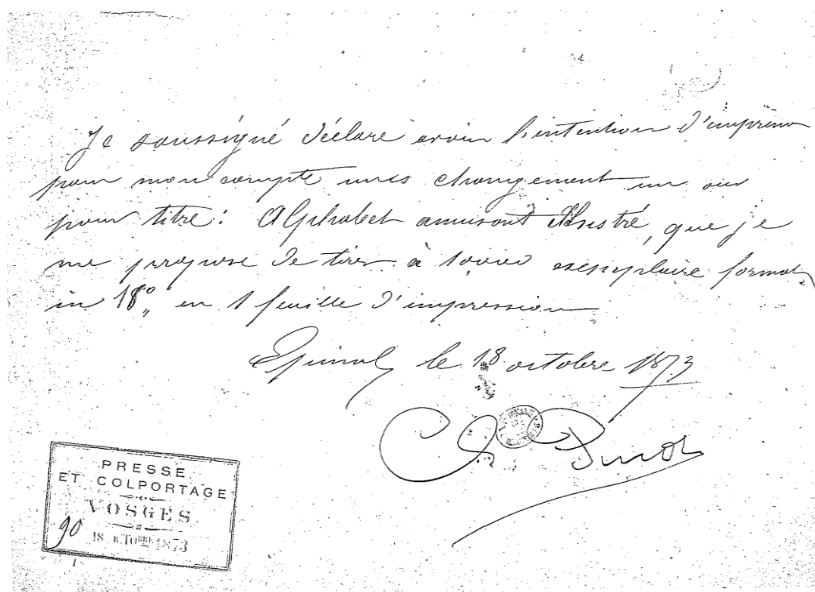
A seguir, sob o título “*Petites phrases*” [pequenas frases] consta uma lista de treze frases com palavras entre uma e quatro sílabas. Inclusive cada palavra da frase aparece separada por um hífen.

Por fim, o abecedário apresenta um breve texto para leitura, que narra a história de Leon, personagem que foi ao mercado e ficou com medo da lagosta por achar que ela estava viva. Há uma lagosta impressa abaixo do texto. Consta a informação de um estabelecimento tipográfico de *Crété Fils* em Corbeil.

Album d'images. Alphabet amusant illustré (1873)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 31 páginas não numeradas, e possui formato in-18. Essa última informação da obra não consta na ficha catalográfica da BnF, mas em uma folha¹⁰⁸ com letra manuscrita assinada por *CH. Pinot*. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

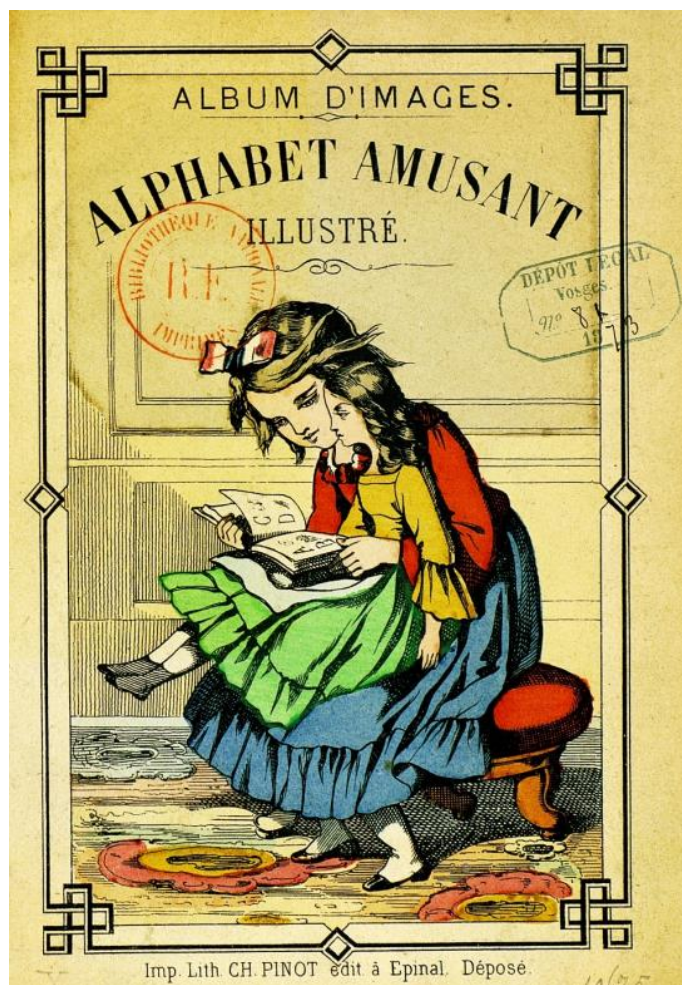
Figura 129 – Folha com escrita protocolar de *CH Pinot*



Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré (1873)*

¹⁰⁸ Parece ser uma folha de guarda branca, em que *CH Pinot* escreve os dados necessários para o depósito legal, porque a escrita possui uma forma protocolar. “Eu abaixo assinado declaro ter a intenção de imprimir por minha conta as mudanças no título “*Alphabet amusant illustrée*”, que eu imprimi a tiragem de 1000 exemplares in 18°, em uma folha de impressão. Épinal, 18 outubro 1873. Carimbo: Presse et Colportage Vosges. 18, Rue [ilegível], 1873” (Tradução nossa).

Figura 130 – Capa

Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré* (1873)

Na capa acima, constata-se o título “*Album D’images. Alphabet Amusant Illustré*”. Há um destaque para “*alphabet*” e “*amusant*” pelo tamanho da fonte empregada e pelo efeito em curva. A capa é colorida, algo incomum nos abecedários que compõem a empiria. Consta a informação que a técnica empregada é a litografia. Há referência a *CH Pinot* que provavelmente é o editor-livreiro. Seu estabelecimento fica na cidade de Épinal. Informa, ainda, depositado.

A ilustração da capa retrata uma cena de leitura que parece ocorrer em um ambiente doméstico. A menina sentada em um pequeno banco, lê um livro para uma boneca. Esse livro que a menina segura na mão, está aberto e pode-se antever as duas páginas, que possuem as letras A, B, C, D e, ao lado de cada uma, parece haver uma gravura, o que replica a estrutura do próprio abecedário.

Vê-se, na própria capa, uma marca de proveniência que indica a posse da “*Bibliothèque Nationale*”, o carimbo é circular estampado na cor vermelha. No centro dessa marca, observa-se as iniciais R.F. Há um carimbo que caracteriza o processo do depósito legal em Vosges (*dépôt légal*).

Mais adiante, consta a descrição de que esse abecedário intercala uma página com as letras, palavras e gravuras seguindo a ordem alfabética com outras que possuem conteúdos diversos.

Figura 131 – *Alphabet lettres majuscules* e letras, gravuras e palavras



Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré* (1873)

São descritas, inicialmente, as páginas de conteúdo diverso, e em seguida aquelas dedicadas ao alfabeto e suas relações evocativas.

Sob o título "*Alphabet lettres majuscules*" [alfabeto letras maiúsculas] são apresentadas as letras do alfabeto em ordem. As letras entrelaçadas (Œ e Æ) e a letra W comparecem ao fim da sequência. Depois, as letras minúsculas dividem espaço com a apresentação das vogais e os tipos de acentos.

Sob o título "*Exercices*" [exercícios] são listadas sílabas ou palavras, totalizando oito páginas com essa característica. Importa ressaltar que as palavras são separadas por um espaço entre cada sílaba e as listas organizam-se em colunas.

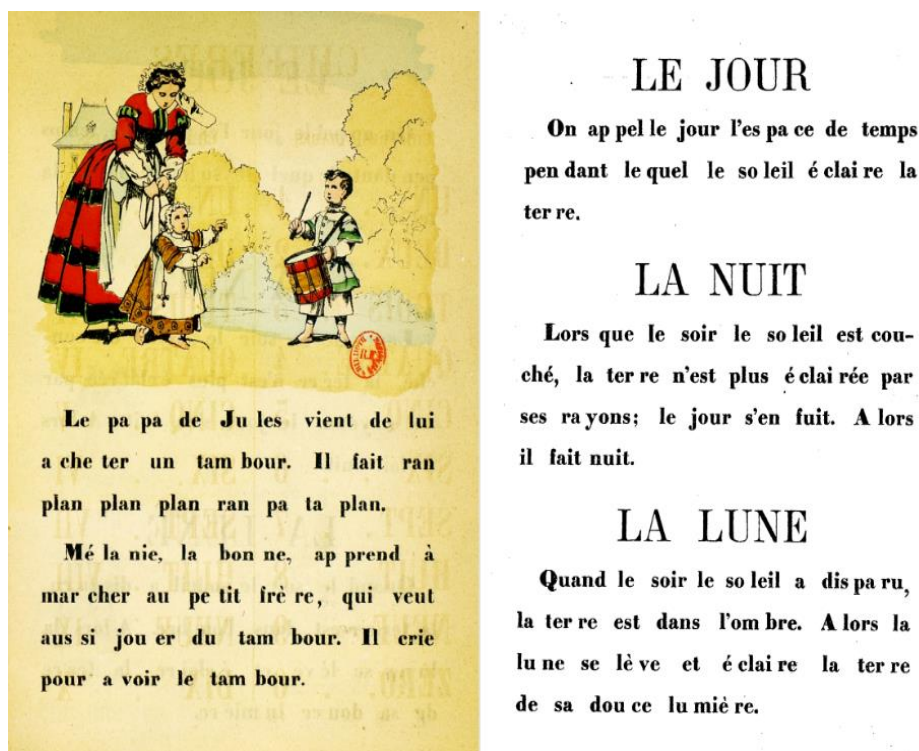
Sob o título "*Prière*" [preces] está descrita a oração do Pai Nosso e as palavras são separadas por um espaço entre as sílabas.

A sequência apresenta os meses do ano, os dias da semana e as estações do ano.

Uma gravura grande e colorida estampa um lobo correndo. Abaixo está inscrito o título “*Le Loup*” [o lobo] seguido de um pequeno texto onde o narrador pede que o pastor de ovelhas tenha atenção com o lobo que anda cercando o rebanho.

Os números arábicos (um a zero) e romanos (um a dez) aparecem com a respectiva representação por extenso.

Figura 132 – Textos



Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré* (1873)

A Figura 132 mostra outro texto, que conta a história de Jules que ganhou de seu pai um tambor. A gravura possui destaque pelo tamanho, pelas cores e pela relação que estabelece com o escrito. Como se vê, não há título para o texto e as palavras são separadas por sílabas e o espaço indica essa demarcação.

Na página que segue são apresentados três pequenos textos que buscam descrever o dia, a noite e a lua.

Figura 133 – Outros textos e fábula



LA CIGALE ET LA FOURMI

FABLE

**La Cigale ayant chanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue:
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau!
Elle alla crier famine
Chez la Fourmi, sa voisine,
La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle:
— Je vous paierai, lui dit-elle,
Avant l'aôût, foi d'animal,
Intérêt et principal.
— La Fourmi n'est pas prêteuse,
C'est là son moindre défaut;
Que faisiez-vous au temps chaud,
Dit-elle à cette emprunteuse,
— Nuit et jour, à tout venant,
Je chantais, ne vous déplaie,
— Vous chantiez! j'en suis fort aise;
Eh bien! dansez maintenant!**

Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré* (1873)

A próxima página apresenta, do lado esquerdo, uma lista de gravuras, seguidas de palavras. Do outro lado, um título e a respectiva frase, quais sejam: a fazendeira, o anjo Gabriel, o belo treinador de falcão. É possível observar que as palavras não são mais separadas entre sílabas. A fábula da cigarra e da formiga vem na sequência.

Por fim, mais uma história que tem como título “Jean-Blaise no arado”. Narra a história desse personagem que com a chegada da primavera vê o verde nos campos, os pássaros que cantam e a terra fecunda para semear trigo, batata, nabos e cenouras.

Há uma seção que divulga outros álbuns de imagem da mesma editora. São todos voltados para o público infantil, totalizando dezesseis.

Retornando ao abc nesse impresso, algumas páginas antes, temos a apresentação das letras do alfabeto, gravuras e palavras evocadas.

Figura 134 – Letras, gravuras e palavras



Fonte: *Album d'images. Alphabet amusant illustré* (1873)

Essa representação ocupa uma página inteira. As gravuras assumem centralidade pelo tamanho que possuem, embora também a letra do abc esteja grifada e aumentada. As ilustrações estão dispostas do lado direito da página. São sempre duas, uma abaixo da outra. A palavra fica na parte debaixo da gravura separada por um espaço entre as sílabas e um ponto final. Do lado esquerdo constam as letras. A letra romana maiúscula tem destaque pelo tipo de fonte, tamanho e cor vermelha para o preenchimento e preta para o contorno. A letra minúscula aparece duas vezes, porém em tipos de letras diferentes. As palavras evocadas pelas letras do alfabeto são: *“aigle, bélier, chameau, cheval, Dada, éléphant, furet, lapin, girafe, hiène, image, jaguar, kakatões, lion, mois son*

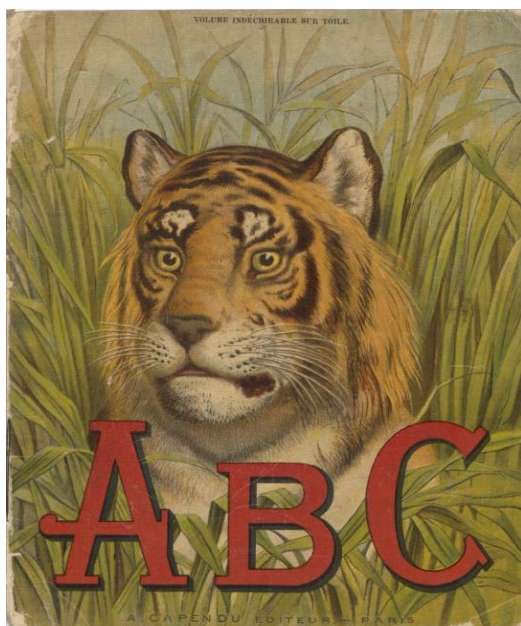
neurs, navire, ours, polichinelle, quivive, renard, requin, sanglier, turbot, urubu (vautour), vache, xochitot, zouave” ¹⁰⁹.

Algumas particularidades dessas relações precisam ser destacadas: para a letra D, a ilustração de um menino sentado no dorso de um cavalo, que por sua vez, bebe água em um pequeno riacho. Nesse sentido, a palavra Dada se relaciona com a letra, mas *cheval* também tem registro abaixo da gravura. Esse mesmo movimento ocorre na letra F, onde um furão caça um coelho e o nome de ambos são descritos abaixo da gravura. Para a letra M, uma palavra em sílabas “*Moissonneurs*” [ceifadores] é escrita abaixo da gravura que retrata duas mulheres colhendo feixes de palha enquanto uma criança ajuda a amarrá-los. Para a letra R são representados a raposa e o tubarão.

ABC (1890)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 14 páginas

Figura 135 – Capa



Fonte: ABC (1890)

não numeradas. A ficha catalográfica da BnF não informa o formato, mas indica o ano de publicação em 1890. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

Em sua capa consta o título “ABC”, impresso com letras grandes e centralizadas na parte inferior. A cor dessas letras do título tem destaque, com o preenchimento em vermelho e o contorno em preto. A ilustração da

capa retrata um tigre em meio a uma vegetação, o foco está no seu rosto.

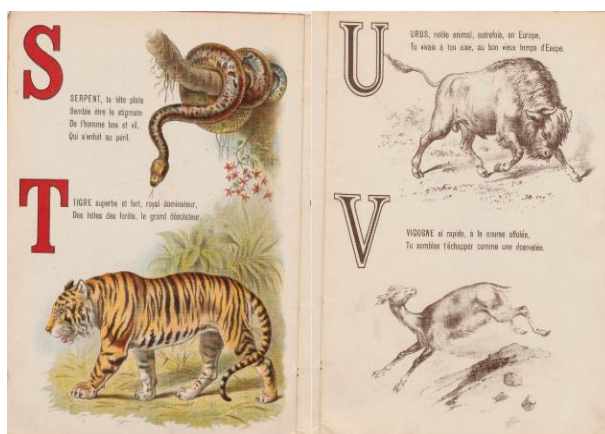
¹⁰⁹ “Águia, carneiro, camelo, cavalo, Dadá, elefante, furão, coelho, girafa, hiena, imagem, onça, periquito, leão, mois son neurs, navio, urso, fantoche, quivive, raposa, tubarão, javali, turbot, urubu (abutre), vaca, xochitot, zouave” (Tradução nossa).

Ainda na capa, constam duas informações impressas que são importantes e não podem passar despercebidas: a) o nome do editor, *A. Capendu* com estabelecimento situado em Paris; b) ao alto, impressos os dizeres “*Volume indéchirable sur toile*”, que significa, uma espécie de cobertura sobre a capa à prova de rasgos do volume, sugerindo a quem toma o exemplar nas mãos, que ele possui uma superfície de espessura superior à normal ou coberta com uma proteção de tela na capa, e portanto à prova de rasgos provocados pelos pequenos leitores.

Esse abecedário se apresenta de forma diferente frente aos anteriores, o que é notável salientar, pois, como objeto impresso, apresenta exclusivamente a sequência das letras do alfabeto com a respectiva palavra e gravura evocativa e uma frase descrevendo a palavra. Além disso, possui um projeto editorial singular: além da capa a prova de rasgos, antes mencionada, possui uma diagramação que intercala uma página colorida com outra preto e branco. Em geral, são duas letras por página, exceto na letra M que fica exatamente nas duas páginas da folha central do livro. Então, uma só letra acaba ocupando duas páginas.

Elucido o que mencionei a respeito de *A. Capendu* no capítulo anterior. Ele é reconhecido na França por publicar obras com um diferencial estético. Ele é contemporâneo da época em que o álbum é um gênero que está em alta e que se vale da técnica da cromolitografia. A inovação tecnológica associada ao gênero álbum que estava em circulação, são elementos que geram deslizamento no gênero abecedário.

Figura 136 – Por dentro do ABC



Fonte: ABC (1890)

Como é possível observar, as ilustrações são mais nítidas, há riqueza de detalhes nos contornos, efeitos de sombra e perspectiva mesmo naquelas que não são coloridas. As ilustrações estão dispostas no lado direito da página enquanto as letras no lado esquerdo. As letras coloridas se assemelham àquelas da capa e as letras em preto e branco possuem um efeito de preenchimento que busca conferir-lhes destaque. O nome do animal evoca a relação figurativa e está integrado na primeira palavra da frase, com uso das letras maiúsculas para se diferenciar em relação ao restante.

Figura 137 – Letra M



Fonte: ABC (1890)

Como se pode observar, as páginas que ocupam o meio do livro dão evidências para a ilustração. São retratados vários cavalos da espécie “*mustang*” com efeito de movimento, expressando a ideia do texto que descreve seu comportamento e formas de existir em seu meio natural.

Os pequenos versos falam dos animais em tom poético, o que já pode ser identificado como uma diferenciação face aos outros abecedários que compõem a empiria.

Os nomes dos animais que integram este impresso são: “*antilope, brun [de ours brun, um tipo de urso da Europa], chameau, daim, éléphant, furet, girafe, hippopotame, mustangs, ibex, jaguar, kangourou, lion, nil-gaut, orang-outang, phantère, quagga, renne, serpent, tigre, urus, vigogne, wonbat, xidophon, yack, zèbre*”¹¹⁰.

Grand alphabet d'animaux (1890)

O abecedário é francês e se apresenta como livro, contendo 56 páginas não numeradas. A ficha catalográfica da BnF não possui informação de formato. Esse abecedário integra o acervo das obras digitalizadas da referida biblioteca, a *Gallica*.

Figura 138 – Capa e capa posterior



Fonte: *Grand alphabet d'animaux (1890)*

Na capa do abecedário o título “*Grand alphabet d'animaux*” está impresso com letras estilizadas, oferecendo um tom divertido na composição com a ilustração. Na folha de rosto consta novamente o nome do abecedário e a informação de que os textos e ilustrações são de *G. Gaulard*.

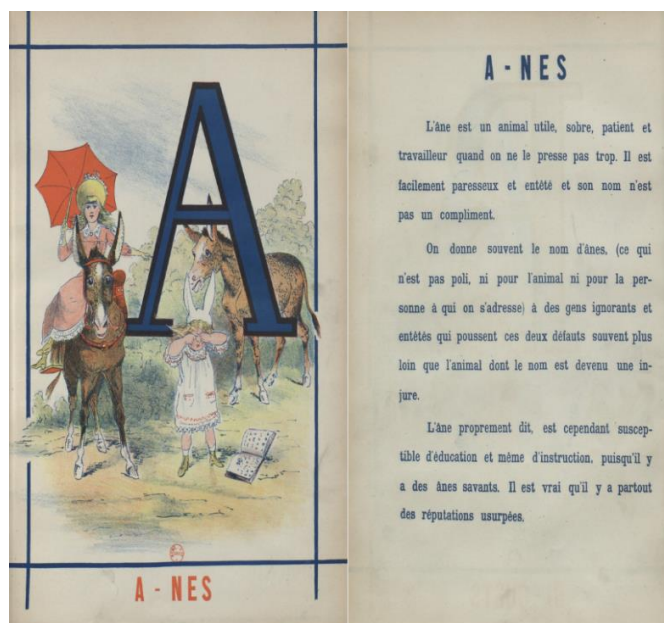
¹¹⁰ “Antílope, urso brun (característico da Europa), camelo, gamo, elefante, furão, girafa, hipopótamo, mustang, ibex, onça, canguru, nilgault, orangotango, pantera, quagga, rena serpente/cobra, tigre, urus, vigogne, wonbat, xidophon, iaque, zebra” (Tradução nossa).

O estilo gráfico de apresentação é inédito no *corpus* da tese. Coincidentemente não há menção explícita ao editor-livreiro. O estabelecimento de impressão é de *Monroeq*, situado em Paris, podendo ser ele o editor-livreiro. O ano de publicação é 1890.

A capa é colorida e integra criança e animais na mesma cena. Todos parecem estar em uma floresta pelas árvores que estão no plano de fundo. Alguns animais retratados são humanizados por usarem roupa, sendo o caso do macaco. Além disso, ele aparece montado em um cachorro. O burro usa um chapéu com orelhas de burro, assim como uma menina que aparece ao seu lado está com orelhas de burro.

A representação das orelhas de burro dialoga com a primeira palavra evocada na sequência alfabética (*anes/asnos*) e com a capa posterior onde o burro aparece devorando e rasgando as folhas de um livro com letras do alfabeto. Terá o autor ou ilustrador querido sugerir que rasguem-se os demais livros que este é o que vai funcionar? O chapéu de burro na menina, na capa parece sugerir que para a criança que não aprende, e que a professora coloca chapéu de burro diante de todos os colegas e aqui o Grande Alfabeto dos Animais pode ajudar a aprender a ler.

Figura 139 – Anes



Fonte: *Grand alphabet d'animaux* (1890)

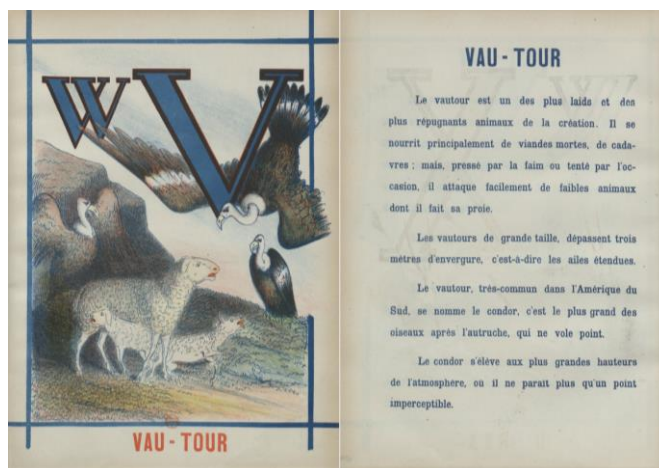
A gravura ocupa a página inteira e assim como na capa, há uma variedade de cores e detalhes nos traços que o diferenciam dos abecedários do início do século XIX. Há sempre uma moldura em linhas azuis que combina com a cor de preenchimento da letra. A letra, por sua vez, assume destaque também, tanto pelo tamanho quanto pelo estilo da fonte. A palavra é escrita abaixo da página, fora da moldura, em letra maiúscula de romana separada por um hífen que demarca a sílaba. Em seguida, um pequeno texto¹¹¹ é apresentado, sendo o nome do animal seu título. Como se vê na Figura 139, é um texto que possui conotação moralista e atribui ao animal caráter de subserviência ao humano.

A sequência de palavras com as letras do alfabeto são: “*anes, biquets, canards, daims, écurreuils, flammants, girafes, haquenée, ibis, kangourous, lion/léopards, mulet, nyl-gaut, ours, poney, quadrumanes, rhinocéros, sanglier, tigre, urubu, vautour, oryx, yack, zébu*”¹¹².

A palavra *vautour* se refere a uma espécie de ave de rapina que inicia com a letra V. O abecedário insere na página a letra W que, a priori, comparece de forma descontextualizada, mas compartilha o mesmo som.

Esse pode ser o motivo pelo qual estão na mesma página. A letra W é uma letra insólita e não é tarefa fácil encontrar possibilidades que cruzem palavra, gravura e tema que seja considerado interessante para o público-alvo. Além disso, a França faz fronteira

Figura 140 – Letra W e V



Fonte: *Grand alphabet d'animaux* (1890)

¹¹¹ “O asno/burro é um animal útil, sóbrio, paciente e trabalhador quando não se apressa muito. Ele é facilmente preguiçoso e teimoso e seu nome não é um elogio. Muitas vezes damos o nome de asnos/burros (o que não é educado, nem para o animal nem para a pessoa com quem estamos falando) a pessoas ignorantes e teimosas que muitas vezes levam essas duas falhas mais longe do que o animal cujo nome se tornou um insulto. O asno/burro propriamente dito, no entanto, é capaz de educação e até de instrução, pois existem burros instruídos. É verdade que há reputações usurpadas por toda parte” (Tradução nossa).

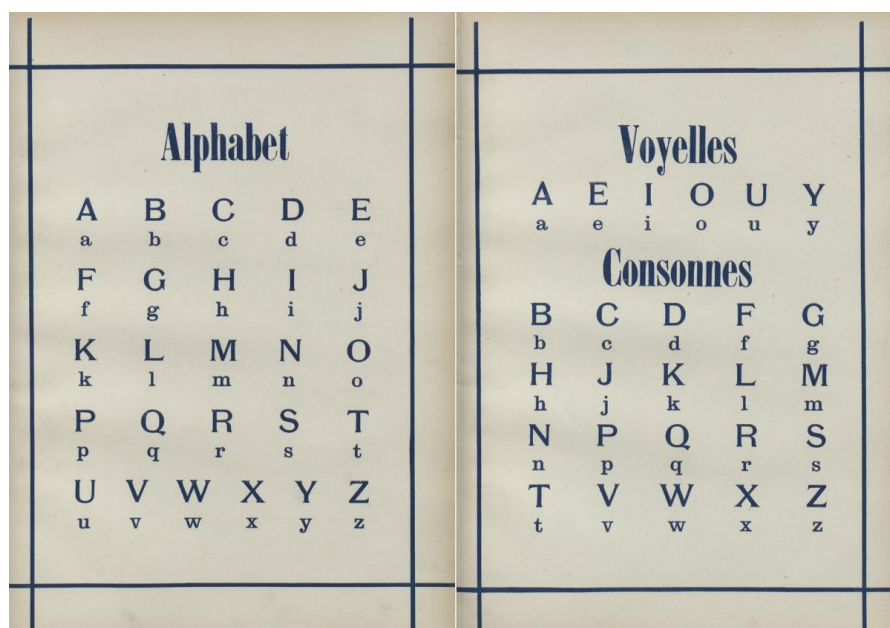
¹¹² “Asnos/burros, biquets (bebês cabras), patos, gamos, esquilos, flamingos, girafas, haquenée (tipo de cavalo muito dócil), íbis, cangurus, leão/leopardos, mula, nilgaut, urso, pônei, quadrumanes, rinoceronte, javali, tigre, urubu, abutre, órix (espécie de Gazela da Nigéria), iaque, zebu” (Tradução nossa).

com a Inglaterra e muitas palavras estrangeiras frequentam o glossário cotidiano com W e estão dicionarizadas em francês. Exemplo: *weekend* ou *whisky*. No século XIX dizia-se *wagon-lit* para designar compartimento de trens que possuíam camas para os viajantes em longos trajetos.

Pela sequência alfabética, a letra W não ficaria nessa posição, mas por algum motivo foi inserida pelo autor do abecedário junto ao V. Como se vê, ela ocupa o segundo plano da página e seu tamanho é menor em relação à letra V.

Logo em seguida o alfabeto é apresentado de forma que as maiúsculas e minúsculas compareçam de forma concomitante. As letras são divididas em vogais e consoantes e igualmente expostas na página subsequente. Observa-se uma diagramação mais moderna face aos anteriores, páginas emolduradas e tipos sem ornamentos.

Figura 141 – *Alphabet, voyelles, consonnes*



Fonte: *Grand alphabet d'animaux* (1890)

A lista de sílabas é formada por consoante e vogal e estas são organizadas em ordem alfabética do alto para a parte inferior da página. Na linha da esquerda para a direita as sílabas fazem composição com as vogais. As letras Q e W não aparecem nesta seção.

A próxima página faz uma lista de três palavras de acordo com as sílabas que possuem, sendo de uma, de duas e de três. As palavras são separadas por

um hífen que demarca a sílaba. Os números arábicos e romanos vêm na sequência e aparecem na representação somente com o algarismo.

Por fim, possivelmente na última página ou na capa posterior, sob o título “*Ovragés du même auteur*” [obras do mesmo autor] são elencados os títulos de outras obras que o autor desse abecedário publicou.

Querido leitor, as páginas percorridas até aqui te levaram ao ano de 1890, final do século XIX. Isso não significa que esse impresso só circulou nesse período. Possivelmente ele teve outras edições e pode ter ocupado as prateleiras de bibliotecas (institucionais ou privadas) por longos anos. Alguns aspectos te soaram estranhos, familiares ou causaram certa surpresa? O próximo capítulo segue analisando esses abecedários, destacando mais aspectos desse gênero editorial.

4. Terceira lição: leia e releia os textos



Fonte: *Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures, 1892*



pós a imersão na materialidade dos abecedários e movida por uma série de indagações que detalhei na seção “Lições: entre caminhos historiográficos & reflexões metodológicas”, procurei contrastar os abecedários em língua portuguesa e franceses e assim observar algumas similitudes, recorrências e especificidades.

As quatro seções deste capítulo abordam, primeiramente, as gravuras, a segunda e a terceira tratam dos aspectos editoriais envolvidos na produção do livro e as implicações dos editores-livreiros na caracterização do gênero abecedário em determinados processos; logo após, a circulação transnacional e transcultural de modelos editoriais, sobretudo através das gravuras, sublinhando a relevância de *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud* na promoção das transferências culturais entre Brasil e França, por vezes envolvendo também Portugal.

4.1. Lições: os abecedários sempre tiveram gravuras?

Annie Renonciat (2011) explicita que atualmente a imagem tem ampla difusão e aceitação nos espaços escolares por sua inquestionável importância cultural, social e sua potencial relevância para os processos de ensino e aprendizagem. No entanto, esclarece que a imagem ocupou, no passado, um lugar de desconfiança, seja pelos discursos religiosos e filosóficos, seja também pelos discursos pedagógicos. Em seu livro *“Voir/savoir: La pédagogie par l’image aux temps de l’imprimé”* [Ver/Saber: a pedagogia pela imagem nos tempos do impresso] (RENONCIAT, 2011) a autora lança uma questão que julga principal e que consiste em interrogar: “Como passamos da imagem vista como fonte de erro e distração para a concepção que entende a imagem como ferramenta potente para auxiliar e ser suporte do ensino?”¹¹³.

Conforme Renonciat (2011), o uso da imagem para a instrução foi fortemente acentuada durante o Renascimento, devido ao desenvolvimento da publicação científica a partir da segunda metade do século XVI. Renonciat (2011) cita *Léonart Fuchs* em seu livro *“De historia”* (1542) quando diz que a imagem tem a capacidade de comunicar uma informação de forma mais clara. Concomitante a essa ideia, impôs-se uma concepção da imagem como substituta da coisa, que conforme Renonciat (2011), percorreria toda a história da pedagogia e sua relação com as imagens, desde Comenius até Marie-Pape Carpentier¹¹⁴. A imagem passa a ser considerada como ferramenta didática por estimular a observação da realidade. A autora segue explicitando que essa posição é defendida, no século XIX, pelos proponentes do método intuitivo. Na mesma direção, e citando particularmente o caso dos abecedários ilustrados, Ségolène Le Men afirma:

La pédagogie par l’image sur laquelle repose le principe de l’abécédaire à figures, qui en constitue l’un des principaux terrains d’application, a son fondateur européen, Comenius, et ses traditions. Dans l’abécédaire à figures, elle est mise en

¹¹³ “*Comment est-on passé de l’image source d’erreur et de distraction à l’image auxiliaire et support de l’enseignement?*” (RENONCIAT, 2011, p. 6)

¹¹⁴ Marie Pape-Carpantier foi uma educadora francesa nascida em 11 de setembro de 1815 em Sarthe, França e morreu em Villiers-le-Bel em 31 de julho de 1878. Ela desempenhou um papel importante na revolução da educação nas escolas francesas.

œuvre par un dispositif spécifique qui renvoie tant aux arts de mémoire qu'au monde de l'imprimé¹¹⁵. (LE MEN, 1984, s/p)

A obra *Orbis Pictus* é de autoria de Jean Amós Comenius, professor e intelectual do século XVII, e para muitos autores evocados nesta tese, ela é concebida como um marco e divisor importante no que concerne à inserção de imagens em impressos com vistas à instrução primária.

Orbis Pictus, concebido em Sárospatak, na Hungria, em 1657 e publicado em 1658, em Nuremberg, é considerado o primeiro livro ilustrado e a primeira cartilha do mundo cristão ocidental. Le Men (1984) comenta que o livro apresenta cento e cinquenta lições, tendo como princípio pedagógico a Lição de Coisas, – as coisas sendo substituídas por imagens –, apelando, portanto, ao mundo dos sentidos.

Miranda (2011) relata que Comenius sentiu a necessidade de criar um livro ilustrado ao lecionar latim, que na época era a língua materna em muitos países. Com a publicação *Janua* (significa “porta” ou “entrada”, em latim) percebeu que as crianças consideradas “iletradas”¹¹⁶ fracassavam. “O autor morávio elaborou, então, outro livro, que, ao mesmo tempo, introduzisse a língua materna, o latim, e as coisas do mundo” (MIRANDA, 2011, p.198-199).

Com isso, Miranda (2011) afirma que o formato de *Orbis Pictus* nomeou, mostrou e escreveu a respeito de cada tema que almejou lecionar. Assunto e aprendizado da leitura e da escrita caminham juntos na obra. “As imagens não são meras ilustrações do texto escrito: são apresentações figurativas do assunto comentado” (MIRANDA, 2011, p.198). E o autor acrescenta,

Assim também, a composição do livro em imagens e textos foi uma escolha do professor morávio, pois, nos séculos XVI e XVII, inúmeros livros ilustrados de anatomia humana, de plantas e animais, iconografia e *emblematas* já circulavam pela Europa. (MIRANDA, 2011, p.198)

¹¹⁵ “A pedagogia pelas imagens sobre a qual repousa o princípio do abecedário ilustrado, que constitui um de seus principais *locus* de aplicação, tem seu fundador europeu, Comenius, e suas tradições. No abecedário de figuras, ela (a pedagogia pela imagem), coloca em ação um dispositivo específico que remete tanto às artes da memória quanto ao mundo da impressão” (Tradução nossa) (LE MEN, 1984, s/p).

¹¹⁶ Miranda (2011) utiliza precisamente tal expressão.

Para Miranda (2011, p.198), Comenius provavelmente tenha sido o primeiro professor a inserir em “livro uma iconologia didática em prol da educação escolar” e esse procedimento havia sido utilizado apenas para a educação dos fiéis católicos nos afrescos pintados em igrejas ou em livros intelectivos cujos mantenedores eram nobres e reis.

Litaudon-Bonnardot (2014) também comenta a respeito de *Orbis Pictus* (1658). Segundo ela, trata-se de uma enciclopédia latino-alemã que foi traduzida para o inglês em 1659. A autora afirma que Comenius estava convicto de que a imagem era fundamental ao ensino e ao aprendizado da leitura e da escrita inicial.

Renonciat (2011) explicita que os capítulos de *Orbis Pictus* tratam da criação do mundo, da natureza, do homem, das instituições e da vida social, do artesanato, das atividades artísticas, da política, de assuntos militares e religiosos. Estes capítulos possuem a mesma estrutura: uma gravura na página esquerda acompanhada por uma nomenclatura bilingue (latim-alemão) que, utilizando referências numeradas, lista os objetos representados, nomeia-os e explica a sua natureza. Segundo a autora, Comenius optou por figuras gravadas na madeira por Paul Kreutzberger, e não em “*taille-douce*” [talhe doce], como era a prática no século XVII, técnica que teria permitido maior precisão. Renonciat (2011) acrescenta que a xilogravura permite a impressão do texto e da imagem numa única operação e oferece representações simplificadas que devem permitir à criança formar uma ideia clara e distinta das coisas. O texto impresso é estruturado em colunas para facilitar a leitura, uma em latim, composta em letra romana, a outra em alemão em letras góticas (de acordo com o uso em países germânicos). Os termos referenciados na imagem da obra de Comenius estão em itálico. O objetivo era que as crianças “não vissem nada que não pudessem nomear ao mesmo tempo em que não nomeassem nada que não pudessem mostrar” (RENONCIAT, 2011, p. 24, tradução nossa).

Exponho, abaixo, a apresentação do livro e o alfabeto sonoro (verbal ou onomatopaico)¹¹⁷ da obra *Orbis Pictus* de Comenius, pois é elucidativa para pensar sobre os aspectos da imagem com vistas ao ensino da leitura e escrita, ou seja, o uso dela com uma finalidade didática.

¹¹⁷ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/372461831658374329/?!p=true>

Figura 142 – Orbis Pictus

☉:☉:(2):☉:☉

Invitatio.

Einleitung.



M. Veni, Puer!
disce Sapere.

P. Quid hoc est,
Supere?

M. Omnia,
quæ necessaria,
rectè intelligere,
rectè agere,
rectè eloqui.

P. Quis me
hoc docebit?

M. Ego,
cum DEO.

P. Quomodo?

L. Komm her/ Knab!
lerne Weisheit.

S. Was ist das/
Weisheit?

L. Alles/
was nöhtig ist/
recht verstehen/
recht thun/
recht ausreden.

S. Wer wird mich
das lehren?

L. Ich/
mit G.Dt.

S. Welcher gestalt?

M. Du-

O Mestre e o Garoto¹¹⁸.

M. Vamos rapaz, aprenda a ser sábio.

G. O que isso significa, ser sábio?

M. Significa compreender corretamente, agir corretamente e falar corretamente tudo o que é necessário.

G. Quem me ensinará isso?

M. Eu, com a ajuda de Deus.

G. Como?

M. Eu te guiarei por tudo. Eu te mostrarei tudo. Eu nomearei todas as coisas.

G. Veja, aqui estou; guie-me em nome de Deus.

M. Antes de tudo, você deve aprender os sons, dos quais consiste a fala humana; e que as criaturas vivas sabem como produzir e sua Língua sabe como imitar e suas mãos podem representar. Depois sairemos para o Mundo, e veremos todas as coisas. Aqui você tem um Alfabeto vivo e Vocal.

¹¹⁸ Tradução cf. Miranda (2011).

☉:☼:(4):☼:☉

	<i>Cornix cornicatur.</i> die Krähe trechzet.	á á	Aa
	<i>Agnus balat.</i> das Schaf blöcket.	bé é é	Bb
	<i>Cicada stridet.</i> der Zeuschreck zischere.	ci ci	Cc
	<i>Upupa, dicit</i> der Widhöpf/ruft	du du	Dd
	<i>Infans éjulat.</i> das Kind weinert.	é é é	Ee
	<i>Ventus flat.</i> der Wind wehet.	fi fi	Ff
	<i>Anser gingrit.</i> die Gans gackert.	ga ga	Gg
	<i>Os halat.</i> der Mund hauchet.	häh häh	Hh
	<i>Mus mintrit.</i> die Maus pspfert.	í í í	Ii
	<i>Anas tetrinnit.</i> die Ente schnackert.	kha kha	Kk
	<i>Lupus ululat.</i> der Wolff heulet.	lu ulu	Ll
	<i>Ursus múrmurat.</i> der Beer brummet.	mum mum	Mm

O Corvo grasnou.	à à	Aa
A Cabra baliu.	b è è è	Bb
A Cigarra chichiou.	cì cì	Cc
A Poupa disse.	du du	Dd
O Bebê chorou.	è è è	Ee
O Vento soprou.	fi fi	Ff
O Ganso grasnou.	ga ga	Gg
A Boca halitou.	hà'h hà'h	Hh
O Rato guinchou.	ì ì ì	Ii
O Pato grasnou.	kha, kha	Kk
O Lobo uivou.	lu ulu	Ll
O Urso bramiu.	m u m mum	Mm

☉:☼:(5):☼:☉

	<i>Felis</i> , clamat die Kat mauhet.	nau nau	Nn
	<i>Auriga</i> , clamat der Fuhr mann/rufft	ò ò ò	Oo
	<i>Pullus</i> pipit. das Küch lein pipet.	pi pi	Pp
	<i>Cuculus</i> cuculat. der Kuck uck kucket.	kuk ku	Qq
	<i>Canis</i> ringitur. der Hund marret.	err	Rr
	<i>Serpens</i> sibilat. die Schl ange zischet.	si	Ss
	<i>Graculus</i> , clamat der He ßer/schreyet	tac tac	Tt
	<i>Bubo</i> ululat. die Eule uhuhet.	ù ù	Uu
	<i>Lepus</i> vagit. der Hase quäcket.	va	Ww
	<i>Rana</i> coaxat. der Frosch quacket.	coax	Xx
	<i>Asinus</i> rudit. der Es el ygaet.	y y y	Yy
	<i>Tabanus</i> , dicit die Breme summet.	ds ds	Zz

O Gato miou.	nau nau	N n
O Carroceiro gritou.	ò ò ò	O o
O Pintinho piou.	pi pi	P p
O Cuco cuculou.	kuk ku	K k
O Cão rosnuu.	err	R r
A Serpente sibilou.	si	S s
A Gralha grasnou.	tac tac	T t
A Coruja chirreou.	ù ù	U u
A Lebre guinchou.	va	W w
A Rã coaxou.	coax	X x
O Asno zurrou.	y y y	Y y
A Mosca zuniu.	ds ds	Z z

Fonte: Adaptado por Souza (2022) a partir de Miranda (2011)

O alfabeto sonoro de Comenius, sem dúvida, apresenta aspectos instigantes para pensar o uso didático da imagem no ensino da língua, e mais do que isso, um artefato pedagógico de iniciação à leitura e à escrita com uso de imagens, destacadamente de animais em associação às letras e palavras. Assim, primeiro a composição imagética que predomina versa sobre animais. Miranda (2011) explicita que, no contexto da época, já circulavam livros ilustrados com assuntos sobre plantas, animais, anatomia humana, etc. Nesse sentido, o livro *Orbis Pictus* não apresentava originalidade, mas por outro lado, estabelecia vinculação às ideias pedagógicas expressas no livro de Comenius “Didática Magna”.

Tal proposta [didática] atribui grande crédito à natureza. Observando a ordem que reina no universo, o pedagogo morávio extrai os princípios que coloca na base do seu método: o sincretismo e a substancial unidade estrutural que caracteriza os seres humanos no curso gradual do seu desenvolvimento. O sincretismo, reconhecendo a correspondência entre os diversos graus da realidade, estabelece uma estreita relação entre natureza e arte, pela qual a arte de ensinar (a didática) extrai as suas regras da natureza e o processo educativo repete as leis do desenvolvimento natural. (CAMBI, 1999, p.288-289, grifo nosso)

A credibilidade à natureza parece justificar as escolhas feitas quanto ao conteúdo do seu livro. Não só pelo ensino através da observação, partindo do mais simples para o composto, embora não se limitando a este, pois para Comenius, segundo Cambi (1999), o ato de ensinar deveria ter um sentido utilitarista. Nesse sentido, partia do pressuposto que o ensino do alfabeto precisava ser uma das primeiras aprendizagens da língua materna.

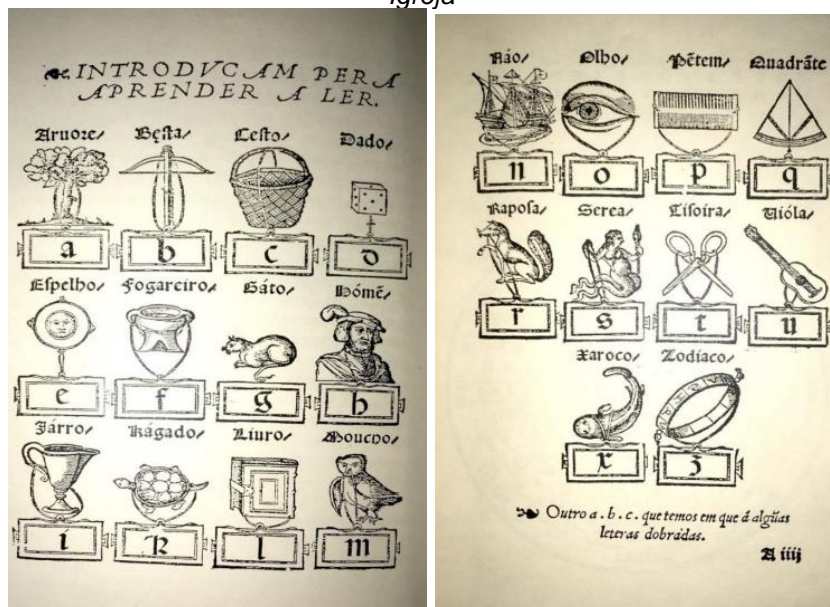
Algo curioso é que não é a letra inicial do nome do animal que remete ao som da letra correspondente, mas sim, o tipo de som que ele emite. Cada letra está associada a um som, ela própria associada à imagem de um animal, que funciona como suporte de memória: nomeia-se o seu grito, em latim e em alemão (“*cornix cornicatur*”/“*die Krähe Kreckzet*”). Pronuncia-se e lê-se a letra correspondente, em maiúsculas e minúsculas: “A a”. Nenhum desses elementos funciona isoladamente: é sua combinação que faz um sistema.

No entanto, vale advertir que alguns pesquisadores como Ramil (2018) e Mariguela (2011) atribuem a João de Barros a autoria do primeiro livro ilustrado no mundo, por sua precocidade e inovação de ordem didática e pedagógica. Trata-se da “*Grammática da Língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*”, também reconhecida como “Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja” ou ainda “Cartinha de João de Barros”. A publicação corresponde ao ano de 1539 pela Casa de Luis Rodriguez, em Lisboa. Mariguela (2011) comenta que no

exemplar, presente no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, consta ao final, após a ‘ficha catalográfica’, a seguinte informação datilografada: ‘Talvez seja o primeiro livro didático ilustrado, antecedendo ao de Comenius. (MARIGUELA, 2011, p.151)

Mariguela (2011) descreve as características desse livro e destaca seu caráter doutrinário, vinculado à iniciação à leitura e à escrita da língua portuguesa.

Figura 143 – “*Grammática da Língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*”



Fonte: Carvalho (2018)

O alfabeto é organizado sequencialmente e as letras iniciais das palavras servem de referência alfabética. As 22 letras estão distribuídas em duas páginas. Na primeira, estão as letras de A a M e na segunda página as de N a Z. João de Barros criou um modelo que será interiorizado e que constitui, de acordo com Silva e Jesuíta (2013, p.75), um específico signo linguístico. Neste livro ilustrado, os autores entendem que o “signo linguístico exprime-se a partir da imagem que esclarece o sentido do signo (significado) e, ao significante (parte material do signo), cabe a forma gráfica (*a-r-v-o-r-e*)” que, conseqüentemente, durante o ensino e aprendizagem, se transformará em som.

A Cartinha de João de Barros parece ser o precursor do que se tornaram os abecedários ilustrados tempos mais tarde. Expressa, também, a força didática da imagem que se presta ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita, tomando como base as constatações de Le Dü Silva (2003).

A interpretação das imagens presentes nesse livro de Joao de Barros associa-se ao período em que foi criado e conforme Mariguela (2011) e Silva e Jesuíta (2013) apresenta uma inovação e ineditismo para o século XVI se considerarmos que *Orbis Pictus* foi inventada após mais de cem anos, em 1658, portanto no século XVII.

Nesse sentido, Duvallon (2010) declara que esses impressos podem demonstrar informações sobre as transformações da sociedade, uma vez que pertencem ao nosso patrimônio e são, por vezes, ricos documentos históricos.

Como pista para o prosseguimento dessa tradição da associação imagens e aprendizado da leitura e da escrita em impressos no contexto brasileiro, destaco, a partir de Valdemarin (2010), que no final do século XIX e no início do XX, o manual “Lição de Coisas” foi largamente recomendado por intelectuais do país. Tal manual valia-se de imagens para o ensino das crianças. “Grammática da Língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja”, *Orbis Pictus* e o manual Lição de Coisas são exemplos paradigmáticos do uso de imagens para fins didáticos.

De acordo com Santaella (2012), entre 1500 até 1675, as imagens passaram das iluminuras para as xilogravuras, e depois até as gravuras em metal. De beleza e encantamento para os olhos e aprendizado para quem precisava ler e escrever, “as imagens e figuras passaram a ser, cada vez mais, peças fundamentais na transmissão de conhecimentos científicos e técnicos, na

medida mesma do aprimoramento do seu modo de gravação” (SANTAELLA, 2012, p. 107).

Quanto aos abecedários ingleses, Litaudon-Bonnardot (2014) destaca que foram pioneiros em relação aos franceses na inserção de imagens nos impressos. Isso porque, afirma a autora, a Inglaterra tinha como objetivo expandir o acesso das pessoas ao conhecimento e domínio do código escrito, tendo como fundamento os princípios propagados pela Reforma Anglicana, ou seja, pessoas alfabetizadas poderiam ler a Bíblia diretamente, sem mediadores. Os abecedários se mostraram como ferramentas que favoreciam o ensino do inglês e do latim, cumprindo o objetivo de sua criação. A presença da imagem, nesse suporte, era vista de forma positiva, pois acreditava-se nas suas potencialidades pedagógicas.

Litaudon-Bonnardot (2014) indica que o gramático inglês John Hart é o primeiro a introduzir a imagem em um abecedário. Ele publicou, em 1570, *“A Method or Comfortable Beginning for all Unlearned”*¹¹⁹ (Londres, Henrie Denham). O livro apresenta um alfabeto ilustrado que associa cada letra a um objeto. A publicação de João de Barros antecede essa obra citada pela autora, embora demonstre um movimento que aparece em locais distintos da Europa, Portugal e Londres, no decorrer do século XVI.

Além do abecedário de Hart (1570), Litaudon-Bonnardot (2014) menciona que um professor de escola pública londrina cria, no ano de 1667, a obra *“A Guyde for the Children and Youth”*¹²⁰. Para ele, o livro ilustrado facilitaria a memorização das letras. Sua obra foi rapidamente popularizada e teve várias reimpressões, especialmente na Escócia (LITAUDON-BONNARDOT, 2014). Tal abecedário é de cunho religioso e tematiza o pecado original. Uma das ilustrações representa Adão e Eva ao lado da árvore do conhecimento, acompanhado pelos versos *“In Adam’s Fall / We sinned all”*¹²¹.

Outro exemplar que associa letra e imagem, também segundo Litaudon-Bonnardot (2014), foi publicado em 1669, com o título *“School Pastime for Young Children”*¹²² pelo matemático e astrônomo John Newton. O estudioso explicitava

¹¹⁹ “Um método ou iniciação para todos os aprendizes” (Tradução nossa).

¹²⁰ “Um guia para crianças e jovens” (Tradução nossa).

¹²¹ “Na queda de Adão / Pecamos tudo” (Tradução nossa).

¹²² “Passatempo escolar para crianças pequenas” (Tradução nossa).

que a educação precisava de uma reforma, e como argumento para validar suas proposições, se valia de uma citação de Erasmus de que aprender por meio do jogo é a melhor alternativa para favorecer o aprendizado das crianças.

Quando Litaudon-Bonnardot (2014) analisa a presença de imagens nos abecedários ingleses, conclui que essa vinculação da imagem ao ensino da língua passa fundamentalmente pelos sentidos da visão e da audição. Os olhos que vêem as imagens e os ouvidos que escutam os sons proporcionam uma aprendizagem prazerosa às crianças. Para a autora, na França, o ensino por meio dos abecedários, nesse mesmo período, não parece acreditar nessa vivência prazerosa que mobilizaria as sensibilidades das crianças (LITAUDON-BONNARDOT, 2014). Na França, até o final do século XVIII, os abecedários imprimem somente a cruz de Deus e o alfabeto dedicado à temática da civilidade torna-se popular, eventualmente ganhando uma só ilustração no frontispício.

Segundo Litaudon-Bonnardot (2014), aparece ao mesmo tempo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, um novo tipo de ABC, o *battledore*, que consiste numa folha de papel cartão impressa e dobrada, onde é possível encontrar elementos semelhantes ao *hornbook*. A diferença é que o *battledore* apresenta um alfabeto ilustrado que evoca personagens e objetos da vida secular, enquanto o *hornbook* apresenta, em suas primeiras versões, um conteúdo religioso, que com o tempo desaparece, dando lugar a ilustrações temáticas de animais, ofícios, entre outros exemplos, apostando em diversas apresentações muito variadas.

Na dissertação (SOUZA, 2015, p. 61-64), apresentei, a partir de Alain Choppin, as características desses materiais anteriormente mencionados. Relembro, conforme Choppin (2008 apud SOUZA, 2015), que na Suíça o abecedário é designado pelo termo *palette*, e encontrado desde o século XV. A *palette* tem a forma de pequena raquete triangular com uma parte lisa, onde se pode colar ou grafar um alfabeto manuscrito, e uma extremidade que a criança pode segurar com as mãos.

No decorrer do tempo, no contexto francês, Litaudon-Bonnardot (2014) aponta a presença da imagem adotada gradativamente até tornar-se proeminente e cada vez mais para atender a preocupação de manter a coesão entre imagem e texto. Segundo a autora, graças à inserção da imagem, foi possível garantir a ampla difusão e circulação dos abecedários franceses.

Contudo, foram necessários notáveis progressos na reprodução de imagens e na mecanização dos processos de impressão. Conforme Duvallon (2010), os abecedários, examinados como artefatos, permitem retrair a evolução da arte e das técnicas de impressão e da ilustração após a invenção da imprensa e da gravura sobre madeira até à tiragem em grande número sobre as rotativas *offset*.

O abecedário se constitui como um livro voltado para o público infantil cuja forma é fixa, determinada por regras invariáveis de estrutura. Contudo, pode-se afirmar que há uma grande multiplicidade nas formas de compô-lo, variando de acordo com os temas, com o público e com as técnicas de edição ou de impressão. Ainda assim, no conjunto, o abecedário permanece com uma forma estável. Segundo Le Men (1984), pode ser considerado um gênero, uma fórmula editorial. Para Escolano Benito (2000) integra aqueles impressos que na história da escola e de sua cultura material, podem ser agrupados sob a designação de livros de iniciação, um gênero particular e de grande difusão.

As capas dos abecedários estampam seus títulos. Uma característica comum e que chama a atenção nesses impressos quando publicados no século XIX, e aqui repertoriados, é a quantidade de palavras que os intitulam, e que, muitas vezes, acabam por formar um recheado parágrafo. Os títulos extensos parecem servir como anúncio ao comprador já que muitas vezes indicam tratar-se de um método novo. Os prefácios, por sua vez, detalham as características que os tornam originais, e as imagens procuram encantar, atribuir determinados sentidos, distrair ou ainda desviar o leitor das lições enfadonhas envolvendo o estudo das sílabas, por exemplo. Além disso, em meio às palavras do título, algumas expressões insistem em aparecer em abecedários de diferentes idiomas, a saber: ilustrados com numerosas estampas, ornado com numerosas estampas, alfabeto ilustrado e letras ornadas, ornado com gravuras, ABC em imagens, alfabetos com desenhos de, em referência aos nomes de ilustradores, por vezes célebres.

Contudo, como indiquei anteriormente, os abecedários ilustrados constituíram uma inovação numa tradição mais extensa. Inclusive, importa comentar, que na *Gallica*, estão disponíveis on-line muitos abecedários e ainda assim não abarcam a totalidade de impressos que estão abrigados nas estantes da biblioteca. Na *Gallica*, para o período de 1830-1860 há 338 exemplares. De

1860-1914 são 214 títulos e para o período após 1914, são arrolados 32 abecedários. Ou seja, no conjunto, estão conservados mais de 500.

Pessoalmente, ao longo do período da investigação, cataloguei todos os títulos disponíveis, conforme descrevi na seção que trata dos aspectos metodológicos e identifiquei que muitos não possuem ilustrações. Isto significa dizer que houve abecedários antecedentes não ilustrados, mas da mesma forma, coexistiram impressos ilustrados e aqueles que não ilustrados. A partir do inventário, para esta tese eu selecionei uma amostra daqueles que inseriram gravuras em suas páginas.

É preciso ressaltar que, na França, grande parte dos abecedários de fins do século XVIII, não possuía imagens. Segundo Embs e Mellot (2001) quando possuíam alguma ilustração, esta aparecia em seu frontispício. Sua composição reunia letras e sílabas, palavras e pequenos textos destinados à leitura em voz alta ou soletração. Os textos geralmente eram religiosos e faziam alusão a práticas e condutas morais.

No século XIX, segundo Annie Renonciat (2011), a pedagogia pelas imagens teve um desenvolvimento notável, favorecido pelos avanços técnicos dos equipamentos tipográficos. A autora destaca que a litografia¹²³, aperfeiçoada pelo alemão Senefelder em 1796, e introduzida na França durante o ano de 1810, permitiu a reprodução fiel de gravuras, contribuindo para uma transformação nos livros editados nesse país e dirigidos ao público infantil.

¹²³ Cf. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira: A litografia (de *lithos*, "pedra" e *graphein*, "escrever") é descoberta no final do século XVIII por Aloys Senefelder (1771-1834), dramaturgo da Bavária que busca um meio econômico de imprimir suas peças de teatro. Trata-se de um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de calcário especial, conhecida como "pedra litográfica". Após desenho feito com materiais gordurosos (lápiz, bastão, pasta etc.), a pedra é tratada com soluções químicas e água que fixam as áreas oleosas do desenho sobre a superfície. A impressão da imagem é obtida por meio de uma prensa litográfica que desliza sobre o papel. A flexibilidade do processo litográfico permite resultados diversos em função dos materiais empregados: em lugar da pedra, cada vez mais são usadas chapas de plástico ou metal, em particular de zinco. O desenho, por sua vez, altera sua fisionomia de acordo com o uso de pena, lápis ou pincel. Testes de cor, texturas, grau de luminosidade e transparência conferem às litografias distintos aspectos. De extensa aplicação na indústria como processo gráfico - por meio do offset -, a litografia é testada por artistas de diferentes épocas. LITOGRAFIA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>. Acesso em: 15 de setembro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Renonciat (2011) destaca que a xilogravura¹²⁴ foi aperfeiçoada pelo inglês Thomas Bewick em 1770, e importada para a França pelo inglês Charles Thompson em 1817, o que possibilitou a introdução de miniaturas no texto. A gravura em aço, também originária da Grã-Bretanha, permite, por sua vez, gravuras de extrema precisão. A aplicação da galvanoplastia às matrizes de impressão possibilitou a circulação e a exportação das imagens. Finalmente, os processos de reprodução de cores (cromotipografia, cromolitografia¹²⁵) substituíram gradualmente a coloração manual a partir da década de 1860.

Esses avanços fizeram da imagem um elemento-chave no vasto empreendimento de popularização do conhecimento e da instrução que estava em grande expansão, especialmente pela ampliação do acesso de crianças ao ensino primário. Vale registrar que essas técnicas de impressão foram adotadas em diferentes gêneros de impressos, dos livros, panfletos, cartazes, manuais escolares, livros religiosos, manuais de etiqueta às revistas ilustradas de grande difusão nesse momento.

No caso da educação, segundo Renonciat (2011), a evolução nas técnicas de impressão e o incentivo ao ensino da leitura e da escrita para as crianças, geraram a criação de livros e revistas, álbuns, imagens em folhas,

¹²⁴ Cf. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira: Técnica de produção e reprodução de imagens que consiste na gravação em relevo de uma matriz de madeira (*xýlo*, em grego) para a impressão de estampas sobre outros suportes. A imagem é produzida por meio da remoção de matéria da matriz, de modo que a estampa obtida traz impressa a tinta fixada nas áreas não retiradas da madeira. Entre as práticas que têm em comum o uso de carimbos de madeira para reproduzir imagens, encontra-se a estamperia de tecidos desde a Antiguidade no Oriente. A xilogravura, no entanto, começa a ganhar forma nas imagens religiosas medievais na China, no Japão e, pouco mais tarde, na Europa, onde as cartas de jogar também passam a ser gravadas a partir do século XV. Neste contexto, “gravador” designa o entalhador que abre a madeira, e não necessariamente o autor do desenho ou da impressão, sendo a estampa quase sempre o resultado de um processo colaborativo. Nos primórdios da impressão por tipos móveis, a xilogravura é a única técnica a possibilitar a impressão simultânea de texto e imagem, resultando desta combinação livros ilustrados mais acessíveis. Nesse momento, emprega-se a madeira de fio, com corte paralelo às fibras, gravada por ferramentas que pertencem ao domínio do entalhador: faca, formão, goiva. Entre os séculos XVIII e XIX o interesse editorial é dirigido para a madeira de topo, dada sua superior capacidade de tiragem e versatilidade para traduzir pinturas. As fibras se alinham perpendicularmente ao corte, obtendo uma superfície em retícula que permite a produção de gradações e o uso do buril, instrumento de grande precisão oriundo da gravação em metal. XILOGRAVURA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14335/xilogravura>. Acesso em: 15 de setembro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

¹²⁵ Cromolitografia: “Qualquer processo de impressão em cores com matriz plana ou litográfica. O princípio fundamental da cromolitografia é o de desenhar uma pedra para os traços de cada cor que se deseja obter. Cada uma delas pode receber apenas uma tinta; fotocromotipografia; litografia em cores, grafia colorida; estampa obtida por um desses processos” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 214).

jogos para famílias, sobretudo para as elites. Chartier (2011) relata que certos abecedários ganharam versões de luxo e eram adquiridos por essas famílias, pois eram diferentes dos livretos baratos destinados às escolas populares.

Renonciat (2011) adverte que no que diz respeito à imagem, a escola foi relutante em usá-la por acreditar que separava o aluno do conhecimento real e porque retardava a construção do pensamento abstrato. Acreditava-se que sua facilidade dispensava o esforço necessário para qualquer aprendizado, além de desviar a atenção do aluno dos ensinamentos do professor. No entanto, progressivamente, a escola começou a se valer das imagens, embora de forma modesta na primeira metade do século XIX (RENONCIAT, 2011).

Inicialmente, o uso das imagens voltou-se às crianças pequenas, graças ao surgimento e multiplicação das “*salles d’asile*”¹²⁶. A educação primária (e em menor medida a secundária) começou a ser contagiada pelas imagens a partir de 1860, seguindo o exemplo, ao que parece, de outros países europeus. Houve, indiscutivelmente, e muitos autores apontam, uma forte influência das exposições universais e suas mostras dos progressos técnicos das indústrias.

A partir de 1880, a escola francesa experimentou um notável aumento dos usos da imagem, muito incentivado pelos dirigentes da Instrução Pública. Nesse sentido, os manuais ilustrados foram se tornando aliados à implementação de mudanças no processo educativo.

Nesse contexto, convém frisar, os abecedários ilustrados passaram a apresentar a associação de cada letra do alfabeto a uma palavra ou palavras, ou ainda a uma frase evocativa, ambas relacionadas a uma imagem estampada em sua proximidade topográfica. Será no século XX que, segundo Renonciat (2011)

¹²⁶ “La naissance des salles d’asile en France, en 1826, marque le début de l’attention portée à la garde des jeunes enfants. Cette institution veut, dans un premier temps, porter secours aux enfants de la classe populaire, livrés à eux-mêmes lorsque leurs parents travaillent. Cependant, la salle d’asile apporte, malgré elle, une réponse beaucoup plus large et permet aux parents de la classe moyenne de bénéficier d’un système de garde très pratique. [...] L’objectif de ces pionnières est de concevoir un **projet global de première éducation**, physique, morale et **intellectuelle**, fondé sur une représentation du jeune enfant comme un être capable de profiter d’un enseignement collectif”. Disponível em: http://acmen.free.fr/wa_files/dossier.pdf. (grifos nossos) “As ‘*salles d’asile*’ tiveram seu início na França em 1826. A proposta dessas salas era ofertar atenção e cuidado às crianças pequenas. Esta instituição adota como princípio, em primeiro lugar, ajudar os filhos da classe trabalhadora, que muitas vezes eram deixados à própria sorte enquanto seus pais estavam trabalhando. A “*salle d’asile*” tem como objetivo criar um projeto global para a educação física, moral e intelectual, baseada em uma representação da criança pequena como um ser capaz de aprender e se beneficiar com um ensinamento coletivo” (Tradução nossa).

e Litaudon-Bonnardot (2014), o uso de imagens nos abecedários se torna sistemático. Além disso, esses impressos passam a ser amplamente difundidos para o ensino da leitura e escrita.

Stephanou e Souza (2020), a partir de Litaudon-Bonnardot (2014), advertem que

*the massive entry of illustrations, especially those in color, in these prints, produced a mutation of the genre without the tradition completely fading. The alphabetical order was maintained, as well as its fundamental learning objectives and its link to the school institution and to the initiation in the world of letters*¹²⁷. (STEPHANOU; SOUZA, 2020, p. 92)

Segundo Le Men (1984), os abecedários são exemplos ímpares de expressão da cultura escrita e livresca, pois evocam as formas de aprendizagem baseada nas artes da memória, que remonta à invenção da escrita e também à arte tipográfica.

Le Men (1984) acrescenta que em termos da ordem tipográfica, o abecedário faz persistir os modos mnemônicos utilizados desde a antiguidade, revividos na Idade Média e depois no Renascimento. As artes da memória podem ser elucidadas a partir de um percurso definido por uma sucessão de imagens que, por mecanismos associativos, permitem memorizar novos conhecimentos. Parece, assim, que esse argumento foi evocado por Comenius para sua *Orbis Pictus*.

Uma observação instigante formulada por Le Men (1984) e que faz pensar os abecedários examinados nesta tese, é que, como impresso, o abecedário também vem do mundo da impressão, cuja presença é proclamada em seu layout. Tal presença está fundada, sobretudo, na “tábua” alfabética, inspirada nos escaninhos do impressor: uma grande letra é isolada em uma divisória, os escaninhos se ajustam uns aos outros, e pode-se percorrê-los da esquerda para

¹²⁷ “A entrada massiva das ilustrações, em especial aquelas em cores, nesses impressos, produziu uma mutação do gênero sem que a tradição se apagasse totalmente. A ordem alfabética foi mantida, seus objetivos de aprendizagem fundamentais da mesma forma, assim como sua vinculação à instituição escolar e à qualidade de voltar-se à iniciação no mundo das letras” (Tradução nossa).

a direita e de cima para baixo. Destaca-se, dessa forma, a linearidade da leitura alfabética, o caráter discreto das letras umas em relação às outras.

A mesma disposição é utilizada para as imagens quando estas são agrupadas em placas fora do texto: as miniaturas são colocadas em caixas, justapostas e sobrepostas, conforme a ordem de leitura indicada pela sequência alfabética. Tanto do lado do texto como da imagem, sente-se a inculcação de uma ordem de leitura que se associa à ordem tipográfica.

Entendo, a partir do exposto, que em algum momento histórico os abecedários ilustrados emergiram no mercado editorial e foram ganhando uma forma peculiar quanto ao seu *design*, que foi se diferenciando do livro ilustrado em geral, e foi ganhando espaço e exclusividade para sua constituição em um impresso único.

Para Embs e Mellot (2001, p. 25), “o abecedário é, sem contestação, o mais indispensável dos livros da infância, o mais simples na aparência, mas o mais difícil de conceber”. Segundo esses autores, e que interessa sobremaneira à tese, o abecedário situa-se numa espécie de confluência de dois universos mentais, um antigo, baseado nas percepções da criança e seus sentidos; e um novo, que oferece uma dimensão abstrata, universos que se encontram na justaposição de imagens e letras, que nem sempre correspondem a uma mesma lógica e que caracteriza a maior parte dos abecedários, daí a expressão abecedários figurativos (EMBS; MELLOTT, 2001, p.26).

A preferência por temas ligados à história natural – vegetais, animais (em especial pássaros, répteis, peixes e quadrúpedes) parece ter predominado nos usos escolares, embora alguns temas derivassem de contextos históricos bem delimitados, como alfabetos de soldados e personagens militares, alfabetos de viagens e paisagens pitorescas, alfabetos de boas condutas e pequenos ofícios. (STEPHANOU; SOUZA, 2018a, p.14)

Observa-se uma relação entre a infância e a ludicidade das gravuras ornadas de animais. Stephanou e Souza (2018) ponderam que até mesmo para as letras mais insólitas como o K, U, W, X, Y, que exigiram criações inusitadas, foi possível constatar aparições nesses impressos. As autoras enfatizam que a semelhança dos abecedários com um álbum pode ter contribuído para despertar

a curiosidade, a imaginação e interesse infantis. Ainda mais que as letras, palavras e imagens podiam apresentar-se como uma coleção.

Ao folhear os abecedários repertoriados para esta tese confirmei a constatação que havia anunciado em outros trabalhos (STEPHANOU e SOUZA, 2018a, 2018b, 2020) quanto à presença predominante de imagens e nomes de animais que evocam letras, sons, palavras e textos. Mesmo naqueles em que o tema é diverso e não possuem como proposta central a apresentação de animais de A a Z. Alguns animais são mais recorrentes que outros. Sobressaem casos como o elefante/*éléphant*, o leão/*lion*, o tigre/*tigre*, o boi/*boeuf*, a zebra/*zèbre* e a onça/*jaguar*.

Outra evidência constante: a inserção da letra inicial coincidindo com os mesmos nomes de animais, tanto no idioma francês quanto no português. Para alguns exemplos percebe-se algumas especificidades linguísticas na escrita dessas palavras conforme cada idioma. O Quadro 7, abaixo, é elucidativo a esse respeito e demonstra o resultado do levantamento realizado no decorrer da pesquisa e a análise empreendida.

Quadro 7 – Mesma letra inicial: nomes de animais em abecedários que compõem a empiria da tese

Brasil	França
Águia	<i>Aigle</i>
Boi	<i>Boeuf</i>
Dromedário	<i>Dromadaire</i>
Elefante	<i>Éléphant</i>
Faisão	<i>Faisan</i>
Leão	<i>Lion</i>
Lontra	<i>Loutre</i>
Pavão	<i>Paon</i>
Raposa	<i>Renard</i>
Rato	<i>Rat</i>
Salmon	<i>Saumon</i>
Tigre	<i>Tigre</i>

Zebra	<i>Zèbre</i>
-------	--------------

Fonte: Souza, 2022

Há casos, por outro lado, que evocam o mesmo animal, mas as letras que iniciam diferem. O Quadro 8 ilustra essa constatação. Algumas palavras foram adaptadas ou substituídas, embora determinados animais compareçam entre as escolhas da galeria animal. Por exemplo, para o S, a escolha frequente nos abecedários franceses é *sanglier*. Em português, então, corresponde à letra J, de javali, e é inserido junto dela, ou seja, persiste entre os animais escolhidos com expressiva frequência, o que ilustra essa presença de mesmos animais, com ilustrações muito semelhantes, embora em diferentes letras que concernem a sua inicial. “Esse procedimento implica recriações e operações de tradução e adaptação no conjunto das escolhas de um mesmo abecedário, o que não é algo evidente e natural” (STEPHANOU e SOUZA, 2018b, p. 5).

Quadro 8 – Letra inicial diferente; mesmos animais: em abecedários que compõem a empiria da tese

Brasil	<i>França</i>
Doninha	<i>Fouine</i>
Gambo	<i>Daim</i>
Harda	<i>Ecureuil</i>
Javali	<i>Sanglier</i>
Onça	<i>Jaguar</i>
Periquito	<i>Kakatòes</i>
Rato	<i>Souris</i>
Urso	<i>Ours</i>
Urubu	<i>Vautour</i>
Yandon	<i>Autruche</i>

Fonte: Souza, 2022

A partir de alguns exemplos extraídos dos Quadros 7 e 8, efetuo uma seleção a fim de formar uma galeria de animais em abecedários, como uma espécie de vitrine para as gravuras, letras, palavras, frases e pequenos textos.

Para tanto, apresento uma linha do tempo que situa o leitor para a presença de alguns animais no decorrer dos anos entre abecedários em língua portuguesa e franceses.

O objetivo é apontar a insistência da presença de determinados animais e algumas diferenças que vão ocorrendo nas formas de representá-los por meio das gravuras, do ponto de vista estético. Além disso, é possível perceber, a partir da linha do tempo, algumas semelhanças entre as gravuras presentes em abecedários distintos.

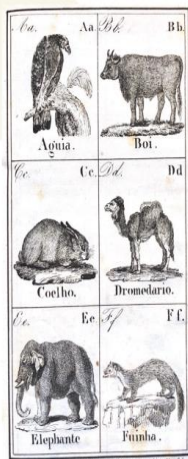
O primeiro animal a figurar a linha do tempo é o *éléphant* [elefante], depois o *lion* [leão], em seguida vem o *sanglier* [javali] e, por fim, o *jaguar* [onça].

Figura 144 – Linha do tempo: *éléphant* [elefante], *lion* [leão], *sanglier* [javali] e *jaguar* [onça]



LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1836

Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo



1842

Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orné de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture



1879

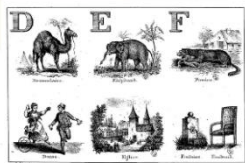
Syllabário Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico

1845

Syllabaire des petits enfans Nouvelle édition, ornée de gravures

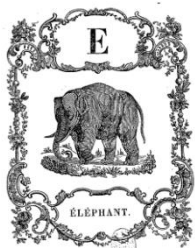


LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



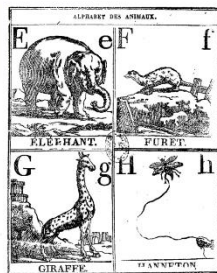
1848
Grand alphabet, joujou de mes petits enfants

1851
Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré



L'éléphant est, après l'homme, l'être le plus considérable

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1854
Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité

1861
Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes, Paris, Le Bailly, Libraire



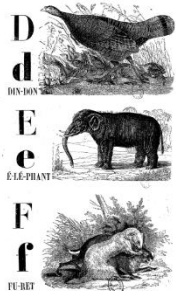
LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



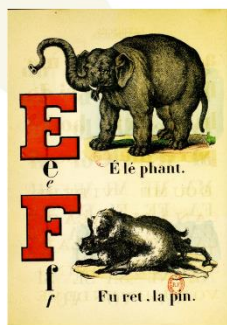
1862
Alphabet des animaux dessins de Gagniet

E **Éléphant** **e**
Lourd, informe, mal bâti, semblable à un de ces anciens monuments que l'ignorance de tout art architectural a semés çà et là dans les régions encore sauvages, tel se présente à nous l'éléphant. Mais, que d'intelli-

1870
Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants

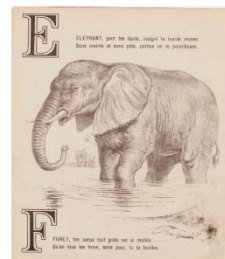


LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1873
Album D'Images. Alphabet Amusant illustré

1890
ABC





LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1879

Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico



1842

Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orné de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture



1845

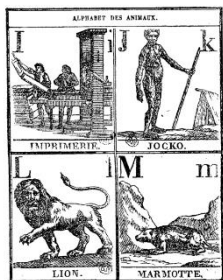
Syllabaire des petits enfans Nouvelle édition, ornée de gravures

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



LION.
Le lion est un animal féroce; cependant on raconte plusieurs belles histoires de lions devenus doux et caressants envers des hommes qui avaient pris soin de panser et de guérir leurs blessures. Pour connaître aussi ces choses extraordinaires, apprenez bien vite à lire.

1851
La ménagerie alphabétique



1854
Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



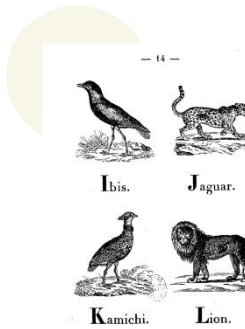
1861
Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes, Paris, Le Bailly, Libraire



L Lion I
Le lion a la figure imposante, le regard assuré, la démarche fière, la voix terrible. Sa taille bien prise, son corps bien proportionné paraît être le modèle de la force jointe à l'agilité.
Le lion porte une crinière ou plutôt

1862
Alphabet des animaux dessins de Gagniet

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1866
Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot et Werner

1873
Album D'Images. Alphabet Amusant illustré



LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1890
ABC

1890
Grand alphabet d'animaux, texte et dessins par G. Gaulard





LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1836
Alphabete Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo



1842
Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture

1879
Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico



1851
La ménagerie alphabétique



SANGLIER.
Vive avec sa, dans ses forêts, le noble, glorieux, puissant et simple animal qu'on appelle le cochon? Le sanglier est un cochon sauvage, et possède à peu près les mêmes défauts que notre cochon domestique. Il vit dans les bois et se défend dangereusement quand il est attaqué. Le poil de ces animaux sert à faire des broches.

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1873
Album D'Images. Alphabet Amusant illustré

1890
Grand alphabet d'animaux, texte et dessins par G. Gaulard





LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA

LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA



1836

Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo



1867

Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições

1865
Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições



1872

Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições



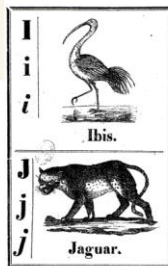
LINHA DO TEMPO - ABC'S EM LÍNGUA PORTUGUESA



1875

Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1845

Syllabaire des petits enfants Nouvelle édition, ornée de gravures



1851

La ménagerie alphabétique

JAGUAR, IBIS.

Voici le plus terrible des animaux féroces. Il court et bondit avec tant de vitesse, qu'il est bien difficile de lui échapper. Mais rassurez-vous, petits enfants, il n'y a point de jaguar ni de ibis dans notre pays. L'un est un oiseau fort utile parce qu'il dévore les serpents.

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1851

Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré



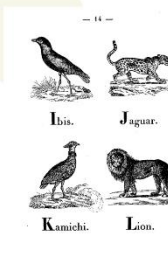
Le jaguar, quoique formidable et cruel, est moins fier

1862 J Jaguar j

Alphabet des animaux dessins de Gagniet

Le Brésil, la Guinée, le Paraguay et le Mexique, ces terres de l'Amérique méridionale, si fécondes en richesses de toutes sortes, ont, dans le genre animal, des quadrupèdes très-dangereux. Le jaguar est de ce nombre.

LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1866

Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot et Werner



1870

Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants



LINHA DO TEMPO - ABC'S FRANCESES



1873

Album D'Images. Alphabet Amusant illustré



1890

ABC

Fonte: Souza, 2022

Tomemos os exemplos acima, que são recorrentes na tradição secular dos abecedários, de animais ou de palavras diversas. Podemos observar as mudanças de sua imagem, acompanhando os avanços técnicos na reprodutibilidade e de impressão da mesma.

A galeria dos animais demonstra a diferenciação e riqueza de detalhes nos traços, na composição das paisagens de fundo, nos efeitos de movimento e expressões dos animais assim como no uso das cores.

Chartier e Martin (1990) destacam que a relação entre texto e imagem é inovada no século XIX. A gravura sobre o aço, depois a litografia, enfim a fotogravura, abrem possibilidades novas à ilustração. Pedagógicas, românticas, populares, documentais, os empregos plurais da imagem na impressão são a marca de uma época em que as duas linguagens, textual e visual, não são mais pensadas como concorrentes ou redundantes, mas como indispensáveis complementos para que tornem possível a entrada de um maior número de pessoas na cultura escrita.

De acordo com Litaudon-Bonnardot (2014), na França, o abecedário é considerado um meio tradicional para o aprendizado dos rudimentos da leitura e da escrita. Ele multiplicou-se em diferentes formas e conteúdos ao longo dos séculos, adaptando-se às mudanças nas técnicas de impressão e métodos de ensino (escolar ou preceptores). Como referi anteriormente, a autora evidencia em seus estudos, que a gama de publicações é impressionantemente diversificada. Os alfabetos ilustrados, reservados exclusivamente para o aprendizado das letras, podem ter 200 páginas ou podem ser reduzidos a um livreto com pouco mais de 30 páginas sem imagens ou um fólio amplamente ilustrado. A seção dedicada ao alfabeto provavelmente cobrirá dez páginas, onde as letras são apresentadas em fontes diferentes, ou se limitará à única distinção de letras, em uma página, entre maiúsculas e minúsculas. O possível recurso à imagem e o papel que lhe é atribuído é muito variável. E ainda assim, poderemos designar esses impressos como abecedários, porque voltados ao ensino inicial da leitura e da escrita.

Nesse sentido, sublinho um aspecto muito característico dos abecedários repertoriados para esta tese. Embora todos eles sejam ilustrados, quando postos em comparação, observam-se algumas nuances.

O volume total de páginas do abecedário enquanto livro impresso face ao alfabeto ilustrado, é um indicativo curioso para compreender o papel atribuído à imagem. É preciso ressaltar que nos abecedários figuram muitas outras gravuras, que não entram nessa contagem. A elaboração do Quadro 9 serve

para observar o papel da imagem em seu fim didático de ensino das letras, palavras e textos em relação aos demais conteúdos.

De outra parte acompanhar as transformações dos abecedários no contexto de outros impressos voltados para crianças, notadamente o mercado de álbuns no século XIX, como afirma Le Men (2012).

Quadro 9 – Proporção entre o total de páginas do abecedário e a presença do alfabeto ilustrado

Abecedários em língua portuguesa			
Ano de publicação	Título do abecedário	Total de páginas do abecedário	Páginas contendo o alfabeto ilustrado
1836	Alphabete Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo	103	4
1865	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	128	13
1867	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	128	13
1872	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	128	13
1875	Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições	128	13
1879	Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico	122	9
Abecedários franceses			
Ano de publicação	Título do abecedário	Total de páginas do abecedário	Páginas contendo o alfabeto ilustrado
1842	Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture	112	25
1845	Syllabaire des petits enfans Nouvelle edition, ornée de gravures	36	12

1848	Grand alphabet, joujou de mes petits enfants	32	9
1849	Syllabaire des petits enfants. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures	36	13
1851	La ménagerie alphabétique	56	25
1851	Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré	72	26
1854	Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité	28	6
1861	Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes	72	12
1861	Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées	48	13
1862	Alphabet des animaux	107	24
1866	A B C en images	56	50
1866	Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées	143	6 25 ¹²⁸
1870	Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants	16	8
1873	Album D'Images. Alphabet amusant illustré	31	12
1890	ABC	14	14
1890	Grand alphabet	56	25

Fonte: Souza, 2022

Com base no Quadro acima, depreende-se que apenas um, neste caso intitula-se “ABC”, possui o conteúdo integral dedicado à relação das letras do alfabeto com as gravuras e os pequenos textos em formato de versos. Esse abecedário se aproxima, em alguma medida, do que hoje entendemos por livro-alfabeto¹²⁹. O *ABC en images* é quase como o anterior que descrevi, salvo por outros conteúdos que inclui em suas páginas.

¹²⁸ Neste abecedário aparecem dois tipos de alfabetos ilustrados no decorrer das páginas.

¹²⁹ Evoco uma definição dessa expressão: “De um lado, traz a intenção de alfabetizar as crianças, de lhes apresentar as letras e de oferecer a elas uma imersão no mundo da escrita. [...] De outro, essa produção coloca-se como capaz de desenvolver o gosto pela leitura de histórias ficcionais, por trazer personagens e temáticas próximas da representação do universo infantil, remetendo

Outra particularidade, o “*Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées*” apresenta dois tipos distintos de alfabeto ilustrado, o que se configura como algo excepcional para o conjunto analisado.

Os abecedários em língua portuguesa têm suas páginas mais ocupadas com outros conteúdos e menos com o alfabeto ilustrado. A proporção entre o total de páginas do abecedário e a presença do alfabeto ilustrado é muito variada para os franceses. Não há uma métrica constante.

É possível constatar que o abecedário está na encruzilhada dos campos editorial, estético, artístico, literário, educacional, religioso e moral. A imagem pode ser considerada um objeto cultural voltado para a infância. No entanto, outros aspectos concorrem com a presença dela nos abecedários do século XIX. A próxima seção tem como objetivo explicitar que aspectos e conteúdos são esses.

4.2. Lições: os abecedários ensinam apenas as letras?

Na Idade Média, conforme Corine-Gibello Benette (2022)¹³⁰, no ambiente familiar ou escolar, a criança possivelmente acessou um conjunto de textos, muitas vezes orais, que podem ser organizados em três distintos grupos: literatura de mascate, aprendizagem dos rudimentos da leitura e da escrita e, finalmente, livros acadêmicos voltados aos príncipes.

Vou ater-me ao segundo grupo, que de acordo com Benette (2022) inclui os abecedários, os catecismos, a vida dos santos, os manuais de civilidade. Em outras palavras, um conjunto de textos que enfatizam a primeira aprendizagem da criança nos campos escolar, religioso e moral.

Inicialmente eles existiam na forma oral até o século XV e depois também assumiram a forma escrita. Benette (2022) ressalta que a originalidade do texto de Erasmo, intitulado “*De civilitate morum puerilium*” (1530) é ter trazido esta coleção de tradições orais para a cultura escrita, transformando-a em um gênero literário tão particular. Outros exemplos podem ser arrolados: “*Les Règles de la*

ao gênero: literatura infantil. Um conjunto de obras que se caracteriza, portanto, pela intenção de ensinar determinado conteúdo (o alfabeto), mas oferecendo-se como uma prática de leitura que é deleite e fruição”. (FERREIRA; CAPAGNOLI, 2019, p. 193)

¹³⁰ Disponível em: http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/01_1.htm

bienséance et de la civilité chrétienne” (1711), de Jean-Baptiste de La Salle, “*La Politesse*” (1885), de Henri Bergson e “*La Civilité puérile et honnête*” (1887) de Eugène de Louis-Maurice Boutet de Montvel.

Nesse contexto, portanto, há uma série de fatores que podem concorrer para a caracterização de um impresso que tem como finalidade principal o ensino da leitura e da escrita, quais sejam: aspectos tecnológicos, pedagógicos, legais, religiosos ou morais. O abecedário impresso no formato códice coexiste com esses outros livros que mencionei, o que pode levar a supor que produziram-se deslizamentos entre os gêneros de impressos de um mesmo tempo/contexto, podendo desencadear uma transposição parcial entre determinados textos de livros diferentes que circulavam no século XIX, aqui de interesse particular.

Anne-Marie Chartier (2011, p. 84) elucida que “o abecedário ilustrado temático inventado no século XVIII pelas editoras, se distingue de um abecedário mais antigo, cuja tradição remonta ao século XVI”. A autora explica que esses abecedários eram vendidos e reimpressos ininterruptamente em Troyes e Rouen, uma vez que o custo era baixo. “Sobre uma folha dobrada em quatro ou em oito, era impresso o alfabeto, uma breve lista de sílabas (o que ocupava uma ou duas páginas) e uma prece em latim (o Pai Nosso)” (A.M. CHARTIER, 2011, p. 85).

Segundo A.M. Chartier (2011), depois do Concílio de Trento, em torno de 1830, o projeto de alfabetização catequética exigiu que as rezas fossem escritas em francês e não mais em latim. Além disso, o frontispício passou a ser ilustrado com uma cena religiosa, podendo apresentar o Anjo da Guarda, Santa Ana ensinando a Virgem a ler, a Virgem com a criança, Jesus em meio às crianças, São Nicolau, etc. A.M. Chartier (2011) explica que essas obras eram designadas desde o século XVI pelo nome “*Croix-de-par-Dieu*”. A cruz era colocada antes do alfabeto e lembrava ao estudante que deveria começar a leitura pela prece, fazendo o sinal da cruz. A autora explica que no século XIX, cada diocese tinha um exemplar deste impresso, sendo uma especialidade da livraria *Mame*, situada na cidade de Tours.

A partir da análise da empiria da tese, observa-se a presença marcante das rezas, textos morais e gravuras religiosas no decorrer das páginas ou no frontispício dos abecedários examinados. O Quadro 10 elucida a questão apontada.

Quadro10 – Rezas, textos morais, frontispício e gravuras religiosas

Abecedários em língua portuguesa					
Ano de publicação	Título do abecedário	Rezas	Textos morais	Frontispício com cena religiosa	Gravuras religiosas
1836	Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo		x		
1865	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	x	x		
1867	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	x	x		
1872	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	x	x		
1875	Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições	x	x		
1879	Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico	x	x		x
Abecedários franceses					
Ano de publicação	Título do abecedário	Rezas	Textos morais	Frontispício com cena religiosa	Gravuras religiosas
1842	Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes	x	x		x

	et le goût de la lecture				
1845	Syllabaire des petits enfans Nouvelle édition, ornée de gravures	x	x		
1848	Grand alphabet, joujou de mes petits enfans				
1849	Syllabaire des petits enfans. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures				
1851	La ménagerie alphabétique	x			x
1851	Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfans illustré				
1854	Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité	x	x	x	x
1861	Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes	x	x		x
1861	Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées		x		
1862	Alphabet des animaux	x	x		x
1866	A B C en images	x			x
1866	Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées	x	x		
1870	Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfans				
1873	Album D'Images. Alphabet Amusant illustré	x	x		x
1890	ABC				

1890	Grand alphabet				
------	----------------	--	--	--	--

Fonte: Souza, 2022

Como se vê, o conteúdo moral e religioso é predominante nos abecedários que compõem o corpus empírico da tese, aproximadamente 70%. É possível afirmar que tal recorrência alinha-se ao universo de impressos que circulavam nesse período.

Com base na amostragem acima, observa-se que há um movimento oscilante de presença ou de ausência de conteúdos religioso e moral nos abecedários, especialmente da segunda metade para o final do século XIX. Isso não significa dizer que esta é uma dedução generalizante, pois, de um lado, esses conteúdos não somem absolutamente de todos os abecedários entre a segunda metade e o final do século XIX; e o movimento que ocorre neste corpus não é imediatamente aplicável no contexto brasileiro e no contexto francês, uma vez que não acessei dados que abarquem a totalidade de títulos que foram produzidos e que circularam nesses países. Por outro lado, observei que esta amostra aponta indícios de afastamento progressivo, ainda que discreto, dos conteúdos religiosos e morais nos abecedários à medida que o século XIX avança, e emerge a entrada de conteúdos, como versos, inspirados na literatura, por exemplo. Todos os abecedários em língua portuguesa fazem menção a textos morais e/ou religiosos. Os abecedários franceses, por sua vez, são dez de um total de dezesseis, isto é, 62%.

O frontispício com cena religiosa aparece somente em um. Nesse sentido, importa comentar que o recurso do frontispício é usado em outros oito abecedários, ou seja, 40% dos casos. Os temas que comparecem são:

Quadro 11 – Frontispício em abecedários da tese

Tema	Ocorrências
Animais	4
Livros e leitores	2
Mulheres no campo	1

Ouso afirmar que o século XIX foi o momento de afirmação do abecedário enquanto gênero e fórmula editorial. No entanto, embora sua forma de apresentação tenha demonstrado, no decorrer do tempo e em diferentes contextos nacionais, uma certa estabilidade, na longa duração é possível observar que ele vai sofrendo nuances e assume diferentes contornos.

Além disso, as possibilidades tecnológicas das casas de impressão, associadas à necessidade de barateamento dos impressos e distribuição massiva para atender à demanda crescente, possivelmente tenha levado ao aproveitamento de pranchas tipográficas usadas para a produção de livros de horas e vida de santos, por exemplo. Essa condição da produção editorial pode ter implicado em deslizamentos entre os gêneros de livros que circulavam num mesmo período histórico.


Sobre esse aspecto, em especial, deter-me-ei na análise de um abecedário francês porque ele endossa e acrescenta ao desenvolvimento desse argumento. Trata-se do “*Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité*”, publicado em 1854. Ele apresenta as letras do alfabeto em diferentes fontes, lista de sílabas, textos de cunho moral, rezas, gravuras religiosas e é o único que possui uma cena sacra no frontispício. Possui uma página com apresentação dos números do um ao zero sob a forma extensa e com o uso do algarismo. A última parte dedica-se à sequência do alfabeto com as gravuras, letras e palavras. Vê-se, portanto, que o projeto editorial do impresso atende à estrutura do abecedário em conformidade com o período de sua publicação. No entanto, o projeto gráfico parece denunciar um agrupamento de pranchas tipográficas de outros livros para a composição de um abecedário, isso porque parecem não ter um mesmo padrão.

Figura 145 – Alfabetos (projeto gráfico)

A	B	C	D
E	F	G	H
I	J	K	L
N	O	P	Q
R	S	T	U
V	X	Y	Z

a	b	c	d
e	f	g	h
ij	k	l	m
n	o	p	q
r	s	t	u
v	x	y	z

 A B C D E
 F G H I J
 K L M N O P Q
 R S T U V X Y Z
 Æ OE.

 a b c d e f
 g h i j k l m n
 o p q r s t u v
 x y z. æ œ.

☆ A B C D E F G H I J K L
 a b c d e f g h i j k l
 M N O P Q R S T U V X Y Z.
 m n o p q r s t u v x y z.
 Æ OE W. — É È Ê Ç.
 æ œ w é è ê ç.

☆ A B C D E F G H I J K L
 a b c d e f g h i j k l
 M N O P Q R S T U V X Y Z.
 m n o p q r s t u v x y z.
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0.

Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

A partir dessas imagens é possível observar que o alfabeto comparece bastante repetido e as molduras ao redor das páginas não se repetem em todas as suas páginas ou em algumas, pois o mesmo ocorre com as páginas subsequentes, a moldura que acima se apresenta é diferente das demais. Há um pequeno texto que trata dos deveres da criança sábia e ele é antecedido por um título “*Nouvel alphabet récréatif, représentant des animaux*”. Inclusive esse título parece ser o nome de outro abecedário. Chama atenção que é anunciado o alfabeto de animais, mas outras figuras são representadas.

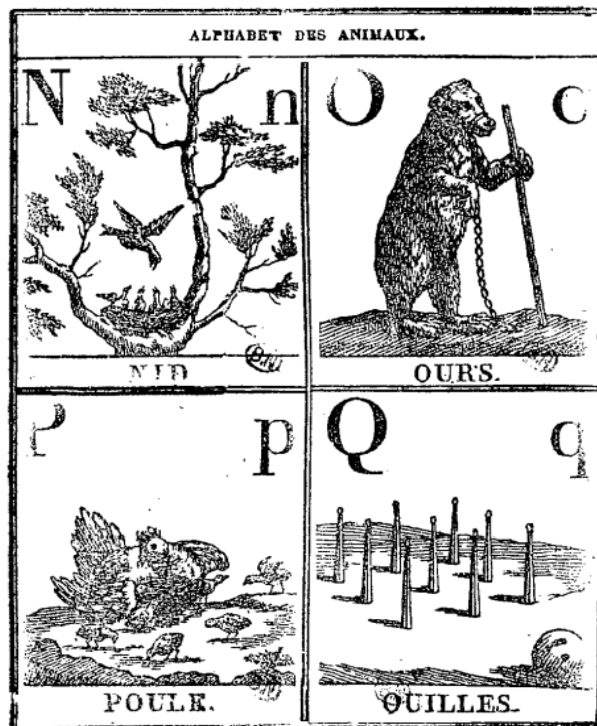
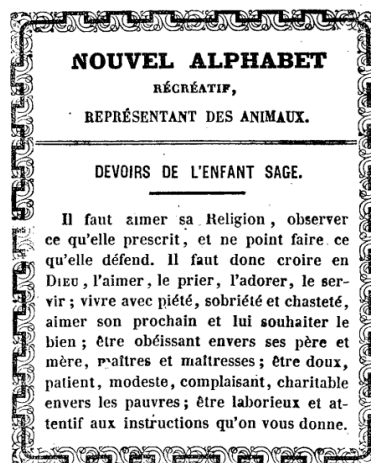
Figura 146 – Projeto gráfico

CHIFFRES.
1, 2, 3, 4, 5,
 Un, deux, trois, quatre, cinq,
6, 7, 8, 9, 0.
 six, sept, huit, neuf, zéro.



COMMANDEMENT DE LA LOI DIVINE.

Vous aimerez DIEU
 de tout votre cœur, de tout votre esprit,
 de toute votre âme, et de toutes vos forces,
 et VOTRE PROCHAIN comme vous-même.



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Neste caso, aparece ninho para letra N e boliche para letra Q. Vê-se, portanto, que não são animais.

Por último, com uma moldura de página diferente das outras, há a figura de um santo que escreve. Está sentado ao lado de um leão em um espaço aberto em meio a natureza.

Figura 147 – Gravura religiosa (projeto gráfico)



Fonte : *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité* (1854)

Para além dos temas religiosos e/ou morais que os abecedários do século XIX contemplam, vale ressaltar a presença de conteúdo envolvendo aritmética, especialmente a sequência numérica do um ao nove ou do um ao zero, a tabuada, os números romanos e tabelas de pesos e medidas. Dentre os vinte e dois abecedários, apenas nove não possuem esses conteúdos, e em termos percentuais isso significa 40%.

Outro aspecto recorrente nos abecedários amealhados na tese são as listas das sílabas, sendo que apenas nove não se valem desse recurso linguístico como matéria de ensino. A lista de palavras está presente em praticamente todos os abecedários, exceto em um.

É importante ressaltar, a partir de A.M. Chartier (2011), que os abecedários não possuem uma vinculação imediata com métodos de ensino da leitura e da escrita¹³¹, mas sim a uma aprendizagem de leitura intensiva e leitura restrita a um *corpus* determinado de textos religiosos e/ou morais. “Os leitores novatos descobriam que a prática normal da leitura visava memorizar os textos essenciais que se deveria, sem cessar, ler e reler”. Nesse contexto, “a prática de soletração e da silabação construía o gesto da decodificação e, com ou sem

¹³¹ Opto por não usar métodos de alfabetização para não incorrer num anacronismo. Essa formulação é posta em uso posteriormente ao período que compreende a documentação analisada.

ensino explícito, também o conhecimento ou a utilização das regras da transcodificação escrita/oral” (A.M. CHARTIER, 2011, p. 89).

Mapeando os títulos dos abecedários que compõem a tese, de forma recorrente aparecem as expressões: silabário, método fácil para aprender a ler, novo método, alfabeto, grande alfabeto, abecedário. Em nenhum deles há uma designação a um método específico. É falaciosa a ideia, com base neste recorte, de que pela presença da palavra silabário no título e pela lista de sílabas que possui, o livro se filie ao método silábico, por exemplo.

É possível compreender que essas características presentes nos abecedários do século XIX também tenham relação com o processo de expansão da escolarização e dos projetos políticos e pedagógicos que sustentavam as discussões em torno do tema. Inicialmente, o ensino da leitura e da escrita ficou a cargo das famílias, ou de um preceptor, no caso das famílias mais abastadas. Depois de um certo tempo, o Estado foi demandado a promover debates para o desenvolvimento de políticas para a instrução pública primária. O ensino primário representa o alicerce da educação escolar pública e foi nomeado de diferentes modos, segundo David Antonio da Costa e Saddo Ag Almouloud (2012, p. 35): “estudo de primeiras letras, ensino elementar, primeiro grau de ensino, ensino popular e ensino primário”.

No Brasil, em 1827, a Assembleia Legislativa aprovou a primeira Lei da instrução elementar no país, intitulada “Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império” (Brasil, 1827, p. 71). Especificamente em relação aos conteúdos deste nível, o artigo 6º previa:

Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionados á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e Historia do Brazil. (BRASIL, 1827, p. 72).

No período de 1848 a 1850, ocorreram muitas mudanças no campo educacional, sobretudo na França, o que acabou atraindo olhares de várias partes do mundo ao que estava sendo feito. A França ocupava a primeira posição quando o quesito era instrução pública “tanto pela difusão da instrução

primária quanto por assegurar o recrutamento dos mestres de primeiras letras” (COSTA; ALMOULOU, 2012, p. 38-39). Assume destaque, então, a Lei Guizot¹³² de 1833 e, depois, a Lei Falloux¹³³, votada e promulgada em 1850.

De acordo com Costa e Almouloud (2012), esses movimentos ecoaram no Brasil por meio da Reforma Couto Ferraz (Decreto n. 1.331-A de 17 de fevereiro de 1854). Essa reforma enfatiza a obrigatoriedade do ensino elementar e o princípio da gratuidade. A instrução primária, segundo os referidos autores, sofre influências da concepção francesa e organiza-se em duas classes: a elementar (1º grau) e a superior (2º grau). Tal Reforma prevê para o curso elementar a instrução moral e religiosa, o ensino da leitura e da escrita, as noções fundamentais da gramática, os princípios iniciais da aritmética, bem como o sistema de pesos e medidas.

Observando os impressos abecedários, pode-se inferir que o mercado livreiro incorpora aos seus produtos editoriais determinados conteúdos que passam a constar nas prescrições legais apontadas. São múltiplos fatores que concorrem para a estruturação de um gênero ou fórmula editorial e as nuances e contornos que caracterizam os abecedários do século XIX incluem o ler, o escrever, o contar e o rezar, tal qual estava prescrito para o ensino elementar.

Portanto, as questões editoriais não são secundárias e alguns desses aspectos estão destacados na sequência.

4.3. Lições: os abecedários são livros e eles têm uma história

A história do livro, segundo Darnton (2010, p. 190), surgiu da convergência de diversas disciplinas, com um arcabouço de problemas comuns entre si, todos eles se relacionando com o processo de comunicação. Constituiu

¹³² “Em 25 artigos, a Lei Guizot trata do objeto, da organização do ensino fundamental e de seu controle. Distingue o ensino primário elementar que ‘inclui necessariamente a instrução moral e religiosa, leitura, escrita, elementos da língua francesa e cálculo, o sistema legal de pesos e medidas’ e o ensino primário superior que inclui elementos de matemática, ciências naturais, história e geografia”. Disponível em: https://pt.frwiki.wiki/wiki/Lei_Guizot

¹³³ A Lei Falloux amplia, dezessete anos depois, a Lei Guizot de 1833. Ela faz parte dos principais desenvolvimentos na educação desde a Revolução. A educação é uma questão importante nos debates políticos. É conhecida sobretudo por suas disposições sobre a liberdade de ensino, deixando amplo espaço para a educação confessional. Torna obrigatória a escola para meninos em qualquer município de 500 habitantes e a criação de uma escola para meninas em qualquer município de 800 habitantes. Disponível em: https://pt.frwiki.wiki/wiki/Lei_Falloux

um campo de estudos que congrega pesquisadores da literatura, da história, da sociologia, da biblioteconomia dentre outras. Todas essas áreas entendem o livro “como força histórica”. Esse contexto, na concepção de Darnton (2010), até algumas décadas atrás, contava a história do livro em pequenos fragmentos.

Darnton (2010, p. 194) postula que a história do livro precisa investigar cada fase do processo de comunicação, de forma a dar visibilidade ao processo como um todo, englobando “todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas - econômicos, sociais, políticos e culturais - no ambiente que o cerca”. Com essa intenção, o autor formulou um diagrama que denominou de “circuito de comunicação”¹³⁴, um modelo que Darnton propõe para os estudos acerca da história do livro.

Esse diagrama demonstra a complexidade envolvida no processo de produção, circulação e apropriação do livro, e além de suas muitas dimensões, estas são interconectadas e implicam-se mutuamente, quais sejam: autor, editor, gráficos, fornecedores, distribuidores, livreiros.

Em 2007¹³⁵, Darnton foi convidado a revisitar o ensaio que publicou sobre esse tema em 1982 e declarou que renunciava a esse modelo de estudo da história do livro porque sua intenção não foi impor uma fórmula para os historiadores produzirem pesquisas sobre o tema, mas ofertar um modelo que pudesse ser útil de maneira heurística.

Sugeriu, entretanto, que o historiador do livro se valha de três questões em suas pesquisas: “1) como é que os livros passam a existir?; 2) como é que eles chegam aos leitores?; 3) o que os leitores fazem deles?” (DARNTON, 2008, p. 156). São perguntas de ordem compreensiva e que demandam uma estratégia conceitual por parte do pesquisador. Darnton enfatiza (2008) que essa estratégia precisa garantir unidade ao conhecimento especializado para vislumbrar o campo como um todo. O autor relata que pensou no circuito de comunicação como estratégia, porque ficou deveras impressionado ao se confrontar com uma série de documentos pertencentes a um editor. Seus achados são de fato

¹³⁴ Ver Darnton (2010, p. 195).

¹³⁵ Artigo originalmente publicado na *Modern Intellectual History*, 4, Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 495-508. O artigo que cito é uma tradução de Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro publicada em 2008.

surpreendentes e minha proposição é articulá-los com algumas das pistas encontradas nos abecedários que compõem a tese.

É preciso ressaltar, novamente, que se trata de tarefa complexa conectar os elementos para dar luz ao conjunto do processo e, nos limites da tese e dos documentos reunidos, tal empreendimento se configura como algo inatingível. Uma particularidade da tese é que ela examina um conjunto de abecedários que possuem diferentes editores-livreiros, foram impressos em estabelecimentos tipográficos diversos, estiveram em cena na sua produção diferentes impressores, gravadores, autores, ilustradores, além de anos distintos de publicação etc. Não se trata de um livro específico ou de livros que pertencem a uma coleção, por exemplo.

Contudo, há pontos-chave definidos pelo autor que instigam pensar os abecedários repertoriados nesta tese como um gênero, uma fórmula editorial e buscar compreender o circuito de comunicação, que “vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor” (DARNTON, 2010, p. 193).

No que se refere à conjuntura econômica e social, retomo o que referi anteriormente. No século XIX, a escolarização das crianças estava em expansão, sobretudo na França, e a produção desse tipo de impresso encontra uma demanda por materiais que ensinem os rudimentos da leitura e da escrita que era preciso suprir. Na França, em 1833, a Lei Guizot, como expus antes, regulamentou a obrigatoriedade de os municípios terem uma escola de meninos. Em 1881, as Leis de Ferry prescreveram a escolaridade obrigatória durante cinco anos para meninos e meninas. A.M. Chartier (2011) afirma que esse movimento de ordem governamental fez eclodir a produção de manuais de leitura e, proporcionalmente, reduziu o número de alistados no serviço militar que se declararam analfabetos.

No Brasil, diante de uma conjuntura distinta, o século XIX foi um período em que o país, que era colônia, passou a um estado monárquico até chegar à República.

A primeira metade do século XIX apresentou, essencialmente, alternativas de escolarização para as elites, que puderam frequentar colégios confessionais e a educação doméstica, acompanhada por tutores e professores particulares, por exemplo. Nesse sentido, a publicação e circulação de livros

voltados à instrução primária era ainda tímida, mas existente. Em alguma medida, a empiria da tese é uma forma de demonstrar a existência e circulação de abecedários nesse período. Um deles data de 1836, por exemplo.

No que concerne às sanções políticas e legais, no contexto francês é preciso ressaltar que havia um regime jurídico que regulamentava a difusão dos livros escolares chamados de manuais primários (A.M.CHARTIER, 2011). A referida autora elege três datas que considera significativas para pensar contextualmente os abecedários, a saber: em 1835 havia liberdade de escolha dos manuais primários apenas para as escolas privadas. As escolas públicas estavam sob a égide de uma comissão que classificava os livros segundo seus méritos e utilidades. Em 1865, as escolas públicas passaram a usufruir do mesmo regimento que as escolas privadas. Em 1880, a escolha dos livros passou a ser confiada diretamente aos professores primários. A cada ano a lista dos livros selecionados pelos professores era transmitida às autoridades administrativas para que pudesse ser oficializada. Esse funcionamento, a rigor, não era exatamente uma sanção política e legal, mas formas de controle de uso. No entanto, é preciso considerar, segundo a autora, que existia um mercado paralelo e igualmente livre, o das educações domésticas.

Com efeito, em toda família, mesmo quando pouco instruída, as crianças aprendiam a ler em casa, graças às lições de um professor primário ou da mãe de família. Os livros instrutivos ou recreativos, nos quais as crianças exercitavam, sozinhas, a leitura constituíam um gênero editorial em pleno progresso sob o Segundo Império. (CHARTIER, 2011, p. 78)

Le Men (1984) entende que o abecedário poderia ser considerado como um livro único da infância. Primeiro um livro de imagens para os menores, depois alfabeto para a criança iniciada no mundo das letras e, ainda, o mesmo impresso poderia ser um apoio para a criança já leitora, a partir dos textos de leitura, alguns de caráter enciclopédico, com apresentação e exploração de curiosidades diversas. O abecedário ilustrado pode ser visto, segundo Le Men (1984), como um indício do papel de tutela desempenhado pelo pai e pela mãe e de brinquedo para o filho mais velho que ensinava o mais jovem a ler.

Possivelmente seja por isso que comparecem as palavras *amusant* [divertido] e *joujou* [jogo] nos títulos aqui repertoriados, para caracterizar os impressos que se voltavam não apenas ao uso escolar, mas doméstico também.

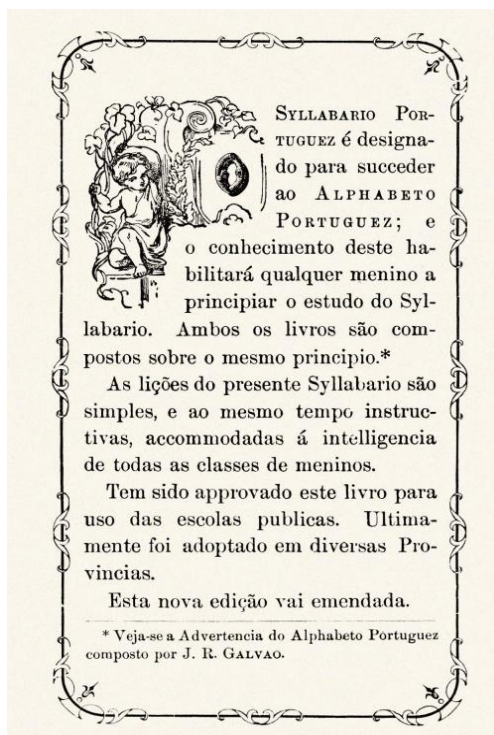
No Brasil, por sua vez, em 1850, a partir do Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, o controle dos manuais escolares era atribuição do Inspetor Geral. A ele cabia revisar os compêndios adotados nas escolas públicas, corrigindo-os ou demandando a correção ou até mesmo substituindo-os, se fosse necessário. O Inspetor Geral poderia receber auxílio do Conselho Diretor para exercer essas tarefas.

Com este Regulamento, pode-se afirmar que o Estado buscou regular os usos de materiais didáticos, neste caso os livros. Evoco, ainda, o Decreto n. 9397 de sete de março de 1885 que estabelece regras para a escolha de obras destinadas ao ensino primário. Como providência, em seu artigo primeiro, determina que nenhum livro, mapa ou objeto de ensino deverá ser adotado nas escolas públicas sem aprovação prévia do Ministro do Império. Em relação à matéria de ensino religioso, o decreto exige que o Bispo Diocesano faça a aprovação, de acordo com o artigo 56 do Regulamento anexo ao Decreto n. 1331 A de 17 de fevereiro de 1854.

Como no caso francês, não há uma proibição expressa ao uso dos abecedários, no entanto, é possível reconhecer formas de controle que poderiam restringir o uso de determinados impressos.

Destaco que o *“Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico”* publicado em 1879, expressa na seção introdutória, que o livro foi aprovado para ser usado nas escolas públicas. Ao mesmo tempo, também aproveita para indicar que diversas províncias o adotaram, recurso que visa sublinhar a sua relevância.

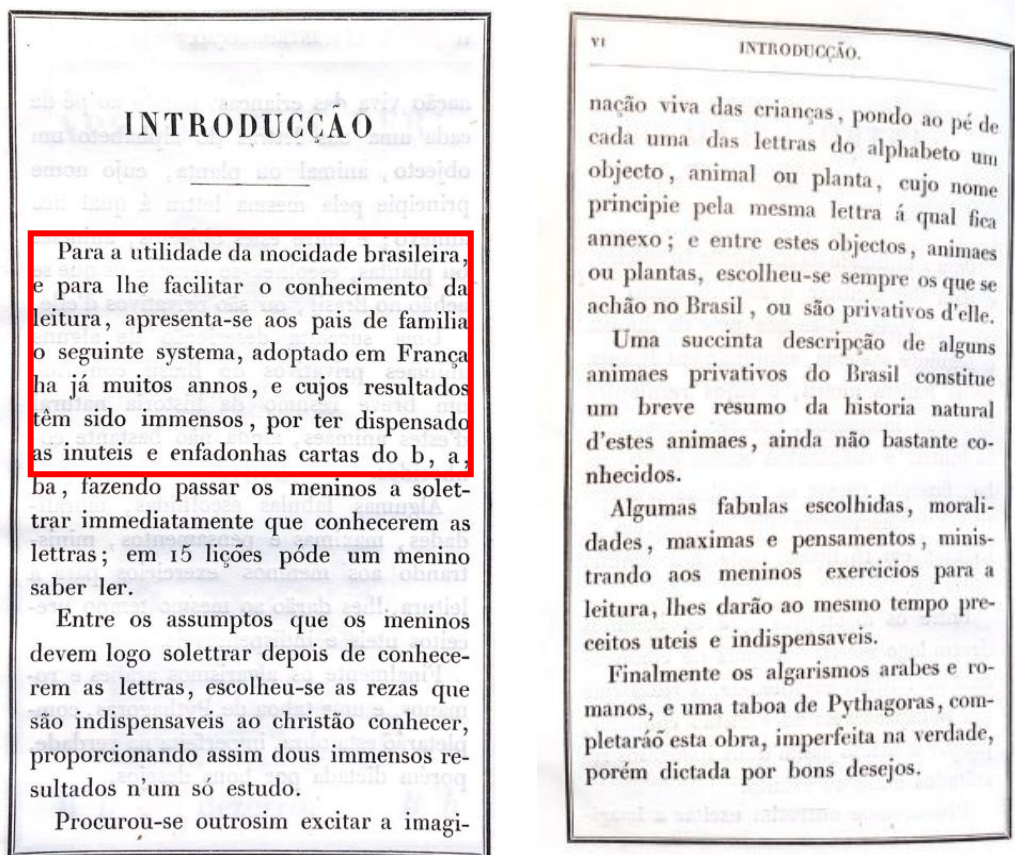
Figura 148 – Introdução



Fonte: *Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico* (1879)

O “*Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições*” não faz menção a algum tipo de crivo estatal para seu uso, mas, por outro lado, em sua introdução, volta-se aos pais de família e comenta que se vale do mesmo sistema adotado na França. É uma estratégia do editor para legitimar o impresso e oferecê-lo a um público que poderia usá-lo no foro doméstico, uma vez que a escolarização no Brasil andava a passos lentos e a educação doméstica era um nicho em potencial para o mercado editorial.

Figura 149 – Introdução



Fonte: Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865, 1867, 1872, 1875)

O conteúdo dessa introdução se repete nas publicações dos anos de 1865, 1867, 1872 e 1875.

Quanto às influências publicitárias, Valéria Cristina Bezerra (2022)¹³⁶ explica que, no século XIX, os livreiros e editores se valeram de diferentes e ousadas estratégias de publicidade. Tudo isso foi possível porque a imprensa se expandiu, houve ampliação tanto dos transportes terrestres quanto marítimos, além da implementação dos telégrafos.

Bezerra (2022) ressalta que os editores-livreiros lançaram mão dos catálogos para apresentar ao leitor os títulos que estavam disponíveis para aquisição. Os catálogos, impressos sob o formato de brochuras, eram frequentemente atualizados com a inclusão de novos exemplares e a distribuição era feita entre os leitores por todo o país e, em alguns casos, internacionalmente.

¹³⁶ Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/Catalogos_de_livreiros_dossie_PT.pdf

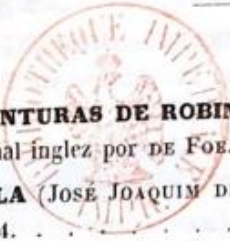
Cada editor-livreiro escolhia a forma de apresentação dos livros nesses catálogos. Bezerra (2022) esclarece que os títulos podiam ser organizados em ordem alfabética, reunidos em seções de diferentes domínios (como educação, religião, ciências, literatura, novelas e variedades) ou ainda sob o nome de seus autores. A autora explicita que alguns editores-livreiros buscavam alternativas de destacar determinados livros. Era recorrente o uso de asteriscos, por exemplo, ou apreciações críticas, com a finalidade de dar visibilidade às suas próprias publicações. Em algumas ocasiões, os editores-livreiros ofereciam aos leitores versões *pocket* dos catálogos, nomeadas extratos. Geralmente eram publicadas nas últimas páginas de edições em livros ou em jornais e revistas.

Nesse sentido, destaco alguns exemplos de anúncios¹³⁷ presentes na empiria. O primeiro deles está impresso junto ao “Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”, cuja editoria é creditada a *Baptiste-Louis Garnier*.

¹³⁷ Segundo Correa (s/a), o escritor português, Emilio Achilles Monteverde, divulgava seus livros escolares através das cartas, mas também remetendo o leitor ao anúncio que poderia ser encontrado no final do livro adquirido. “Monteverde e seus editores pareciam estar convencidos dos efeitos positivos desta outra forma de divulgar seus livros. Através dela os leitores ficariam a par de toda a produção bibliográfica do autor português e poderiam ser manifestar interesse em adquiri-la. Nestes termos, as duas últimas páginas do Manual Encyclopédico (1865) são dedicadas para anunciar não apenas o Mimo á Infância ou Manual de Historia Sagrada, mas também, o Methodo Facillimo para aprender a ler e escrever tanto a letra redonda como a manuscrita no mais curto espaço de tempo possível e a sua Grammatica Franceza. O anúncio apresenta a descrição detalhada do conteúdo de cada uma das obras, informa os seus respectivos preços e indica os locais (geográficos e comerciais) onde os livros podem ser comprados em Portugal e no Brasil. No Brasil esse expediente de anunciar livros dentro de livros foi realizado por editores do porte como Garnier e Francisco Alves.” (CORRÊA, s/a, s/p). Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/CHAC-AsvariasFaciesdoCircuitodoLivroEscolar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Figura 150 – Extrato de catálogo

NAS MESMAS LIVRARIAS.

- 
- AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ**, traduzidas do original inglez por DE FOE. 5 \$ 000
- AVILA** (JOSE JOAQUIM DE). **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-4. 2 \$ 600
- **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4. 3 \$ 000
- **Elementos de Arithmetica**. Compendio approved pelo conselho de Instrucção publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol in-4.
- **Elementos de Arithmetica** (Resumo). Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.
- † **BARKER** (ANTONIO MARIA). **Compendio da doutrina christã**, que, para se salvar, deve cada um saber, erer e entender. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- **Compendio de civilidade christã**, para se ensinar practicamente aos meninos. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- **Rudimentos arithmeticos**, ou Taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos practica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- **Syllabario portuguez**, ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. 4 \$ 000
- Cada parte vende-se em separado. 2 \$ 000

— II —		— III —			
† BARKER (ANTONIO MARIA). <i>Bibliotheca juvenil</i> , ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offercidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado.	2	5	000		
CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. broc.	1	5	000		
COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA , da primeira idade, por CYRILLO DILERMANDO DA SILVEIRA, obra adoptada pelo conselho de Instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado.	2	5	000		
COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA , e particularmente da Historia Grega, seguido de um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8 encadernado.	2	5	000		
COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA , adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-4 encadernado.	2	5	400		
COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA , adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol. in-4 encadernado.	2	5	400		
COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA , ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo conselho de Instrucção publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. in-8 encadernados.	6	5	000		
O mappa vende-se em separado, preço	2	5	000		
COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA . 1 vol. in-8 encadernado.	2	5	000		
COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA , com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12 encadernado.	1	5	000		
		COMPENDIO DE GEOGRAPHIA , offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-8 encadernado.	2	5	500
		ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por JOAQUIM ROMÃO LOBATO PIRES. 1 vol. encadernado.	1	5	500
		ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA , ou Primeiros conhecimentos para uso dos meninos. 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.			
		EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL , para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA, dedicado (com permissão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e de um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encad.	3	5	000
		HISTORIA DO BRASIL , traduzida do inglez de ROBERTO SOUTHBY pelo Dr. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA E CASTRO, e annotada pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris.	36	5	000
		LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS , para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Ex. ^{mo} Bispo CAMELÃO-MOR conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por JOSÉ RUFINO RODRIGUES VASCONCELLOS, chefe de secção da 4. ^a directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1. ^o secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8	2	5	000
		NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA , ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressi-			
— IV —					
		vos para as differentes forças dos discipulos, por EDOUARD DE MONTAIGU. 2 nitidos vol. in-8 encadernados.	4	5	000
		PINHEIRO (CONEGO DR. J. C. FERNANDES). <i>Catechismo da Doutrina Christa</i> , composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Ex. ^{mo} . e REV. ^{mo} . SR. BISPO DO RIO DE JANEIRO. 1 vol. in-8 grande.	1	5	000
		RECREAÇÃO BRASILEIRA , scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por SEBASTIÃO FABREGAS SURIGUÉ. 1 vol. brochado	3	20	
		THEOURO JUVENIL , ou Noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por LUIZ FRANCISCO MIDOSI. 1 vol. brochado	6	5	000
		TRINOCO (CAMILLO). <i>Curso de Estudos Elementares</i> . Collecção de Tratadinhos separades, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :			
		— Primeiro Livro de Leitura , contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Letra manuscrita. 1 vol. in 8.	1	5	000
		— Resumo da Geographia Geral , antiga e moderna. 1 vol. in-8.	1	5	000
		— Mythologia . 1 vol. in-8.	1	5	000
		— Resumo da Historia Santa , contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8.	1	5	000
		— Resumo da Historia da Europa Antiga . 1 v. in 8.	1	5	000
		— Resumo da Historia da Europa durante a Idade Média . 1 vol. in-8.	1	5	000
		— Resumo da Historia da Europa Moderna . 1 v. in-8.	1	5	000
		— Resumo da Historia da America . 1 vol. in-8.	1	5	000
		Paris. — Typ. de Ad. Lainé e J. Havard, rua dos Santos-Padres, 19.			

Fonte: Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865)

Não farei uma incursão demorada nesse extrato do catálogo, porém destacarei alguns aspectos. Todos os exemplares listados são voltados ao ensino das diferentes matérias e direcionados ao público infantojuvenil. Alguns

são listados a partir do nome do autor e outros pelo título. Observa-se que alguns livros foram aprovados pelo Conselho da Instrução Pública e por isso podem ser usados em escolas públicas; outros têm o crivo de um bispo, sobretudo os que tratam de temas religiosos e morais. Há outros que mencionam o autor do livro e a relação de dedicação exclusiva que estabelece para a produção de materiais de ensino voltados ao Imperador e sua família. Há uma intencionalidade em demonstrar o prestígio dessa obra. Os livros que possuem ilustrações, capa dura e que foram encadernados em Paris, servem como adjetivação positiva e são qualificados por esses aspectos diferenciais. Há livros que são traduzidos do inglês e do francês e isso pode ser entendido como recurso publicitário.

A respeito da questão que envolve o tipo do papel, a impressão e a encadernação, Darnton (2008) aponta que tais elementos influenciavam os modos como o leitor recepcionava a obra. O autor afirma que “os leitores discutiam o grau de brancura, a textura e a elasticidade do papel. Eles empregavam um rico vocabulário estético para descrever suas qualidades” (DARNTON, 2008, p. 159).

Em especial, a respeito do papel, Darnton (2008, p. 158) comenta que ele “ocupava uma larga porção da correspondência dos editores, muito maior que a das fontes tipográficas e a das gráficas”. Segundo o autor, o valor do papel correspondia a 50% do custo de produção de um livro e que muitos editores precisavam comissionar lotes especiais de papel, principalmente quando pretendiam produzir livros importantes. Para isso, elaboravam um calendário de produção a partir de datas de entrega estabelecidas junto aos fornecedores de papel. Esse movimento, muitas vezes, demandava demissão ou contratação de pessoas. Os processos estavam extremamente encadeados. Se havia algum atraso por conta do próprio clima, isso gerava um enorme transtorno. Darnton (2008, p. 158) relata que havia muita barganha no processo de compra e venda do papel entre os editores e os fabricantes de matéria-prima.

Diante desse contexto, é possível compreender os motivos pelos quais é dada importância ao material do livro na escrita dos anúncios dos catálogos.

No abecedário “*La ménagerie alphabétique*” (1851) está impresso um extrato do catálogo da editora *Amédée Bédélet*, este não é direcionado apenas ao público infantil.

Figura 151 – Extrato de catálogo

EXTRAIT DU CATALOGUE.



BIBLE DU JEUNE AGE.

Histoire de l'Ancien et du Nouveau Testament abrégée d'après la traduction de M. de GENOÛD, par ELISABETH MULLER, ouvrage approuvé par Monseigneur l'Archevêque de Paris.

1 vol. grand in-18, illustré de vignettes sur bois et de gravures sur acier.

Prix: cart. élégant, couvert chrom. 4 fr. »
— Figures coloriées, cartonné... 5 »
— Reliure en toile mosaïque, tranche dorée, en sus, 1 fr.

BIBLIOTHÈQUE DU PREMIER AGE,
14 VOLUMES IN-16.

Prix de chaque vol. carton. fig. noires, 1 fr. 50. — Fig. coloriées, 2 fr. 25.

Petit Bazar en images.	Aventures de dame Trotte.
Jeux de la poupée.	Tribulations de la mère Goody.
Livre des petits garçons.	Goody.
Contes des fées.	Choix de Fables de la Fontaine.
Robinson des enfants.	Les Animaux Industriels.
Gulliver des enfants.	Fridolin, historiette.
Petite Histoire-Sainte.	Fables de Florian.
Les premières Leçons.	

LIVRES DE PREMIÈRES LECTURES ILLUSTRÉS.

Les Jeux de l'Enfance. 1 vol. grand in-12, 18 gravures.
Conversations amicales sur le caractère des animaux. 1 vol. grand in-12, 18 gravures.
Soldats et Marins. 1 vol. grand in-12, 18 gravures.

Prix de chaque vol. en noir, cart. élégant, 1 fr. 40

Figures coloriées, couverture en chromolithographie.

Plusieurs ouvrages du même genre sont sous presse.

Paris — Typ. SCARAZZA, rue d'Erfurth.



LIBRAIRIE D'AMÉDÉE BÉDELET,

RUE DES GRANDS-AUGUSTINS, 20, A PARIS

NOUVELLES PUBLICATIONS.

LES MILLE ET UNE NUITS,
CONTES CHOISIS,

Aladdin, Ali Baba, Ali Cogia, abrégés et revus pour les enfants. 1 volume petit in-8°, illustré de 42 lithographies.

A LA GRACE DE DIEU ou LES ORPHELINS DE SAVOIE,

Nouvelle pour le jeune âge. 1 vol. petit in-8°, illustré de gravures.

Prix de chacun de ces deux ouvrages.	} Fig. noires, cartonné avec une riche couverture en chromolithographie.....	2 80
		} Fig. coloriées, id.....

LES AVENTURES DE DAME TROTTE,

Traduction libre et imitation de l'anglais, par E. Houx-Marc. 1 vol. in-16, illustré de 16 gravures sur bois.

LES TRIBULATIONS DE LA MÈRE GOODY.

Traduction libre et imitation de l'anglais, par E. Houx-Marc. 1 vol. in-16, illustré de 14 gravures.

LES PREMIÈRES LEÇONS,

Nouveaux exercices méthodiques de lecture, suivis d'historiettes, instructions religieuses, prières, tables, etc. 1 vol. in-16, illustré de 24 lithographies.

Prix de chacun de ces trois ouvrages faisant partie de la Bibliothèque du premier âge.	} Fig. noires, cartonné richement.	1 50
		} Fig. coloriées, cartonné très-richement.....

NOUVEL ALPHABET DES JEUNES NATURALISTES,

Exercices méthodiques de lecture, 25 gravures sur bois. 1 vol. petit in-8°.

Prix: cartonnage riche, figures noires.....	1 40
— — — — — figures coloriées.....	2 »

BIBLIOTHÈQUE DU PREMIER AGE

CHOIX

D'OUVRAGES VARIÉS, INSTRUCTIFS ET AMUSANTS

MIS A LA PORTÉE DES ENFANTS.

16 volumes grand in-16.

Chaque volume, imprimé avec luxe sur beau papier grand raisin vélin, illustré d'un grand nombre de gravures, est cartonné très-élegamment avec une riche couverture. Tous les cartonnages sont couverts d'une enveloppe imprimée.

Prix, avec les gravures COLORIÉES, cartonné... 2 fr. 25
— avec les gravures en NOIR, cartonné... 1 50

Petit Bazar en images. ALPHABET composé de gravures représentant les objets les plus familiers aux jeunes enfants, avec exercices de lecture gradués.

Les Mémoires de Fredalain d'un Singe, histoire plaisante, traduction libre et imitation de l'anglais, par E. Houx-Marc.

Robinson des enfants, aventures les plus curieuses de Robinson Crusoë, racontées par un père à ses enfants.

Gulliver des enfants, aventures les plus curieuses de ce voyageur, extraites de l'ouvrage de SWIFT.

Jeux et exercices des petites filles, représentés par des gravures, accompagnées d'un texte explicatif.

Promenades des Jeunes enfants au Jardin des Plantes, avec explications instructives sur tout ce que renferme cet établissement.

Galerie des animaux industriels, Recueil d'anecdotes nouvelles et de notices curieuses sur l'instinct, les mœurs et la sagacité des animaux.

Fridolin, historiette tirée de SCHILLER, illustrée de gravures, d'après les dessins de RETZSCH, et de vignettes dans le texte.

Les Tribulations de la mère Goody, traduction libre et imitation de l'anglais, par E. Houx-Marc.

Aventures de dame Trotte et de sa chatte, traduction libre

— 5 —

OUVRAGES DIVERS.

Les Bois de France. 66 portraits gravés, avec notices, tirés des galeries historiques de Versailles. 4 vol grand in-8°.	
Prix : broché.....	10 »
— reliure toile t. dorée, riche plaque.....	4 »
— belle demi-reliure, maroq. à nerfs, par Niedée.....	5 »
Six Gravures de plété, gravées au burin, sur acier, d'après des dessins nouveaux. Ces six gravures, destinées à orner les livres de prières, se vendent, en noir, chacune.....	» 25
— coloriées avec soin, genre aquarelle.....	» 50
— en noir, entourage or et couleurs.....	» 50
— coloriées, avec entourage or et couleurs.....	» 75
Berquin illustré, l'Ami des enfants et des adolescents. 4 beau vol grand in-8°, orné d'un grand nombre de gravures sur bois et de lithographies à deux teintes.	
Prix, relié en percaline angl., riches dorures t. dorée.....	45 »
Le Magasin des enfants, par madame LEPRINCE DE BEAUMONT, précédé d'une introduction et augmenté de plusieurs contes, par madame E. FOA. 4 beau vol. grand in-8°, illustré d'un grand nombre de gravures sur bois et de lithographies.	
Prix : relié en percaline, toile: t. d., riches dorures.....	45 »
La découverte de l'Amérique de Campe, traduction nouvelle, par Ch. de SAINT-MAURICE. 4 beau vol. in-8°, illustré de 120 vignettes sur bois. — Prix : relié en percaline.....	40 »
Le Bon Génie des Enfants et le Bon Génie de la Jeunesse, par M. D'EPAGNY. 2 vol. in-8°, se vendant séparément, chacun, relié en toile t. jaspée.....	4 »
Les Jeunes Industriels, par Miss EDGEMORTH, traduit de l'anglais par mesdames BELLOC et MONTGOLFIER. 8 volumes in-18.	
Prix : broché.....	12 »
Le Livre de la Jeune Femme chrétienne. 4 beau vol. petit in-8°, papier vélin glacé.	
Prix : broché.....	4 »
— — orné de 4 lithographies.....	5 »

— 6 —

LES PRINCIPAUX MONUMENTS FUNÉRAIRES

DU PÈRE LACHAISE, DE MONTMARTRE,
DU MONTPARNASSE ET AUTRES CIMETIÈRES DE PARIS,

Dessinés et mesurés par ROUSSEAU, architecte, et lithographiés par LASALLE; accompagnés d'une description succincte du monument, et d'une notice historique sur le personnage qu'il renferme, par MARTY.

1 Fort volume grand in-4°, composé de 84 planches et notices, d'une vue et d'un plan général du Père Lachaise. Prix, broché.....

45 »

ESSAI SUR LA LIBERTÉ, L'ÉGALITÉ ET LA FRATERNITÉ,

Considérées au point de vue chrétien, social et personnel,
par madame L. DE CHALLIÉ (née JUSSEU).

1 Vol. in-8°. Prix, broché.....

4 »

SOUS PRESSE,

Pour paraître en Mars 1850 :

LA BIBLE DU JEUNE ÂGE,

ABRÉGÉ DE L'ANCIEN ET DU NOUVEAU TESTAMENT,

Par ÉLISABETH MÜLLER,

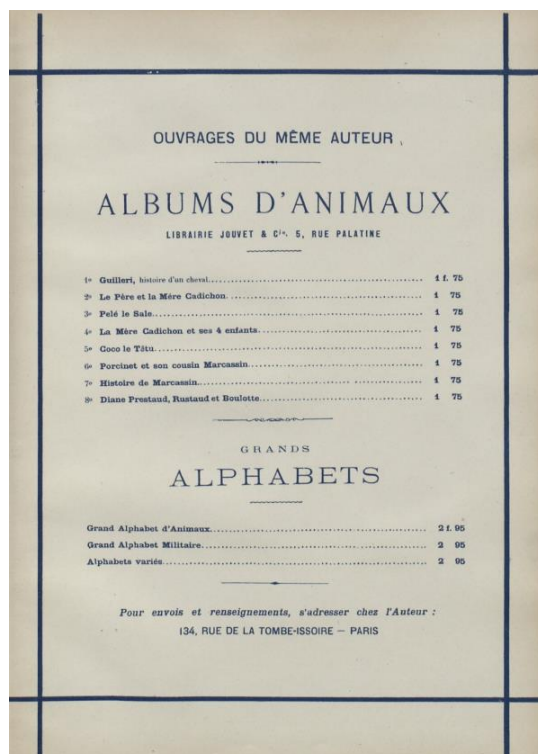
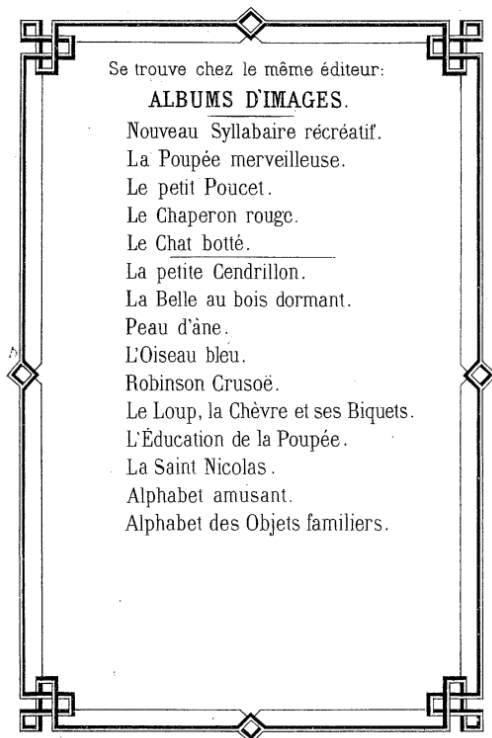
1 Volume petit in-8°, illustré de 12 gravures sur acier à deux teintes et d'un grand nombre de vignettes sur bois.

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

O extrato de catálogo dessa obra parece um compilado de várias edições feitas em tempos diferentes. Os livros são subdivididos em categorias temáticas desde a literatura, livros religiosos e livros com o propósito de ensino. Observa-se que alguns títulos podem ser vendidos coloridos e outros em preto e branco. Assim como no caso brasileiro, a inserção de gravuras é motivo de destaque, bem como a técnica usada na impressão delas.

Há outros dois abecedários que inserem o extrato de catálogo nas obras, um é "*Album D'Images. Alphabet Amusant illustré*" (1873) e o outro "*Grand alphabet d'animaux*" (1890), respectivamente.

Figuras 152 e 153 – Extratos de catálogo



Fonte: *Album D'Images. Alphabet Amusant illustré* (1873) e "*Grand alphabet d'animaux* (1890)

Esse formato de apresentação difere dos demais pelo número de páginas mais restrito. O primeiro deles não faz nenhum tipo de agrupamento, apenas lista obras do mesmo editor e também não indica o valor. Em ambos os exemplos, são elencados livros de literatura e outros que são abecedários como eles. O universo fica restrito ao público infantil.

Todos eles, assim como outros editores-livreiros, distribuíram seus catálogos pelas províncias ou se valiam dos extratos, divulgando o material que se encontrava à venda. Favoreciam, assim, a circulação de impressos e beneficiavam os livreiros instalados nos mais diversos recantos do país.

Agora dirijo-me às relações entre autor, editor, livreiro e gráficos, expressões usadas por Darnton (2008, 2010). No caso dos abecedários analisados, essas relações possuem fronteiras próximas e não delimitadas e por esse motivo selecionei esses elementos para lançar alguns olhares. Quanto aos leitores, encadernadores, fornecedores e distribuidores não foram obtidos dados que possam sustentar análises fundamentadas. Contudo, nas pistas deixadas nos próprios livros, e em conexões com alguns documentos localizados por

outros pesquisadores, como catálogos e contratos de trabalho, foi possível tecer algumas observações.

Há uma recorrência interessante: a menção aos estabelecimentos editoriais de um lado e casas de impressão ou tipografias de outro. O Quadro 12 sistematiza essas informações, tal como se apresentam nos abecedários do corpus da pesquisa.

Quadro 12 – Relação editor-livreiro com casas de impressão ou tipografias, autoria dos textos e ilustradores

Abecedários em língua portuguesa					
Ano de publicação	Título do abecedário	Editor-livreiro	Casas de impressão ou de tipografia	Autor Tradutor	Ilustrador
1836	Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo	Paris Casa de J.P. Aillaud	Paris Imprimerie Bourgogne et Martinet	—	<i>L. Houbloup e Du Houchail</i> ¹³⁸
1865	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	Rio de Janeiro B.L. Garnier Paris Aug. Durand	Paris Typographie de Ad.R.Lainé et J.Havard	—	—
1867	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	Rio de Janeiro B.L. Garnier Paris Aug. Durand e Pedone Lauriel	Paris Typographie de Ad.R.Lainé et J.Havard	Victor Renault	—
1872	Methodo facil para aprender a ler em 15 lições	Rio de Janeiro B.L. Garnier Paris E. Belhatte	Paris Imprimerie Adolphe Lainé	Victor Renault	—

¹³⁸ Essas referências não constam na capa do abecedário ou em uma folha de rosto. Comparece abaixo do quadro de gravuras dos animais com as respectivas letras e palavras.

1875	Methodo fácil para aprender a ler em 15 lições	Rio de Janeiro B.L. Garnier Paris E. Belhatte	Paris Typographie de Georges Chamerot	Victor Renault	—
1879	Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico	<i>American Sunday-School Union.</i> <i>Librarium of Congress Washington</i>	—	Traduzido e composto por J.R. Galvão	—
Abecedários franceses					
Ano de publicação	Título do abecedário	Editor-livreiro	Casas de impressão ou de tipografia	Autor Tradutor	Ilustrador
1842	Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture	Paris Chez Dreche successeur de Gauthier	Paris Imprimerie Le Normant	—	—
1845	Syllabaire des petits enfans Nouvelle édition, ornée de gravures	Paris Ancienne Maison Gauthier	Paris Imprimerie Le Normant	—	—
1848	Grand alphabet, joujou de mes petits enfans	—	Lille Typografie de Blocquel- Castiaux	—	D. Monnier ¹³⁹
1849	Syllabaire des petits enfans. Nouvelle édition, ornée de 26 gravures	Paris Chez Durand	—	—	—
1851	La ménagerie alphabétique	Paris Amédée Bédelet	Paris Imprimerie Lemercier	—	Coudert ¹⁴⁰ Lesestre ¹⁴¹

¹³⁹ Essa referência não consta na capa do abecedário ou em uma folha de rosto. Comparece abaixo da tabela de gravuras dos animais com as respectivas letras e palavras.

¹⁴⁰ Consta na capa de forma bem discreta o nome *Coudert* e suponho que se trate do ilustrador da capa, mas é uma conjectura porque não há informação explícita.

¹⁴¹ Essa referência não consta na capa do abecedário ou em uma folha de rosto. Comparece abaixo da tabela de gravuras dos animais com as respectivas letras e palavras.

1851	Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré	Paris Fonteney et Peltie	Saint-Denis Typographie de Prevol et Dronard	—	—
1854	Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité	Monsieur L'évêque	Amiens Typographie de Caron et Lambert	—	—
1861	Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes	Paris Le Bailly	Paris Typographie Vert Frères Paris Imprimerie Ch. Bounet et Comp.	—	—
1861	Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées	Limoges F.F. Ardant Frères Paris F.F.Ardant Frères	Limoges Imprimerie F.F. Ardant Frères	—	—
1862	Alphabet des animaux	Paris, Bernardin Béchet	Poissy Typographie Arbedieu	—	Gagniet Lacoste A. ¹⁴²
1866	A B C en images	—	Epinal Imprimerie Pellerin et Cie	—	—
1866	Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées	Tours Alfred Mame et Fils	Tours Imprimerie Mame	—	Girardet, Grandvil, Sagot et Werner Piaud ¹⁴³
1870	Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants	Paris Théodore Lefèvre	Corbeil Typographie et Stér. de Crété Fils	—	H.W. Freeman J. Quariley Susemihl

¹⁴² Essa referência não consta na capa do abecedário ou em uma folha de rosto. Comparece abaixo das gravuras dos animais com as respectivas letras, palavras e textos. Possivelmente se trata do gravador.

¹⁴³ O nome dele não foi referido na capa como os demais, mas pela pista encontrada em outro abecedário posso afirmar que *Piaud* se trata do gravador.

					Wehrner ¹⁴⁴
1873	Album D'Images. Alphabet Amusant illustré	Epinal Déposé	Imprimerie Ch. Pinot	—	—
1890	ABC	A.Capendu	Imprimerie Emrick & Binger	—	—
1890	Grand alphabet	—	Paris Imprimerie Monroeq	G. Gaulard	G. Gaulard

Fonte: Souza, 2022

Esse Quadro permite constatar que o estabelecimento do editor-livreiro é quase sempre distinto da casa de impressão ou da tipografia, exceto nos abecedários “*Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées*” (1861) e “*Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées*” (1866), que são os mesmos. Inclusive, há casos em que as cidades não são as mesmas, como se vê em alguns exemplos acima. Isso implica uma relação de transporte e/ou do estabelecimento de uma comunicação efetiva pelas partes envolvidas no processo de produção dos abecedários.

Há ainda um caso especial que convém destacar. Trata-se do *Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo*. As páginas que imprimem as gravuras dos animais com as respectivas letras e palavras podem ter sido realizadas em uma casa tipográfica, neste caso, ela fica na “*Rue Dauphine 22 et 24*” e menciona o nome de *L. Houbloup*. Difere da grande parte do livro que é executada em outra, tipografia “*Imprimerie Bourgogne et Martinet*” localizada em Paris. Não fica evidente se essa pessoa chamada *L. Houbloup* é o ilustrador, o gravador ou o editor-livreiro. Esse é um dos raros abecedários amealhados que menciona a técnica usada na impressão, a litografia. Essas informações que constam no abecedário levam a inferir pelo menos duas possibilidades: a primeira é que ele pode ter sido produzido em estabelecimentos gráficos distintos e a outra é a prancha ter sido

¹⁴⁴ Essa referência não consta na capa do abecedário ou em uma folha de rosto. Comparece abaixo de algumas gravuras dos animais com as respectivas letras, palavras e textos. A grafia desses nomes não são legíveis.

compartilhada entre essa tipografia que fica na "*Rue Dauphine*" e a "*Bourgogne et Martinet*". Essa prática parece ter sido comum no século XIX, e segundo Chartier e Martin (1990), especialmente por se tratar de um tipo de impresso que possui uma fórmula editorial que pode variar pouco na estrutura. Então, o nome que consta abaixo do quadro pode não ter sido apagado por esquecimento ou equívoco do gravador. Se a primeira hipótese é que ocorreu, uma compilação do abecedário, então quem seria o responsável? Uma terceira figura? o encadernador? Ou um dos estabelecimentos gráficos assumiu essa função? Não há respostas para essas perguntas, no entanto, é possível perceber que era necessário um movimento interdependente e colaborativo entre as tipografias, o encadernador e os editores-livreiros.

O Quadro 12 permite observar, ainda, que são poucos os abecedários que não fazem referência ao editor-livreiro. Nesse sentido, Chartier e Martin (1990) afirmam que as décadas que vieram depois de 1830 podem ser caracterizadas pela afirmação de uma figura e de um papel novo no mundo do livro: o do editor. Essa função, no século XIX, se emancipa em relação aos outros *métiers* do livro.

Segundo Chartier e Martin (1990) e Darnton (2008), todo o mundo do livro se encontra reorganizado a partir desta nova figura do editor. A afirmação do editor e das casas de edição carregam, com efeito, um novo modo de relação com os livros, logo reconhecidos e classificados simplesmente por seu pertencimento visível a tal catálogo ou a tal coleção. Suas funções são das mais variadas, a saber:

- Comprar manuscritos originais de autores, o que poderia ser arriscado porque vez ou outra vendiam o mesmo trabalho com diferentes títulos para dois ou três editores;
- Firmar contrato com os autores;
- Negociar os termos para novas campanhas de papel;
- Recrutar trabalhadores para sua oficina de impressão;
- Enviar instruções para um representante de vendas;
- Definir planos para piratear novos trabalhos promissores,

- Arranjar trocas com editoras aliadas;
- Ajustar sua lista de acordo com a recomendação recebida de varejistas e adequar sua estratégia de negócios para atender demandas políticas,
- Conhecer o mercado;
- Demandar trabalho aos impressores;
- Abastecer a livraria.

Essa lista demonstra o extenso rol de responsabilidades que os editores assumiam, o que pode elucidar alguns aspectos quanto ao abecedário “Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”. Do ponto de vista entre autor, editor, livreiro, ilustrador e gravador, é preciso ressaltar que a publicação de 1867 mantém a mesma casa de impressão que a de 1865, Ad. R. Lainé et J. Havard. O livreiro em Paris segue sendo Aug. Durant, porém há outro nome referido, trata-se de Pedone Lauriel. Na publicação de 1872, o estabelecimento de impressão está restrito apenas a Adolphe Lainé e não mais a J. Havard. O livreiro em Paris passa a ser E. Belhatte. Na publicação de 1875, por sua vez, o livreiro permanece o mesmo que em 1872, porém a tipografia é de Georges Chamerot.

Com base nessas informações observa-se um grande movimento de redistribuição nas relações entre editores, escritores, técnicos, operários, revelando distintos acordos comerciais estabelecidos.

Entre a primeira e a última publicação dessa obra se passam dez anos e é possível constatar algumas alterações no que concerne às escolhas de gravuras e palavras evocadas pelas letras do alfabeto.

Quadro 13 – Alterações nas designações entre letra, palavra e gravura

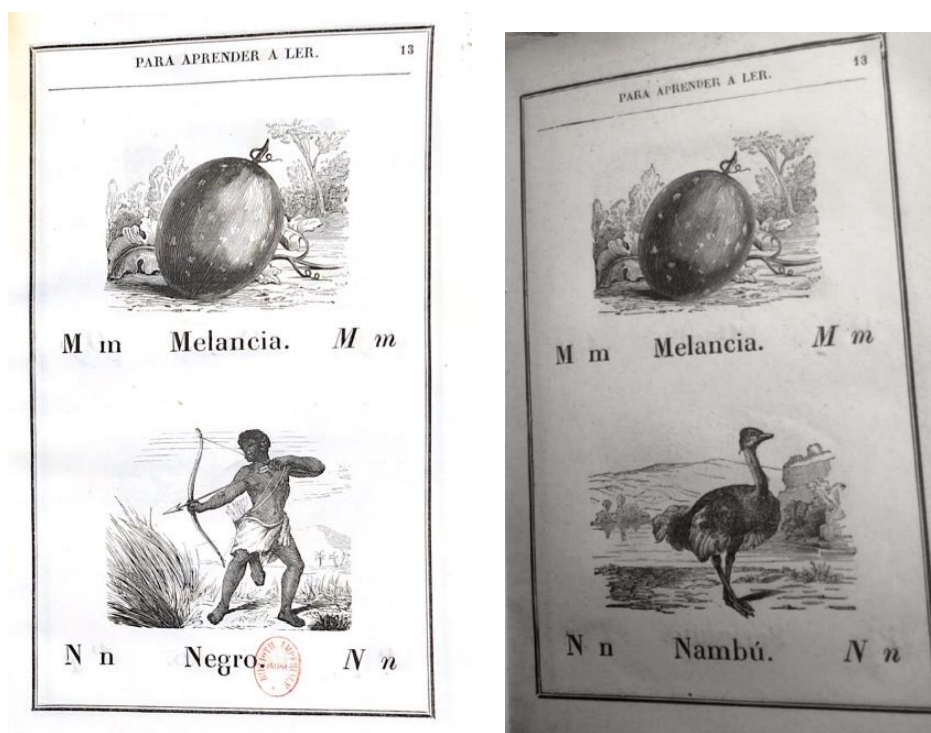
1865	1867, 1872, 1875
Zangão	Zabelê
Negro	Nambú
Hera	Heliotropio
Dedal	Dendê

Cebola	Cutia
Bezerro	Beija-flôr

Fonte: Souza, 2022

A partir da informação acima constata-se mudanças nas letras B, C, D, H, N e Z. A forma de apresentação, no entanto, permanece a mesma. São duas letras por página, onde a gravura aparece centralizada e tem destaque pelo tamanho. Aparecem dois modelos de fonte nas versões maiúscula e minúscula. A palavra inicia com letra maiúscula, as demais são minúsculas e é seguida pelo ponto final, como é possível perceber abaixo:

Figura 154 – Alteração na letra N



Fonte: Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865, 1867, 1872, 1875)

Essa alteração coincide com a designação de autoria do abecedário a Victor Renault, em 1867. Isso pode significar uma sugestão dele ou não? Ao analisar a estrutura do abecedário de 1865 vê-se que o beija-flor já existia na edição, porém estava na seção dos textos sobre os animais nativos do Brasil. Inclusive a gravura usada é a mesma. A mudança teria mais relação com a

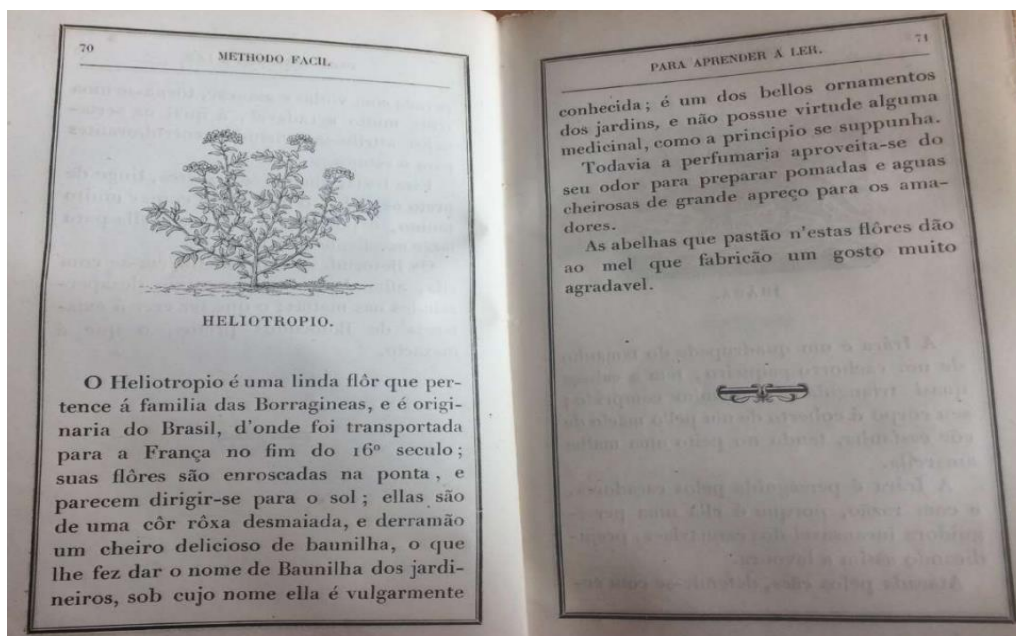
produção das gravuras do que propriamente com uma indicação do autor? As alterações realizadas possuem a intenção de estabelecer maior adaptação do impresso ao que é nativo do Brasil? Justamente porque é essa umas das propostas do abecedário?

Figuras 155 e 156 – Beija-flor



Fonte: Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865, 1867, 1872, 1875)

Figura 157 – Mais uma alteração (letra H)



Fonte: Methodo facil para aprender a ler em 15 lições (1865, 1867, 1872, 1875)

Para a letra H, a versão de 1865 associa a gravura e a palavra à “hera”. Hera consiste em espécie de planta do tipo trepadeira do gênero *Hedera* e é

natural da Europa Central e Ocidental. Como se vê, não é uma planta nativa brasileira. Em 1867, a mudança é para heliotropio. O texto explicita que é uma planta originária do Brasil e acrescenta que foi transportada para a França no final do século XVI. Fica evidente, a partir desse exemplo, que uma das motivações para a troca pode ter sido decorrente do empenho para apresentar gravuras e palavras que se relacionassem com o Brasil. Neste caso, ainda há menção a uma conexão com a França.

Não há como responder categoricamente a todas essas perguntas formuladas, até porque certamente foi um conjunto de fatores que provocou as alterações referidas no decorrer das edições. Talvez todas essas elencadas. Entretanto, com base em estudos produzidos por outros pesquisadores e diferentes objetos analisados, é possível estabelecer algumas relações. Tania Regina de Luca (2018), ao analisar o periódico “A Ilustração” comenta, que tendo em vista os diferentes modos usados para a fabricação de gravuras, é muito difícil precisar o papel de cada trabalhador envolvido no processo. Não é uma questão simples, segundo Luca (2018), exatamente pelo fato de as legendas usadas no periódico serem concisas e muitas vezes não informarem a autoria.

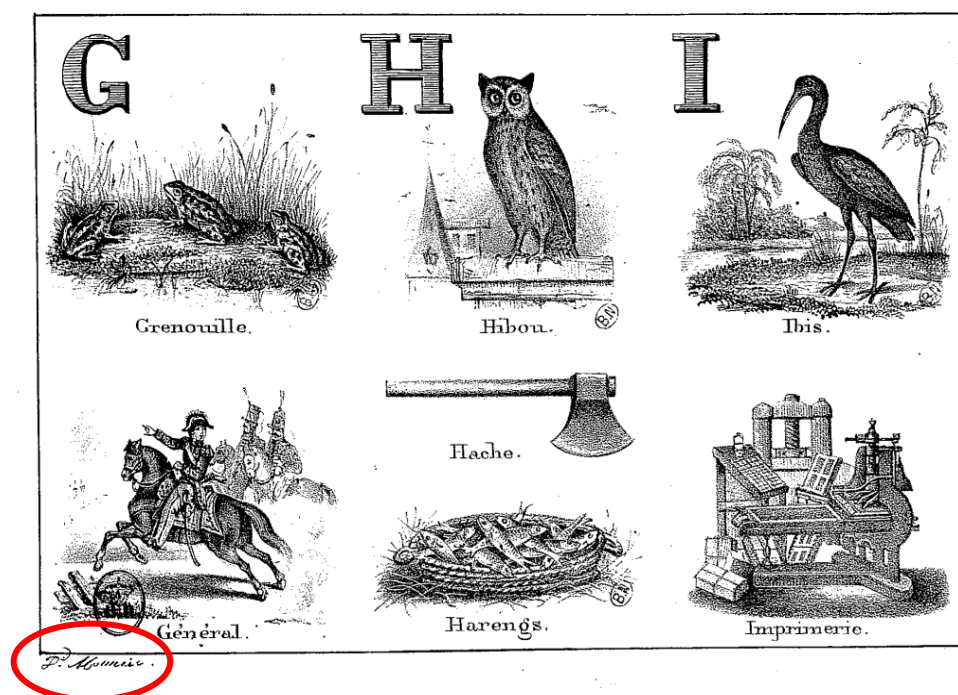
Luca (2018), a partir do relato de Mason Jackson, publicado em 1885, evidencia que, para a produção de um jornal ilustrado, era preciso um contingente grande de desenhistas e gravadores. O artista fazia o esboço em um papel e então entravam em cena os serviços do desenhista em madeira. Na maioria das vezes, o desenho no bloco não era feito por quem produziu o esboço. Em alguns casos, e diante da imposição do tempo, o desenho poderia ser desempenhado por duas pessoas simultaneamente. O desenho todo era traçado no bloco: os parafusos da traseira do bloco são soltos, as partes separadas e o desenhista de figura trabalha na sua parte, enquanto o outro desenhista ocupa-se da paisagem ou da arquitetura, conforme a circunstância. Ocasionalmente, se a urgência fosse muito grande, o bloco era separado peça por peça à medida que se terminava cada parte do desenho - então gravador e desenhista trabalhavam sobre o mesmo assunto simultaneamente. Houve casos em que o desenhista fez o trabalho dessa forma e jamais observou o conjunto de sua obra. Esse passo a passo do processo demonstra o quanto é complexa a produção das gravuras e o motivo pelo qual muitas delas podem ter sido reaproveitadas de um impresso para outro.

Luca (2018) pontua que uma série de ilustrações do periódico não recebeu atribuição de autoria e ela não descarta a possibilidade de terem sido usadas de outras revistas porque nem todos os periódicos do gênero têm seu acervo disponível on-line ou podem ser localizados em bibliotecas brasileiras.

Importa comentar que dentre os vinte e dois abecedários, apenas três fazem menção explícita ao ilustrador. Em outros casos, na maioria das vezes, não há referência na capa ou folha de rosto. Aparecem sob o formato de assinatura abaixo das gravuras.

O Quadro 12 se presta a evidenciar o que acabo de referir, mas que se pode explorar ainda, sob um viés mais detalhado. O abecedário “*Grand alphabet, joujou de mes petits enfants*” (1848) não faz referência na capa, na folha de rosto ou qualquer outra parte do livro, ao editor e nem ao ilustrador. Em algumas páginas, aparece uma assinatura abaixo do quadro de gravuras, à esquerda, cujo nome é de *D. Monnier*.

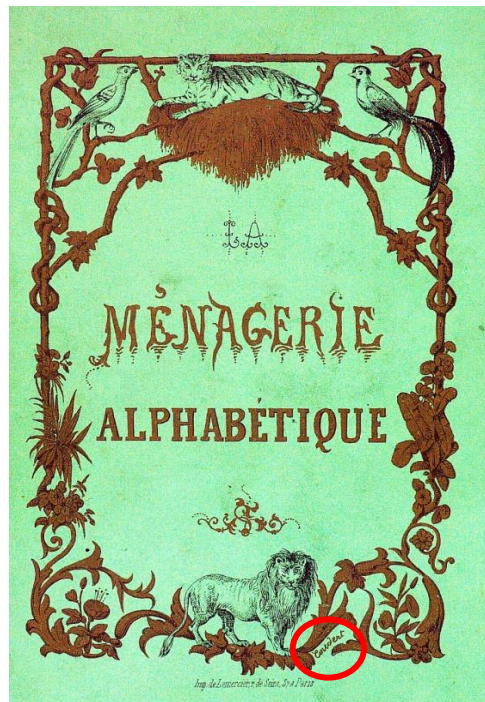
Figura 158 – *D. Monnier*



Fonte: *Grand alphabet, joujou de mes petits enfants* (1848)

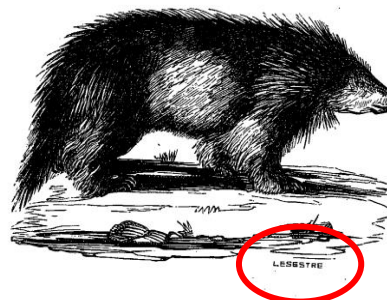
De forma semelhante ocorre com o abecedário “*La ménagerie alphabétique*” (1851). A capa é diferenciada dos demais. É estilizada pelas letras e pelas gravuras. Em um canto discreto aparece a assinatura de *Coudert*.

Figura 159 – Capa (Coudert)



Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

No decorrer do abecedário, as gravuras são assinadas por *Lesestre*, possivelmente o gravador, como é possível observar abaixo.

Figura 160 – *Lesestre*

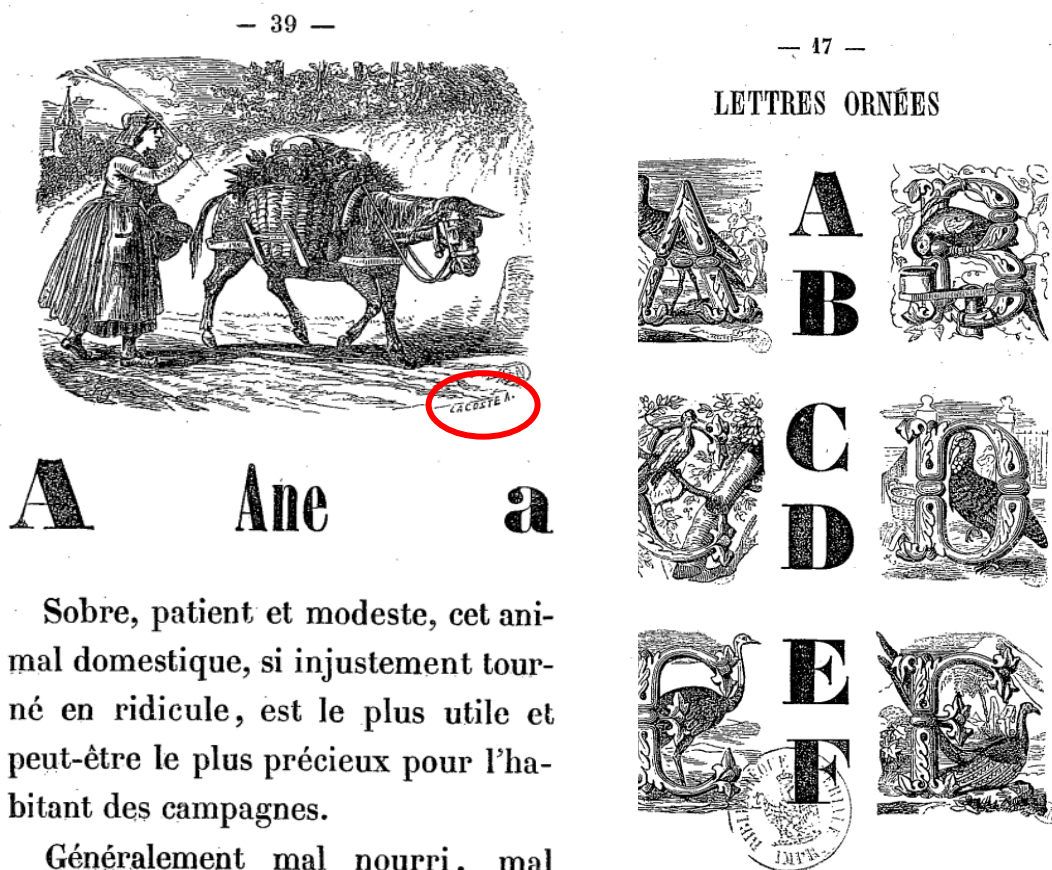
URSON.

Il y a un animal appelé porc-épic dont le corps est couvert de dards pointus et durs comme des épées. Pour se défendre, il dresse ces dards, et ceux qui l'approchent en sont blessés. L'urson offre quelque ressemblance avec le porc-épic.

Fonte: *La ménagerie alphabétique* (1851)

No abecedário *Alphabet des animaux* (1862) há referência ao ilustrador *Gagniet* na capa, mas não fica definido exatamente quais gravuras ele assina. Há um alfabeto de letras ornadas e presumo que seja essa sua produção. Na seção onde aparecem as gravuras, as letras, as palavras e os textos consta a assinatura de *Lacoste A.* Presumo que ele seja o gravador.

Figura 161 – *Lacoste A. e Gagniet*



Fonte: *Alphabet des animaux* (1862)

No abecedário “*Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées*” (1866) acontece um movimento diferente dos anteriores. A capa menciona quatro ilustradores, a saber: *Girardet, Grandvil, Sagot e Werner*. Ele possui belíssimas letras ornadas e não há indicação de quem as produziu.

Depois, os animais são ilustrados seguindo a ordem alfabética e igualmente não estão associados a nenhum dos nomes referidos na capa.

Figura 162 – Ilustradores ou gravadores



Fonte: *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées* (1866)

Em outra seção do abecedário, a sequência alfabética é evocada novamente, dando espaço à gravura, à letra, à palavra e ao texto. Aqui, neste caso, as gravuras são assinadas por *Piaud*, que não é mencionado na capa ou folha de rosto. No entanto, como já mencionei anteriormente, ele é o gravador.

Figura 163 – *Piaud*

— 87 —

où il y a beau-coup de jo-lis oi-seaux : deux Se-rins, trois Char-don-ne-rets, un Pin-son, et d'au-tres petits oi-seaux dont je vous di-rai le nom u-ne au-tre fois. Ils chan-tent, ils sif-flent, ils ga-zouil-lent tous à la fois. Oh! les vi-lains ta-pa-geurs! Chan-tez donc les uns a-près les au-tres.

Fonte: *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées* (1866)

Por fim, na seção das fábulas há um pequeno texto que explica que essas são de *La Fontaine* e as gravuras são de *Grandville*. Inclusive, fica evidente que essas gravuras já teriam sido usadas em outro livro publicado pela editora *Alfred Mame* e são incluídas neste abecedário.

Figura 164 – Gravuras reutilizadas de outros livros

FABLES CHOISIES
DE
LA FONTAINE

(Ces gravures sont extraites des *Fables de la Fontaine* illustrées par *Grandville*; 1 volume grand in-18, publié par Alfred Mame et fils, contenant 240 sujets, 1 pour chaque fable.)

Fonte: *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées* (1866)

No abecedário “*Le Livre d’images. Nouvel alphabet pour les petits enfants*” (1870) não há referência explícita a nenhum ilustrador. Aparecem nomes aleatórios, uma característica bem atípica em relação aos demais. Além disso, as grafias dos nomes não são legíveis em algumas aparições.

Figura 165 – Assinaturas nas gravuras



Fonte: “*Le Livre d’images. Nouvel alphabet pour les petits enfants*” (1870)

Sobre essa questão é preciso ponderar que para esse tipo de impresso, no século XIX, a figura do ilustrador não parecia necessitar de algum destaque ou referência de autoria, salvo se fosse um ilustrador célebre. A fórmula editorial dos abecedários colocava no holofote a relação gravura, letra, palavra ou texto e isso precisava ser cumprido por ser uma característica do gênero. Além, é claro, dos elementos textuais de cunho religioso, moral e conteúdos envolvendo a lista de sílabas e aritmética. É diferente, por exemplo, do periódico “A Ilustração”, examinado por Luca (2018). A autora assinala que cada uma das estampas publicadas naquela revista, esta era comentada na seção “As Nossas Gravuras”, que tinha como objetivo dar contexto ao material imagético, justificar as escolhas e descrevê-lo. Havia menção à procedência e autoria, sempre evidenciando ao leitor a qualidade artística do que era ofertado. No periódico havia uma pretensão de valorizar a qualidade estética do produto, garantida pelos meios eficientes de reprodução. Luca (2018, p. 172) afirma que nesse período “as imagens carregavam o sabor da novidade e contribuía para difundir novas formas de sensibilidade e visualidade”. As explicações feitas na seção “As Nossas Gravuras” estavam a serviço da iconografia, o que é muito diferente do objetivo do abecedário ilustrado.

Pode-se conjecturar que o caráter didático da imagem, para esse período e para esse tipo de livro, se sobrepõe ao desenvolvimento do senso artístico. Diferente da ideia senso estético, em alguma medida os abecedários ilustrados buscavam um diferencial. A presença das gravuras e suas qualidades expressivas pode ser considerada um ingrediente que estimula a aquisição, aquecendo o mercado editorial.

Se acompanharmos o abecedário na longa duração é possível observar que o ilustrador passará a ocupar um status diferente do que acabei de descrever. Muito influenciado pelas discussões que culminaram no ofício do escritor, ou seja, “o autor admite e faz admitir seu direito de extrair um proveito material do seu trabalho e de ser dono de sua obra” (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 258). Autor aqui é entendido em um sentido alargado, como ideia de autoria, podendo ser de textos, mas também de ilustrações.

Pode residir aí um dos motivos que explica o apagamento ou silenciamento do nome do ilustrador nos abecedários que integram a empiria da tese. Presumivelmente, o editor e determinados trabalhadores do

empreendimento tipográfico se encarregaram de selecionar no acervo de gravuras disponíveis, de quais se valeriam para fazer a composição dos abecedários. Isso porque, segundo Darnton (2008), era habilidade do editor dominar a interrelação de todos esses elementos envolvidos no processo de produção e circulação dos livros. Até porque era isso que garantia o sucesso e o fracasso de vendas.

Como é possível observar, o editor-livreiro exerce uma função de extrema relevância no cenário do livro. A empiria da tese demonstra que *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud* foram vetores das transferências culturais entre o Brasil, Portugal e França, na medida em que os abecedários por eles editados, circularam nesses contextos geográficos distintos. A próxima seção evidencia alguns dos rastros desse itinerário daqui e além-mar.

4.4. Lições: circulação transatlântica e transcultural de abecedários

Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier (2018) alertam que a globalização não é algo recente, tendo seu início apenas no século XX. Apontam, a partir de estudos de Frederick Cooper (2001) e Serge Gruzinski (2004), conexões planetárias no século XIV, da China à Europa Central. No século XVI, as viagens marítimas se intensificaram, os contatos se multiplicaram e partes da Ásia, da América, da África e da Europa passaram a estabelecer contato sistemático. O século XIX, por sua vez, foi o grande ápice de interligação dos mercados mundiais, embora as duas grandes guerras mundiais e a Guerra Fria acabaram interrompendo esse movimento.

Segundo Abreu e Mollier (2018), as intensas trocas entre as distintas partes do mundo foram beneficiadas por transformações técnicas, como a ampliação da linha férrea, o desenvolvimento dos transportes marítimos, a invenção da telegrafia elétrica, o uso da prensa a vapor e a automatização da fabricação de papel. Além disso, as trocas foram favorecidas pelo aumento na quantidade de leitores, pelo crescimento demográfico, pela concentração de pessoas nas urbes e pela ampliação de sistemas de ensino.

Diante desse efervescente contexto, Abreu e Mollier (2018) afirmam que os editores e os livreiros conseguiram tirar proveito, expandindo o mercado de

compradores para além das fronteiras de seus países. Buscaram “as melhores condições tipográficas e econômicas para a impressão de obras, descentralizando, de maneira notável, os polos da composição dos escritos, da impressão dos textos e da venda dos livros” (ABREU; MOLLIER, 2018, p. 10). Os referidos autores mencionam que o “intercurso de letrados” impulsionava muitas trocas culturais, seja pelos escritos ou pessoalmente.

Ao mesmo tempo em que ocorriam essas trocas comerciais e culturais, os autores destacam que estavam em consolidação os Estados nacionais independentes, com a afirmação de especificidades locais que objetivavam a construção das bases da soberania política. Esse fato, no entanto, não restringiu tais movimentos aos limites de cada nação, que passaram a se integrar a “um conjunto de trocas e contrastes (políticos, econômicos, culturais e sociais) com outras nacionalidades”.

Nesse sentido, posso afirmar que os impressos reunidos nesta tese oferecem evidências de que, no século XIX, as fronteiras nacionais não foram impedimento para a circulação dos abecedários entre Brasil e França. Valho-me do alerta epistemológico feito por Abreu e Mollier (2018, p. 12-13) para evitar “tanto o eurocentrismo quanto o exotismo”, enfatizando a ideia de circulação entre esses países na perspectiva de movimento e não “fluxo de ideias e mercadorias” da França para o Brasil. Em outras palavras, importa pensar na perspectiva das conexões e não na dependência, assim como privilegiar o termo apropriação, preterindo o de influência. O *corpus* aqui reunido demonstra as complexas relações transnacionais e transculturais estabelecidas entre o Brasil e a França.

Márcia Abreu (2007), no artigo “Circulação de livros entre Europa e América”, ressalta que algumas pesquisas que tratam da história do livro e da leitura no Brasil, por vezes, apontam a carência intelectual do país, especialmente no período colonial. Relatos de viajantes estrangeiros se configuram como um documento que subsidia as interpretações realizadas por essas pesquisas. Dos registros dos viajantes, pinçavam e concluíam que o povo brasileiro era absolutamente ignorante, apático e desinteressado.

Contudo, a autora desconfia de generalizações que afirmem o desinteresse absoluto dos habitantes da Colônia pela leitura e pela cultura

letrada, de modo geral. Usa como argumento os registros históricos a respeito do envio de livros para a América Portuguesa e para a América Espanhola.

No caso da América Portuguesa, os arquivos lisboetas guardam, sob o nome de “Catálogo para Exame dos Livros para Saírem do Reino com Destino ao Brasil”, milhares de solicitações de autorização para envio de material impresso para o Brasil, elaboradas entre 1769 e 1826. Esses registros foram produzidos devido à ação da censura, que exigia que se obtivesse uma licença para embarcar todo e qualquer livro, folha ou papel impresso com destino a uma de suas colônias. (ABREU, 2007, p.164)

Abreu argumenta, ainda, que para a América Espanhola os indícios apontados nas 701 folhas e nas 576 memórias de registro, submetidas ao crivo da “*Casa de Contratación*”, indicam que havia “mais de 100 mil exemplares declarados, todos destinados à América” (ABREU, 2007, p.164). Explicita que fez um recorte temporal em sua pesquisa, do início da atuação da Real Mesa Censória, em 1769, até o reconhecimento da independência do Brasil por Portugal, que ocorreu somente em 1826. Segundo Abreu (2007, p.165), nesse período, os documentos catalogavam “700 pedidos de autorização para envio de livros para o Rio de Janeiro, outros 700 para a Bahia, 700 para Pernambuco, 350 para o Maranhão, e mais 200 para o Pará”. Assim, em pouco mais de 50 anos, havia 2.600 pessoas que se mostravam interessadas em expedir livros para o Brasil. No total, 18.903 obras são citadas nas rogativas de licença. Com base nisso, a autora lança outros olhares a respeito das práticas de leitura e escrita no período colonial.

Abreu (2007) afirma que diante da quantidade demasiada de informação nesses títulos (religiosos, de cunho profissional, literários) ela elege trabalhar com um conjunto de livros literários, que chama de Belas Letras. Embora o foco de estudos de Abreu (2007) não seja sobre livros voltados para o ensino da leitura e da escrita, como o exposto nesta tese, é de extrema importância para a investigação circunscrever e entender esse movimento de circulação dos livros daqui e além-mar, de modo mais geral.

Abreu (2007) filtrou sua pesquisa apenas à cidade do Rio de Janeiro, pois era a região onde havia a maior quantidade de pedidos, e como destino para o

qual eram remetidas as obras impressas. Outro motivo que justifica sua seleção é o fato de a Corte portuguesa ter se transferido para o Rio de Janeiro em 1808.

A partir da chegada da Família Real, a vida cultural da cidade cresceu e diversificou-se com a instalação de livreiros e negociantes estrangeiros, de bibliotecas, teatros e, sobretudo, pelo início do funcionamento da primeira casa impressora no Brasil: a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, em operação a partir de 1808. (ABREU, 2007, p. 165-166)

Conforme Abreu (2007), a transferência da sede de Portugal para o Brasil teve efeitos sobre o funcionamento da censura, porquanto só se alojou, no Rio de Janeiro, a Mesa do Desembargo do Paço que deveria controlar a entrada de livros e impressos no Brasil. Portanto, a ausência de instituições de controle instalados na América portuguesa fazia com o que o processo para aquisição de um livro fosse mais burocrático, demorado e oneroso.

O requerente se apresentava e precisava dizer para onde gostaria de enviar os livros. Quem não era de Lisboa deveria ter um intermediário que faria toda a tramitação do processo.

Era exigida uma lista dos nomes dos exemplares que embarcariam para a devida averiguação a ser feita por um ou mais censores. Estes eram responsáveis por autorizar ou não o envio dos livros. Se os censores reconheciam as obras listadas, o processo ocorria sem muitas intercorrências. No entanto, nem sempre era tranquilo porque muitas vezes os títulos eram registrados de forma equivocada, sem menção ao nome do autor, do tradutor ou até mesmo sem indicação do local de edição. Quando esses casos ocorriam, os censores tomavam duas decisões, prioritariamente: pediam que a relação de informações sobre os livros fosse reelaborada ou solicitavam que os livros fossem para o tribunal, gerando maior lentidão ao processo. Quando a licença era concedida, o requerente pagava uma taxa e obtinha anuência para embarcar os livros. Quando eles chegavam ao destino, uma nova conferência era realizada a fim de observar se constavam obras que não haviam sido autorizadas em meio aquelas que tinham recebido licença.

É preciso ressaltar que mesmo esse processo sendo repleto de trâmites e impasses, os pedidos eram feitos, sinalizando, em alguma medida, o interesse

na obtenção de livros por parte de quem morava no Brasil. Com base nas licenças concedidas elucidadas por Abreu (2007), observa-se uma presença marcante de livros franceses¹⁴⁵ e vários deles estavam no topo da lista de preferência¹⁴⁶ por anos seguidos, a saber: *Histoire de Gil Blas de Santillane*, Alain René Lesage; *Le histoire de Carolina de Litchfield*, por Isabelle de Montolieu; *Les Aventures de Télémaque*, François de Salignac de la Mothe-Fénelon. Essa última obra, dentre todas as listadas, disparou em número de solicitações.

Ainda sobre esse assunto, obtive acesso ao livro “O manuscrito fundador do Gabinete Português de Leitura da Bahia: Atas 1863-1875” que reúne as atas pertencentes ao acervo do Gabinete Português de Leitura da Bahia, situado na Cidade do Salvador. A instituição foi criada em 1863, e tendo como base os demais liceus portugueses de leitura, entende-se que o principal objetivo era obter obras que fossem amplamente reconhecidas e utilizadas, sendo escritas em língua portuguesa e francesa. Poderiam ser adquiridos outros livros que fossem considerados necessários para a constituição do acervo. Nesse rol estavam também os principais jornais publicados em Portugal e no Brasil.

Um dos pontos altos do livro é observar a relação com o comércio livreiro. Vê-se, a partir da leitura das atas, diversos livreiros, fornecedores, assim como as obras adquiridas, os valores pagos por cada uma, ou por lotes, e seu transporte. Entretanto, ressalto que somente no fim do ano de 1866 tem início a compra de obras de fornecedores brasileiros – ou, pelo menos, sediados no Brasil. *Baptiste-Louis Garnier* é mencionado e reconhecido como um editor-livreiro que potencialmente poderia realizar o fornecimento de livros ao Gabinete.

Officio do 1º Secretario do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro em resposta a um outro que lhe derigira o secretario deste Gabinete pedindo indicasse pessoa que podesse naquella Corte fornecer com boas condições, livros á este Gabinete. Aquelle Senhor Secretario indicou o Senhor Baptiste Louis

¹⁴⁵ *Les Aventures de Télémaque*, François de Salignac de la Mothe-Fénelon; *Fables de La Fontaine*, Jean de La Fontaine; *Voyage de La Pérouse au tour du Monde*, L.A.Milet Mureau; *Histoire de Gil Blas de Santillane*, Alain René Lesage; *Jerusalem liberata*, Torquato Tasso; *Oeuvres*, Racine; *Oeuvres*, Molière; *Voyage du Jeune Anacharsis en Grèce*, Jean-Jacques Barthélemy; *Oeuvres*, Corneille; *Oeuvres*, Boileau; *Oeuvres*, Alain René Lesage; *Paul et Virginie*, Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre; *Oeuvres*, Prevost; *Le poeme sur la Religion*, Racine; *Obras*, Virgílio; *Oeuvres*, Gresset; *La Henriade*, Voltaire; *Tales of Fashionable Life*, Maria Edgeworth.

¹⁴⁶ Tomando por base a quantidade de vezes que compareceram no requerimento de pedidos.

Garnier ____. (ACTAS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, 31 de dezembro de 1866 *apud* LOSE; AZEVEDO; LOUSADA, 2021, s/p)

No decorrer da leitura das atas, o nome de Garnier é arrolado sete vezes. Ressalto que parte das menções acusa o recebimento de obras para o Gabinete e registra o valor pago pela compra. Não há uma lista que discrimina todos os títulos adquiridos, mas observa-se o movimento do comércio livreiro. Em uma das ocorrências, Garnier se compromete a compartilhar o catálogo das obras editadas por ele assim que estivesse finalizado.

Na ata de 31 de março de 1873, vê-se uma volumosa remessa de livros ao Gabinete por livreiros de Lisboa. Tal oferta contou com a intermediação da “Casa dos Senhores Catilina e Cia”.

Offertas: Do socio o Senhor Manoel Joaquim Rodrigues – o “Instituto” em seis grossos tomos de 12 volumes encadernados. Do Senhor presidente da Direcção, Augusto Silva Ribeiro 35 obras em 43 volumes. Alícia Duhá Lose | Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni | Fabiano Cataldo de Azevedo | Isabel Lousada — 40 — Dos Senhores Rolland e Semiond – De Lisboa – o Jomal Artes e Letras para a mesma biblioteca e mais
 20 Exemplares dos Lusiadas, edição popular.
 20 “ Leituras populares instructivas e Moraes.
 20 “ **Primeiro livro da infância**
 20 “ Chorographias
 20 “ Arte de Contar
 100 “ Para serem offertados aos alunos de alguma Aula com preferencia sendo sustentada e frequentada por Portuguezes.
 Esta remessa veio por intermedio da casa dos Senhores Catilina e Companhia sem despesas. (ACTAS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, 31 de março de 1831 *apud* LOSE; AZEVEDO; LOUSADA, 2021, s/p)

Observa-se nesta ata que foi arrolado o livro “Primeiro livro da infância” como aquisição para o acervo do Gabinete, demonstrando que havia uma intenção de ofertar livros ao público infantil.

Outro destaque refere-se à ata de 16 de setembro de 1873, que explicita:

Expediente: Forão lidos os seguintes officios: um do Presidente da Provincia acompanhando uma lista de quesitos sobre o movimento da instrucção publica pedindo esclarecimentos sobre

o que diz respeito ao progresso do nosso estabelecimento. (ACTAS DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, 16 de setembro de 1873 *apud* LOSE; AZEVEDO; LOUSADA, 2021, s/p)

Posteriormente, é possível verificar também que a Instrução Pública igualmente requisita do Gabinete as listas de obras presentes no seu acervo. Esse fluxo entre livreiros portugueses, brasileiros e os associados do Gabinete interessaram o Presidente da Província para estabelecer trocas no que concerne à Instrução Pública.

A partir da leitura das atas foi possível observar que o Gabinete fomentou a compra de diversas obras francesas, assim como doações dos sócios. Livros de literatura, de gramática, dicionários, manuais e assinatura de periódicos. Esses documentos revelam contatos estabelecidos entre os associados do Gabinete e os livreiros daqui e além-mar. Conexões efervescentes e que multiplicaram, em alguma medida, as possibilidades de acesso às leituras e aos livros.

Modenez (2014, p.224), no artigo “A circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro (1860-1865)”, aponta que a França foi considerada cidade-literatura porque “representava o local de consagração literária, cujo prestígio e reconhecimento possibilitavam a livros e escritores uma espécie de desnacionalização e universalização”. O Brasil, segundo Modenez (2014), tinha intensa participação nessa comunidade letrada que se espraiava para além das fronteiras nacionais e o Rio de Janeiro, sendo a capital do Império Português em 1822, tornou-se, nesse cenário, um importante polo cultural do país. O autor sublinha que a cidade sediava representantes do luxo europeu, estando as livrarias Garnier e Laemmert em distinção no comércio de livros e outros materiais.

Assim, para Modenez (2014), “nesse contexto de forte intercâmbio cultural entre os países, destaca-se a figura dos *passeurs culturels*, mediadores culturais que favoreciam o contato entre diferentes grupos e locais” (MODENEZ, 2014, p. 224). Segundo o autor, essa figura pode ser atribuída aos viajantes, tradutores, escritores, livreiros e tantos outros profissionais, sendo que os editores e livreiros assumem visibilidade na comunidade leitora internacional.

No final do século XIX era comum o editor e o livreiro assumirem a mesma função, inclusive na França esse tipo de prática era corriqueira. Em 1830 chega ao Brasil *Baptiste-Louis Garnier* que se tornou um “editor-livreiro” de bastante visibilidade. Ele era um dos sócios da livraria parisiense *Garnier Frères* juntamente com seus dois irmãos, o que facilitou, segundo Modenez (2014, p.225), “o comércio transatlântico de impressos, criando uma verdadeira rede livreira internacional”. Os títulos da Garnier eram publicados por meio de anúncios em jornais e revistas da época, assim como em catálogos. Esses catálogos eram entregues nos estabelecimentos comerciais ou os clientes da livraria podiam solicitá-lo. Constavam neles uma lista integral ou parcial das obras que estivessem disponíveis para venda. Modenez (2014, p.225) sublinha que o catálogo tem sua importância “não apenas por dar a conhecer os livros em circulação, mas também as características do mercado editorial e a ação dos livreiros-editores no período”, além de indicar, em alguma medida, os interesses do público leitor.

A partir das pesquisas de Abreu (2007) e Modenez (2014) percebe-se que aos portos brasileiros chegavam livros de todos os tipos e gostos, de diferentes partes do mundo. Sobressaíam, nessa conjuntura, romances franceses, cuja preeminência é incontestável. Com a análise dos catálogos realizados por Dutra (2010) vê-se que livros para Instrução também percorreram viagens inusitadas, expressão cunhada por Stephanou (2022)¹⁴⁷.

Diana Cooper-Richet (2009, p. 540) afirma que Paris “desempenhou um papel importante na produção e circulação de impressos em várias línguas”. A autora ressalta que no começo do século XIX, o mundo lusófono passa por um momento de profundas mudanças. Portugal vive a guerra contra Napoleão I e em decorrência de muitos problemas, em 1807, a Família Real de Bragança muda-se para o Brasil, que era sua colônia. A partir de muitos movimentos acontece a independência em 1822. Em meio a tudo isso vê-se, conforme Cooper-Richet (2009, p. 541), uma “modernização política e o surgimento de elites cultas e progressistas, ávidas de leitura”. Em contrapartida, tanto o mercado português quanto o brasileiro não conseguiam suprir a demanda de impressos. Então, na segunda metade do século XIX, alguns estabelecimentos

¹⁴⁷ Live "Viagens inusitadas: proveniências e pertencimentos de obras do século XIX". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFcFkpGDYZk>. Acesso em: 13 de jun. 2022.

franceses, como a Garnier, alocam-se no Brasil, para promoverem o desenvolvimento de uma indústria editorial local. De acordo com Cooper-Richet (2009, p. 541), “para todos esses leitores de origens diversas, Paris está, nas primeiras décadas do século XIX, na encruzilhada de todas as línguas e todas as culturas”. Inclusive, segundo a autora, foi esse um dos motivos pelos quais livros e periódicos em português foram ali publicados e vendidos naquele país.

Cooper-Richet (2009, p. 542) cita o trabalho de Victor Ramos¹⁴⁸, que fez uma contagem dos livros em português publicados na França. “Em Paris, entre 1797 e 1850, foram publicados cerca de 563 títulos em português, configurando uma média de 30 títulos por ano”.

Os abecedários em língua portuguesa repertoriados para esta tese contam um pouco dessa história de rotas transatlânticas que romperam com as distâncias geográficas entre o Brasil e a França, estabelecendo interessantes trocas linguísticas, culturais e comerciais.

Vou tomar como exemplo maior o abecedário intitulado “Methodo facil para aprender em 15 lições”. Importa comentar que todas as edições desse impresso integram a tese e foram localizadas na BnF, disponíveis na *Gallica*, assim como os abecedários em língua francesa.

Há uma edição de 1865 que não aponta autoria explícita, apenas o editor-livreiro que é Garnier. A publicação refere-se ao Rio de Janeiro na Rua do Ouvidor, onde o referido editor-livreiro tinha estabelecimento.

O livreiro e editor francês foi aquele que, nas palavras de Ernesto Senna (2006), dominou o comércio de livros no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e que, como nos lembra Hallewell (2017) publicou mais de 650 obras de autores brasileiros. No período em que esteve no Brasil, foi condecorado por D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa, devido aos serviços prestados às letras brasileiras. Isso porque, além de Garnier comercializar variadas obras francesas e estrangeiras, foi responsável por editar boa parte dos textos dos escritores brasileiros do século XIX.

Lúcia Granja (2013) revisita a série “Ao acaso”, do cronista Machado de Assis e menciona que ele faz uma série de elogios ao trabalho de Garnier como editor, depois de aproximadamente vinte anos de atividades no Brasil,

¹⁴⁸ RAMOS, Victor. A edição em França: 1800-1850, repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

associadas, fundamentalmente, ao comércio de livros. Granja (2013) cita também o cronista Gonçalves de Magalhães, que destaca aos seus leitores, a qualidade da edição feita por Garnier, comentando a nitidez da impressão, feita na Europa; a composição sem erros, sob as vistas do escritor que podia acompanhar de perto. A autora afirma que para Garnier, “a qualidade dos produtos era uma das estratégias de venda e de ocupação do mercado brasileiro” (GRANJA, 2013, p. 84). Acrescenta que Garnier apostou em manter o jornalista José Lopes da Silva Trovão morando em Paris para ser revisor de provas de sua editora. Tudo isso para abraçar a oportunidade de construir um comércio sólido e lucrativo no Brasil.

Granja (2013) revela que teve acesso a um contrato que Garnier firmou junto a Jules Henri Gueffier em 10 de fevereiro de 1864. Essa ação, segundo a autora, contribui à compreensão dos movimentos e cuidados de Garnier para com as publicações dos livros impressos na França. Em outras palavras, pode-se inferir que Garnier fez muitos investimentos na publicação de livros em língua portuguesa designados a circular no Brasil, mas também a circular na própria França ou Portugal. Jules Henri Gueffier “foi recrutado por Garnier para prestar, em Paris, serviços de impressor, representá-lo junto às livrarias e, quando necessário, atuar como tradutor” (GRANJA, 2013, p. 85).

Este contrato, conforme Granja, revela que “estamos diante de mais uma prova de que, nas oficinas tipográficas francesas, a literatura escrita no Brasil rodava nas prensas” (2013, p. 85). A partir dessa constatação é possível afirmar que os sistemas de produção e circulação do livro, e do impresso em geral, não ficaram restritos aos territórios nacionais.

Granja (2013) analisa os caminhos de produção e circulação em escala internacional do romance “O Guarani” e seus achados são elucidativos para o estudo da tese. Segundo a autora, Garnier assumiu a segunda edição do livro e observou “que o livreiro e editor opera com uma lógica de mercado bastante próxima à europeia” (GRANJA, 2013, p. 87). Em parte, inspirado pelas ações de Michel Lévy que barateou o custo das impressões a partir do formato in-18. Ele comprava os direitos sobre as obras dos autores, pagando-os de forma antecipada, e desenvolvia uma forte rede de distribuição (em livrarias e quiosques nas estações de trem), a qual assegurava as vendas de tão grandes tiragens. No caso de Garnier, Granja (2013) sublinha que, partindo dos indícios

que acessou, não há como precisar a tiragem que ele fazia das obras que imprimia, mas sabe-se que ele vendia para todo o Brasil. Como Lévy, produzia uma versão luxuosa e uma mais barata da mesma obra a fim de atingir distintos públicos. Granja (2013) analisando o catálogo da Livraria Garnier em relação ao livro “O Guarani”, observa que assim como Lévy, Garnier costumava fazer a impressão em tipografias que já estavam acostumadas a trabalhar em língua portuguesa. Além disso, Garnier colocava à venda o livro em Paris, na Livraria Durand e não na casa comercial de seus irmãos.

Esse mesmo movimento, observo no abecedário “Methodo facil para aprender a ler em 15 lições” onde o livreiro Aug. Durand é mencionado, tendo seu comércio situado na “*Rue des Grès, 7*”, aquele que comercializava o impresso. A tipografia, por sua vez, não é a mesma mencionada por Granja (2013), a “*Simon & Raçon*”¹⁴⁹. Trata-se da “*Typographie de Ad. R. Lainé et J. Havard*”, na “*Rue des Saints Pères, 19*”.

Granja (2013, p. 90) acredita que o objetivo era “atingir não apenas o público brasileiro, retornando ao Rio, mas também a importante comunidade lusófona estabelecida em Paris”. O mesmo pode valer para os abecedários em língua portuguesa que eram impressos na França. Inclusive esse foi um dos motivos pelo qual não os adjectivei como abecedários brasileiros, mas abecedários em língua portuguesa, pois os usos provavelmente foram partilhados entre portugueses e brasileiros.

Conforme Granja (2013, p. 92), Garnier é “ator no processo das transferências culturais”, cuja atuação assume destaque no Brasil.

Na empiria amealhada para esta tese, observa-se que as publicações de 1867, 1872 e 1875 cujo título é praticamente idêntico ao de 1865, “Methodo facil para aprender a ler em 15 lições”, têm designação de autoria à Victor Renault.

Em relação a essa questão, Granja (2022)¹⁵⁰ sublinha que o debate a respeito da propriedade literária não havia sido amplamente convencionado na Europa. Quanto ao Brasil, não há praticamente nada em torno do tema. Por esse

¹⁴⁹ O exemplar “Novo expositor portuguez ou methodo facil para aprender a ler o portuguez” composto por J.M. de Lacerda e editado pela Garnier em 1872, foi impresso no mesmo estabelecimento referido por Granja (2013), Simao Raçon em Paris. A grafia está um pouco diferente, mas acredito se tratar do mesmo estabelecimento.

¹⁵⁰ Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier_pt.pdf

motivo é curioso observar que há poucas alterações no conteúdo e forma de apresentação entre os abecedários mencionados.

Inclusive a designação de autoria não especifica se se trata dos textos, das gravuras ou dos demais conteúdos de ordem religiosa ou matemática. Presumo que o acordo comercial estabelecido tenha sido firmado com base em outros aspectos que não esses.

Victor Pierre Renault, conforme Vincent Mauraux (2000), nasceu em Metz (Sierck), França, em 21 de junho de 1811, chegando ao Brasil em 16 de junho de 1832. Inicialmente, Victor Renault trabalhou como professor, depois em empresas de mineração. No ano de 1836, realizou uma expedição pioneira desde a nascente do Rio Mucuri até sua foz, elaborando um levantamento hidrográfico e econômico para navegação e colonização, a pedido do Governo de Minas Gerais. A partir desse estudo, pôde compreender melhor a região, especialmente suas reservas minerais, fauna, flora e povos indígenas. Exerceu o cargo de engenheiro responsável por construções de estradas de diversos municípios de Minas Gerais. Segundo Mauraux (2000), Victor Renault fundou em Barbacena, o colégio Victor Renault, sendo seu principal professor, onde estudaram grandes políticos mineiros. Segundo descreve o próprio Mauraux (2000), Victor Renault sentiu a necessidade de publicar manuais didáticos, pois não encontrava disponíveis no mercado para ensinar seus alunos.

Granja (2022) analisa que os contratos de Garnier são rígidos em relação aos autores/tradutores e tendem a trazer mais benefícios para o editor. Nesse sentido, conforme Granja (2022), quando um contrato de edição era assinado, de forma sistemática o editor possuía propriedade perpétua da obra. A referida autora ressalta, inclusive, que frequentemente essa obrigação se estendia aos descendentes do escritor. No que tange à tradução, Granja (2022) pontua que Garnier comprava a propriedade sobre o trabalho do tradutor. Havia, ainda, uma regulação do mercado, que acabava sendo determinante de práticas correntes na época, as quais regiam as relações entre editores e autores europeus, seguidas no Brasil por Garnier.

Cabe registrar que dentre os contratos de Garnier que obtive acesso, não localizei nenhum que se referisse ao estabelecido entre ele e Victor Renault.

Quanto à empiria da tese, passo ao “Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo”

editado em Paris pela “Casa de J.P. Aillaud” e impresso em Paris pela “Imprimerie Bourgogne et Martinet”.

De acordo com Cooper-Richet (2013), *Jean-Pierre Aillaud* nasceu em 1752 na região montanhosa dos Alpes, no sudeste da França, região em que é difícil desenvolver uma atividade econômica, mas que tem a vantagem de estar na encruzilhada de vários países, como a Itália e a Suíça. Para ele representou uma abertura para o mundo e possibilidades comerciais. Aos 28 anos, em 1770, se instalou em Coimbra, onde abriu uma livraria, em associação com outro francês, natural da mesma região, chamado Bertrand. Aillaud era pai de três filhos, incluindo um filho que tinha o mesmo primeiro nome que ele. Os filhos de *Jean-Pierre Aillaud* se estabeleceram não apenas em Paris, mas também no Rio de Janeiro. Com efeito, em abril de 1827, na companhia de Hector Bossange, abriu uma loja cujo nome empresarial era Souza Lammert et Cie, para a qual os dois homens enviaram livros, em particular para a França.

Segundo Cooper-Richet (2009), *Jean-Pierre Aillaud* ocupa o primeiro lugar dos que investiram no ramo editorial de publicação de livros em português, somando 52 livros durante a primeira metade do século XIX. A referida autora menciona o vasto repertório de publicações, a partir dos catálogos de seu estabelecimento que foram conservados na BnF, e que testemunham o interesse que ele atribuiu à linguagem e à cultura portuguesa.

O estudo que Cooper-Richet (2009) empreendeu acerca dos catálogos, aponta que em 1820, o *Supplément au Catalogue de la Librairie Etrangère et Française de Jean-Pierre Aillaud*, com uma dezena de páginas, dedica metade às obras em língua portuguesa. No ano de 1832, o *Catalogue général de fonds, d'assortiment et en commission* possui 66 páginas e em duas delas apresenta 30 títulos em português. Em junho de 1835, o estabelecimento, que passa a levar o nome de “Livraria diplomática, francesa e estrangeira Aillaud Jean-Pierre”, expõe, nas 30 páginas de seu catálogo, três páginas de livros em português, com preços fixos e grandes descontos. Contudo, segundo Cooper-Richet (2009), é na década de 1840 que Aillaud dá ênfase a este segmento específico do mercado do livro. O “*Catalogue à un rabais extraordinaire*”, de setembro de 1842, contém as seguintes seções:

- “Livros Portugueses” (4 páginas);

- “Livros publicados pela Academia Real de Ciências de Lisboa” (2 páginas);
- “Livros de Sylvestre Pinheiro Ferreira” (2 páginas);
- “Livros clássicos adotados nas escolas de Portugal e do Brasil” (2 páginas).

Esse movimento demonstra o crescimento do acervo lusófono nesta livraria. Dois anos mais tarde, o “*Catalogo dos livros portuguezes e latinos publicados em Pariz par Jean-Pierre Aillaud*” continha 20 páginas e, em 1846, elenca 12 a mais. Desta vez, os títulos são classificados como:

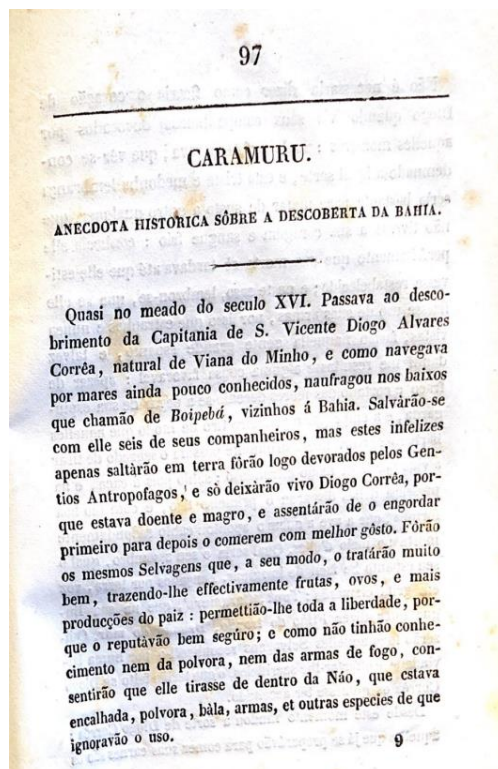
- “Livros de Fundos” (14 páginas);
- “Livros Latinos adotados para as aulas de Portugal e do Brasil **impressos em Pariz**” (2 páginas);
- “Livros portuguezes **publicados em Pariz**” (5 páginas);
- “Livros Portuguezes publicados em Portugal” (2 páginas).

Esta classificação será adotada regularmente a partir de então, e as listas deste tipo se sucedem e crescem nas décadas de 1860 e 1870, apresentando algo entre 50 e 70 páginas, o que mostra a amplitude da oferta lusófona.

Voltando ao abecedário que mencionei anteriormente, ele não possui introdução ou posfácio que possa dar alguma pista para os usos previstos e o público indicado para a leitura da obra. No entanto, vê-se a inclusão de um texto intitulado: “Caramuru, anedocta historica sôbre a descoberta da Bahia¹⁵¹”.

¹⁵¹ Caramuru é um poema de Frei José de Santa Rita Durão publicado em 1781. Ele pertence ao gênero épico e apresenta elementos bem tradicionais, já que resgata o antigo estilo dos poemas estruturados em 10 cantos e em oitava rima. Conta a história de Diogo Álvares Correia, o “Caramuru”, um náufrago português que viveu entre os Tupinambás. O livro alude também a sua esposa, Catarina Paraguaçu, como visionária capaz de prever as guerras contra outros povos. Os escritos seguem a inspiração de Luís Vaz de Camões, utilizando-se de sonhos e previsões, além de incluir informações sobre os povos indígenas brasileiros. Disponível em: <https://www.infoescola.com/livros/caramuru>.

Figura 166 – Anedocta historica sôbre a descoberta da Bahia



Fonte: Alphabeto Portuguez ou Novo Methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo (1836)

A existência desse texto e o conteúdo dele na íntegra (páginas 97, 98, 99, 100, 101) pode ser um indício de conexão entre a história do Brasil e de Portugal, bem como pinceladas da relação triangular com a França. Possivelmente leitores brasileiros e portugueses, residentes no Brasil, em Portugal ou na França, após todos esses indícios, podem ter sido o público leitor deste abecedário.

Cooper-Richet (2009, p. 542) afirma que livreiros, editores e impressores fizeram grande investimento “na divulgação dos impressos em português, tanto por motivos comerciais, como também intelectuais e de abertura para as culturas do mundo, apesar do incipiente estágio inicial desse mercado”.

*Le libraire-éditeur Jean-Pierre Aillaud, est de tous, le plus investi dans le domaine lusophone. C'est surtout à partir des années 1840, qu'Aillaud commence vraiment à cibler le public lusophone. Il fait, alors, paraître des catalogues spécialisés et en 1860 il indique qu'il est « Livreiros de suas Majestades o emperador do Brazil e el Rei de Portugal »*¹⁵². (COOPER-RICHET, 2013, p. 134)

¹⁵² “O editor-livreiro Jean-Pierre Aillaud, é de todos, o que mais investe no campo lusófono. Foi especialmente a partir da década de 1840 que Aillaud realmente começou a visar o público

Cooper-Richet (2009) pondera que o papel de *Jean-Pierre Aillaud* para as transferências culturais entre a França e o Brasil ainda precisa ser avaliado, o que em alguma medida esta tese pode contribuir, desde o ponto de vista da história dos impressos para ensino da leitura e da escrita.

A partir da perspectiva do conceito de transferência cultural, *Jean-Pierre Aillaud*, como editor-livreiro deste abecedário, imprime a anedota, antes referida, a respeito da personagem Caramuru. Em alguma medida, é preciso conhecer os referentes culturais de um povo para fazer uma escolha do que vai compor uma publicação. *Jean-Pierre Aillaud* está, inicialmente, no cruzamento de duas culturas, uma brasileira e outra portuguesa, e um ingrediente a mais nisso tudo é o fato de que esse livro rodou nas prensas francesas. Nesse sentido, portanto, prevalece uma ideia de troca cultural em um cenário geográfico que atravessa o oceano Atlântico.

Ainda sobre isso é preciso tensionar mais um aspecto: o fato de ser impresso em Paris significa entender que as gravuras selecionadas possivelmente foram usadas em impressos em língua francesa. As escolhas delas para cada letra do alfabeto precisaram ser bem avaliadas.

E nesse abecedário acontece algo um tanto curioso, mas que demonstra justamente a questão levantada. Quando fiz a descrição da materialidade no capítulo anterior, anunciei o ocorrido, mas retomo aqui porque a discussão envolve o conceito de circulação. Elas foram reaproveitadas de outros impressos. Neste caso pontual, arrisco afirmar que possivelmente eram ilustrações impressas em abecedários franceses por estabelecerem a relação da gravura com a escrita da palavra, “*ane*” e “*vache*”, respectivamente.

Uma importante ponderação a fazer: nem todas as gravuras foram produzidas exclusivamente para o abecedário que seria impresso em língua portuguesa, tomando como exemplo o burro e a vaca.

Com base nesta constatação, torna-se visível que havia uma circulação de imagens entre impressos em língua francesa e portuguesa. Infelizmente os abecedários que acessei não me permitem identificar e precisar quais seriam os títulos, mas já sinalizo aqui um potencial estudo a ser desdobrado. Quem sabe

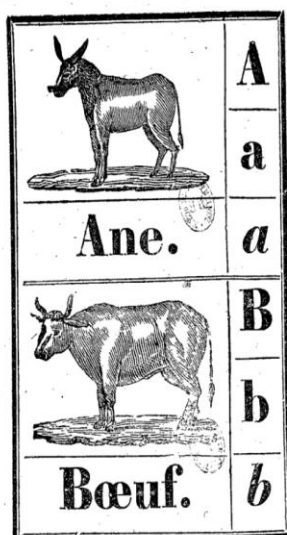
lusófono. Produziu então catálogos especializados e em 1860 indicou ser ‘Livreiro de sua Majestade o imperador do Brasil e o Rei de Portugal’ (Tradução nossa).

com uma imersão nos abecedários franceses que não estão disponíveis na *Gallica*, mas que estão no acervo físico da BnF possam fornecer outras pistas.

No entanto, procedi a um levantamento de todos os abecedários on-line na *Gallica* e elaborei uma tabela com as gravuras, percorrendo as letras do alfabeto. Observei que a figura do asno/burro e da vaca aparecem recorrentemente.

Figura 167 – *Ane e vache* nos abc's franceses

ANE - ABC'S FRANCESES

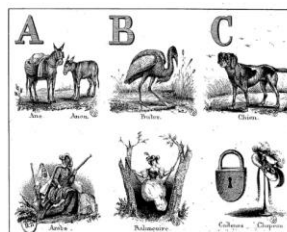


1845

Syllabaire des petits enfans Nouvelle edition,
ornée de gravures

1848

Grand alphabet, joujou de mes petits enfans



ANE - ABC'S FRANCESES



ANE.

Cet animal n'est pas beau ; sa voix, lorsqu'il brait, nous force à cacher nos oreilles. Mais il a en partage de bonnes qualités : il supporte avec patience les fardeaux dont on le charge ; il se contente de quelques chardons pour sa nourriture. Lorsqu'il est mort, on fait avec sa peau les tambours dont vous aimez tant le bruit.

1851

La ménagerie alphabétique

1861

Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes, Paris, Le Bailly, Libraire



ANE - ABC'S FRANCESES

ANE



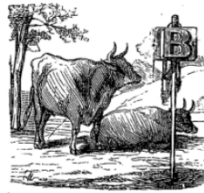
de quelques chardons ou d'autres aliments grossiers.

Animal domestique, quadrupède d'un naturel doux, infatigable, mais entêté; il supporte avec patience les mauvais traitements et les fardeaux trop lourds. Il se contente, pour sa nourriture,

1862

Les Jours de congé. Alphabet avec exercices méthodiques sur les principales difficultés de la lecture

BOEUF



rebuté jamais, mais il est dénué d'intelligence.

Cet animal est doué de beaucoup de force et nous rend de grands services. On l'emploie à labourer la terre. Il est obéissant, sobre, nullement capricieux, il ne se

1870

Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants



ANE - ABC'S FRANCESES

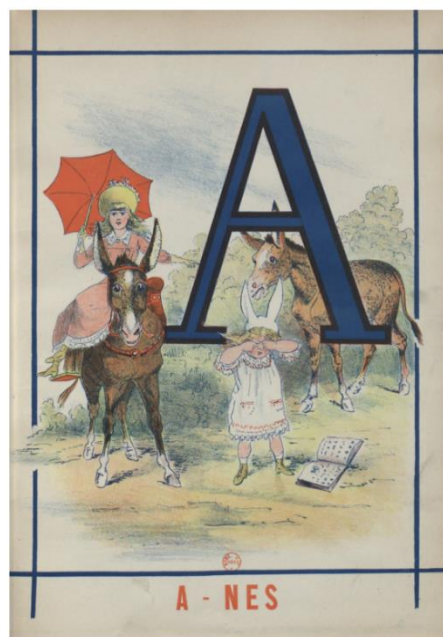


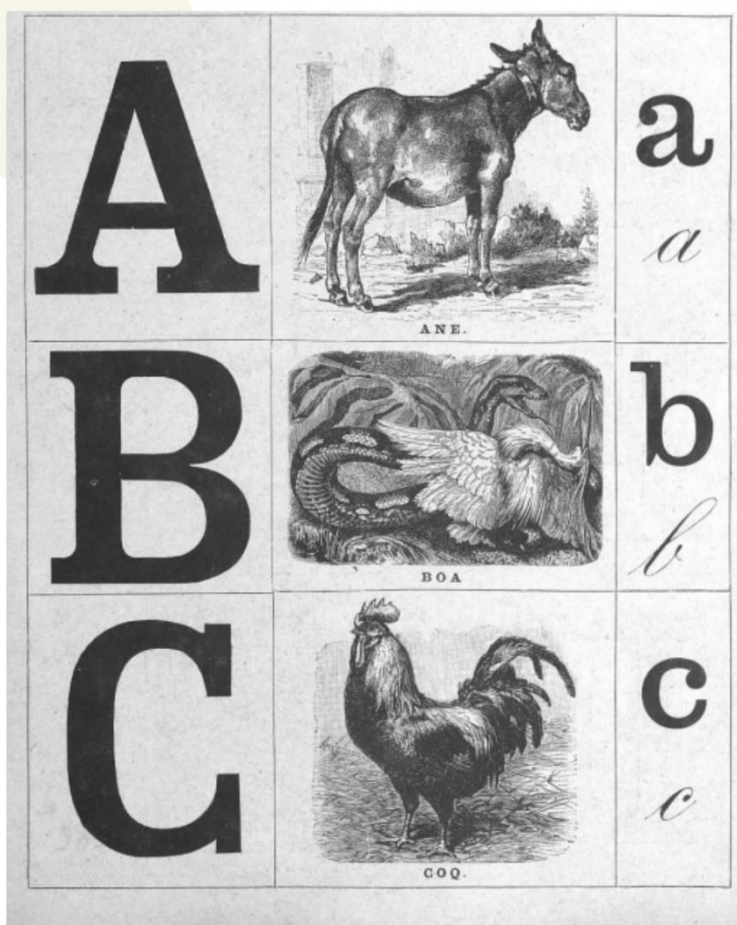
1873

Alphabet illustré des objets familiers

1890

Grand alphabet d'animaux,
texte et dessins par G. Gaulard



ANE - ABC'S FRANCESES**1892**

Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures

VACHE - ABC'S FRANCESES



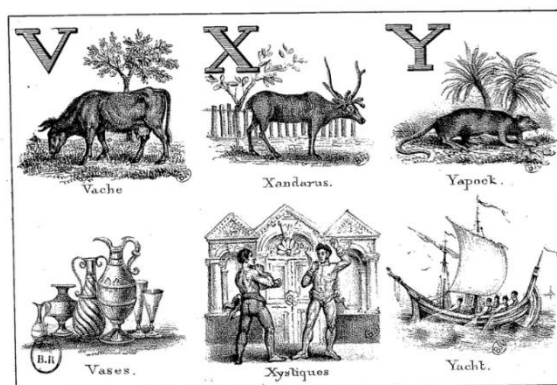
La Vache est la femelle du taureau. C'est l'un des animaux domestiques les plus utiles à l'homme. Sa chair est aussi bonne que celle du bœuf. Le beurre et le fromage sont faits avec le lait que l'on extrait de ses mamelles. La Vache est en outre très utile pour le labourage.

1848

Alphabet des animaux contenant les premiers principes de la lecture nouvelle méthode adoptée par un grand nombre de professeurs mise en ordre par M. H. Grand

1848

Grand alphabet, joujou de mes petits enfants



VACHE - ABC'S FRANCESES



VACHE.

La voici, cette bonne servante nourricière; grâce à elle, ce soir nous aurons en abondance du lait, du beurre et des fromages. Et, pour toutes les richesses qu'elle nous donne, elle ne demande, elle, que de brouter paisiblement l'herbe de nos prairies.

1851

La ménagerie alphabétique

1860

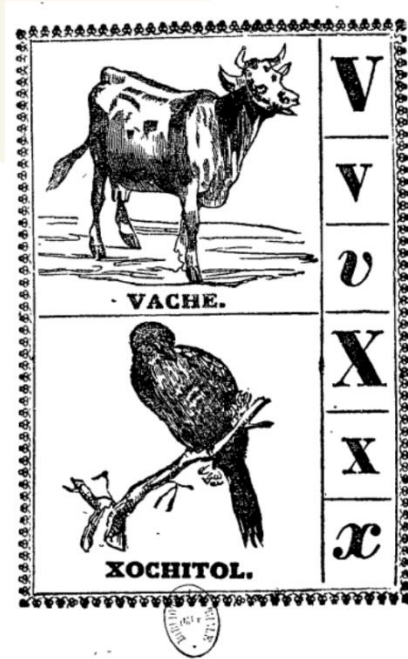
Alphabet Illustré 80 Vignettes Et Lettres Ornées, Dessinées Par K. Girardet, Sagot et Werner, Gravées Par Piaud



Va-che

Sa-vez - vous ce que fait

VACHE - ABC'S FRANCESES



1861

Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi
D'Historiettes, Fables et Contes, Paris, Le
Bailly, Libraire

V — 92 — V



Va-che

Sa-vez - vous ce que fait

1866

Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres
ornées dessinées par Girardet, Grandville,
Sagot et Werner

VACHE - ABC'S FRANCESES

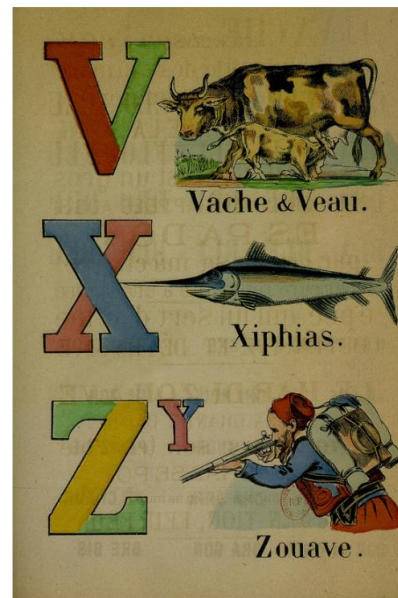


1873

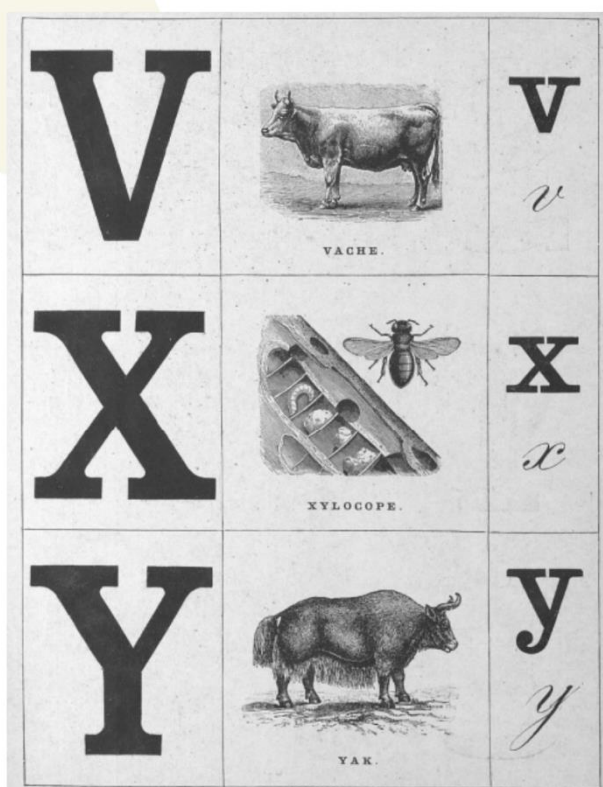
Album D'Images. Alphabet Amusant illustré

1874

Alphabet français des grandes lettres



VACHE - ABC'S FRANCESES



1892

Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures

Fonte: Souza, 2022

O que acabei de mostrar indaga a respeito do papel de *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud*. Segundo Cooper-Richet (2013) o editor-livreiro é, por excelência, vetor de transferências culturais. O seu ofício tem dupla função,

comercial e cultural. Não são apenas meros comerciantes, mas também verdadeiros intermediários culturais entre os autores e os leitores.

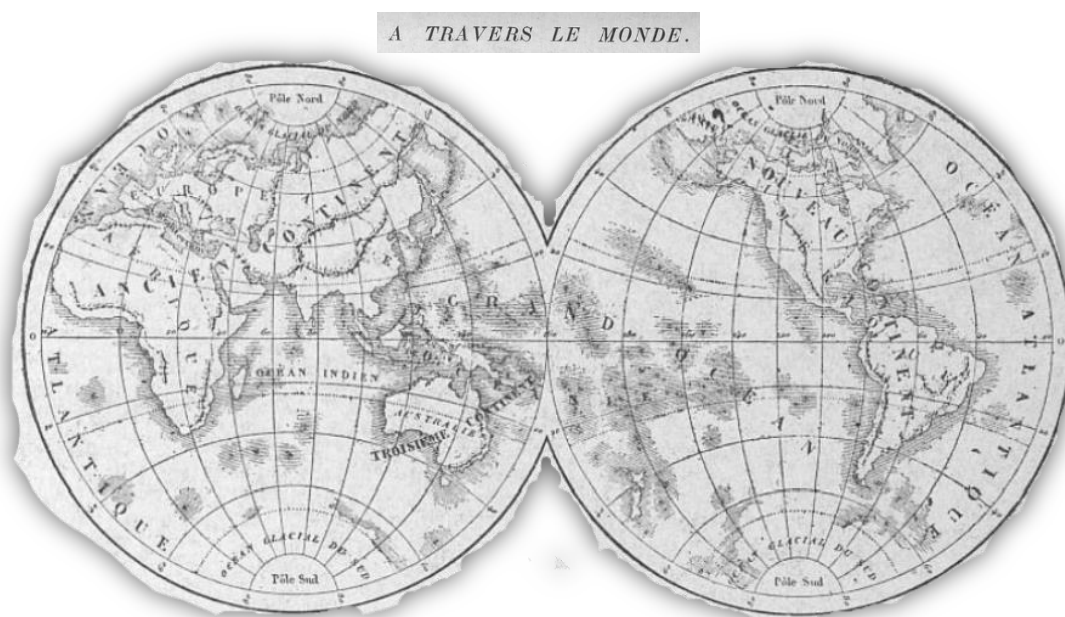
A noção de transferência cultural é extremamente útil, pois permite, de fato, pensar diferentemente sobre as relações intelectuais entre as culturas, considerá-las com um novo olhar, a partir do reconhecimento de que as transações podem ser bilaterais, pois as culturas se alimentam umas das outras. Essa perspectiva permite aprofundar o conhecimento sobre essas circulações e sobre os cruzamentos culturais entre Brasil, Portugal e França.

Tanto *Jean-Pierre Aillaud* quanto *Baptiste-Louis Garnier* tinham contatos no Brasil, na França, em Portugal e possivelmente em outros lugares do mundo, o que certamente facilitou o comércio transatlântico dos livros. É preciso ressaltar que do ponto de vista do comércio, a opção de imprimir na França era menos onerosa ao empresário por conta das muitas oficinas tipográficas à disposição. Esse contexto justificou, no século XIX, a escolha de impressão na França.

Litaudon-Bonnardot (2014), em seu estudo dos abecedários ingleses e franceses, afirma que foi com o advento da ilustração que começaram as trocas editoriais. Cruzar as fronteiras culturais e comerciais de seu país para atingir um novo público pertencente a outra cultura linguística que não a sua é um grande desafio e o editor-livreiro assume protagonismo nessas transferências.

Os caminhos percorridos para a escrita da tese foram se constituindo em memórias de muitas leituras, memórias de livros e no último capítulo vou retomar o percurso a partir do problema de pesquisa, articulando-o com os resultados que foram sendo apontados no decorrer da tese.

5. Quarta lição: agora que já sabes ler...



Fonte: *Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures, 1892*



Muita coisa que eu faço aqui é técnica; ciência e destreza manual que qualquer pessoa com uma inteligência decente e boas habilidades motoras pode aprender. Mas sempre há mais alguma coisa envolvida, algo a ver com uma intuição acerca do passado. Unindo a pesquisa à imaginação, às vezes me vejo na cabeça das pessoas que fizeram o livro com o qual estou trabalhando. Consigo perceber quem eram, ou como trabalharam. É assim que acrescento meus poucos grãos à caixa de areia do conhecimento humano. Isso é o que mais amo em meu trabalho¹⁵³ (BROOKS, 2008, p. 19-20, à propósito dos pensamentos da personagem “Chana” em *Memórias do Livro*).

¹⁵³ Ao invés de epígrafe, este segmento de texto constitui parte do intertexto dessas considerações finais.

Muitas vezes me senti como a personagem Chana entre 1836 e 1890. Cada abc, seus traçados das letras, suas palavras e listas, suas gravuras tão diversas e inusitadas a provocar minha imaginação, e os autores ali a me convocar todo o tempo para as análises imperiosas a uma tese. Frequentemente, desconfiava que eles contêm uma realidade mais profunda do que sou capaz de compreender. Mas não se diz não à oportunidade de trabalhar com esses raros e misteriosos livros, talvez ínfimos aos bibliófilos porque sua matéria não é nobre. Mas eu fui, aos poucos, captando e registrando suas particularidades, seus detritos do tempo, e meus grãos começaram a se reunir, e um texto esvaiu do dedilhar de minhas mãos sobre o teclado. Tal como Chana, acrescentá-los, mesmo que infinitesimais, é o que mais amo no meu trabalho.

A tese levou-me a compreender mais os pressupostos da História Cultural, sobretudo em que ela pode inspirar para estudos nas fronteiras da história da alfabetização, história do livro e da leitura, história dos impressos e da circulação. Me convenci da validade desta tese quando eu li em Jean Hébrard (2002) que o abecedário é uma fórmula editorial e no século XIX se consolidou como um gênero livresco.

A partir dos achados da investigação que empreendi, posso afirmar que o gênero tem itinerários descontínuos e assume diferentes formas e conteúdos ao longo do tempo. Isso não significa dizer que foi se alterando até atingir seu ápice ou sua melhor versão em um processo evolutivo e ascendente até o presente. Os dilemas do presente em que minha pesquisa e minha vida transcorrem não permitem afirmar que chegamos ao nosso melhor em qualquer domínio. Entretanto, os abecedários conservam uma função que persiste: dar a conhecer os caracteres básicos e fundamentais para o aprendizado da leitura e da escrita. Marie-Pierre Litaudon-Bonnardot (2022) sugere nomear o abecedário como o “livro dos começos”, e estou inteiramente de acordo, pois os achados da investigação que aqui apresentei confirmam a asserção da autora, assim como estou de acordo com Augustín Escolano Benito (2000), que se vale da expressão “livro de iniciação” e com Roger Chartier (2011), para quem abecedário é um “livro de iniciação cultural”. Mantive-me próxima desses inspiradores estudiosos.

O abecedário, portanto, foi associado a uma designação ampla para todo o impresso de iniciação à leitura e à escrita, sobretudo porque nesse o abc comparece como lição, se não a primeira, na maioria dos casos, uma lição

incontornável. Busquei, a partir dessa compreensão, identificar os impressos cuja presença do alfabeto (com e sem gravuras) é inconteste.

A tese reuniu vinte e dois abecedários, sendo seis em língua portuguesa e dezesseis franceses. Uma vez repertoriados, me pus a observá-los, ler e reler, aprender suas lições, iniciar-me novamente nos aprendizados das letras, palavras, gravuras, e logo me pus a descrever as imagens tal qual se apresentavam em minha tela, a ocupação do espaço gráfico de cada uma de suas páginas, atenta aos dispositivos textuais, editoriais e tipográficos que os caracterizam como um gênero, a partir das formulações de Chartier (1992). O objetivo foi compreender, por meio da contrastação, algumas similitudes, recorrências, especificidades, detalhes secundários que me levaram a intuir fios de tessituras diversas entre os abecedários franceses e os abecedários em língua portuguesa.

Observei que as gravuras dos abecedários em língua portuguesa são exclusivamente em preto e branco e apenas o *Alphabete portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscripta* (1836) explicita a técnica utilizada para a impressão, neste caso a litografia. Quanto aos abecedários franceses, a maioria também possui as gravuras em preto e branco, exceto em cinco títulos. Os abecedários *Grand Alphabet Joujou de mes petits enfants* (1848) e *Album D'images. Alphabet Amusant Illustré* (1873) mencionam que a litografia foi a técnica de reprodutibilidade empregada. A partir dos estudos de Litaudon-Bonnardot (2022) a respeito do trabalho desempenhado pelo editor *Capendu*, é possível inferir que o exemplar ABC (1890) tenha sido impresso com a técnica da cromolitografia.

Por meio da linha do tempo que elaborei, cheguei à constatação de que há uma diferenciação e riqueza de detalhes nos traços, na composição das paisagens de fundo, nos efeitos de movimento e expressões dos animais, assim como no uso das cores. Ficou evidente o quanto as inovações tecnológicas de impressão provocaram alterações nas gravuras e nos seus modos de compor as páginas quando acompanhei o decorrer do tempo expresso pelos exemplares publicados em momentos distintos do século XIX.

Oito abecedários se valem do recurso do frontispício, cujos temas versam sobre animais, livros e leitores, mulheres retratadas no campo e vista da cidade

do Rio de Janeiro, um achado que quase impediu conciliar o sono tal o esforço para compreender os meandros dessa escolha do editor.

Em outros estudos, Stephanou e Souza (2018a, 2018b, 2020) apontam que os animais figuram nos abecedários de forma proeminente. A empiria aqui reunida também converge em ressaltar tal predileção de editores, autores e ilustradores. Ela frequenta o imaginário do século XIX e o universo das mentalidades acerca dos gostos a despertar nas crianças na direção da História Natural. Mas este pode ser tema para novos estudos.

A partir dos abecedários que amealhei, mais alguns grãos de areia: três impressos fazem menção explícita aos ilustradores. Outros nomes como *Piaud*, *Lesestre*, *Lacoste A.* assinam algumas gravuras, mas não figuram seus nomes na capa, possivelmente pelo estatuto de autoria e direitos de criação tão diversos no século XIX. A partir de um outro abecedário que espiei, e que não consta na empiria da tese, descobri que *Piaud* foi gravador. Seu nome está estampado no título: *Alphabet illustré. 80 vignettes et lettres ornées dessinées par K. Girardet, Sagot et Werner gravées par Piaud*¹⁵⁴. Esse abecedário foi publicado em 1860 pelo mesmo editor¹⁵⁵ de um dos abecedários que integram o *corpus* empírico da tese e intitula-se *Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot et Werner* (1866). Esse indício leva-me a afirmar que *Lesestre* e *Lacoste A.* eram igualmente gravadores. O reconhecimento desse ofício parece ter se perdido no tempo e apenas uma rede de referências cruzadas me levou a identificar esse rastro precioso.

Luca (2018), a partir do relato de Mason Jackson, publicado em 1885 detalha o processo complexo envolvido na produção das ilustrações e das gravações. São ofícios distintos na produção do livro, mas, de alguma forma, dependentes. Darnton (2008) explicita que os editores-livreiros, no século XIX, são responsáveis pelo andamento de cada um dos processos envolvidos na produção dos livros. Exerciam muitas funções e uma delas era contratar serviços de ilustradores e/ou gravadores, sublinhando que os movimentos eram delicadamente conectados.

¹⁵⁴ “Alfabeto ilustrado. 80 vinhetas e letras ornadas por *K. Girardet, Sagot e Werner* gravadas por *Piaud*” (Tradução nossa).

¹⁵⁵ Alfred Mame et Fils com estabelecimento em Tours.

Os editores-livreiros, conforme Darnton (2008), faziam trocas com editoras aliadas. A respeito desse aspecto, o abecedário *Methodo facil para aprender a ler em 15 lições* oferece ao leitor curioso alguns pormenores. Como descrevi no capítulo Terceira lição: leia e releia os textos, a publicação de 1867 mantém a mesma casa de impressão que a publicação de 1865, qual seja, *Ad. R. Lainé et J. Havard*. O livreiro em Paris segue sendo *Aug. Durant*, porém há um outro nome referido, trata-se de *Pedone Lauriel*. Na publicação de 1872, o estabelecimento de impressão está restrito apenas a *Adolphe Lainé* e não mais a *J. Havard*. O livreiro em Paris passa a ser *E. Belhatte*. Na publicação de 1875, por sua vez, o livreiro permanece o mesmo que em 1872, porém a tipografia é de *Georges Chamerot*. Esses fluxos demonstram um grande movimento de redistribuição nas relações entre editores, escritores, técnicos, operários do livro, revelando distintos acordos comerciais estabelecidos.

Pode-se ponderar, a partir desses e de outros indícios, que para esse tipo de impresso, no século XIX, a figura do ilustrador/gravador/autor não parecia necessitar de algum destaque ou referência de autoria, salvo se fosse um ilustrador, gravador ou escritor célebre.

Se acompanharmos o abecedário na longa duração é possível observar que o ilustrador e o escritor passarão a ocupar um status diferente do que acabei de descrever, muito influenciado pelas discussões que culminaram no ofício do escritor, ou seja, “o autor admite e faz admitir seu direito de extrair um proveito material do seu trabalho e de ser dono de sua obra” (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 258). Autor aqui é entendido em um sentido alargado, como ideia de autoria, podendo ser de textos, mas também de ilustrações, ou do empreendimento editorial.

Pode residir aí um dos motivos que explica o apagamento ou silenciamento do nome do ilustrador, do gravador ou dos autores nos abecedários que integram a empiria da tese.

Do ponto de vista das gravuras, neste abecedário *Methodo facil para aprender a ler em 15 lições*, algumas foram alteradas da versão de 1865 para as demais, que datam de 1867, 1872 e 1875 e outras foram mantidas em um ciclo de dez anos de publicação. Presumivelmente, o editor e determinados trabalhadores do empreendimento tipográfico se encarregaram de selecionar no acervo de gravuras disponíveis, aquelas de que se valeram para a composição

desse abecedário. Como informa Darnton (2008), era habilidade do editor dominar a interrelação de todos esses elementos envolvidos no processo de produção e circulação dos livros, pois isso garantia o sucesso ou fracasso das vendas.

A introdução do abecedário *Methodo facil para aprender a ler em 15 lições* (1865, 1867, 1872, 1875) explicita que a obra adota um modelo, segundo o editor, idêntico ao que se fez publicar na França. Além disso, ressalta que a escolha desse modelo se devia ao fato de que o mesmo pode “excitar a imaginação viva das crianças, pondo ao pé de cada uma das letras do alfabeto um objecto, animal ou planta, cujo nome principie pela mesma letra á qual fica anexo” (METHODO FACIL PARA APRENDER AS LETRAS EM 15 LIÇÕES, 1865, 1867, 1872, 1875, p. V-VI). Acrescenta que o tema evocado envolvia a fauna e a flora do Brasil. A introdução que consta nesse título, em suas diferentes edições, especifica que a obra possui textos que resumem a história natural de alguns animais “privativos do Brasil” que são pouco conhecidos, valendo-me da expressão usada pelo editor.

Diante do exposto, é possível ponderar que se o sistema exitoso implementado na França, “[...] justificava sua impressão em português, isso não significou que os editores tivessem se descuidado das palavras e das gravuras evocadoras a cada contexto cultural”¹⁵⁶ (STEPHANOU; SOUZA, 2020, p. 110). Portanto, os indícios arrolados mostram-se fundamentais para a compreensão da circulação transcultural dos modelos editoriais.

Litaudon-Bonnardot (2014), em seu estudo comparativo dos abecedários ingleses e franceses, afirma que foi com o advento da ilustração que começaram as trocas editoriais. Cruzar as fronteiras culturais e comerciais de um país para atingir um novo público, pertencente a outra cultura linguística que não a sua, consistiu em um grande desafio e o editor-livreiro assumiu o protagonismo nessas transferências. A tese evidencia, neste contexto, o papel de *Baptiste-Louis Garnier* e *Jean-Pierre Aillaud*.

A fórmula editorial dos abecedários, a modo de um holofote, exprime a relação gravura, letra, palavra ou texto e isso precisava uma vez que representava a própria identidade do gênero de impresso. Além disso, os textos

¹⁵⁶ “[...] justified its printing in Portuguese, this did not mean that the editors had neglected the evocative words and illustrations for each cultural context”.

para leitura, de inspiração religiosa, moral e os conteúdos envolvendo a lista de sílabas e a aritmética, foram recorrentes entre os abecedários em língua portuguesa e os franceses.

A respeito dessas características predominantes nos abecedários repertoriados, é preciso pensar na coexistência desse gênero com outros impressos e, sob essa perspectiva, as questões editoriais não são secundárias. O abecedário conviveu com outros gêneros contemporâneos a ele e essa coexistência provocou deslizamentos das fórmulas editoriais, das gravuras, dos projetos gráficos. Ou seja, as mudanças que vão ocorrendo no abecedário são decorrentes, em determinados momentos, de sua sincronia com a circulação dos catecismos, livros de horas, opúsculos de vida dos santos, manuais de civilidade, e, em outros tempos, das enciclopédias, dos álbuns ou livros ilustrados.

As análises empreendidas sublinharam, a partir do abecedário *Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilité*, publicado em 1854, que possivelmente as condições tecnológicas das casas de impressão, associadas à necessidade de barateamento dos impressos e distribuição massiva para atender à demanda crescente, tenha levado ao aproveitamento de pranchas tipográficas usadas para a produção de outros livros. Essa condição da produção editorial pode ter implicado em deslizamentos entre os gêneros de livros que circulavam num mesmo período histórico.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar os esforços envidados para a ampliação da escolarização por meio do ensino elementar (escolas de ensino primário) ou da educação doméstica no século XIX tanto na França quanto no Brasil. Inicialmente, o ensino da leitura e da escrita ficou a cargo das famílias, ou de um preceptor no caso das famílias mais abastadas. Depois de um certo tempo, o Estado foi demandado a promover debates para o desenvolvimento de políticas para a instrução pública primária e o ensino elementar passou a ser implantado, quando o ler, escrever, contar tornam-se lições escolares, persistindo os princípios religiosos e morais.

Por outro lado, observei que a amostragem de abecedários, sobretudo os franceses, apontam indícios de afastamento progressivo, ainda que discreto, dos conteúdos religiosos e morais à medida que o século XIX avança, e emerge a entrada de outros textos de leitura, como versos e excertos inspirados na

literatura. O exemplar ABC (1890) sublinha essa tendência que é fortemente influenciada pelos livros ilustrados e álbuns.

Hallewell (2017) e Cooper-Richer (2009) apontam que *Garnier e Aillaud* foram grandes nomes do comércio livreiro em relação aos impressos de instrução em contextos geográficos que extrapolaram os limites de seu país. Os aspectos apresentados pela análise dos abecedários permitem pôr em destaque alguns dos movimentos desses editores e dos processos de circulação desse gênero, as relações do mercado editorial e cultural considerando três contextos que estão intimamente ligados no século XIX, Brasil, Portugal e França.

Aproximando-se o ponto final do texto e por meio da alquimia das palavras, posso afirmar que vivi essa experiência de forma singular. Trilhei por entre as estantes de muitas bibliotecas e acervos à procura dos abecedários. Por razões misteriosas estavam a um oceano de distância, mas estou convencida de que há um livro que espera por cada um de nós. Em um lugar perdido de alguma biblioteca que o acaso guardou, encontrei alguns dentre muitos, para que escoada uma infinidade de dias, pudesse reuni-los para contar uma história sobre o ensino da leitura e da escrita em um tempo que corroeu, envelheceu e amarelou suas páginas, mas não me impossibilitou de ver e saber as letras que percorreram os olhos de leitores daqui e além-mar. É o mar, igualmente, que me possibilita os grãos de areia que ofereço ao conhecimento humano.

Referências

ABC. Paris, 1890.

A B C en images. Paris, 1866.

ABÉCÉDAIRES PAR ACCÈS CHRONOLOGIQUE. **Gallica**. Página inicial. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/html/und/livres/acces-chronologique?mode=desktop>. Acesso em: 19 de jan. de 2020.

ABREU, Márcia. Circulação de livros entre Europa e América. **Polifonia EdUFMT**, s/n, v.14. p.161-174. 2007.

ABREU, Marcia; MOLLIER, Jean-Yves. A globalização da cultura no século XIX. In: **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

Album D'Images. Alphabet Amusant illustré. Épinal, 1873.

Alphabet de l'enfance augmenté de petits contes instructifs avec lettres ornées. Paris e Limoges, 1861.

Alphabet des animaux contenant les premiers principes de la lecture nouvelle methode adoptée par un grand nombre de professeurs mise en ordre par M. H. Grand, instituteur, 1848.

Alphabet des animaux dessins de Gagniet. Paris, 1862.

Alphabet français des grandes lettres. 1874.

Alphabet illustré des objets familiers, 1873.

Alphabet illustré. 100 vignettes et lettres ornées dessinées par Girardet, Grandville, Sagot et Werner. Tours, 1866.

Alphabet illustré. 80 vignettes et lettres ornées dessinées par K. Girardet, Sagot et Werner gravées par Piaud. Tours, 1860.

Alphabeto portuguez ou Novo methodo para aprender a ler, com muita facilidade e em mui pouco tempo, tanto a letra redonda como a manuscrita. Historia de diversos animaes, de fabulas selectas d'Esopo e La Fontaine; de maximas moraes; de adagios e proverbios uteis a' mocidade; de uma taboa comparativa dos algarismos arabicos e da conta romana, e da taboada. Ornado com numerosas estampas. Paris, 1836.

ANTUNES, Arnaldo. Prefácio. In: LEMINSKY, Paulo. **O bicho alfabeto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas. p. 5-6, 2014.

BARROS, Manoel de. **Exercício de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BENETTE, Corine-Gibello. *Du Moyen Âge au milieu du XVIIIe siècle*. In: **Site Bibliothèque nationale de France (Gallica): Abécédaires par accès chronologique**. Disponível em: http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/01_1.htm. Acesso em: 12 nov. 2021.

BEZERRA, Valéria Cristina. Catálogos de livreiros: novas perspectivas para os estudos literários. In: **Site Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX**. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/Catalogos_de_livreiros_dossie_PT.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

BONNET, Jacques. *Fantasmas na biblioteca: a arte de viver entre livros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 69-79.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. **Revista USP**. São Paulo, n.23, p.23-33, set/nov. 1994.

BRASIL. Decreto n. 1.331 A de 17 de fevereiro de 1854. aprova o regulamento para a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Decreto n. 9397 de sete de março de 1885 que estabelece regras para a escolha de obras destinadas ao ensino primário no Município da Corte. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BROOKS, Geraldine. **As memórias do livro**. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular. O uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Unesp, 2017.

CAGLIARI, Luis Carlos. **A história do alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANDIDO, Antonio. Prólogo. In: MARTINS, Carlos Benedito (org). **Diálogos entre o Brasil e a França. Formação e cooperação acadêmica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2005.

CARVALHO, Silvia Aparecida Santos de. A cartilha Grammatica da Lingua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Madre Igreja (1539), o Compêndio de Doutrina Cristã de Luys de granada (1559), o Compêndio de Doutrina Cristã na Lingua Portuguesa e Brasilica de Joam Phellipe Bettendorfe (1678) e o ensino da leitura no Brasil do século XVI. In: Linha Mestra, n.36, p.317-329, set/dez.2018

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHARTIER, Anne-Marie. **Dos abecedários aos métodos de leitura: gênese do manual moderno antes das leis de Ferry (1881).** In: CHARTIER, Anne-Marie. Práticas de leitura e escrita – história e atualidade, 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2011, p.21-119.

CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. **Histoire de l'édition Française. Tome 3: Le temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque.** France: Fayard; Cercle de la Librairie, 1990.

CHARTIER, Roger. El mundo como representación. Barcelona: Gedisa, 1991.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. (Org.). **A nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp.211-238.

_____. As utilizações do objecto impresso. Portugal: Difel, 1998.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1999a.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

_____. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.215-218.

_____. **Leituras e leitores da França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

_____. Prólogo. Um humanista entre dois mundos: Don Mackenzie. In: MCKENZIE, D. F. **Bibliografía y sociología de los textos.** Madrid: Akal Ediciones, 2005, pp.5-18.

_____. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Práticas de leitura.** História e Atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHOPPIN, Alain. **Le manuel scolaire, une fausse evidence historique.** Histoire de l'éducation, Paris, n. 117, p. 7-56, janvier./mars. 2008. Disponível em: <<http://www.cairn.info/article>> Acesso em: 20 fev. 2022.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX. In: **Revista Varia História**, n. 42, jul/dez, 2009, pp. 539-553.

_____. Transferts culturels et passeurs de culture dans le monde du livre (France - Brésil, XIX siècle). In: **Patrimônio e memória**, v.9 n.1, jan./jun. 2013, pp. 128-143.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 49, 2005, pp. 11-31.

CORREA, Carlos Humberto Alves. As várias faces do circuito do livro escolar: notas para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense (1852 a 1900). Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/CHAC-AsvariasFasesdoCircuitodoLivroEscolar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

COSTA, D. A.; ALMOULOU, S. A. Alguns aspectos da história da aritmética escolar no Brasil (séc. XIX) no ensino elementar. In: **Revista de Produção Discente em Educação Matemática**, v. 1, 2012, pp. 30-52.

CUCUZZA, H. R.; PINEAU, P. **Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura.** Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002.

DARNTON, Robert. "O que é a história do livro?" revisitado. In: **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, jan/jun. 2008, pp. 155-169.

_____. **A questão dos livros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA Aníbal (orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DUVALLON, Jean. **Les abécédaires.** Palavras e maravilhas. Paris: De Borée, 2010.

ECO, UMBERTO. **A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Los comienzos de la edición escolar moderna em España. In: **El libro y la Educación.** España: ANELE, 2000, pp. 14-33.

EMBS, Jean-Marie; MELLOTT, Philippe. *Les abécédaires et l'apprentissage de la lecture.* In : **Le siècle d'or du livre d'enfants et de jeunesse.** 1840-1940, Paris, Éditions de l'Amateur, 2001, pp. 25-39.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Palavras sem história; História sem palavras. In: **Maracanan**, Rio de Janeiro, n.2, 2004, pp. 88-100.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3ª. Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Jean-Henri. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2019.

FERNANDES, Rogério. **Os caminhos do ABC: Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; CAMPAGNOLI, Juliana Pinto. Quando o alfabeto é o protagonista nos livros para crianças. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 191-209, jan/jun. 2019.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.44, s/v. p.264-281, mai./ago. 2010.

_____. História da alfabetização e da cultura escrita: discutindo uma trajetória de pesquisa. In: **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, pp. 177-199.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Conversar com Orion. In: **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**. nov, 2007, pp. 136-170.

Grand alphabet d'animaux, texte et dessins par G. Gaulard. Paris, 1890.

Grand alphabet, joujou de mes petits enfants. Paris, 1848.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da literatura brasileira chez Garnier. In: **Revista Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 47, jul. dez. de 2013, p. 81-95.

_____. Fontes para o estudo da edição no Brasil: os contratos e recibos da editora B. L. Garnier. In: **Site Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX**. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier_pt.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo: Edusp, 2017.

HÉBRARD, Jean. Os livros escolares da *Bibliothèque Bleue*: arcaísmo ou modernidade? **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 4, p.10-45, jul./dez. 2002.

KUHLMANN JR., Moysés; MAGALHAES, Maria das Graças Sandi. A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (Brasil 1920-1940). **Educação em Revista**, n.1, v. 26, abr. 2010, pp. 327-349.

La ménagerie alphabétique. Paris, 1851.

La Ménagerie de Bébé, nouvel alphabet des animaux, par Mme Doudet. 1878.

LE DÜ SILVA, Véronique. Saberes em forma de abecedário: a cartinha de João de Barros. *Revista da Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Ribeirão Preto*: v.4, n.1, jan./nov. 2003, pp. 20-29.

Le Livre d'images. Nouvel alphabet pour les petits enfants. Paris, 1870.

LE MEN, Ségolène; RENONCIAT, Annie. **Livres d'enfant, livres d'images**. Paris, Réunion des Musée Nationaux, 1989.

LE MEN, Ségolène. *Les abécédaires français illustrés du XIXe siècle*. Paris: Promodis, 1984.

_____. *La question de l'illustracion. En: Histoires de la Lecture*. Paris, Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1995.

_____. *La vigente el la letter*. En: CHARTIER, R.; MARTIN, H.J. **Histoire de l'édition française. Le temps des éditeurs. Tomo III**. Paris, Fayard-Promodis, 1990.

_____. *Les abécédaires: letres, mots, images*. Paris: Futuroscope: SCÉRÉN-CNDP-CRDP, 2012 (Patrimoine d'enfances), 2012.

Les Jours de congé. Alphabet avec exercices méthodiques sur les principales difficultés de la lecture. 1862.

Le Petit naturaliste. Abécédaire des enfants illustré. Paris, 1851

LITAUDON-BONNARDOT, M.P.; MANSON, Michel. **Abécédaires. Dictionnaire du livre de jeunesse: la littérature d'enfance et de jeunesse en France.** Paris: Electre-Éditions du Cercle de la librairie, 2013.

LITAUDON-BONNARDOT, M.P. **Les abécédaires de l'enfance. Verbe et image.** Rennes, Presse Universitaires de Rennes; IMEC, 2014.

_____. *Abécédaires: ordre et commencements.* In : **Site Bibliothèque nationale de France (Gallica): Abécédaires par accès chronologique.** Disponível em: http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/arret/03_3.htm. Acesso em: 12 nov. 2021.

LOSE, Alicia Duhá; MAZZONI, Vanilda Salignac de Sousa; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LOUSADA, Isabel. **O manuscrito fundador do Gabinete Português de Leitura da Bahia: Atas 1863-1875.** Salvador: Ponte Editora, 2021.

LUCA, Tania Regina de; GRANJA, Lúcia. Apresentação. In: **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914).** Campinas: Editora Unicamp, 2018.

LUCA, Tania Regina de. **A Ilustração (1884-1892):** circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LUCA, Tania Regina de. Algumas notas metodológicas sobre listagens de periódicos. In: **Site TRANSFOPRESS Brasil.** Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/algumas-notasm Metodologicas-sobre-listagens-de-periodicos/>. Acesso em: 12 abr. 2022

MARAUX, Vincent. **Pierre Victor Renault: um pioneiro francês no século XIX (1811-1892).** Virtualbooks, 2000.

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. A Cartinha de João de Barros como um exercício de tradução. Tradução & Comunicação: **Revista Brasileira de Tradutores**, n.23, s/v, p.149-169, 2011.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e sociologia dos textos.** São Paulo: EdUSP, 2018.

Methodo facil para aprender a ler em 15 lições contendo todas as rezas que cumpre um christão saber; a historia natural dos animaes privativos do Brazil; fabulas, moralidades, maximas e pensamentos dos melhores autores, e os algarismos arabes e romanos, com uma taboa de Pythagoras. Obra util á mocidade brasileira e portugueza, aos pais de familia e aos professores. Illustrado com numerosas estampas. Publication: Rio de Janeiro B. L. Garnier, Impression: Paris. Typographie de Ad. R. Lainé et J. Havard, rue des Saints-Pères, 19, 1865.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Orbis Pictus. In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), pp. 197-205, set./dez. 2011

MODENEZ, Julio Cesar. A circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro (1860-1865). In: **Cultura & Tradução**. João Pessoa, v. 3, n. 1, 2014, pp. 224-232.

MONTEVERDE, Emilio Achilles. *Methodo facillimo para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscripta no mais curto espaço de tempo possivel*. 7.ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Mon premier Alphabet. Lecture et écriture. Album illustré de 336 gravures. 1892.

NIÈRES-CHEVREL, Isabelle. *D'après "L'évolution des rapports entre le texte et l'image dans la littérature pour enfants", dans L'enfance à travers le patrimoine écrit, Actes du colloque, coéd. ARALD, FFCB, Bibliothèque d'Annecy, 2001. In: **Site Bibliothèque nationale de France (Gallica): Abécédaires par accès chronologique**. Disponível em: http://expositions.bnf.fr/livres-enfants/cabinet_lecture/reperes/02_7.htm. Acesso em: 12 nov. 2021.*

_____. Préface. In: LITAUDON-BONNARDOT, M.P. **Les abécédaires de l'enfance. Verbe et image**. Rennes, Presse Universitaires de Rennes; IMEC, 2014.

Nouveau syllabaire récréatif, 1872.

Nouvel Alphabet des Animaux Illustré Suivi D'Historiettes, Fables et Contes. Paris, 1861.

PEIGNÉ, M.A. *Methodo de lecture pas M.A. Peigné*. Limoges: Eugene Ardant e Cie. Editeurs, 1870.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, a.12, n.41, v.19, jan./jun. p.53-79, 2015.

Premier alphabet français divisé par syllabes pour apprendre à épeler avec grande facilite. Amiens, 1854.

RAMIL, Chris de Azevedo. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das Edições Tabajara**: um estudo das imagens na Coleção Guri (Rio Grande do Sul, década de 1960). 2018. 398 p. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

REGIMBEAU, P.S. **Syllabaire-Régimbeau Lecture – Écriture – Ortographe. Nouvelle Méthode simplifiant L'enseignement de la lecture par la décomposition de langue em sons purs et sons articules**. Paris: Libraire Hachette, 1885.

RENONCIAT, Annie. **Voir/savoir**: La pédagogie par l'image aux temps de l'imprimé de XVI^e au XX^e siècle. Paris: Patrimoine Références, 2011.

ROCHA, Juliano Guerra. História da Alfabetização de crianças em Goiás, 1835-1886. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O livro dos livros da Real Biblioteca**. São Paulo: Fundação Odebrecht, 2003.

SENNÁ, Ernesto. **O velho comércio do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.

SILVA, Alexandre José; JESUÍTA, Cristiano Silva. A aprendizagem da leitura na Cartinha de João de Barros. **Verbum – Cadernos de Pós-Graduação**, s/v, n.4, p.68-81. 2013.

SOARES, Magda. Alfabetização. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 8 jun. 2022.

SOUZA, Mariana Souza Pereira de. **Lá, na última página do caderno escolar... Práticas de letramento “não autorizadas”** – Porto Alegre: UFRGS, 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. Abecedários, Brasil: contribuições à história dos impressos e sua circulação nos anos 1936 a 1984. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 152f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

_____. Formação para professores alfabetizadores no PNAIC UFRGS 2016: um espaço possível para a qualificação das práticas pedagógicas. In: PICCOLI, Luciana; CORSO, Luciana Vellinho; ANDRADE, Sandra dos Santos; SPERRHAKE, Renata. (Orgs.). **PNAIC UFRGS: práticas de alfabetização, aprendizagem da matemática e políticas públicas**. São Leopoldo. Editora: Oikos, 2017.

STEPHANOU, Maria. À propósito de raridades. In: **Notas de pesquisa a respeito do acervo histórico e documental da Sociedade Polônia**. Porto Alegre: 2018a.

_____. Reprar o tumulto das palavras, pensar as práticas de escrita da narrativa histórica. **Revista História da Educação**, [S. l.], p. 01–06, 2018b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/85695>. Acesso em: 12 jul. 2021.

_____. Os historiadores e as vicissitudes do tempo: perceber, imaginar, eleger, compreender, construir. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 22, n. 54, p. 01–07, 2018c. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/79389>. Acesso em: 29 jul. 2021.

_____. Viagens inusitadas: proveniências e pertencimentos de obras do século XIX. Porto Alegre, 13 de jun. 2022. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFcFkpGDYZk>. Acesso em: 13 de jun. 2022.

STEPHANOU, Maria; MONTEIRO, Carolina. Contrastando indícios: cenas de escrita na escola. In: 18º Encontro da Associação Sul Riograndense de Pesquisadores em História da Educação, 2012, Porto Alegre. 18º Encontro da ASPHE. Jean-Jacques Rousseau (1712-2012). Modernidade, História e Educação. Porto Alegre: PUCRS, 2012. v. 1. p. 1-15.

STEPHANOU, Maria; SOUZA, Mariana Venafre Pereira de. Contribuições para uma história dos métodos didáticos de alfabetização: os abecedários em cartilhas escolares (1919 – 1965). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA, n.2, 2013, Belo Horizonte. **Anais** Belo Horizonte: UFMG, 2013, p.1-15a.

_____. Abecedários em circulação: entre dicionários, livros e cartilhas escolares. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, n.19, 2013, Pelotas. **Anais** Pelotas: UFPEL, 2013, p.1-15b.

_____. Abecedários em circulação: entre dicionários, impressos e cartilhas escolares. **Revista História da Educação**, n.50, v.20, set./dez. p.297-325. 2016.

_____. Abecedários figurativos e ilustrados de animais: persistência secular na história do ensino da escrita e da leitura (França e Brasil, séculos XVIII a XX). *XVIII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (CIHELA)*. Montevideu Anais. 2018. p.1-20a.

_____. Desfile das letras no reino animal: abecedários figurativos na história do ensino da escrita e da leitura (França e Brasil, séculos XVIII a XX). VIII Jornadas Científicas da SEPHE - I Congresso Nacional da SIPSE. **Anais** Palma de Maiorca. 2018. p.1-8b.

_____. Illustrated gallery of animals: figurative ABCs and the literacy process (France and Brazil, 19th and 20th centuries). In: **History of Education & Children's Literature**, XV, 2 (2020), pp.85-110.

Syllabaire des petits enfans. Nouvelle edition, ornée de gravures. Paris, 1845.

Syllabaire ou Le Petit Buffon de la jeunesse, orne de gravures; suivi de plusieurs instructions de morale, de petits contes et de fables, pour donner aux enfans les principes et le goût de la lecture. Paris, 1842.

Syllabario Portuguez ou novo methodo para aprender a ler em breve tempo a lingua portugueza e o systema métrico, 1879.

TOURANE, Jean. Tradução e adaptação M. Graciete Teixeira, *ABC dos coelhinhos*, Porto Editora, 1984.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso.** São Paulo: Cortez, 2010.

VAN STRATEN, Giorgio. **Em busca de livros perdidos.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.